



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE COMUNIDADES E
ECOLOGIA SOCIAL

SIDNEY DUPEYRAT DE SANTANA

VIDAS E MEMÓRIAS QUE ATRAVESSAM O CONTINENTE:
a construção identitária intercultural dos migrantes chilenos e descendentes no Rio de
Janeiro

RIO DE JANEIRO

2023

SIDNEY DUPEYRAT DE SANTANA

VIDAS E MEMÓRIAS QUE ATRAVESSAM O CONTINENTE:
a construção identitária intercultural dos migrantes chilenos e descendentes no Rio de
Janeiro

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, da Universidade Federal do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Mohammed Elhajji

Rio de Janeiro

2023

CIP - Catalogação na Publicação

S232v Santana, Sidney Dupeyrat de
Vidas e memórias que atravessam o continente: a construção identitária intercultural dos migrantes chilenos e descendentes no Rio de Janeiro / Sidney Dupeyrat de Santana. -- Rio de Janeiro, 2023.
228 f.

Orientador: Mohammed ElHajji.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, 2023.

1. Psicossociologia. 2. Memória social. 3. Migração regional. 4. Interculturalidade. 5. Chile.
I. ElHajji, Mohammed, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Instituto de Psicologia

Programa EICOS – Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

Ata de Defesa de Mestrado

Às 10:00 hs do dia **24/04/2023**, o(a) aluno(a) **SIDNEY DUPEYRAT DE SANTANA** (registro nº. 121016504), se submeteu, de modo remoto, à banca examinadora composta pelos Professores Doutores - membros efetivos: Mohammed ElHajji (orientador e presidente da banca), CPF nº 028.111.607-52, Claudia Reinoso Araújo de Carvalho, CPF nº 035.252.637-83, Sofia Cavalcanti Zanforlin, CPF nº 025.686.684-82 e Lorenzo Agar Corbinos, Passaporte nº 11517897. membros suplentes: Samira Lima da Costa, CPF nº 017.646.317-81 e Melanie Veronique Leger Montinard, CPF nº 061.422.427-60. O trabalho do(a) aluno(a), intitulado “**Vidas e memórias que atravessam o continente: a construção identitária intercultural dos migrantes chilenos e descendentes no Brasil**” foi: **(X)** aprovado, devendo entregar a versão final encadernada no prazo de 60 dias. **APROVADO(A)**, o(a) aluno(a) faz jus ao título de **Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social**. Na forma regulamentar, foi lavrada a presente ata que é abaixo assinada pelos membros da banca e pelo(a) aluno(a).

Banca:

Orientador(a): **Mohammed ElHajji**

Aluno(a): **Sidney Dupeyrat de Santana**

Observações:

A Banca examinadora destacou a qualidade exemplar da dissertação apresentada pelo candidato e recomendou a publicação dos resultados da pesquisa realizada pelo aluno.

Atestado de cumprimento das exigências*

O(A) aluno(a) cumpriu as exigências e a partir desta data e tem **60** dias para entregar a versão final encadernada.

Assinatura do Orientador

Data: 24/04/2023

Para Camila e os caminhantes do mundo, que
cruzam fronteiras e tornam a vida ainda mais
valiosa.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, o professor Mohammed ElHajji, que me reabriu as portas da academia e, com entusiasmo e gentileza, topou me guiar nesta pesquisa. As aulas, conversas e dicas foram fundamentais na realização deste trabalho.

Às professoras Sofia Zanforlin e Claudia Reinoso, por toparem participar da banca e pelas excelentes contribuições realizadas na qualificação. Ao professor Lorenzo Agar, por também concordar em integrar a banca e pelas sugestões que muito enriqueceram a pesquisa. À professora Mélanie Montinard, por aceitar participar da banca e pelas trocas.

A todos os professores, do EICOS e de outros programas, que ao longo desses dois anos mostraram uma infinidade de percursos que revelam a beleza e potência da educação.

Aos colegas do grupo de pesquisa Diaspotics, que foram tão importantes na caminhada. Agradecimentos especiais a Otávio Ávila, Daniela Nigri, Fernanda Paraguassu, Álvaro Pino, Corina Villalón, Conceição Souza e Gabriela Aguiar.

À Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de pesquisa.

Aos amigos, sobretudo aos que me ajudaram de distintas formas: lendo trechos do trabalho, me colocando em contato com os colaboradores e tirando dúvidas sobre as coisas do Chile.

À minha família, que ofereceu o amor e as ferramentas necessárias para que eu chegasse até aqui. Saudades imensas dos que já se foram.

Ao meu irmão de sangue, Rodrigo, e à minha irmã de alma, Larissa.

À Camila, estrela cadente que cruzou meu caminho no Atacama e foi a inspiração da pesquisa.

E às pessoas que, de forma generosa, compartilharam comigo suas histórias. Muito obrigado.

RESUMO

SANTANA, Sidney Dupeyrat de. Vidas e memórias que atravessam o continente: a construção identitária intercultural dos migrantes chilenos e descendentes no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2023. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Este trabalho pretendeu fazer uma análise sobre a imigração chilena no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro; buscando entender como as memórias e vivências desses indivíduos contribuem com a formação da identidade intercultural dos integrantes dessa comunidade diaspórica: não somente os migrantes provenientes do Chile, mas também os descendentes de primeira geração. Através de revisão bibliográfica e da produção de entrevistas temáticas de história oral realizadas junto aos entrevistados, foram discutidas as motivações que fizeram os chilenos se mudarem para o país, a adaptação ao Brasil, a manutenção de vínculos com a terra natal, o cotidiano dos filhos dos migrantes, marcado pelo hibridismo; e apresentadas distintas questões sobre o universo dessas pessoas; como suas práticas culturais, os elementos unificadores que permitem identificar os indivíduos de origem chilena na cidade e como a experiência migratória e intercultural pode contribuir com uma aproximação com outras culturas da América do Sul. Por fim, notou-se que os sujeitos pesquisados são marcados pela pluralidade de identidades. Os chilenos que migraram após 1990 o fizeram principalmente por outros motivos que não econômicos e políticos, e para eles os aspectos subjetivos foram mais importantes que para os que vieram nos anos 70 e 80. A experiência migratória no Brasil foi marcada por uma boa integração, com a maior parte sendo fluente no português, mantendo relacionamentos interculturais com brasileiros, exercendo atividades profissionais similares às que realizam no Chile e não mencionando ou relatando poucos episódios de xenofobia. Sobre os brasileiros de origem chilena, observaram-se histórias marcadas por deslocamentos físicos e simbólicos entre os dois países. A identificação com a chilenidade está presente em todos os descendentes, que também falam o espanhol e assumem práticas culturais chilenas e de outros locais da América hispânica. As experiências pessoais parecem ter formado “personalidades moventes”, curiosas em relação ao mundo e com o desejo de conhecê-lo.

Palavras-chave: Psicossociologia. Memória social. Migração regional. Interculturalidade. Chile.

ABSTRACT

SANTANA, Sidney Dupeyrat de. Vidas e memórias que atravessam o continente: a construção identitária intercultural dos migrantes chilenos e descendentes no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2023. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

This study intends to analyze Chilean immigration in Brazil, mainly in Rio de Janeiro; seeking to understand how the memories and experiences of these people contribute to the formation of the intercultural identity of the members of this diasporic community: not only the migrants from Chile, but also the first-generation descendants. Through a bibliographic review and the production of oral history thematic interviews carried out with the interviewees, the motivations that made these Chileans move to the country, the adaptation to Brazil and the daily life of the sons of migrants marked by hybridity were analyzed. Also other different questions about the universe of these people were presented; as their cultural practices, the unifying elements that allow identifying people of Chilean origin in the city and how the migratory and intercultural experience can contribute to an approximation with other cultures of South America. Finally, it was noted that the researched subjects are marked by the plurality of identities. Chileans who migrated after 1990 did so mainly for reasons other than economics and politics, and for them subjective aspects were more important than for those who came in the 70s and 80s. The migratory experience in Brazil was marked by good integration, with most being fluent in Portuguese, maintaining intercultural relationships with Brazilians, carrying out professional activities similar to those they performed in Chile and not mentioning or reporting few episodes of xenophobia. About Brazilians of Chilean origin, stories marked by physical and symbolic displacements between the two countries were observed. Identification with Chileanity is present in all descendants, who also speak Spanish and assume cultural practices from Chile and other parts of Hispanic America. Personal experiences seem to have formed “moving personalities”, curious about the world and with the desire to get to know it.

Keywords: Psychosociology. Social memory. Regional migration. Interculturality. Chile.

RESUMEN

SANTANA, Sidney Dupeyrat de. Vidas e memórias que atravessam o continente: a construção identitária intercultural dos migrantes chilenos e descendentes no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2023. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Este trabajo pretendió analizar la inmigración chilena en Brasil, principalmente en Río de Janeiro; buscando comprender cómo las memorias y experiencias de estos individuos contribuyen a la formación de la identidad intercultural de los miembros de esta comunidad diaspórica: no solo los migrantes de Chile, sino también los descendientes de primera generación. A través de una revisión bibliográfica y la producción de entrevistas temáticas de historia oral realizadas a los entrevistados, se discutieron las motivaciones que llevaron a los chilenos a mudarse al país, la adaptación a Brasil, el mantenimiento de los vínculos con la patria, el cotidiano de los hijos de los migrantes, marcados por la hibridez; y fueron presentados diferentes interrogantes sobre el universo de estas personas; como sus prácticas culturales, los elementos unificadores que permiten identificar a los individuos de origen chileno en la ciudad y cómo la experiencia migratoria e intercultural puede contribuir al acercamiento con otras culturas en Sudamérica. Finalmente, se constató que los sujetos investigados están marcados por la pluralidad de identidades. Los chilenos que migraron después de 1990 lo hicieron principalmente por razones ajenas a la economía y la política, y para ellos los aspectos subjetivos fueron más importantes que para los que llegaron en las décadas de 1970 y 1980. La experiencia migratoria en Brasil estuvo marcada por una buena integración, siendo la mayoría fluente en portugués, manteniendo relaciones interculturales con brasileños, realizando actividades profesionales similares a las que realizan en Chile y no mencionando o denunciando pocos episodios de xenofobia. Sobre los brasileños de origen chileno, se observaron historias marcadas por desplazamientos físicos y simbólicos entre los dos países. La identificación con la chilenidad está presente en todos los descendientes, quienes también hablan español y asumen prácticas culturales de Chile y otras partes de Hispanoamérica. Las experiencias personales parecen haber formado “personalidades en movimiento”, curiosas por el mundo y con ganas de conocerlo.

Palabras clave: Psicociología. Memoria social. Migración regional. Interculturalidad. Chile.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Colaboradores da pesquisa.....	71
--	----

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 Parecer consubstanciado do CEP.....	114
--	-----

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1 Roteiro de entrevistas com migrantes.....	118
Apêndice 2 Roteiro de entrevistas com descendentes.....	120
Apêndice 3 Entrevista Rafael.....	121
Apêndice 4 Entrevista Alhio.....	130
Apêndice 5 Entrevista Valentina.....	142
Apêndice 6 Entrevista Vicky.....	162
Apêndice 7 Entrevista Pablo.....	175
Apêndice 8 Entrevista Violeta.....	184
Apêndice 9 Entrevista Felipe.....	204
Apêndice 10 Entrevista Guilherme.....	219

SUMÁRIO

Introdução.....	13
1 Estudos migratórios, interculturalidade e revisão bibliográfica	21
1.1 Panorama dos estudos migratórios: teorias e métodos	23
1.2 Os estudos sobre a migração chilena no Brasil	31
1.3 Contextualização: migrações sul-sul, intrarregionais e sul-americanas. Os chilenos na América do Sul	34
2 A migração chilena para o Brasil	40
2.1 Os primeiros contatos entre os dois países	40
2.2 A ditadura de Pinochet	45
2.3 A continuidade do fluxo: a presença chilena na atualidade	54
3 Os chilenos no Brasil	60
3.1 Panorama geral da comunidade	60
3.2 Migrantes chilenos: características gerais e distribuição geográfica	60
3.3 Brasileiros de origem chilena ou chilenos de segunda geração: hibridismo.....	65
4 As vozes <i>chilensis</i>	73
4.1 O método da História Oral nos estudos migratórios	73
4.2 Do Chile para o Brasil: as memórias migrantes	80
4.3 Entre os dois países: o cotidiano intercultural dos descendentes	90
Considerações finais	98
Referências	104
Anexo	114
Apêndices	118

Introdução

Como veremos adiante, uma tendência das migrações transnacionais contemporâneas é o crescimento dos fluxos migratórios Sul-Sul e intrarregionais. O Brasil, como muitos países vizinhos, experimentou uma mudança grande em seu padrão migratório nas últimas décadas: os europeus deixaram de ser maioria, e agora as principais comunidades migrantes em termos quantitativos vêm da América do Sul e do Caribe (Haiti). No caso brasileiro, dados recentes do governo mostram que as quatro maiores populações estrangeiras no país são provenientes da América do Sul ou Caribe: Venezuela, Haiti, Bolívia e Colômbia (CAVALCANTI, OLIVEIRA & SILVA, 2021). Essa mudança de perfil tem sido acompanhada pela academia, que cada vez mais tem estudado as migrações provenientes das nações vizinhas.

Nesta dissertação, buscaremos investigar a migração chilena no Brasil e mais especificamente no Rio de Janeiro. Incluímos o presente estudo no contexto maior das pesquisas sobre as migrações Sul-Sul e intrarregionais sul-americanas, que prestam atenção nas transformações recentes da realidade brasileira e, no caso da migração, na alteração do perfil imigratório no país nos últimos anos. A partir de um ponto de vista brasileiro, a relevância do tema, o motivo de estudar especificamente a migração chilena, se dá por ela ter um padrão diferente das principais migrações regionais. Enquanto as migrações originárias da Venezuela, Haiti e outros locais são mais numerosas e recentes, ocorrendo principalmente após 2010, a migração chilena é mais antiga, já que a maior parte dos chilenos chegou entre os anos 70 e 80, durante a ditadura de Augusto Pinochet. Também não é uma migração fronteiriça como as migrações uruguaia, paraguaia e argentina: o Chile, assim como o Equador, é um dos poucos países da América do Sul que não divide fronteiras com o território brasileiro. Essa particularidade geográfica, certamente, deve ter contribuído para o afastamento simbólico e subjetivo mútuo por parte dos dois povos sul-americanos, se comparado à relativa proximidade transfronteiriça que une o Brasil a outros vizinhos como a Argentina. Quando falamos em “*hermanos*”, por exemplo, geralmente entende-se “argentinos” e não “chilenos”¹. Do mesmo modo que se comenta, no Chile, que a relação entre brasileiros e argentinos seria de “irmãos”, enquanto que a dos chilenos com os naturais dos dois países seria de “primos”²; ainda próximos, mas bastante distantes. Esse

¹ Disponível em: <https://nuso.org/articulo/o-pais-do-futuro-visto-da-argentina/>. Acesso em 03/07/22.

² Disponível em: <https://twitter.com/regina60213646/status/1332144503130566656>. Acesso em 03/07/22.

distanciamento é refletido em uma menor quantidade de estudos acadêmicos no Brasil sobre a migração chilena, e assim a presente investigação busca identificar e visibilizar um grupo normalmente esquecido.

Ainda que esse distanciamento histórico exista, cabe lembrar que os contatos entre brasileiros e chilenos vêm se intensificando no período mais recente, e não somente pela evolução das tecnologias de informação e comunicação (TICs). A mobilidade entre as duas nações tem crescido, principalmente através do turismo. De acordo com o Anuário Estatístico de Turismo 2021, produzido pelo Ministério do Turismo (2022), quando observamos o país de residência permanente dos turistas que visitaram o Brasil em 2020, o Chile aparece na terceira posição, com 131.174 turistas e 6% do total. Fica atrás somente de Argentina (887.805 e 41%) e Estados Unidos (172.105 e 8%). Em 2019, antes da pandemia, o Chile ocupou o quarto posto, com 391.689 e 6,1% do total. Apenas Argentina (1.954.725 e 30%), EUA (590.520 e 9%) e Paraguai (406.526 e 6,3%) superaram o país andino. A situação atual é diferente da de 2010, quando de acordo com o Ministério do Turismo (2011) o Chile foi o sexto país que mais trouxe turistas ao Brasil, com 200.724 pessoas e 3,8% do total, abaixo de Argentina, EUA, Itália, Uruguai e Alemanha. E muito distinta da de 2003, quando o Chile ocupou somente a nona colocação (84.510 turistas e 2,7% do total), atrás de EUA, Argentina, Alemanha, Portugal, Itália, França, Inglaterra e Espanha (Ministério do Turismo, 2005). Observamos nesses últimos 20 anos, portanto, um claro crescimento do Chile na participação no turismo internacional no Brasil, tanto em números absolutos quanto em participação em relação ao total de turistas a visitar o país, superando as nações europeias, se consolidando nas cinco primeiras posições e, levando em conta os países de fora da América do Sul, ficando atrás somente dos Estados Unidos da América. Se considerarmos a migração incluída no contexto maior da mobilidade humana, esse crescimento contínuo da presença chilena no Brasil é mais um motivo para direcionarmos a atenção para os cidadãos chilenos que residem em território brasileiro.

Do ponto de vista chileno, a relevância se dá pois o Brasil é um dos principais locais de residência para os chilenos que vivem fora do país, e assim é importante conhecer uma das maiores comunidades presentes no exterior. De acordo com o *Segundo Registro de Chilenos en el Exterior*, o Brasil conta com cerca de 26.039 indivíduos de origem chilena, entre nascidos no Chile e nascidos em outros países filhos de pai e/ou mãe chilenos. Esse número o coloca como o sétimo país no mundo com a maior quantidade de cidadãos chilenos, somente atrás de Argentina, Estados Unidos, Espanha, Suécia, Canadá e Austrália (NUÑEZ, GUTIÉRREZ e CONTRERAS, 2017).

A opção por trabalhar com os chilenos também se deu por um motivo pessoal. Há quase cinco anos, conheci no Chile uma mulher, me apaixonei por ela e iniciamos um maravilhoso relacionamento amoroso intercultural. A experiência afetiva me aproximou da questão migratória, pois se relacionar com alguém de outro país é estar constantemente próximo da estrangeiridade. Sempre alguém é o estrangeiro: você, o seu parceiro/a ou ambos. No nosso caso, sou eu quando estamos no Chile, ou ela quando nos encontramos no Brasil. O relacionamento também me abriu os olhos para o país andino e o universo que o envolve. A minha companheira, as muitas idas (físicas e simbólicas) ao Chile, as muitas vindas (físicas e simbólicas) ao Brasil, as memórias construídas e as diversas amizades feitas por lá fizeram com que eu ganhasse uma curiosidade natural em relação às questões que envolvem o país e suas pessoas; e acabou acendendo o desejo de estudar a migração e a interculturalidade a partir dos chilenos que cruzaram o continente e vieram parar no Brasil.

Optamos por concentrar a investigação na migração a partir de 1990 pois, como veremos mais à frente, as dissertações de mestrado e teses de doutorado realizadas até hoje sobre a migração chilena no Brasil focam no fluxo ocorrido durante o período ditatorial no Chile, de 1973 a 1990. Queríamos entender os motivos das vindas dessas pessoas e como se deu a adaptação à nova realidade em contextos muito diferentes dos anos 70 e 80, levando em consideração o domínio da língua portuguesa, os casamentos interculturais, a ascensão social, se desejam permanecer no país e outras questões. Além disso, foi feita a opção de trabalhar também com os descendentes de primeira geração maiores de 18 anos, pois, dessa forma, além do processo migratório em si, poderíamos analisar também outros fenômenos interculturais, como a transmissão cultural intergeracional, a pluralidade idiomática, a infância em contextos marcados pelo hibridismo e a conexão afetiva desses brasileiros de origem chilena com a terra natal de seus pais - se eles conhecem ou já viveram no Chile, se participam de grupos ou eventos chilenos e se adotam constantemente práticas culturais chilenas, como a culinária e a música. Optamos ainda por focar nos sujeitos que se estabeleceram ou nasceram no Rio de Janeiro pois as pesquisas produzidas sobre a coletividade chilena se concentram sobretudo no território paulista e, estatisticamente, o Rio de Janeiro é uma região importante, pois é o segundo estado com a maior população chilena do Brasil, atrás somente de São Paulo. Dessa forma, pretendemos atualizar e complementar os estudos realizados até hoje sobre os chilenos em território brasileiro.

Como lembra Roberto Marinucci (2019), a questão migratória não pode ser reduzida às estatísticas, e um olhar psicossocial sobre os fluxos migratórios deve colocar ênfase nos sujeitos e valorizar suas subjetividades:

Não lida com “as” Marias e “os” Abdullá, mas com “esta” Maria e “este” Abdullá. Sujeitos únicos e irrepetíveis, mas que compartilham sua humanidade com todos os demais seres humanos do planeta. O olhar psicossocial mira as continuidades e, ao mesmo tempo, as especificidades da trajetória de cada ser humano em mobilidade. Elucida como seres pertencentes à única humanidade podem trilhar caminhos geográficos e existenciais tão divergentes e diversificados. Caminhos subjetivos de rupturas e reconstruções, de fracassos e conquistas (MARINUCCI, 2019, p. 7)

Sobre isso, lembro da aula inaugural da pós-graduação do EICOS, realizada em abril de 2021 pelas professoras Maria Cecília de Mello e Souza, Rosa Maria Pedro, Regina Helena de Freitas Campos e Samira Lima da Costa. Nesse encontro fantástico, elas foram unânimes em apontar a importância da contação de histórias para a Psicossociologia, uma ciência que valoriza as subjetividades e pluralidades de vivências. A imensa diversidade humana, uma das maiores riquezas da espécie, seria melhor retratada quando o pesquisador se assumisse como um “contador de histórias”, no sentido amplo da expressão. Nas palavras de uma das professoras, “somos não só contadores, mas bons ouvintes de histórias e melhor ainda contadores de histórias”. Fica aqui manifesto o “sentipensar”, a proposta de Orlando Fals Borda para uma ciência que, através de trabalhos feitos em colaboração com os sujeitos investigados, fosse capaz de unir o saber acadêmico aos saberes e sentimentos humanos: “... confluência entre saberes populares e conhecimentos científicos rumo ao estabelecimento de uma ciência híbrida, produzida nos encontros entre a ciência acadêmica e a ciência do senso comum” (FALS BORDA, 1982 *Apud* CAMARGO, CRUZ & COSTA, 2020, p. 4). É importante lembrar aqui o conceito da migração como “fato social total”, estabelecido por Sayad (1998), não podendo ela ser explicada somente a partir de um viés econômico e devendo ser analisada também com base nas questões geopolíticas e civilizacionais das sociedades de origem e destino e subjetivas dos indivíduos que cruzam fronteiras para viver em um outro local (ELHAJJI e ESCUDERO, 2020). Não buscamos então ignorar as causas econômicas e políticas da questão migratória, mas sim ressaltar os aspectos subjetivos capazes de trazer explicações mais ricas sobre o fenômeno.

A presente pesquisa buscou o “sentipensante” através da interdisciplinaridade, o diálogo com áreas do conhecimento próximas, se nutrindo assim de autores de disciplinas como a comunicação, a psicologia social, a sociologia, a antropologia, a história e outras. A metodologia utilizada foi inspirada na história oral proposta por Alberti (2013) e Meihy e Seawright (2020), por essa ser uma excelente alternativa para a produção de investigações feitas em parceria com os colaboradores com o intuito de abordar suas percepções sobre o processo migratório e a experiência de serem filhos de imigrantes. Assim, as pesquisas bibliográfica e documental foram enriquecidas com as entrevistas temáticas de história oral

realizadas junto aos migrantes chilenos e aos brasileiros de origem chilena. Gravamos todas as entrevistas em áudio, e optamos por não gravá-las também em vídeo por conta da diversidade de cenários onde os encontros aconteceram, o que dificultaria para dar uma identidade visual ao material filmico. Da mesma forma, as condições sonoras eram bastante diversas entre si, algumas vezes ideais e outras não, e por isso escolhemos utilizar os arquivos de som gravados somente como base para as transcrições das entrevistas.

Partindo da hipótese de que o deslocamento geográfico e o consequente contato próximo com o diferente viabilizam trocas culturais que são refletidas e trabalhadas em diferentes experiências do cotidiano, ajudando a formar uma memória social de um grupo e novas identidades culturais, étnicas, sociais e nacionais; temos como objetivo principal investigar como as memórias e vivências desses indivíduos contribuem com a formação da identidade intercultural dos integrantes dessa comunidade chilena. Como lembra Ecléa Bosi (2003), a identidade é formada no vínculo com a memória, e entendemos identidade como um processo em constante modificação, seguindo as reflexões de Stuart Hall (2010). Assim, o processo mnemônico, que como afirmam autores como Halbwachs (1990) e Peralta (2007) se dá no diálogo constante entre o individual e o coletivo, ajuda a formar essas identidades híbridas, surgidas a partir do contato entre padrões culturais diversos.

No primeiro capítulo, focado principalmente na revisão bibliográfica, fazemos um panorama das principais teorias e métodos utilizados ao longo da história dos estudos migratórios, identificando ainda as que mais se adequam ao caso chileno e assim serão utilizadas na presente investigação. Para contextualizar a presença chilena no Brasil na conjuntura maior das migrações transnacionais no mundo, comentamos sobre as mudanças no padrão contemporâneo da mobilidade humana, evidenciando o crescimento das migrações sul-sul, intrarregionais e, no caso do nosso subcontinente, também sul-americanas. Buscamos ainda estabelecer um constante diálogo entre as discussões teóricas e as falas dos colaboradores, recurso utilizado também nos capítulos seguintes.

No capítulo 2, para traçar a história da migração chilena em direção ao Brasil, foi feito um levantamento dos primeiros contatos entre os dois países - desde o estabelecimento das relações diplomáticas em 1836, passando por figuras importantes como Gabriela Mistral, que exerceu na primeira metade da década de 1940 o cargo de cônsul do Chile no Brasil; e eventos marcantes como a Copa do Mundo de futebol de 1962, disputada no Chile e vencida pela seleção brasileira. Além disso, abordamos a ida de um grande volume de brasileiros para o Chile após o golpe civil-militar de 1964, fluxo que foi encerrado em 1973, com a chegada de Pinochet ao poder. Também foram discutidas as relações entre as duas ditaduras, bem

como a migração do Chile para o Brasil no período ditatorial, época que presenciou a maior quantidade de chegadas de cidadãos chilenos em território brasileiro com o intuito de estabelecer residência. Por último, é destacada a continuidade do fluxo migratório entre os dois países após o fim do regime de Pinochet, no contexto da expansão da globalização e das trocas imaginárias pelo mundo, retratadas por Appadurai (2004).

O terceiro capítulo levanta as informações socioeconômicas da coletividade chilena no Brasil, com base principalmente nos dados dos dois Registros de Chilenos no Exterior, realizados pelo Instituto Nacional de Estatísticas (INE) do Chile e pelo Ministério de Relações Exteriores nos anos 2003/2004 e 2016. Também discute como se manifesta o hibridismo nas histórias de vida dos chilenos de segunda geração, seja no contato com o português ou em distintas práticas culturais como a culinária e a música.

Por último, o capítulo 4, o que dá mais destaque às entrevistas, trata da história oral, abordando como o método é utilizado nos estudos migratórios e como pode ser usado na presente investigação. Além disso, discorre sobre as memórias migrantes e as percepções dos estrangeiros sobre o país de origem e a experiência migratória, bem como sobre os relatos dos descendentes sobre cotidianos marcados pelo ir e vir entre o Brasil e o Chile e pela interculturalidade.

Para encerrar a introdução, como buscaremos construir desde o capítulo 1 um diálogo frequente entre a revisão bibliográfica e os depoimentos coletados, apresentaremos aqui os participantes da pesquisa, migrantes e descendentes de diferentes perfis que concordaram em conversar comigo. Oito são os colaboradores que, juntos com o pesquisador, produziram esta investigação. A noção de colaboração, vinda do termo “co-labor-ação” (MEIHY & SEAWRIGHT, 2020, p. 20), é fundamental para sublinhar o papel de protagonistas que eles exerceram nesta pesquisa que aborda, sobretudo, as percepções desses indivíduos sobre a experiência migratória e outros fenômenos interculturais. A escolha dos participantes seguiu critérios principalmente qualitativos, pois foram convidados indivíduos que pudessem representar a comunidade chilena no Brasil e, mais especificamente, no Rio de Janeiro. Buscou-se realizar uma articulação dos diferentes depoimentos de forma a responder às questões da pesquisa (ALBERTI, 2013); e a quantidade foi estabelecida quando, levando em consideração o escasso tempo para a produção de uma dissertação de mestrado, julgamos encontrar algo próximo ao chamado “ponto de saturação”, conceito de Bertaux (2011) para o momento em que as entrevistas começam a se repetir no tocante a conteúdo e formas de narrativa. Os colaboradores foram localizados na comemoração das *Fiestas Patrias* chilenas em setembro de 2022, no bairro do Catete, no Rio de Janeiro; e também através de amigos em

comum que conheciam migrantes chilenos ou descendentes. Este recurso foi utilizado pois julgamos importante contar também com a colaboração de integrantes que não participam ativamente dos eventos da comunidade chilena na cidade.

Foram entrevistados quatro migrantes e quatro descendentes, em uma divisão igualitária entre os chilenos de primeira e segunda geração. Os migrantes selecionados chegaram após o fim da ditadura de Pinochet, uma vez que buscou-se complementar esta investigação com as realizadas anteriormente sobre a migração chilena, que como veremos adiante focaram sobretudo no período ditatorial. Os brasileiros de origem chilena são filhos de casais interculturais, ou seja, de pai chileno e mãe brasileira ou mãe chilena e pai brasileiro. Infelizmente não encontramos filhos de ambos pais chilenos que concordassem em colaborar com a pesquisa. Os colaboradores estão divididos entre cinco homens e três mulheres, o que está de acordo com as características da própria comunidade, pois como veremos mais à frente ela é majoritariamente masculina. A faixa etária é bem diversa, indo dos 22 aos 73 anos, com a grande maioria tendo entre 22 e 46 anos. Essa idade relativamente jovem da amostra se explica por conta de os integrantes da comunidade mais idosos, os migrantes que chegaram durante os anos de Pinochet, principalmente nos anos 70, terem ficado de fora deste trabalho. Os indivíduos nascidos no Chile são oriundos de distintas cidades do país: Santiago, Valparaíso e Rancagua; enquanto os descendentes são todos nascidos no Rio de Janeiro e, com exceção de Guilherme, continuam vivendo no local. Em relação ao status civil, a proporção se inverte entre migrantes e descendentes: enquanto 75% dos migrantes são casados - todos com brasileiros -, 75% dos brasileiros de origem chilena são solteiros.

Violeta García é a colaboradora mais velha da investigação. Nascida na cidade portuária de Valparaíso, tem 73 anos e migrou para o Brasil em 1993, logo após o término da ditadura no país natal. Ela é professora e casada com um cidadão brasileiro. Fala português fluentemente.

Alhio Abarca é natural de Rancagua, na região central do país. Tem 46 anos e chegou ao Brasil em 2014. Trabalha como artista e é casado com uma cidadã brasileira. É o único que não apresenta um nível avançado de português, e deu a entrevista em espanhol e portunhol.

Valentina Cerda, de 34 anos, nasceu em Santiago. Após conhecer o Brasil anteriormente, migrou definitivamente em 2021. Assim como Violeta, é professora e casada com brasileiro. Fala português fluentemente.

Pablo Merino, com 26 anos, é o colaborador nascido no Chile mais jovem e também o que está há menos tempo no país, tendo migrado em 2022. É pesquisador na área de educação física e tem um nível avançado de português.

Felipe Reyes, de 41 anos, é o brasileiro de origem chilena mais velho. Filho de mãe chilena e pai brasileiro, viveu no Chile por 12 anos, durante a infância e juventude. Costuma ir anualmente para o país visitar a família e fala espanhol.

Rafael Cabrera, 32 anos, é filho de pai chileno e mãe brasileira. Também morou no Chile e visitou o país em algumas outras oportunidades. É o único descendente casado, e com brasileira. Fala espanhol.

Guilherme Mendes tem 33 anos e é filho de mãe chilena e pai brasileiro. Morou no Chile por um ano durante a infância e, já na idade adulta, por mais seis meses. Atualmente, vive na China. Fala espanhol.

Vicky Cabrera, de 22 anos, é a colaboradora mais jovem. Filha de pai chileno e mãe brasileira, é a única descendente que nunca morou no Chile, mas conhece o país. É solteira, no entanto, namora um migrante colombiano. Fala espanhol, e é a única chilena de segunda geração que afirma ter maior domínio do castelhano que do português.

Quadro 1 - Colaboradores da pesquisa

Nome	Sexo	Migrante / Descendente	Idade	Cidade natal	Ano chegada	Status civil
Violeta García	F	Migrante	73	Valparaíso	1993	Casada
Alhio Abarca	M	Migrante	46	Rancagua	2014	Casado
Valentina Cerde	F	Migrante	34	Santiago	2021	Casada
Pablo Merino	M	Migrante	26	Santiago	2022	Solteiro
Felipe Reyes	M	Descendente	41	Rio de Janeiro	-	Solteiro
Rafael Cabrera	M	Descendente	32	Rio de Janeiro	-	Casado
Guilherme Mendes	M	Descendente	33	Rio de Janeiro	-	Solteiro
Vicky Cabrera	F	Descendente	22	Rio de Janeiro	-	Solteira

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

1 Estudos migratórios, interculturalidade e revisão bibliográfica

Uma das características mais intrínsecas à humanidade é o movimento. As sociedades humanas nunca foram estáticas, e desde sempre a mobilidade foi uma questão essencial para atender às necessidades mais básicas da espécie, como a busca por alimento, segurança, riqueza material, saber, laços afetivos ou simplesmente a curiosidade pelo desconhecido. O ser humano sempre se constituiu no movimento, e ele define a história do homem. Rafael Cabrera, nascido no Rio de Janeiro, filho de migrante chileno e que já morou por alguns anos no país andino, agora pretende se mudar para o Canadá. Ao comentar sobre as razões para esse desejo, cita as vantagens econômicas de viver em um país do Norte Global e o anseio pelo novo: “Como eu ainda estou nessa idade de produzir bastante, quero aproveitar agora para fazer isso. E eu vou te falar, eu também estou pensando em viajar, eu quero viajar...”. A migração atravessa seu horizonte utópico, e também sua história de vida pessoal e familiar.

Como lembra Pascal Picq (2017), o *homo sapiens* é a única espécie da ordem dos primatas caracterizada por ser essencialmente migrante. Todas as outras espécies primatas são territoriais, dependentes de um determinado ecossistema e, assim, não migram. Foi a partir do surgimento do gênero *homo* que a dependência em relação às florestas tropicais foi rompida, e assim a espécie humana, a partir da África, se espalhou por todos os cantos do planeta. Essa migração se difere da empreendida por outros mamíferos e demais animais pois ela não é periódica, ocasionada exclusivamente por pressões ambientais e demográficas e tampouco possui necessariamente a ideia do retorno. Nesse sentido, o paleoantropólogo francês afirma que “somente as populações *homo sapiens* se lançaram para além do horizonte e em direção ao desconhecido absoluto” (PICQ, 2017, p. 40).

Isso se conecta com o que Peter Sloterdijk (1999, p. 17) chama de “paleopolítica”: existe uma tendência a analisar a história humana somente a partir das grandes civilizações, dos surgimentos das cidades e posteriormente dos Estados e nações, ignorando de forma injusta entre 95% e 98% da história da humanidade. Um olhar mais cuidadoso sobre “o que um tanto apressadamente denominamos pré-história” (SLOTERDIJK, 1999, p. 23) é fundamental para o entendimento da história do ser humano e de seus fluxos migratórios, nos levando a considerar a migração como o fato fundador da espécie humana, e não algo vinculado somente a determinados períodos históricos da humanidade.

A migração, assim, foi uma realidade desde sempre, e ocorreu nas distintas épocas e em diferentes modelos em todas as regiões do mundo. Foi empreendida de forma geralmente pacífica no Paleolítico (2.5 milhões - 10.000 a.C.) e nos períodos iniciais do Neolítico (5.000 -

3.000 a.C.); e violenta nas Cruzadas (1095-1291) e na colonização e imperialismo europeu na América, África, Ásia e Oceania (a partir do século XIV). Realizadas a partir de ações de cunho religioso, como as Cruzadas promovidas pela Igreja Católica, e iniciativas comerciais como a Rota da Seda (130 a.C-1453 d.C.).

Com o surgimento dos Estados-nações entre o final do século XVIII e o início do século XIX e posteriormente dos estudos migratórios, surgiu a noção de migração transnacional ou internacional, que estuda os fluxos migratórios que atravessam as fronteiras nacionais, criadas em um sistema de controle monopolizado dos movimentos por parte do poder estatal (TORPEY, 2018). Cabe lembrar aqui que as fronteiras são heterogêneas e, para além de somente limites geográficos entre países, são também instituições sociais complexas, que têm distintos impactos - econômicos, sociais, materiais e simbólicos - no cotidiano de quem decide atravessá-las (MEZZADRA e NEILSON, 2017).

Pensar a migração e o migrante é, portanto, um exercício complexo. Os fluxos migratórios e suas consequências nas diferentes partes do planeta desafiam o “essencialismo cultural” que, como lembra ElHajji (2016, p. 3), “faz de uma cultura ou de certas práticas culturais a essência indelével e inerente aos indivíduos, aos povos e às nações”, separando os seres humanos de acordo com suas origens e supostos padrões culturais inatos e imodificáveis. Essa noção de “cultura-essência ou essência-cultura” (Ibid, p. 11) é, assim, abalada pela migração, que promove a miscigenação do mundo. Isso é exemplificado pela seleção francesa de futebol que conquistou a Copa do Mundo de 1998 e foi chamada de *black-blanc-bleur* (preto, branco e árabe), em referência ao tradicional *bleu-blanc-rouge* (azul, branco e vermelho) e à grande quantidade de descendentes de migrantes presentes na vitoriosa e plural equipe. Essa miscigenação, no entanto, não se dá sem conflitos: treze anos depois da conquista, o novo técnico da seleção francesa sugeriu que a federação evitasse convocar jogadores negros e limitasse a quantidade de jogadores com dupla cidadania nas equipes juniores (ALENCASTRO, 2018). Sobre isso, Gerd Baumann (1999) afirma que, na contemporaneidade, a discriminação contra o Outro é baseada, além da nacionalidade, também na etnia e na religião.

Em relação aos indivíduos que realizam a empreitada migratória, Schütz teoriza sobre esse árduo processo de encontro com o diferente: de acordo com o filósofo e sociólogo austríaco, o migrante, ao chegar em um novo território, sofre durante o processo de integração a um padrão cultural distinto do que foi transmitido para ele na sociedade de origem: “... o padrão cultural do grupo aproximado para o estrangeiro não é um abrigo, mas um campo de aventuras” (SCHÜTZ, 2010, p. 128). Difícil de ser acessado e dominado, esse novo pensar

habitual será um grande desafio para a integração do estrangeiro à nova sociedade, e um entrosamento bem-sucedido só ocorrerá com o deciframento dele. Esse migrante, que tenta se transformar em integrante do grupo aproximado, pode ser um bom exemplo do sujeito pertencente a diferentes identidades fluidas e inacabadas (HALL, 2010). Ainda fazendo referência ao teórico jamaicano, o estrangeiro pode ser uma encarnação do sujeito pós-moderno, “não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma celebração ‘móvel’: formada e transformada continuamente” (Ibid, p. 12). Construída não biologicamente, mas historicamente, através de distintos processos que podem ocorrer ao longo da vida humana, dentre os quais a experiência migratória.

Neste capítulo, buscaremos realizar um breve panorama dos estudos migratórios, apresentando algumas das principais teorias e métodos utilizados nas investigações sobre migração transnacional. Posteriormente, contextualizaremos as migrações Sul-Sul, intrarregionais e sul-americanas, nas quais se enquadra o objeto de estudo desta investigação; e por último apresentaremos as pesquisas já realizadas no Brasil sobre a migração chilena no país.

1.1 Panorama dos estudos migratórios: teorias e métodos

Diversos pesquisadores (PEIXOTO, 2004; LUSSI, 2015; ESCUDERO, 2017, ZANFORLIN, 2013) já fizeram o esforço de levantar as diferentes teorias, autores e escolas que contribuíram para os estudos migratórios. Eles são unânimes em apontar a diversidade de pensamentos que, desde o final do século XIX, buscaram responder a diferentes questionamentos relacionados com a mobilidade humana. Essas distintas linhas teóricas não ficaram submetidas a uma disciplina específica, e assim as investigações migratórias foram e são marcadas pela interdisciplinaridade, buscando contribuições em áreas do conhecimento como a demografia, economia, sociologia, antropologia, ciência política, psicologia social, comunicação, teologia, direito e muitas outras (PEIXOTO, 2004; LUSSI, 2015). Como lembra Carmem Lussi (2015, p. 60), estudos com abordagem interdisciplinar “favorecem o encontro e a interação entre metodologias, disciplinas, mentalidades e conhecimentos que cruzam informações e chaves interpretativas”. Nada mais apropriado para investigar o fenômeno da migração, marcado pelos cruzamentos e a pluralidade.

Quando pensamos nas teorias que buscam explicar as causas dos fluxos migratórios, a diferenciação mais comum é separá-las entre as abordagens micro e macroestrutural. Enquanto a primeira “descreve os fluxos como resultantes de escolhas individuais”, a segunda

“avalia as migrações como resultado de forças sociais estruturantes” (PEIXOTO, 2004, p. 13). Ainda que possuam respostas distintas para a migração, elas podem se complementar para uma análise mais profunda do fenômeno, pois, como afirma Sofia Zanforlin (2013, p. 162), “seria impossível definir uma única razão como a motivadora para o fenômeno da mobilidade”. As causas são sempre muitas e podem mudar com o passar do tempo, pois os indivíduos e os contextos sociais estão em constante processo de mutação.

Os autores consentem que o primeiro teórico que se propôs a pensar especificamente a questão migratória foi o geógrafo e cartógrafo alemão-inglês Georg Ravenstein que, em 1885 e 1889, publicou dois artigos sobre “as leis das migrações”³. No contexto da Revolução Industrial e a conseqüente urbanização decorrente desse processo, Ravenstein analisa a migração interna no Reino Unido, sugerindo que o aspecto econômico é o preponderante para o surgimento dos fluxos migratórios: “a chamada para o trabalho em nossos centros comerciais e no comércio é a primeira causa daquelas correntes migratórias” (RAVENSTEIN. In: LUSSI, p.76). O autor introduz o modelo de atração-repulsão (também denominado *push-pull*), que considera que a migração é uma decisão racional do indivíduo, que ao optar por migrar leva em consideração as desvantagens do lugar de origem e as vantagens do local de destino. Essas vantagens são consideradas sobretudo no aspecto material, e a empreitada migratória seria efetuada quando o indivíduo considerar que, migrando, terá acesso principalmente a melhores empregos e maiores salários. Essa é a base conceitual da teoria neoclássica, inaugurada por Ravenstein e seguida por outros autores como Joaquin Arango⁴, que consideram o desejo pela melhoria da condição econômica, gerado pelo abismo econômico entre os diferentes países, como o fator preponderante para a concretização do projeto migratório:

Como já dito, desde o reconhecido trabalho de Ravenstein, várias hipóteses têm sido formuladas e a maioria delas se situa em torno de razões no âmbito econômico. Não por acaso, são as disparidades econômicas que abrem o resumo das leis apontadas no trabalho de Ravenstein e repetidas no artigo de Arango (ZANFORLIN, 2013, p.163)

Isso dialoga com os relatos dos chilenos que se mudaram para o Brasil após o golpe militar de Augusto Pinochet em 1973. Ainda que o país andino experimentasse um regime ditatorial violento que interferia nas vidas dos cidadãos de distintas maneiras, nas narrativas

³ RAVENSTEIN, Ernest G. The laws of migration. Journal of the Royal Statistical Society, vol.48, part II, p.167-227, 1885. RAVENSTEIN, Ernest G. The laws of migration. Journal of the Royal Statistical Society, vol.52, part II, p.241-301, 1889.

⁴ ARANGO, Joaquín. Las “leyes de las migraciones” de E. G. Ravenstein, cien años después. Revista Española de Investigaciones Sociológicas. oct.-dez. 1985.

de muitos migrantes é a questão econômica que aparece como a causa fundamental da saída do Chile, como podemos observar no relato da chilena Berta Rosas Morales, cujo marido perdeu o emprego após a chegada dos militares ao poder por ser engajado na política partidária: “Ela falou que aqui no Brasil tinha boas oportunidades de trabalho, que engenharia civil era muito aceita, e ele topou. Foi aí que começou a história do exílio econômico” (FERNANDEZ, 2011, p. 73).

Assim, mais do que as perseguições políticas, a censura e o ambiente opressivo que o Chile presenciava na época, para Berta foram as razões materiais as principais para que ela e o marido decidissem migrar, algo exemplificado na expressão “exílio econômico”. Como lembra Mariela Toro Gonzalez (2016), enquanto o Brasil, que também vivia uma ditadura, no início da década de 70 experimentava o período do “milagre econômico”⁵, o Chile via a sua economia deteriorar com o golpe militar, que foi acompanhado pelo aumento do desemprego e a redução dos salários.

Mas, como já dito, a migração é um fenômeno complexo, e como tal possui diversas razões. Outras teorias procuram explicações para além da questão econômica da busca imediata de melhores empregos e maiores salários. A Teoria do Capital Humano considera que uma causa fundamental para a migração é a busca racional pelo desenvolvimento humano para além dos benefícios imediatos. O migrante, ao considerar os custos e benefícios da migração, daria importância às vantagens que ela poderia trazer em longo prazo para ele ou sua família, como melhores oportunidades educacionais, formação e prática profissional e experiências novas de vida, que teriam um potencial de trazer ganhos no futuro (PEIXOTO, 2004). O chileno Pablo Merino, que veio para o Brasil em abril de 2022, quando perguntado sobre o que fez ele querer morar no país, comenta:

Eu estava trabalhando com educação física, mas não ganhava muito dinheiro como preparador físico no futebol. E aí o meu orientador no Chile conhecia gente daqui, da UFRJ e da UFJF. Então tinha a possibilidade de fazer o mestrado lá e aqui. E lá é muito caro, aqui é de graça; e também se você tem um estudo fora, depois pode conseguir um melhor trabalho. Como eu trabalho com futebol, Brasil, futebol... era o melhor para fazer o mestrado.

Além da questão prática da formação acadêmica no Chile ser muito mais custosa que no Brasil, Pablo, de 26 anos, leva em consideração o prestígio que o país e as instituições brasileiras têm na sua área de estudos, o futebol; e os benefícios que aprender o português

⁵ O chamado “milagre econômico brasileiro” foi o período de forte crescimento econômico ocorrido entre o final dos anos 60 e meados da década de 70. Marcado por um grande crescimento do PIB, que foi puxado pela industrialização e a realização de grandes obras previstas no Programa de Ação Econômica do Governo (PAEG), criado ainda na gestão Castelo Branco (1964-1967).

poderiam trazer no futuro: *“Eu acho que o Brasil é o melhor país de futebol da América, e também para aprender uma língua nova, isso também abre mais possibilidades”*. A migração na Teoria do Capital Humano é considerada como um investimento, e isso explicaria o motivo de ela ser mais comum entre os jovens. Peixoto (2004, p.17), fazendo referência a Sjaastad, diz que *“É ainda a existência de uma atitude de investimento que explica que a migração diminua com a idade: quanto maior ela for, menor o período em que o investimento poderá ser compensado”*.

A perspectiva que leva mais em consideração o aspecto biográfico dos indivíduos é a do Ciclo de Vida ou Curso de Vida. Ela argumenta que as diferentes etapas de vida dos cidadãos possuem forte influência no desejo e na decisão de migrar. Indivíduos mais jovens teriam maior propensão à mobilidade, por ainda não terem constituído família e tido filhos. Peixoto (2004, p.18) afirma que o diferencial deste em relação às outras teorias micro é que *“ao contrário de o indivíduo continuar a funcionar como a unidade central de ‘cálculo’ econômico, é o agregado familiar que passa a desempenhar essa função”*. O autor lembra ainda que essa abordagem tem acompanhado as mudanças no padrão de vida das pessoas, com mais divórcios e maior expectativa de vida, e como isso tem influenciado os padrões migratórios. Ainda com relação ao aspecto biográfico das pessoas, merece menção a perspectiva da Trajetória Social, que lembra como a mobilidade pode estar vinculada a um percurso de ascensão social. Os desenvolvimentos de carreiras e as consequentes promoções frequentemente demandam que os trabalhadores passem a trabalhar a partir de um outro local, fazendo com que os mapas migratórios nesse caso sejam decididos não pelos indivíduos, mas pelas empresas e instituições empregadoras (PEIXOTO, 2004, p. 22). Será interessante acompanhar como essa abordagem lidará com o contexto cada vez mais comum do trabalho remoto, modalidade em ascensão com o avanço das tecnologias digitais de comunicação e principalmente desde o advento da pandemia de Covid-19 que, além do fechamento das fronteiras, promoveu também a crescente virtualização das relações humanas, incluindo as laborais.

Em relação às teorias macroestruturais, que privilegiam os fatores sistêmicos e explicam as causas dos fluxos migratórios considerando o contexto econômico e social ser mais importante que as decisões individuais (MIRANDA, 2019, p.571), também temos distintas abordagens para entender o fenômeno. A teoria do Mercado de Trabalho Segmentado defende que a causa principal das correntes migratórias são os fatores estruturais das sociedades de destino, especialmente dos países mais desenvolvidos. Eles necessitam da migração para atender a uma demanda pela mão-de-obra migrante, principalmente no

mercado informal, para empregos de menor qualificação (PEIXOTO, 2004; LUSSI, 2015). No entanto, como recorda Peixoto (2004), lembrando de Portes (1981), também existe uma demanda por trabalho migrante qualificado, que estimula o *brain drain* - a saída de profissionais altamente especializados do Sul rumo ao Norte global.

A teoria do Sistema-Mundo busca a explicação da migração nas forças estruturais do sistema capitalista moderno, que geram um exército de mão-de-obra excedente na periferia, uma demanda por trabalhadores nos países mais ricos e conseqüentemente “zonas salariais (*wage zones*) diferenciadas”, nomeadas por Elizabeth Petras (*apud* PEIXOTO, 2004, p. 26), que impelirão os migrantes a se deslocarem para os locais com maiores remunerações.

A teoria das Cidades Mundiais, cuja principal autora é a socióloga Saskia Sassen, também reflete sobre a influência do sistema econômico capitalista nos fluxos migratórios, dando ênfase ao poder de atração das metrópoles globais, que cativam tanto trabalhadores ultra capacitados quanto profissionais não qualificados (PEIXOTO, 2004).

Por último, a teoria de Sistemas Migratórios levanta fluxos migratórios importantes, gerados por contextos históricos específicos que formam as singularidades de cada sistema. Esses fluxos podem ser entre determinados países, como o notório corredor migratório México - Estados Unidos da América; ou entre regiões, como o fluxo migratório do norte da África para a Europa. Peixoto (2004, p. 27) lembra que cada sistema tem suas características próprias, forjadas a partir de circunstâncias únicas: “A dinâmica de cada ‘sistema migratório’ é particular: resulta de um contexto histórico (econômico, social, político e tecnológico) determinado e da inter-ligação entre fluxos migratórios e outro tipo de intercâmbios (políticos, comerciais, de capital, por exemplo)”.

Ainda dentro das teorias macro, quando pensamos, além das causas, também na continuidade dos fluxos migratórios, é fundamental mencionar a Teoria de Redes. De acordo com ela, as migrações estão vinculadas a ligações anteriores entre os países de origem e destino, que se dão principalmente através da comunicação entre os migrantes e os que ainda não migraram. É essa troca de informações que será fundamental para a manutenção das correntes migratórias (ZANFORLIN, 2013; PEIXOTO, 2004; MIRANDA, 2019). Suélen de Miranda (2019) ressalta a relação dessa teoria com o conceito de “capital social”, presente em Bourdieu (DE OLIVEIRA e KULAITIS, 2017): “a importância das redes sociais não só na decisão de migrar, mas, sobretudo, na recepção e inserção dos migrantes na sociedade de destino” (MIRANDA, 2019, p. 573). Essas redes de familiares, amigos e/ou conhecidos serão fundamentais na adaptação dos recém-chegados à nova realidade, ajudando na busca por moradia, trabalho e contatos; e prestando auxílio em caso de necessidades.

Além das teorias mencionadas acima, é importante também lembrar de alguns autores e conceitos fundamentais para os estudos migratórios. Como recorda Camila Escudero (2017), as pesquisas sobre migração ganharam destaque no início do século XX, com o fluxo transatlântico da Europa para as Américas, principalmente em direção aos Estados Unidos. Ela deixou de ser uma preocupação secundária para se transformar em uma questão central para diversos investigadores. Um deles é Georg Simmel, considerado o fundador da sociologia urbana, que em 1908 apresentou o texto *O Estrangeiro* na obra *Soziologie – Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung* (Sociologia – Estudos sobre as formas de associação), publicada no mesmo ano. O sociólogo alemão foi uma das bases fundamentais da Escola de Chicago, “escola de atividade”⁶ do departamento de Sociologia da Universidade de Chicago responsável por fundar a sociologia da migração clássica (ESCUADERO, 2017), investigando a relação entre os fluxos migratórios e as cidades (ZANFORLIN, 2013) e desenvolvendo trabalhos fundamentais como “*The Polish Peasant in Europe and America*”, de Thomas e Znaniecki (1918) e “*Human migration and the marginal man*”, de Robert E. Park (1928). A Escola de Chicago foi fundamental ao trabalhar com a ecologia urbana, no sentido proposto por Becker (1996) de refletir sobre diferentes comunidades que viviam no mesmo espaço - no caso a cidade de Chicago; através da valorização do trabalho de campo com o investimento em entrevistas e histórias de vida, uma opção metodológica que pretendemos seguir para o presente trabalho.

Outra referência fundamental é a do sociólogo Abdelmalek Sayad, um dos maiores pensadores da questão migratória. Sayad ofereceu inúmeras contribuições aos estudos da migração que serão aproveitadas nesta dissertação. O franco-argelino, inspirado em Durkheim, definiu a migração como um “fato social total” (SAYAD, 1998, p. 16), não podendo ser explicada somente a partir de um viés econômico e devendo ser analisada também com base nas questões geopolíticas e civilizacionais das sociedades de origem e destino e subjetivas dos indivíduos que cruzam fronteiras para viver em um outro local (ELHAJJI e ESCUDERO, 2020). É essa combinação de aspectos macro e micro que gera uma abordagem mais profunda sobre um fenômeno tão complexo e que perseguiremos ao longo de todo o trabalho.

Alfred Schütz é mais uma referência indispensável nos estudos migratórios. O filósofo e sociólogo austríaco desenvolveu a teoria da dupla grade, que trata sobre o processo de

⁶ Termo usado por Howard Becker para se referir a “um grupo de pessoas que trabalham em conjunto, não sendo necessário que os membros da escola de atividade compartilhem a mesma teoria; eles apenas têm de estar dispostos a trabalhar juntos” (BECKER, 1996, p. 179)

chegada e adaptação do migrante à nova realidade. O autor utiliza o conceito “padrão cultural” para designar “os valores peculiares, instituições, e sistemas de orientação e direção” (SCHÜTZ, 2010, p. 118) que caracterizam uma sociedade em um determinado período da história. O migrante já tem interiorizado o padrão cultural de sua sociedade de origem, e ao chegar no novo local se depara com um novo padrão cultural, que para ele “não é um abrigo, mas um campo de aventuras” (Ibid., p. 128) que deve ser decodificado para que a integração ocorra com sucesso. Esta ocorre através de um complexo “processo contínuo de indagação do padrão cultural do grupo aproximado” (Ibid., p. 129), que se for realizado com sucesso trará ganhos para a vida do migrante, como o chileno Luis Merino Román:

O mais difícil pra mim aqui no Brasil era a forma de se apresentar nas entrevistas, porque no Chile as pessoas quando vão procurar trabalho vão com sua melhor roupa, normalmente de terno. Então eu via avisos assim de ‘precisa-se de ajudantes de produção’, aí eu ia, mas ia de terno e gravata, com pasta de documentos de couro, essas coisas. Aí me olhavam e diziam ‘não, pra você aqui não tem trabalho, você ajudante de produção?’. Até que um dia eu decidi ir de calça jeans, uma camisa e minha carteira. Era para operador de grua, que aqui se chama operador de ponte rolante. Esse foi meu primeiro emprego no Brasil, pouco antes da minha esposa chegar. (FERNANDEZ, 2011, p. 66)

É preciso lembrar ainda das contribuições dos Estudos Culturais, surgidos na década de 60 na Universidade de Birmingham. Como lembram Escudero (2017) e Zanforlin (2013), os autores da Escola de Birmingham buscaram separar a ideia de cultura de algo vinculado exclusivamente às questões econômicas, dando espaço a outros elementos como a política, o subjetivo e as práticas cotidianas. A migração foi uma das temáticas centrais dos Estudos Culturais, principalmente através do sociólogo jamaicano Stuart Hall, que muito refletiu sobre a estrangeiridade e as identidades migratórias e será uma das referências mais importantes desta pesquisa.

Para finalizar a seção, é importante também mencionar dois conceitos ligados à questão migratória que serão muito trabalhados ao longo da investigação. O primeiro é o transnacionalismo, que anuncia que “as migrações internacionais incluem, além dos deslocamentos entre um país de origem e um de destino, variadas formas de comunicação, circulação, relação e gestão de bens, serviços e informações em nível transnacional, incluindo também outros países” (LUSSI, 2015, p. 47), o que leva à “superação do tradicional modelo bipolar país de origem – país de destino” em prol de um “modelo multilocal ou circular, no qual acontecem relações e movimentos que implicam diversos lugares” (Ibid., p. 54). O transnacionalismo nos ajuda assim a superar o nacionalismo metodológico, que como lembra

Glick Schiller (2011) considera os processos sociais e históricos estando contidos dentro das fronteiras de cada estado-nação. Se a autora hoje questiona a sua forma de fazer pesquisa na tese de doutorado *“The formation of a Haitian ethnic group”* (1975), lembrando que sua investigação sobre os haitianos em Nova Iorque discute a experiência dos haitianos nesta cidade, e não em todo o país, bem como que as conexões transnacionais dos haitianos residentes em Nova Iorque não eram somente com o Haiti e os demais haitianos; aqui teremos em mente que estamos abordando a vivência dos chilenos de primeira e segunda geração que residem no Rio de Janeiro, e que a experiência da comunidade chilena em outros locais do Brasil pode ser diferente. Igualmente, ressaltaremos que os vínculos desses indivíduos não estão restritos aos universos chileno e brasileiro, como no caso de Vicky Cabrera, uma brasileira filha de pai chileno e mãe brasileira. Ela, que namora um colombiano, quando perguntada sobre sua relação com o Chile e se participa de algum grupo de chilenos na cidade carioca, responde: *“Olha, eu tenho amizade mesmo, tenho amigos chilenos. Eu tenho amizades chilenas, mas tenho mais amizades colombianas”*.

Outro é a interculturalidade, enquanto “filosofia de abertura e aceitação da diversidade” (ELHAJJI, 2013, p. 146). O conceito é fundamental para os estudos migratórios pois, como lembra Zanforlin (2013, p. 166), se trata da aceitação do outro e da “troca de informações entre indivíduos que possuam diferenças culturais”, sejam elas de caráter de idade, gênero, classe, etnia ou nacionalidade. ElHajji (2013) afirma que as metrópoles na contemporaneidade são marcadas pela diversidade e a consequente existência da “cidadania global”, e assim a interculturalidade é algo indispensável para a sobrevivência nas grandes cidades, não somente para os migrantes mas também para os locais. O intercultural, que se trata de aproximação, “assume a cultura como ponte para um diálogo nem sempre fluídico, muitas vezes conflitante, porém, apoiado numa base de negociação constante e imprescindível” (ZANFORLIN, 2013, p. 167); e assim nos auxiliará na análise das práticas culturais cotidianas dos migrantes chilenos e dos descendentes de primeira geração.

Nesta seção, procuramos fazer um breve panorama sobre os estudos migratórios, buscando levantar algumas das principais teorias e conceitos utilizados nas investigações sobre migração. Sabemos que o fenômeno migratório é algo complexo, que possui muitas causas e é resultado de um “conjunto dos fatos sociais, políticos, econômicos e subjetivos” de uma determinada realidade (ELHAJJI, 2013, p. 146). Assim, não existe uma única teoria que dará conta de uma explicação total; e buscaremos fundamentar a pesquisa em algumas teorias citadas anteriormente. A abordagem neoclássica e seu modelo de atração-repulsão será utilizada principalmente na análise sobre os fluxos migratórios chilenos mais antigos,

realizados nas décadas de 70 e 80. Como veremos, uma parcela importante dos migrantes que vieram durante a ditadura de Pinochet consideraram a má condição econômica do país como o principal motivo para a saída do Chile. A teoria do capital humano será empregada para a observação dos chilenos que migraram visando ganhos em longo prazo, enquanto a teoria do mercado de trabalho segmentado nos ajudará a compreender os aspectos macroestruturais que encorajaram a chegada de tantos chilenos, principalmente nos anos 70. A teoria de redes, por sua vez, será um suporte importante para pensarmos a continuidade do fluxo migratório chileno para o Brasil, pois, como será mostrado adiante, muitos cidadãos vieram do Chile após terem acesso aos relatos de familiares e amigos que já tinham efetuado a empreitada migratória. Em suma, nossa pretensão é construir uma pesquisa que olhe tanto para as questões macro como para as questões micro, abordando os aspectos objetivos, mas sem esquecer da perspectiva subjetiva, tão importante nas histórias de vida dos chilenos e seus descendentes.

1.2 Os estudos sobre a migração chilena no Brasil

Como veremos em seguida, atualmente a comunidade chilena no Brasil é bem menos numerosa que outras coletividades migratórias, incluindo a maioria das sul-americanas. Essa inferioridade numérica em relação às migrações vizinhas de maior volume é refletida na produção acadêmica no Brasil sobre a comunidade chilena no país. Ao fazer uma busca pelos termos “migrantes” e “migração” no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES⁷, que reúne os trabalhos defendidos na pós-graduação brasileira ano a ano, encontramos poucas pesquisas inteiramente dedicadas à migração chilena no país. Considerando somente investigações sobre uma comunidade migratória em especial, ou seja, ignorando as pesquisas que abordam mais de um fluxo migratório, encontramos cinco investigações. A única tese de doutorado identificada foi a “*Chilenos em São Paulo: a trajetória de uma imigração*” (2000), de Verônica Patrícia Aravena Cortes. Também foram encontradas quatro dissertações de mestrado: “*Identidade étnica e aculturação do emigrante chileno residente na ‘Grae Sao Paulo’, que emigrou após o golpe militar de 1973*” (1994), de Tito Arturo Valencia Monardez; “*Dilemas de construção de identidade migrante: história oral de vida de chilenos de Campinas*” (2011), de Vanessa Paola Rojas Fernandez; “*A fé cruza as montanhas: a festa*

⁷ Ver Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em 02/01/2023.

da *‘Virgen del Carmen’ nas voces dos imigrantes chilenos na cidade de São Paulo*” (2015), de Monica Patrícia Diaz Rojas Yokohama; e *“A cueca caiu no samba: memória, diáspora e práticas culturais dos chilenos no Rio de Janeiro e em São Paulo”* (2022), de María de la Merced de Lemos Mendes.

A quantidade é evidentemente reduzida quando comparada com as produções sobre as comunidades migratórias dos outros países do Cone Sul: a migração de origem argentina conta com dez trabalhos, enquanto a uruguaia conta com onze. A diferença é ainda maior para as migrações regionais de maior volume: foram encontradas 41 investigações sobre a migração venezuelana, 22 sobre a boliviana e, considerando também a migração proveniente do Caribe, 32 pesquisas sobre a migração oriunda do Haiti.

Quando observamos os programas de pós-graduação onde as pesquisas foram desenvolvidas, vemos uma diversidade grande de disciplinas. Duas investigações estão no campo da História Social, uma na Psicologia Social, uma na Sociologia e outra na Memória Social. Isso está de acordo com o que Sayad diz sobre a íntima conexão da migração, um “fato social completo”, com a interdisciplinaridade:

todo o itinerário do imigrante é, pode-se dizer, um itinerário epistemológico, um itinerário que se dá, de certa forma, no cruzamento das ciências sociais, como um ponto de encontro de inúmeras disciplinas, história, geografia, demografia, economia, direito, sociologia, psicologia e psicologia social e até mesmo das ciências cognitivas, antropologia em suas diversas formas (social, cultural, política, econômica, jurídica etc), linguística e sociolinguística, ciência política etc. (SAYAD, 1998, p. 15)

Das cinco investigações, quatro foram realizadas em instituições sediadas no Estado de São Paulo (USP e PUC SP, com duas pesquisas cada), e uma em universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO). Isso está, também como constataremos adiante, relacionado com a própria distribuição geográfica da comunidade chilena no país, concentrada principalmente em São Paulo e que tem no Rio de Janeiro a segunda região com o maior número de residentes. O perfil demográfico e a consequente concentração das pesquisas sobre o fluxo chileno para o Brasil nas instituições paulistas também explica o fato de a comunidade chilena em São Paulo ser o maior objeto de estudo: três investigações abordam especificamente a coletividade chilena residente na capital paulista, enquanto a dissertação de Vanessa Fernandez analisa a comunidade em Campinas, no interior de São Paulo; e a investigação de María de la Merced trabalha com os migrantes chilenos de São Paulo e Rio de Janeiro.

Em relação às abordagens realizadas, é perceptível o destaque dado ao período ditatorial comandado por Pinochet, que foi o auge dessa corrente migratória. As cinco

pesquisas têm como ponto de partida de análise a década de 70, período em que se inicia a ditadura militar. O golpe militar está citado no título da dissertação de Tito Monardez e referenciado nos demais trabalhos. Veronica Cortes investiga “as causas da migração no Chile das décadas de 70 e 80”, Vanessa Fernandez o “processo emigratório/imigratório chileno ocorrido nas três últimas décadas do século XX”, Monica Yokoyama as “permanências e silêncios desses imigrantes chilenos advindos a São Paulo entre os anos 1973 e 2013” e Maria de La Merced Urtubia inicia o resumo da dissertação com “Entre 1974 e 1982 o Brasil recebeu mais de 50 mil chilenos que estabeleceram residência no eixo Rio-São Paulo”, além de dar amplo destaque ao período ditatorial no país andino também a partir de suas vivências pessoais - a autora, filha de um casal intercultural Brasil - Chile, vivia em Santiago em 11 de setembro de 1973. Nenhuma pesquisa trabalhou com a migração chilena anterior ao golpe, ainda que a pesquisa de Merced tenha feito um grande esforço em levantar vínculos políticos, simbólicos e culturais entre as duas nações, desde o estabelecimento das relações diplomáticas em 1836, passando pela Copa do Mundo de 1962 e a ida de muitos brasileiros para o Chile na década de 60, após o golpe militar no Brasil em 1964.

Observamos também que as questões de identidade e memória são fundamentais nessas investigações. Tito Monardez, já no título, explicita que trabalha com a “identidade étnica”, enquanto Vanessa Fernandez, também no título, revela que lida com os “dilemas de construção da identidade migrante”. Monica Yokoyama trata da religiosidade como “manifestação de cultura, memória e identidade”, Veronica Cortes se ocupa da “identidade chilena imigrante” e Merced Urtubia busca “localizar as memórias desses imigrantes” que cruzaram o subcontinente em direção ao Brasil. A importância da identidade e memória explicam as entrevistas e os depoimentos pessoais serem tão valorizados nesses trabalhos, como nas investigações de Fernandez, Yokohama e Cortes. As duas primeiras, inclusive, especificam que a metodologia empregada em suas pesquisas é a da História Oral. Merced Urtubia escreve que também desejava construir uma pesquisa baseada no recolhimento de depoimentos, mas o advento da pandemia de Covid-19 e o consequente confinamento social a partir de março de 2020 fez com que ela alterasse suas escolhas metodológicas, passando a trabalhar com fotografias e textos de redes sociais.

Vale ainda mencionar três importantes práticas culturais que estão contempladas nesse conjunto de investigações: a religião, a música e a dança. O Chile, como a grande maioria dos sul-americanos, é um país onde a religiosidade está presente no cotidiano dos cidadãos; e a

festa em homenagem à *Virgen del Carmen* - também chamada de *La Tirana* no norte chileno⁸ - é o principal evento religioso e um dos feriados mais importantes do país. Monica Yokohama investigou as memórias e a construção identitária dos migrantes chilenos a partir das *Fiestas de la Virgen del Carmen*, realizadas anualmente na Igreja Nossa Senhora da Paz, no centro de São Paulo; onde ela coletou os depoimentos orais. Já Merced Urtubia procurou “localizar as memórias através de performances identitárias comuns” presentes nos grupos folclóricos criados por migrantes chilenos em São Paulo e no Rio de Janeiro, que trabalham com músicas e danças típicas do país.

Além da tese e das dissertações mencionadas, encontramos em buscas no Portal Periódico Capes⁹ e no Google Acadêmico¹⁰ alguns artigos e livros sobre a migração chilena para o Brasil. Artigos são cinco: “*As fronteiras da literatura. Os mitos da nação entre chilenos migrantes em São Paulo*”, de Verónica P. Aravena Cortes (2006), “*História oral de vida de emigrantes chilenos e sua presença no Brasil*” (2010), de Vanessa Paola Rojas Fernandez, “*Chilenos no Brasil: dilemas da imigração e sugestões de políticas públicas a partir da História Oral*”, também de Vanessa Fernandez (2011), “*Cine imigração: chilenos em Goiânia, uma forma de transpassar as fronteiras através do cinema*”, de Francisco Javier Lillo Biagetti (2013); e “*Fronteira: a construção da identidade transcultural dos imigrantes chilenos no Brasil*”, de Mariela E. Toro González (2016). Cabe ressaltar que nos artigos, além das questões da memória e identidade, surgiu também a produção cultural midiática da comunidade, através da literatura e do cinema. Os livros produzidos foram dois: “*Memória Social: chilena tú eres parte, no te quedes aparte*”, de Veronica P. Aravena Cortes e Oriana Jara Maculet (2010) e, resultado da dissertação de mesmo nome, “*Dilemas de construção de identidade migrante: história oral de vida de Chilenos em Campinas*”, de Vanessa Paola Rojas Fernandez (2013).

1.3 Contextualização: migrações sul-sul, intrarregionais e sul-americanas. Os chilenos na América do Sul

⁸ Disponível em: <https://gochile.com.br/artigos/o-chile-tambem-tem-carnaval-la-tirana-a-festa-colorida-do-deserto-andino.htm>. Acesso em: 30/12/22

⁹ Ver Portal Periódico Capes. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez29.periodicos.capes.gov.br/>. Acesso em: 02/01/23

¹⁰ Ver Google Acadêmico. Disponível em <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>. Acesso em: 02/01/23

Observamos, na atualidade das migrações internacionais, uma tendência de crescimento das migrações Sul-Sul; aquelas de grupos e indivíduos originários de países do chamado Sul Global que se estabelecem em outros locais também do Sul. De acordo com dados das Nações Unidas (2019), desde 2005 as migrações Sul-Sul têm tido um crescimento maior do que as Sul-Norte e já as superaram em números absolutos. Em termos percentuais, cerca de 39% dos atuais migrantes transnacionais são pessoas que migraram de um país do Sul para outro também do Sul, enquanto as migrações Sul-Norte correspondem apenas a 35% do total. As migrações Norte-Norte e Norte-Sul, por sua parte, representam proporções significativamente menores: respectivamente 20% e 5%.

Mudanças no padrão contemporâneo da mobilidade humana que se devem ao recente aumento dos fluxos migratórios em regiões como Ásia, África e América Latina e Caribe. Se em 2005, a Europa era com folga a região que mais recebia migrantes transnacionais, hoje ela é seguida de perto pela Ásia: o continente europeu detém 87 milhões de migrantes (30,9% do total), enquanto o asiático conta 86 milhões (30,5%). Por outro lado, dos seis maiores destinos de migrantes internacionais, dois estão localizados neste continente, e mais especificamente no Oriente Médio: Arábia Saudita, em terceiro lugar, e Emirados Árabes Unidos, no sexto posto (MCAULIFFE e TRIANDAFYLLIDOU, 2021).

Muitos desses migrantes que se estabelecem em países do Sul global são provenientes de estados vizinhos ou de regiões relativamente próximas; configurando, assim, um movimento migratório ao mesmo tempo Sul-Sul e intrarregional. A Organização Internacional para as Migrações (OIM) apontou em 2020 que entre os cinco maiores corredores migratórios de um país para outro, dois envolvem exclusivamente nações do Sul: Síria - Turquia em segundo lugar e Índia - Emirados Árabes Unidos no terceiro posto. Também estão na lista dos 20 principais corredores: Afeganistão - Irã em sétimo lugar, Índia - Arábia Saudita em nono, Bangladesh - Índia em décimo, Myanmar - Tailândia em décimo quinto, Venezuela - Colômbia em décimo sétimo, Indonésia - Arábia Saudita em décimo oitavo e, finalmente, Afeganistão - Paquistão na vigésima posição.

É igualmente importante notar que, no período de 2005 a 2020, a região do mundo que teve a maior taxa de crescimento migratório foi a América Latina e Caribe, que experimentou um salto de 7 milhões (2005) para 15 milhões de migrantes (2020). Aumento que se deu, principalmente, em função da crise econômica, política e social que se acentuou nos últimos 5 anos na Venezuela, e que fez com que cerca de 5.6 milhões de venezuelanos saíssem do país – 85% dos quais migraram para países vizinhos como Colômbia, Peru, Chile, Equador e Brasil. O alto número de venezuelanos que vivem em países vizinhos contribui, não há dúvida, para o

fato de a grande maioria (11 milhões ou 73%) de migrantes da região serem fruto da migração intrarregional (MCAULIFFE e TRIANDAFYLLIDOU, 2021).

Quando se trata especificamente da América do Sul, essa tendência se mantém. Dados de 2019 já apontam que o número de migrantes intrarregionais, que é de cerca de 6.091.023 pessoas, tem se aproximado da quantidade de sul-americanos vivendo fora da região, que é de aproximadamente 7.786.568 indivíduos. Se em 2010 a diferença entre os dois valores era de 1.9 vezes, ela caiu para 1.3 em 2019 (CERRUTI, 2020). A migração intrarregional corresponde ainda a aproximadamente 80% do total de migrantes transnacionais nessa parte do continente americano (MCAULIFFE e TRIANDAFYLLIDOU, 2021), particularidade que faz com que essa região do mundo, tradicionalmente marcada por ter sido receptora de migrantes europeus e asiáticos e posteriormente emissora de migrantes sobretudo para a América do Norte e a Europa, seja atualmente chamada pelos especialistas de “espaço migratório quase perfeito” (ELHAJJI, 2021).

É importante lembrar, no entanto, que essa migração intrarregional não é formada exclusivamente por venezuelanos; e diversos outros países da América do Sul, como Bolívia, Paraguai, Colômbia e Peru, são em larga escala emissores de migrantes para nações vizinhas. Observamos isso, por exemplo, na Argentina – o maior destino de migrantes na sub-região em números absolutos, com cerca de 2.3 milhões de pessoas (MIGRATION DATA PORTAL, 2021); e que de acordo com dados do censo demográfico de 2010 (INDEC, 2010), o último realizado no país, conta com um importante volume de migrantes provenientes de estados vizinhos: nesse ano cerca de 68% da população no país nascida no estrangeiro era proveniente de países limítrofes; e, entre as cinco maiores comunidades migratórias do país, quatro eram de nações sul americanas: a paraguaia (primeira, com 550.713 pessoas), a boliviana (segunda, com 345.272 indivíduos), a chilena (terceira, com 191.147 cidadãos) e a uruguaia (quinta, com 116.592 indivíduos).

De fora da América do Sul, somente os italianos apareciam no ranking dos cinco primeiros, na quarta posição com 147.499 pessoas. E essa tendência aumentou nos anos seguintes: dados do governo argentino mostram que, entre os 383.599 vistos de residência concedidos a estrangeiros entre 2018 e 2019, 35,3% foram atribuídos a cidadãos venezuelanos, 19% a paraguaios, 16,3% a bolivianos, 7,2% a colombianos e 7% a pessoas nascidas no Peru. 8% foram a nascidos em outros países da América do Sul e somente 7,2% foram concedidos a cidadãos de outras regiões do planeta (DIRECCIÓN NACIONAL DE POBLACIÓN, 2021).

Algo similar acontece no Chile, que com cerca de 1.4 milhão de estrangeiros vivendo em seu território, é o país da América do Sul com o maior percentual de imigrantes (7,5%) em relação à população total. Estimativas do Instituto Nacional de Estatísticas e do Departamento de Extranjería y Migración de 2020 revelam que as maiores comunidades migratórias no país andino são a venezuelana (30,7%), peruana (16,3%), haitiana (12,5%), colombiana (11,4%), boliviana (8,5%) e argentina (5,2%) (SERVICIO JESUITA A MIGRANTES, 2021). Como podemos perceber, todas são originárias da América do Sul e do Caribe; e somente a haitiana não é uma migração proveniente da América do Sul.

Quando olhamos especificamente para o Brasil, a realidade é parecida. De acordo com o relatório anual 2021 do OBMigra, que buscou os dados de 2020 da Polícia Federal referentes aos migrantes residentes e temporários que chegaram entre 2011 e 2020 e que contabilizaram 971.806 pessoas, observamos que entre os dez principais países de origem dos migrantes, apenas dois (Estados Unidos, em quinto lugar; e França, na nona posição) são do Norte Global. A lista é liderada pela Venezuela, com 172.306 indivíduos. Em seguida, aparecem Haiti (149.085), Bolívia (55.640), Colômbia (53.802), Estados Unidos (37.715), China (35.590) e Argentina (27.604).

Além da migração Sul-Sul, que considerando somente as nacionalidades com maior número de pessoas corresponde a 630.426 migrantes, se sobressai a migração intrarregional, com cerca de 559.108 indivíduos: dos cinco primeiros países, quatro são da América Latina e do Caribe, e três são sul-americanos. E, quando observamos os dez primeiros, sete são da América Latina e Caribe (contando os quatro primeiros) e cinco da América do Sul (contando três dos quatro principais). Imigrantes provenientes de países do subcontinente contabilizam 371.505, mais uma vez considerando somente as vinte nacionalidades de maior quantidade de estrangeiros residentes no país (CAVALCANTI, OLIVEIRA e SILVA, 2021).

Vale lembrar, todavia, que esses números se referem aos migrantes regularizados que chegaram na última década; e se contabilizarmos os estrangeiros que estão em situação irregular e migraram antes de 2011, o número da migração Sul-Sul e intrarregional é ainda maior. O governo brasileiro, por exemplo, estima que o número total de venezuelanos vivendo no país, incluindo os que não estão regularizados, seja de aproximadamente 260 mil pessoas (SERVIÇOS E INFORMAÇÕES DO BRASIL, 2021). Já a Polícia Federal e a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC) de São Paulo estimam que, somente na capital paulista, o número de bolivianos seja de mais de 75 mil indivíduos (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2020).

Voltando a atenção para a emigração chilena, De acordo com o “*Segundo Registro de Chilenos en el Exterior*” (2017), produzido pelo Ministerio de Relaciones Exteriores chileno em parceria com o Instituto Nacional de Estadísticas do Chile, cerca de 1.037.346 chilenos vivem em outros países - entre nascidos no Chile (55%) e nascidos no exterior, filhos de pai e/ou mãe chilenos (45%). A região com o maior número de chilenos é a América do Sul (50,4% do total), seguida pela Europa (26%) e América do Norte (18,2%). Oceania (3,9%), América Central e Caribe (0,7%), Ásia (0,6%) e África (0,1%) completam o quadro. Quando olhamos somente para os indivíduos nascidos no Chile e que vivem no exterior, a América do Sul continua na liderança, com 41,7% do total; seguida pela Europa (29,2%) e América do Norte (22,5%).

Esse alto número de cidadãos chilenos na América do Sul deve ser compreendido em correlação com a forte presença migratória chilena no Cone Sul; região que, além do Chile, inclui a Argentina, o Uruguai e os estados mais ao sul do Brasil; e onde vivem 44,9% dos nacionais que vivem no exterior e 89,7% dos chilenos que vivem em outros países da América do Sul. Fato marcante, a Argentina é o país fronteiriço que mais concentra cidadãos chilenos fora do Chile, somando 439.582 pessoas e 42,4% do total de emigrantes chilenos; 84,1% dos que vivem na América do Sul e 93,7% dos que estão no Cone Sul.

Vale observar, ainda, que se considerarmos somente os migrantes de primeira geração, ou seja, os indivíduos nascidos no Chile que emigraram, esses números caem um pouco: a Argentina, com 191.147 cidadãos, continua sendo o maior destino de emigrantes chilenos, mas com percentuais menores - 38,9% do total, 80,2% dos que estão na América do Sul e 91,7% do total de emigrantes chilenos no Cone Sul. Mesmo que a diferença não seja tão grande, a progressão indica que a Argentina conta proporcionalmente com mais migrantes chilenos de segunda geração (ou, melhor dito, argentinos de origem chilena) que a média geral dos migrantes sul-americanos presentes no país; o que sugere a existência de um fluxo migratório relativamente antigo, naturalmente explicado pela proximidade geográfica.

Quando olhamos para o Uruguai, os números absolutos deixam de impressionar: são cerca de 3.071 chilenos que vivem em território uruguaio, e o país não aparece na lista dos dez principais locais de residência de chilenos no exterior, ocupando a sétima colocação entre os países da América do Sul, com 0,6% dos chilenos que vivem em outros países do subcontinente. Isso se dá pelo reduzido tamanho do Uruguai, que conta com uma população total de aproximadamente 3,5 milhões de habitantes, e também pelo fato de a imigração chilena no país “oriental” (em referência à sua localização com relação à Argentina) não ser de destaque. O “*Anuario da Dirección Nacional de Migración*” uruguaia mostra que o Chile

ocupa uma posição modesta no ranking de residências concedidas em 2020: enquanto Argentina (1656), Cuba (1017) e Brasil (306) ocupam os primeiros lugares, o Chile aparece em uma posição modesta, com somente 49 pedidos concedidos, atrás de países como Turquia (79), Eslováquia (70) e República Tcheca (68) (FREIRE, GUERRERO, ALVEZ e TELLECHEA, 2021).

Já o Brasil, ainda que com menos destaque que a Argentina, aparece nas primeiras posições no ranking de países com maior número de cidadãos chilenos residentes, ocupando com 26.039 pessoas a sétima posição (2,5% do total) entre todos os países do mundo e a segunda (5% do total) entre os sul-americanos e o Cone Sul (também 5% do total), somente atrás da Argentina. Quando consideramos somente os migrantes de primeira geração, o país, com 15.432 cidadãos, continua na sétima posição mundial (3% do total) e no segundo entre os sul-americanos (6%) e do Cone Sul (7%).

2 A migração chilena para o Brasil

2.1 Os primeiros contatos entre os dois países

Ainda que não sejam países fronteiriços, Brasil e Chile possuem vínculos importantes há bastante tempo. As relações diplomáticas entre as duas nações foram estabelecidas em 1836, ainda durante o período do Brasil Império; e o primeiro acordo bilateral, chamado Tratado de Amizade, Comércio e Navegação, foi assinado em 1838 (EMBAJADA DE CHILE EN BRASIL, s.d).

A conexão entre os governos dos dois países prosseguiu com o passar dos anos, e atingiu um patamar importante no início do século XX, quando o jornalista, político e diplomata Rio Branco comandava o Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Ao assumir a posição, em 1902, Rio Branco teve como um dos principais objetivos a busca de prestígio internacional e relevância no âmbito regional. Para cumprir com tal propósito, ele entendia ser importante combater um suposto desejo por hegemonia local por parte da Argentina, o que poderia ser feito a partir de uma aproximação com o Chile, então a terceira maior república da América do Sul: “Procedendo com tato, Brasil e Chile poderiam ‘conter sempre ou quase sempre os desvios inamistosos que premedite o Governo Argentino’” (HEINSFELD, 2012, p. 16). Nesse sentido, foi importante o papel do Brasil no Caso Alsop, em 1909. A empresa dos Estados Unidos havia adquirido do governo boliviano os direitos de mineração sobre uma região que, durante a Guerra do Pacífico (1880-1883), foi conquistada pelo Chile. A companhia não reconheceu a mudança de status do território e o governo norte-americano decidiu cobrar do Chile o pagamento de uma indenização à empresa. A administração brasileira decidiu defender o país andino de maneira enfática, atuando diplomaticamente em Washington e ameaçando inclusive romper as relações diplomáticas entre os dois países. Muito por conta da atuação brasileira, exemplificada na frase de Rio Branco: “Falei calorosamente pelo Chile” (*apud* HEINSFELD, 2012, p. 17), os Estados Unidos desistiram da cobrança. O governo chileno reconheceu o papel fundamental do Brasil na resolução do conflito, como deixam claro as palavras do Ministro das Relações Exteriores do país andino: “Chile nunca esquecerá o inestimável serviço prestado por Brasil nesta emergência” (Ibid, p. 18). A questão Alsop foi fundamental para o fortalecimento dos vínculos entre os dois países, e posteriormente, em 1915, foi assinado pelos governos de Argentina, Brasil e Chile o Pacto ABC, que oficialmente buscava manter a estabilidade no Cone Sul. O tratado, do ponto de vista brasileiro e chileno, buscava também reduzir a influência argentina na região, atendendo

aos objetivos de Rio Branco. Talvez percebendo isso, a Câmara dos Deputados da Argentina rejeitou o documento. O Pacto ABC foi invalidado, mas a proximidade no início do século XX entre os governos brasileiro e chileno já estava consolidada, como afirmou categoricamente o jornal El Mercurio: “*Sin Chile no hay Brasil. Sin Brasil no hay Chile. Los dos no podrán separarse jamás!*” (Ibid, p. 19-20)

Mas não foram somente as relações políticas que uniram os dois países, e diversos outros vínculos foram construídos com o passar dos anos. Uma personalidade importante para uma aproximação entre o Brasil e o Chile foi Gabriela Mistral, uma das maiores poetisas da história do Chile, a primeira pessoa na América Latina a ter conquistado o Prêmio Nobel de literatura e até hoje a única mulher da região a ter alcançado tal feito. Mistral, então cônsul chilena em Lisboa, visitou o Brasil pela primeira vez em 1937 e permaneceu por alguns meses, quando recebeu homenagens e participou de diversos eventos de promoção da cultura do Chile no país. Para citar dois exemplos, ofereceu em 17 de setembro na Academia Brasileira de Letras uma palestra sobre o folclore chileno (NA ACADEMIA, 1937) e promoveu em 06 de outubro a conferência “Três poetas chilenos: Pablo Neruda, Pedro Prado e Manuel Magallanes” (CONFERÊNCIA, 1937).

Em 1940 foi nomeada cônsul do Chile no Brasil, cargo que exerceu até 1945. A poeta viveu em Petrópolis e nesse período estreitou ainda mais seus laços com o local. De alguma forma essa aproximação já tinha se dado quando trabalhou no consulado chileno em Portugal e passou a refletir sobre os contatos entre os idiomas espanhol e português:

Nuestros idiomas han vivido de espaldas vueltas, sin odio alguno, pero también sin amor... muchas veces el verbo luso y el castellano me han parecido un árbol absurdo partido en dos frondosas ramas... algún día nuestros pueblos celebrarán la fecha del intercambio idiomático... la fiesta de la reconciliación de dos verbos malamente olvidados, que borraron por siglos su apelativo común, aún sabiendo que la sangre seguía siendo una y entera debajo de la falsa extranjería (GUERRERO, 2018).

Durante a estadia no Brasil, Mistral ficou ainda mais conhecida no país, tendo seus poemas traduzidos nos jornais - como a poesia *País da Ausência*, publicada em 1941 no jornal A Manhã; e ficando amiga de importantes escritores como Cecília Meireles (SEPÚLVEDA VÁSQUEZ, 2021), com quem escreveu um livro de poemas (DOMINGOS, 2021). A autora brasileira, no texto chamado Un Poco de Gabriela Mistral, lembrou como as conversações com a poeta eram marcadas pelo sentimento de nostalgia presente em quem estava longe, mas não conseguia se desvincular de sua terra de origem: “*Cuando la conversación recaía sobre Chile, y más precisamente sobre su valle de Elqui, el ambiente se volvía emotivamente denso*”

(2005, p. 12-13 *Apud* SEPÚLVEDA VÁSQUEZ, 2021, p. 14). Gabriela Mistral conquistou o Nobel em 1945, quando ainda vivia no Brasil, e no discurso de premiação em Estocolmo deixou claro como a vivência em território brasileiro contribuiu com sua fragmentação identitária (HALL, 2010) e a formação de uma retórica que conectasse a região: “*Hoy Suecia se vuelve hacia la lejana América ibera para honrarla en uno de los muchos trabajos de su cultura*” (MISTRAL, 1945 *Apud* SEPÚLVEDA VÁSQUEZ, 2021, p. 19). O Nobel de Literatura de Gabriela Mistral não era somente do Chile, mas de toda a América Ibérica.

Também é preciso mencionar o grande poeta Pablo Neruda, igualmente vencedor do Nobel de Literatura e que também teve uma relação especial com o Brasil, tendo visitado o país diversas vezes e feito muitos amigos, como Jorge Amado, Di Cavalcanti e Vinícius de Moraes, provavelmente seu amigo brasileiro mais próximo (MUÑOZ, 1996). Especialistas na obra do poeta chileno lembram que a primeira visita de Neruda ao Brasil se deu em 1945, no que foi o início do reconhecimento da obra do artista fora do território chileno e que o marcou profundamente. Em seu livro de memórias, *Confesso que Vivi* (1974), Neruda lembrou de quando, nessa oportunidade, pôde recitar um poema para o estádio do Pacaembu lotado: “aqueles aplausos tiveram profunda ressonância em minha poesia. Um poeta que lê seus versos diante de 130 mil pessoas não continua sendo o mesmo nem pode escrever mais da mesma forma.” (NERUDA *Apud* MENEZES, 2013).

Apesar da distância e da falta de fronteiras em comum, Brasil e Chile se aproximavam cada vez mais. Em 1957, o jornalista Assis Chateaubriand decidiu lançar *O Cruzeiro Internacional*, versão em espanhol de uma das revistas mais importantes do país:

Naquela época o povo brasileiro pouco conhecia dos seus vizinhos e estes últimos estavam ávidos por notícias do gigante e exótico país tropical. Nesse sentido, o visionário editor apostou alto com vistas a concorrer com a publicação latino-americana da revista *Life* que reinava absoluta nas bancas de norte a sul do continente (LEMOS URTUBIA, 2022, p. 24)

Jornalistas brasileiros foram enviados aos países vizinhos, especialmente ao Chile. O país andino ganhou mais interesse no Brasil a partir de 1956, quando conquistou o direito de sediar a Copa do Mundo de Futebol de 1962, a terceira edição disputada em território sul-americano e a primeira - e até hoje única - jogada na costa pacífico do subcontinente. Quatro eram os candidatos a sediar a competição: Espanha, Alemanha, Argentina e Chile. A decisão final ficou entre os dois países sul-americanos e o Chile conquistou o direito de ser o país sede, tendo 32 votos (inclusive o do Brasil) contra 10 da Argentina. Ficou famosa a forte campanha realizada pelo brasileiro-chileno Carlos Dittborn, dirigente de futebol e filho de

chilenos nascido no Rio de Janeiro, exemplificada na frase: “*Porque no tenemos nada, haremos todo*” (HEIZER, 2014, p. 134).

O interesse brasileiro pela competição ficou ainda maior após a seleção nacional ter conquistado o Mundial de 58 na Suécia. No Chile, o Brasil seria o favorito e teria a possibilidade de conquistar o bicampeonato, igualando o feito da Itália, realizado duas décadas antes. A população chilena também estava ansiosa para ver o time que contava com craques do porte de Pelé, Garrincha e Didi. As sedes foram as cidades de Santiago, Arica, Rancagua e Viña del Mar, e foi neste município na beira do Pacífico que as primeiras partidas do Brasil foram disputadas. A estadia brasileira nessa região foi bastante agradável, como lembra o jogador Vavá: “Além do mais, estávamos num lugar maravilhoso. Quilpué, perto de Viña. A população local em nada nos perturbava. Era comum ver famílias com crianças na concentração. Até pelo contrário, eles criaram um ambiente como se estivéssemos em casa” (HEIZER, 2014, p. 137). O estádio Sausalito deu sorte para o Brasil, pois nele a equipe venceu o México (2x0), empatou com a Tchecoslováquia (0x0) e bateu a Espanha (2x1) e a Inglaterra (3x1). As boas apresentações fizeram com que os chilenos de Viña del Mar ganhassem simpatia pelo time brasileiro, como lembra o meia Didi: “Eles tinham que vir comer em nosso terreiro, ali em Sausalito, que conhecíamos palmo a palmo. A torcida também era nossa” (Ibid, p. 139).

A grande performance da seleção, que viria a conquistar o título, pode ter ajudado a formar uma imagem positiva do país entre os habitantes da V região, onde se localiza Viña del Mar e Limache, cidade natal do pai de Rafael Cabrera, que é nascido no Rio de Janeiro. Ao ser questionado sobre o motivo do pai ter tido o desejo de conhecer o Brasil, comenta:

Então, ele nunca me disse o motivo não, mas pelo que eu sei, e eu também morei no Chile, todo mundo fala bem do Brasil (pausa). Eu não sei qual é a mística que o Brasil tem, não sei se é em relação ao futebol, na época que ele tava lá era 62 se eu não me engano, por aí: 62, 70. Então já tinha tido a Copa do Mundo que o Brasil ganhou, a influência do Brasil por lá foi muito grande... E, assim, um dos estádios que o Brasil jogava muito era o de Valparaíso¹¹ [sic]. E Valparaíso [sic] ficava muito perto de Limache... então acho que a influência do futebol brasileiro ajudou nesse quesito aí, né? A mística do futebol, do samba, da praia... tudo isso.

Após passar pela Inglaterra nas quartas de final, pela primeira vez a seleção brasileira saiu de Viña del Mar para disputar em Santiago a semifinal contra os donos da casa. Venceu por 4x2 e se classificou para disputar a decisão com a Tchecoslováquia. O Chile teve que disputar o terceiro lugar, e acabou conquistando o posto com uma vitória de 1x0 contra a

¹¹ Na verdade a seleção brasileira fez suas partidas em Viña del Mar, cidade vizinha de Valparaíso e também próxima a Limache.

Iugoslávia, para deleite dos locais, que celebraram em uma canção: “fomos terceiros do mundo, e isso para a nossa terra, é a glória mundial” (CAMPOMAR, 2014, p. 274, tradução nossa). Apesar de ter eliminado o Chile, na final os chilenos ficaram do lado da seleção brasileira, que conquistou o bicampeonato com uma vitória de 3x1, para alegria dos jogadores em campo e dos torcedores nas arquibancadas e nas ruas da capital do Chile: “Brasileiros e chilenos começaram a festa - como se falassem o mesmo idioma - no próprio Estádio Nacional... Nas ruas, nos bares, enfim, em todos os lugares públicos, festejava-se a vitória brasileira como um autêntico carnaval” (HEIZER, 2014, p. 140).

Dois anos depois, em 1964, começou a ditadura civil-militar no Brasil. Muitos brasileiros saíram do país, rumo a diferentes destinos que ainda mantinham governos democráticos, a maior parte deles indo para países como “Portugal, EUA, México, Argélia, Itália, Suécia e, principalmente, Chile e França” (DA CRUZ, 2012, p. 116 *Apud* NORAMBUENA, PALOMERA e LOPEZ, 2018, p. 457). Como lembram Norambuena, Palomera e Lopez, os brasileiros chegaram ao país andino no final da década de 60 e, principalmente, durante o governo de Salvador Allende, que durou de 1970 a 1973. As autoras afirmam que esse fluxo migratório teve duas gerações distintas: a primeira, formada majoritariamente por “*hombres de edad madura, clase media, intelectualizados, con formación académica y fuertemente politizados*”, que saíram logo após o golpe de 1964 (VILLANUEVA, 2014, p. 7 *Apud* Ibid p. 458); e a segunda, que se deu com a proclamação do Ato Institucional N° 5 (AI-5)¹², que endureceu ainda mais o regime e gerou a saída de jovens militantes, muitos atuantes no movimento estudantil e na resistência armada.

Estimativas apontam que o número de brasileiros que migraram para o Chile na década de 60 foi de cerca de 4 mil pessoas, dentre os quais diversos intelectuais de destaque, como Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso, Darcy Ribeiro e Paulo Freire (Ibid, p. 458). Isso ajudou a expandir um entrelaçamento entre pensadores das duas nações, como lembra o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que viveu no Chile até 1968 e durante o período contribuiu com a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) e produziu com o sociólogo chileno Enzo Falleto o livro *Dependência e Desenvolvimento na América Latina* (1969):

¹² O Ato Institucional n.º 5, ou AI-5, foi decretado em 1968. Contou com doze artigos e endureceu o regime ditatorial brasileiro ao sentenciar, entre outras coisas, o fechamento do Congresso Nacional, a autorização para o presidente decretar estado de sítio por tempo indeterminado e o fim da garantia de *habeas corpus* em caso de crimes políticos.

Eu assisti de perto às transformações do Chile. O adido cultural brasileiro era o Thiago de Mello, que morava numa casa do Neruda. Era um Chile bastante discutido intelectualmente e, em toda parte, havia muitos latino-americanos. Santiago era a capital política da América Latina. Quem passou pelo Chile naquela época ficou marcado para a vida inteira pelo que viu, pelo que viveu (CARDOSO *Apud* COSTA, 2019).

Santiago se converteu na “capital do exílio brasileiro” (SIMON, 2021, p. 20), e os militares, cientes da enorme quantidade de brasileiros residentes no país andino, buscaram combater a oposição também fora das fronteiras nacionais, montando uma “impressionante máquina civil-militar de vigilância da diáspora no Chile, na qual refugiados foram convertidos em informantes e consulados e embaixadas, em bases avançadas da repressão” (Ibid, p. 20). Ainda que tivessem no país andino liberdade de expressão, organização e manifestação política, a perseguição da ditadura não deixava de alcançar no território chileno os milhares de brasileiros que lá viviam.

Essa migração para o Chile durou até 1973, quando o governo democraticamente eleito de Salvador Allende foi deposto por um golpe militar que colocou no poder o general Augusto Pinochet. Esse fato histórico fez com que o exílio brasileiro parasse de se direcionar majoritariamente para os países vizinhos da América Latina, principalmente o Chile; e passasse a se dirigir para a Europa, sobretudo em direção à França (MARQUES, 2017). O 11 de setembro, como veremos, deixou marcas profundas no país andino. E também nos brasileiros que possuíam vínculos fortes com o Chile: 12 dias após o golpe, morreu Pablo Neruda, para imensa tristeza do amigo Vinícius de Moraes. O poeta brasileiro então lançou *História natural de Pablo Neruda* (1974), um pequeno livro em forma de homenagem que lembra a história de vida do artista chileno e a forte amizade entre os dois. O começo da ditadura militar marcou também o início de um grande êxodo chileno para distintos países, dentre os quais o Brasil. Durante os anos 70 e 80, a comunidade chilena no país deixaria de ser muito reduzida para se transformar em uma das mais significativas do Brasil, formada por milhares de pessoas que cruzaram o subcontinente em busca de novos ares.

2.2 A ditadura de Pinochet

Para entender o golpe militar de 11 de setembro de 1973 e a conseqüente ditadura que comandou o Chile por 17 anos, é preciso compreender o contexto global, regional e chileno da época. Os anos 70 presenciaram o auge da Guerra Fria, disputa geopolítica entre as duas grandes superpotências da época - os Estados Unidos da América e a União Soviética - pela

hegemonia global. Os líderes dos blocos capitalista e socialista disputavam palmo a palmo esferas de influência nos quatro cantos do mundo, incluindo a América Latina:

A guerra entre americanos e soviéticos na Europa era fria, mas as superpotências e seus aliados locais faziam ferver a América Latina das décadas de 1960 e 1970. Nos onze anos que se seguiram ao triunfo de Fidel Castro em Cuba, movimentos guerrilheiros latino-americanos sofreram repetidos baques — fosse com Ernesto “Che” Guevara na mata boliviana, fosse com o brasileiro Carlos Marighella nas ruas de São Paulo (SIMON, 2021, p. 18).

Os norte-americanos apoiavam as ditaduras militares de direita na região, enquanto os soviéticos suportavam o regime de Fidel Castro em Cuba e guerrilhas em diversos locais, como Brasil, Bolívia e Uruguai. A região como campo de batalha ideológica encontrou um fato novo com a eleição de Salvador Allende em 1970 para presidente do Chile. O médico, que havia concorrido em três outras oportunidades, por fim alcançou a vitória com uma proposta nova: a “inauguração de uma experiência única no mundo”, pois pela primeira vez na história um político declaradamente marxista chegava ao poder através do voto e buscava instaurar o socialismo através do processo democrático, e não da luta armada (FERNANDEZ, 2011). A revolução pacífica “empanadas e vinho tinto” assustava os governos de direita dos países vizinhos, como o do Brasil, pois acreditavam que, com Allende, o Chile poderia ser uma base de formação e treinamento de guerrilheiros de esquerda e também um estímulo para o fortalecimento das esquerdas no imaginário dos indivíduos (SIMON, 2021). O governo brasileiro, assim, trabalhou desde o início contra o governo de Salvador Allende e apoiou ativamente o golpe: o Brasil foi o primeiro país a reconhecer a junta militar, como lembrou Pinochet: “Ainda estávamos disparando quando chegou o embaixador brasileiro e comunicou-nos o reconhecimento” (Ibid, p. 16). O país também foi o primeiro destino de uma viagem oficial do ditador ao estrangeiro, seis meses após o 11 de setembro. Com o novo comando chileno, que instaurou uma das ditaduras mais sangrentas da América, o governo brasileiro passou a ver o Chile como um importante aliado ideológico e parceiro comercial.

O golpe marcou de forma drástica a vida dos brasileiros e descendentes que residiam no Chile. Lemos Urtubia (2022), uma chilena filha de pai brasileiro, vivia em 11 de setembro de 1973 na região central de Santiago, a duas quadras do Palácio La Moneda¹³, que foi destruído durante a tomada do poder pelos militares. A autora, apesar da pouca idade na época, já que tinha somente 11 anos, lembra com detalhes do dia dramático para o país e sua família:

¹³ Edifício que serve como sede da Presidência da República do Chile.

Ouvimos as primeiras ordens de Pinochet, os avisos e as justificativas seguidas do som ensurdecedor dos aviões Hawker Hunter quase arrancando nosso teto, seguido de estrondos que denunciavam o bombardeio. Parecia que a nossa casa ia cair. Tudo saiu do lugar, quadros, móveis... Meu pai, preocupado com a possibilidade do estouro dos vidros, foi até uma das janelas para abri-la e assim, folgar o movimento das esquadrias que se moviam com o forte deslocamento causado pela quebra da barreira do som. Minha mãe nos protegeu na cozinha que era um dos únicos lugares do apartamento que não tinha janela externa. Naquele momento, tiros de metralhadora, felizmente de baixo para cima, acabaram com o teto da sala, e seu Caio, branco de gesso, apareceu na cozinha nos acalmando. Estava vivo. (LEMOS URTUBIA, 2022, p. 33-34).

Eles acabaram se mudando de residência duas vezes para fugir de possíveis perseguições até que, menos de um ano depois do golpe, decidiram ir para o Brasil, a terra da família do pai. Como já dito, o golpe de 73 terminou com o fluxo migratório brasileiro em larga escala para o Chile e fez com que muitos nacionais buscassem deixar o país. Roberto Simon (2021) lembra que, após a tomada do poder pelos militares, a segunda nacionalidade mais comum entre os que buscaram asilo em representações diplomáticas com o intuito de sair do Chile era a brasileira, somente atrás da chilena. Esses indivíduos temiam pelas suas vidas se fossem encontrados pelos militares, pois desde o princípio a ditadura chilena deixou claro que seguiria uma ideologia de direita e via no Brasil um de seus maiores aliados: “Em seus primeiros dias no poder, o regime Pinochet avisou à ditadura (brasileira) que 1297 brasileiros, “em sua maioria extremistas”, estavam em “situação irregular” no Chile” (Ibid, p. 20).

O golpe inaugurou o período mais violento da história chilena, com o fechamento das instituições democráticas, o estabelecimento da censura, o emprego da tortura, desaparecimentos e assassinatos de forma sistemática e outras formas de gerar medo na população e conservar o poder a partir do terror:

A ofensiva golpista foi arrasadora e assumiu o controle do país em poucos dias. A repressão que se seguiu foi brutal: o Congresso Nacional foi fechado por tempo indeterminado; as fronteiras e os aeroportos foram fechados, ninguém podia entrar nem sair do país; as ‘forças legais’ tinham autorização para fuzilar qualquer pessoa que reagisse às suas ordens ou que fosse encontrada com armas, nas ruas ou dentro de suas próprias residências; o toque de recolher no dia seguinte ao golpe era de 24 horas por 24 horas, ninguém podia sair; milhares de chilenos foram presos no Estádio Nacional de Santiago, depois que as delegacias, presídios e quartéis ficaram cheios de detidos políticos, sendo que muitos deles foram assassinados; nas fábricas ocupadas e nos bairros pobres, as ‘*poblaciones*’, ocorreram fuzilamentos em massa; as embaixadas estrangeiras rapidamente ficaram lotadas de pessoas em busca de asilo para partirem ao exílio. (FERNANDEZ, 2011, p. 30).

Foi na década de 70 que o Chile virou um país de emigração, quando a presença massiva de chilenos no exterior se transformou em uma das maiores características do país. A

diáspora chilena se espalhou pelos distintos cantos do mundo, fugindo da perseguição política e da instabilidade econômica que já existia e se acentuou com o começo da ditadura. Poucos anos após o início do regime, o Chile, cuja política econômica foi planejada e executada pelos *Chicago Boys*¹⁴, vivenciou uma forte crise econômica, com índices recordes de inflação e desemprego; e em muitos relatos de chilenos que migraram para o Brasil nessa época, como no da Herminda Mercedes, que migrou em 1975 junto do marido, este foi o principal motivo para o desejo de mudança de país:

Meu marido foi um dos primeiros que ficou desempregado no Chile depois do Golpe Militar. Ele era soldador, trabalhava no pólo petroquímico de Concepción, e esta era uma das profissões que apareciam nas listas dos consulados e embaixadas do Brasil. Como ele tinha um curso técnico, saímos com visto de permanência do Chile para cá, e isto foi o que nos deu segurança. (Ibid, p. 102).

Algo similar é dito por Luis Carlos Merino, que com o golpe teve que sair do trabalho por questões políticas e não teve sucesso ao criar um negócio próprio, acabando assim por migrar para o Brasil em 75 junto com mais dois amigos: “*Porque viemos pensando ‘vamos ganhar muito dinheiro e depois de uns cinco anos voltamos para o Chile’* (Ibid, p. 65). Como comentado anteriormente, Ravenstein, o primeiro acadêmico a refletir especificamente sobre a migração, em seus trabalhos no final do século XIX, no contexto da Revolução Industrial, realçou a importância do fator econômico para o surgimento dos fluxos migratórios, sendo ele o principal motivador para que as pessoas optem por migrar, de acordo com o autor anglo-alemão:

... pero ninguna de esas corrientes puede compararse en volumen con la que resulta del deseo inherente a la mayoría de los hombres de progresar en cuestiones materiales. Así ocurre que la población excedente de una parte del país se desplaza a otra parte, donde el desarrollo de la industria y el comercio o la posibilidad de poner en cultivo tierras productivas aún en estado de naturaleza, demanda más brazos para el trabajo. (RAVENSTEIN, II, p. 286 Apud ARANGO, 1985, p. 12).

A centralidade do aspecto material nos fluxos migratórios para Ravenstein fica nítida em outro trecho: “*No cabe duda de que la demanda de trabajo en nuestros centros de la industria y el comercio es la causa primordial de los flujos migratorios cuya indagación constituye el objeto de este trabajo* (RAVENSTEIN, I, p. 198 Apud Ibid). Joaquín Arango lembra ainda que o geógrafo e cartógrafo construiu o modelo analítico de *Push-Pull*, ou atração-repulsão, que afirma que a decisão pela migração é um ato onde o indivíduo considera

¹⁴ Grupo de economistas chilenos que estudaram na Universidade de Chicago, nos Estados Unidos, e formularam a política econômica da ditadura de Pinochet, seguindo o modelo neoliberal e transformando o país andino em um “laboratório do neoliberalismo”.

tanto os fatores percebidos como negativos do local de origem (fatores de repulsão), os entendidos como positivos do possível local de destino (fatores de atração); bem como os possíveis custos do projeto migratório (obstáculos intermediários), como distância, quantidade de dinheiro necessária para realizar a empreitada migratória, diferenças linguísticas e culturais e etc. O sociólogo espanhol sublinha que a decisão pela migração é sempre subjetiva, pois leva em consideração percepções individuais sobre o real que possuem sempre um forte vínculo com a subjetividade: as opiniões formadas sobre um outro país podem ser diferentes de acordo com as referências que tomamos para formar nossa visão. A pessoa acabaria migrando, então, ao considerar que os ganhos esperados - sobretudo materiais, como obtenção de melhores salários ou de um melhor emprego - superariam as perdas previstas com a mudança de país. Nesse sentido, Herminda lembra que o marido, que estava desempregado e optou por migrar para o Brasil para conseguir um novo emprego, tinha receio de viver em um local com um idioma diferente; e somente decidiu pela migração após a família conseguir um visto de residência patrocinado pela empresa empregadora: *“Meu marido tinha essa preocupação, ele não queria sair do Chile com sua família e chegar a um país desconhecido sem essa tranquilidade, principalmente no Brasil que o idioma era diferente”* (FERNANDEZ, 2011, p. 102-103).

No contexto da crise social, política e econômica no Chile, o Brasil era tido pelos chilenos na época como um destino acessível, geograficamente próximo e que seria capaz de oferecer boas oportunidades profissionais. Isso explica a vinda de uma grande quantidade de chilenos para o Brasil nessa época, ainda que os países não compartilhem uma mesma comunidade cultural, linguística ou histórica. Como lembra Simon (2021, p. 11), a ditadura brasileira em 1974, pouco após o golpe no Chile, completava uma década “com um Brasil que embalava um crescimento de 14% ao ano e rasgava a floresta Amazônica de leste a oeste com uma rodovia transcontinental, símbolo da modernização conservadora”. O país, que vivia o seu proclamado “milagre econômico”, realizava muitas obras e precisava de mão-de-obra especializada para sustentar o crescimento da economia. Nesse sentido, como recorda Mariela Gonzalez (2016), o Brasil efetuou uma política de importação de trabalhadores especializados em áreas técnicas. Na dissertação de Vanessa Fernandez (2011), duas colaboradoras lembram que a embaixada brasileira em Santiago divulgava listas de profissões buscadas pelo país, como as de engenheiro e soldador. Quem tivesse a formação desejada, além do emprego garantido, teria direito também ao visto permanente para toda a família do trabalhador. Muitos chilenos passaram a ter o desejo de migrar para o Brasil após se depararem com essas listas.

A teoria do Mercado de Trabalho Segmentado dialoga com esse contexto, pois explica que a migração transnacional é “o resultado de uma necessidade permanente de trabalhadores estrangeiros, inerente à estrutura econômica dos países desenvolvidos” (LUSSI, 2015, p. 86). Ainda que o Brasil não seja um país tido como desenvolvido, havia principalmente na primeira metade da década de 70 uma demanda do país por estrangeiros com determinadas qualificações profissionais. Essa teoria coloca a ênfase da explicação do fenômeno migratório nos aspectos macroestruturais da sociedade de destino, que como lembra Peixoto (2004) podem demandar tanto mão de obra não qualificada para preencher o mercado informal quanto trabalhadores especializados para atuar em áreas com déficit de mão de obra local. Enquanto os primeiros assumem uma condição marcada pela precariedade e baixos salários, os segundos têm como principais características “a entrada através de canais legais; o acesso ao emprego por qualidades individuais e não por origens étnicas; condições de mobilidade idênticas à dos nativos; e uma função de ‘reforço’ da força de trabalho nacional” (Ibid, p. 24). Esse foi o caso de muitos chilenos que migraram para o Brasil nesse período, o que explica, como veremos adiante, que a comunidade chilena está entre as que possuem um maior nível educacional e técnico quando comparadas com as demais coletividades migrantes da América do Sul (Berardi, 2014).

No entanto, é importante lembrar que nem todos os que chegaram possuíam alto nível educacional, e muitos chilenos migraram para o Brasil para ocupar cargos que requeriam menor qualificação. Essas pessoas tiveram dificuldades com documentação e em muitos momentos conviveram com o medo de serem expulsos do país, como conta Luís Carlos Merino:

Eu e minha esposa já tínhamos tentado várias vezes arrumar a documentação, inclusive depois com a certidão de nascimento da Denisse, minha filha que nasceu no Brasil, não conseguíamos. Meus papéis sempre voltavam, três vezes voltaram indeferidos, outras tantas me informaram que minha pasta com os documentos estava perdida... E aí eu tinha que fazer tudo de novo, eu pedia licença do trabalho e ia até São Paulo na polícia federal. (FERNANDEZ, 2011, p. 67).

Na televisão a gente via alguns casos, por exemplo uma família de argentinos que lhes deram de prazo oito dias para saírem do país, mesmo tendo filhos brasileiros. Lembro que vários chilenos se imaginavam assim... (Ibid, p. 68).

Isso tem relação com o aspecto da “dupla contradição” da migração mencionado por Sayad: os indivíduos geralmente migram pensando em retornar para seus países de origem, mas na prática uma parcela grande acaba vivendo no exterior até o fim de suas vidas, convivendo com um sentimento de incerteza em relação ao futuro e com a nostalgia em relação à terra natal: deixa de ser possível saber se a experiência migratória “se trata de um

estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade” (SAYAD, 1998, p. 45). Essa “dupla contradição” é ainda mais marcante no caso dos migrantes de baixa qualificação, que encontram inúmeras dificuldades para regularizar sua documentação, o que produz a sensação de “deportabilidade” gerada por um status jurídico produzido pelo Estado, e não por algo intrínseco aos indivíduos (DE GENOVA, 2002). O antropólogo norte-americano lembra que é o Estado quem, de forma arbitrária, define quem é “legal” e quem é “ilegal”, e assim quem pode acabar sendo expulso de maneira sumária: geralmente as pessoas com menos recursos financeiros e anos de estudo, que estão destinadas a servir de mão de obra barata, disciplinada e dócil para o sistema capitalista. Sobre isso, lembram Ruseishvili e Chaves (2020, p. 16):

Do ponto de vista econômico, a expulsabilidade do migrante promove a sua subordinação como força de trabalho. Para De Genova (2002, p. 438), os efeitos econômicos da deportabilidade são fundamentais para a acumulação capitalista: é a deportabilidade e não a deportação em si que transforma a força de trabalho migrante em uma mercadoria conveniente.... manter um regime que produz e mantém a figura de um migrante deportável cuja força de trabalho se torna temporária e barata por ser incapaz de se regularizar perante o marco jurídico-normativo da migração autorizada e, com documentos, acessar plenamente direitos e políticas públicas.

No que se refere à relação da migração com o trabalho, Sayad ressalta a intrínseca conexão entre ambos. O sociólogo argelino, que produziu no contexto do colonialismo europeu e seus efeitos em outras partes do mundo, pesquisou a migração argelina na França a partir de uma perspectiva que desafiou o senso comum da época na Europa. De acordo com Dias e Villen (2021), Sayad buscou enfatizar a dimensão política do fenômeno migratório, evitando associar o migrante somente à questão laboral, como era feito na época na França e segue ocorrendo atualmente em muitas partes do mundo, como recordam autores como De Genova e Ruseishvili e Chaves.

Se a função de tudo isso, dos fatos como dos discursos, aparece como uma lembrança para os imigrantes de sua condição de trabalhadores apenas tolerados e tolerados a título provisório, o objetivo visado é o de poder agir sobre a realidade social (ou seja, a imigração) até submetê-la à definição que dela se dá: como impor a definição mais próxima do modelo ideal típico do imigrante e da imigração? Qual será então essa definição? Afinal, o que é um imigrante? Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. (SAYAD, 1998, p. 54).

Sayad via a migração como resultado da colonização europeia e da consequente expansão do capitalismo por outras regiões do planeta, e assim enxergava o fenômeno, tirando algumas exceções, como fruto da reorganização econômica do mundo:

... toda imigração de trabalho contém em germe a imigração de povoamento que a prolongará; inversamente, pode-se dizer que não há imigração reconhecida como de povoamento (com exceção talvez dos deslocamentos de populações que a colonização requer ou ainda dos movimentos de populações consecutivos ao estado de guerra ou aos remanejamentos de fronteiras) que não tenha começado como uma imigração de trabalho. (Ibid, p. 67).

Ainda que reconheçamos a importante influência que o sistema capitalista exerce na composição dos fluxos migratórios no mundo, é fundamental lembrar que existem diversas outras questões, para além do trabalho, que fazem os indivíduos mudarem de país. Os depoimentos na dissertação de Vanessa Fernandez são muito ricos nesse sentido, pois lembram que muitos chilenos que migraram para o Brasil na época das ditaduras vieram em busca de um ambiente mais liberal ou até mesmo pelo aventura de construir uma nova vida em um outro país:

E aí eu vim, em 1986. Ainda era ditadura no Chile e eu estava cansado daquela situação. Eu não queria mais viver obrigado a fazer coisas, não gosto que ninguém me imponha regras, por exemplo, o toque de recolher que havia. O homem é um animal de costumes, então você se acostuma a essas coisas, mas você sabe que estão sancionando os seus direitos, que isso não é o que corresponde legalmente... (FERNANDEZ, 2011, p. 126).

Não vim pro Brasil por necessidade ou por novas perspectivas, vim mais por aventura, um desafio pessoal. Não enriqueci, acho que se tivesse ficado no Chile eu estaria hoje da mesma maneira que eu estou aqui no Brasil, ou seja, na mesma condição econômica e social. (Ibid, p. 109).

O toque de recolher, vigente durante a ditadura chilena, foi um elemento tão importante na construção do desejo de partir que foi passado nos relatos para a geração seguinte. Rafael Cabrera, brasileiro filho de um chileno que migrou no final da década de 70, quando perguntado sobre os motivos da saída do pai do Chile, comenta:

... tinha toque de recolher, tinha todas essas questões assim, entendeu? Ele sabia que não podia ficar até altas horas na rua ou rodando para cima e para baixo... porque ele podia ter algum tipo de repressão. Chegou até a ter algumas repressões assim na época, mas graças a Deus nunca teve nada grave.

O Chile vivia o auge de sua ditadura ao longo dos anos 70 e início da década de 80, enquanto o Brasil presenciava, desde a chegada de Ernesto Geisel ao poder em 1974, uma

abertura gradual rumo a um governo civil. A ditadura brasileira começava a afrouxar a repressão e permitiu o retorno de muitos brasileiros que estavam no exílio, como Paulo Freire e Fernando Gabeira em 1979. Diversos chilenos que aqui residiam tiveram, no final dos anos 70 e início dos 80, a impressão de um ambiente aberto e tolerante, principalmente em comparação com o Chile de Pinochet, como conta a chilena Berta Morales, que inclusive usa a expressão “ditadura disfarçada”:

No ano que chegamos, em 78, ainda havia ditadura disfarçada aqui no Brasil, pois foi o ano em que Figueiredo foi nomeado presidente e Maluf governador de São Paulo. Para mim pessoalmente chegar a uma ditadura foi indiferente, porque eu repetia para mim mesmo que não era meu país, e eu tinha saído de uma ditadura no Chile que era cada dia mais cruel, coisa que como recém-chegada pude sentir uma certa diferença, imagino que porque eram os últimos anos de um sistema que já tinha usado e abusado demais de seu poder. Lembro de ter participado das missas que o cardeal Dom Evaristo Arns fazia na Catedral da Sé pelos mortos e desaparecidos dos ditadores latino-americanos. Com meu sangue político, que não é difícil de esquecer, vivi e segui com a alma e com o coração a época das Diretas Já, e me dava muita emoção ver que esse povo estava realmente reagindo e pedindo que acabasse a ditadura. (FERNANDEZ, 2011, p. 74).

A migração chilena para o Brasil em larga escala começou após o golpe de 1973, e teve continuidade conforme os primeiros migrantes se estabeleceram no país de destino. Os chilenos que vieram para o Brasil optaram pelo projeto migratório por conta da piora da situação política, econômica e social no país andino e também porque muitos foram convidados a vir por familiares e amigos que já se encontravam aqui, como lembram Osvaldo Oyanedel, Marianne Fernandez e Luís Merino:

Eu já tinha vindo pro Brasil no ano 79, passar um tempo com minha irmã e meu cunhado. Depois eu vim outra vez, a passeio, e gostei. E como eu sempre estive junto da minha irmã, como eu já não aguentava mais a situação no Chile, decidi vir para morar. (Ibid, p. 126).

Quando meu marido veio para o Brasil ele não estava desempregado no Chile, ele até tinha um bom emprego lá, mas ele quis vir porque tinha vários amigos dele que já trabalhavam aqui e ele estava preocupado que pudesse vir a ficar desempregado no Chile. (Ibid, p. 119).

E aqui no Brasil já havia familiares da minha esposa, que viviam em Santos. Além desses familiares, havia também alguns colegas do trabalho de Huachipato trabalhando em São José dos Campos. Então com os amigos que eu andava no Chile, íamos sair em quatro de Huachipato, decidimos seguir caminho para o Brasil. Foi assim que me vi no ônibus Pluma, viajando pro Brasil. (Ibid, p. 64-65).

Em qualquer fluxo migratório, são muito importantes as redes migrantes como uma das forças sociais estruturantes que incentivam o fenômeno: “os migrantes não actuam

isoladamente, nem no acto de reflexão inicial, nem na realização dos percursos concretos, nem nas formas de integração no destino” (PEIXOTO, 2004, p. 29). Elas estimulam a chegada de novas pessoas, pois os que migraram anteriormente e já estão estabelecidos se comunicam com os familiares e amigos que ficaram na terra natal e os convidam diretamente a migrar ou, ao menos, acabam exercendo uma importante influência nessa decisão. Como lembra Arango (1985), essas redes aumentam o grau de informação do migrante potencial sobre o país de destino e, assim, reduzem a sensação de incerteza e os custos da empreitada migratória. Elas são também fundamentais na adaptação dos indivíduos ao novo contexto, oferecendo espaços de acolhimento ou prestando auxílio na busca por um novo lar e ajudando na procura por emprego. São o “capital social” de Bourdieu, a “rede de familiares, amigos e/ou conhecidos na qual estamos inseridos, e da qual pode-se lançar mão em caso de necessidade” (DE OLIVEIRA e KULAITIS, 2017, p. 29). Esse tipo de capital, proposto originalmente pelo sociólogo francês, será fundamental na construção do “habitus imigrante” e do “capital de mobilidade”, conceitos que serão aprofundados mais adiante.

2.3 A continuidade do fluxo: a presença chilena na atualidade

Ainda que, como vimos, a migração chilena em grande quantidade para o Brasil se deu após o golpe de 1973 e até meados dos anos 80, ela não terminou com o fim da ditadura no Chile, em 1990. Não são poucos os chilenos que vieram para o Brasil após esse período, no geral por outros motivos para além da motivação econômica, em um contexto de fortalecimento da globalização e das trocas imaginárias pelo mundo.

Abélès (2005, p. 2 - Tradução de Marcos Mesquita Damasceno), ao comentar o trabalho produzido por Appadurai, lembra que um dos méritos do antropólogo indiano é pensar a globalização como algo marcado pelo rompimento com uma lógica onde estruturas estáveis como o Estado-nação serviam como referentes e abrigos herméticos para os indivíduos; sem pensar no entanto este processo como produtor de uma cultura cada vez mais homogeneizada, produzida pela expansão do capitalismo e do modo de vida norte-americano nos diferentes locais do planeta. De acordo com o autor, o maior mérito de Appadurai é considerar a modernidade se constituindo no diálogo cotidiano entre o global e o local, promovido pela imaginação, um elemento fundamental nas reflexões do teórico:

... a relação directa entre os sujeitos e a sua produção do cotidiano ou da localidade é mediada pelo trabalho da imaginação; e é através dela que estes elementos circulantes são capturados; não apenas porque nos movemos fisicamente, mas

simplesmente porque captamos o que se move. Ainda que estejamos parados. (APPADURAI *Apud* FERREIRA, 2009, p. 134-135).

Esta imaginação é produzida pelos constantes fluxos de pessoas, informações e imagens que cada vez mais circulam pelo mundo, por conta dos avanços nas tecnologias de transporte e comunicação. Se por um lado não podemos afirmar que vivemos o ápice quantitativo da migração humana pelo globo, já que como vimos anteriormente ela sempre foi parte intrínseca da história da espécie, por outro sabemos que a circulação de indivíduos e mensagens é cada vez mais presente, abrindo os olhos das pessoas para as mais diversas referências:

Mas poucos são os filmes, notícias radiofônicas, ou espetáculos de televisão importantes que se mantém inteiramente incólumes a outros acontecimentos midiáticos vindos de longe. E, no mundo de hoje, poucas são as pessoas que não têm um amigo, um parente, um colega de trabalho que não esteja a caminho de qualquer outro lugar ou já de volta para casa, portador de histórias e de possibilidades. (APPADURAI, 2004, p. 15).

Essas “possibilidades” passam a ser imaginadas quando o indivíduo entra em contato com o diferente proveniente dos mais distintos países e regiões: escutar K-pop é se aproximar da Coreia do Sul, frequentar um restaurante peruano é entrar em contato com o Peru, participar de aulas de tango é conectar-se com a Argentina, ver filmes do Abbas Kiarostami é descobrir o Irã, e por aí vai. A música, a culinária, a dança, o cinema e outras linguagens evidentemente não são sinônimos da realidade cotidiana desses locais, que é sempre diversa e nunca portadora de uma “história única” (ADICHIE, 2019). Mas sim são visões consensuais do real que servem de guia para “as ações e trocas cotidianas” (JODELET, 1993, p. 4). Denise Jodelet discorre sobre as representações sociais e o importante papel que Moscovici, inspirado em Durkheim, exerceu em seus estudos. A autora francesa sublinha que elas são “sistemas de interpretação, que regem nossa relação com o mundo e com os outros”, pois promovem a circulação de símbolos que familiarizam o desconhecido (Ibid, p. 5). Moscovici (2011, p. 58) seguiu a mesma linha, lembrando que as representações - que podem ser de distintos elementos, incluindo as nações - promovem a aproximação simbólica e estimulam o imaginário dos indivíduos sobre algo:

[...] as representações que fabricamos – de uma teoria científica, de uma nação, de um objeto, etc. – são sempre o resultado de um esforço constante de tornar real algo que é incomum (não familiar), ou que nos dá um sentimento de não familiaridade. Através delas, superamos o problema e o integramos em nosso mundo mental e físico, que é, com isso, enriquecido e transformado. Depois de uma série de

ajustamentos, o que estava longe, parece ao alcance de nossa mão; o que era abstrato torna-se concreto e quase normal. (MOSCOVICI, 2011, p. 58).

Esse olhar aberto a “mundos imaginados” (APPADURAI, 2004, p. 51) pode incutir no sujeito o desejo de migrar, não em busca de melhores condições econômicas, mas sim da aventura de vivenciar o distinto: “Nunca como agora tantas pessoas parecem imaginar rotineiramente a possibilidade de elas ou os seus filhos viverem e trabalharem em lugares diferentes daquele em que nasceram: é esta a fonte do aumento da taxa de migrações” (Ibid, p. 17). Esta causa é muito presente entre os chilenos que vieram após o término da ditadura, em um contexto de fim das graves perseguições políticas, da estabilização econômica do país e do fortalecimento do contexto globalizatório, potencializado pelo aumento da oferta de transporte entre as diferentes regiões do globo e o surgimento e popularização da internet. Valentina Cerda, que migrou para o Brasil em 2014, quando perguntada sobre o que a levou a migrar, lembra da sua infância e juventude, que ajudaram a construir uma personalidade curiosa em relação ao mundo:

Entrei numa escola internacional porque minha mãe arrumou um emprego ali, e aí eu ganhei uma bolsa [...] Scuola italiana, que é bem reconhecida no Chile. E eu tive a oportunidade de fazer uma viagem de estudos para a Itália (voz animada), assim foi... então todo esse contato, acho que sempre ... (risos).. e também antes disso, na escola elemental, eu fiz uma escola bilíngue, que tinha muito filho de imigrante, filhos de embaixadores, né? Então lembro que entre minhas colegas de turma tinha uma australiana, uma pessoa da Índia, uma brasileira (voz animada)... Então eu cresci, assim, acostumada com esse ambiente. E me sentia à vontade. Aí, quando eu passei para a faculdade, conheci uma organização internacional de jovens, a AIESEC, essa organização nasceu depois da Segunda Guerra Mundial justamente para promover o conhecimento intercultural, o intercâmbio cultural entre jovens. Quebrar barreiras, quebrar com estereótipos, preconceitos, etc por uma parte, e por outra parte o desenvolvimento de líderes. Das lideranças jovens e do seu lado profissional. Então aí, quando eu entrei nessa organização, também: muito contato com o pessoal de diferentes países da América Latina...

Entre os latinos da organização, estavam muitos argentinos, dos quais Valentina não tinha uma boa imagem. ElHajji (2013) lembra do papel central do conceito de cultura na atualidade, que serve muitas vezes como um novo meio de validação da produção de preconceitos e hostilidades em relação a um “Outro” proveniente de um lugar diferente, e que teria características supostamente intrínsecas e imutáveis. É interessante notar como essa “alterofobia” (MEMMI, 1994 *Apud* ELHAJJI, 2013, p. 21) pode estar presente mesmo entre indivíduos inseridos em contextos cosmopolitas. A convivência diária com essas pessoas, no entanto, rompeu com o estereótipo que ela havia interiorizado do argentino como alguém esnobe e de difícil trato:

Mas antes de conhecer os argentinos, 'Ah não, porque o argentino se acha, porque eles são assim...', eu conheci argentinos e achei as pessoas mais humildes, ainda mais humildes do que os chilenos que eu conhecia. Eu falei: 'Nossa, que burrice, esse tempo todo, tanta oportunidade que eu perdi pensando 'ah, eles não são legais'. Tanto que eu acabei morando um ano na Argentina.. Assim, realmente me abriu os olhos...

Essa abertura de olhos proporcionada pela vivência em ambientes interculturais foi fundamental para que, após o término de seus estudos, ela optasse por ir viver no exterior. A escolha pelo Brasil se deu considerando aspectos subjetivos, como fica claro quando afirma: “*Aí eu acabei me encantando com a proposta de vir para o Brasil. Não foi pela cabeça, foi pelo coração, uma coisa tipo: 'Ah, eu tenho que ir para o Brasil'*”. A colaboradora parece dar razão à compositora chilena Violeta Parra (1962), que pôs em uma de suas canções: “*Lo que puede el sentimiento no lo ha podido el saber, ni el más claro proceder ni el más ancho pensamiento*”. Quando pedimos mais detalhes em relação à escolha pelo país, sublinha a importância de, no Chile, ter tido contato com pessoas do Brasil e elementos culturais brasileiros como a música, a culinária e o cinema:

Sim, culturalmente eu tinha conhecido vários colegas do AIESEC que eram brasileiros, eu gosto da língua, acho uma língua linda... também o chileno, não sei se alguém já falou (começa a rir), provavelmente falaram, mas eu sou de uma geração dos anos... minha adolescência foi nos anos 2000, e nessa época chegou toda essa onda do funk, axé, dançarinos no Chile. Então a gente tem uma (entonação animada) admiração assim, eu não sei qual era a admiração que têm os brasileiros por um artista, mas pra gente... são brasileiros que no Chile são muito famosos, mas no Brasil ninguém conhece, né (risos). Mas eu tinha esse carinho especial que está na memória, na lembrança; e então a partir da cultura, das (entonação mais animada) comidas, nesse contato com a AIESEC conheci algumas comidas brasileiras, mas eu nunca tinha ido ao Brasil (risos). E é uma geografia que, na minha cabeça, eu falava: “Nossa, isso é diferente do Chile, né?”. Um país frio para um país mais... embora no Chile, claro, no norte também faz calor; mas um país mais tropical, verde... eu pensava isso, (entonação mais animada) ‘verde’.. também nessa época que eu viajei saiu aquele filme da Disney, do ‘Rio’, eu falei (entonação muito animada) ‘Nossa, quero ver esses passarinhos, de todas essas cores, voando por aí; eu quero ver o verde, o carnaval’...

Dentre os muitos elementos que chamaram a atenção de Valentina, os que parecem ter sido os mais importantes, onde o seu relato fica mais entusiasmado, são a culinária e a geografia. O Brasil para ela passou a ter o sabor dos pratos oferecidos pelos amigos brasileiros e a cor verde das paisagens tropicais, inexistentes em seu país. Aqui se cruzaram a “etnopaisagem”, formada pelas pessoas em circulação pelo mundo, e a “mediapaisagem”, com as informações circulantes pelo globo, para produzir uma imagem idealizada do Brasil

que seria fundamental para a consolidação do desejo de migrar e a escolha do local de destino (APPADURAI, 2004, p. 51-53).

Essa “construção transnacional de paisagens imaginárias” (Ibid, p. 48) também pôde ser observada nos relatos de outras pessoas. Violeta García¹⁵, que migrou para o Brasil em 1993 e nasceu quatro décadas antes de Valentina, tem em sua história de vida elementos que a fizeram, desde jovem, imaginar o Brasil. Natural de Valparaíso, cidade portuária, e vinda de uma família de marinheiros, desde criança foi acostumada a escutar histórias sobre o mundo:

Eu sou (voz animada) filha de marinheiro, irmã de marinheiro, prima de marinheiro, sobrinha de marinheiro, meu avô também foi ligado à coisa marítima, então.. pessoas que andaram pelo mundo trabalhando, naquela época a maioria das pessoas que vivia em Valparaíso era ligada ao mar e a trabalhar como marinheiro, então... desde que me entendi por gente comecei a escutar o meu pai falando das coisas que ele via pelo mundo. E isso me abriu uma curiosidade enorme por outras imagens e culturas. Isso foi muito marcante para mim...

Os navios que atracavam no porto de Valparaíso traziam histórias e elementos de muitas partes do globo, incluindo o Brasil, e foram eles que formaram as primeiras impressões de Violeta sobre o país, muito antes de ela conhecer o Brasil, em 1983, e se mudar definitivamente, em 1993:

É muito interessante pensar sobre isso, a imagem que eu tinha do Brasil não era a coisa do carnaval, praias, futebol.. o sentido que eu dava ao Brasil foi se constituindo em mim desde que eu era criança. Porque eu escutava minha mãe contar que meu avô, que nasceu no século XIX, foi um dos fundadores do Sindicato da Sul-Americana de Vapores do Chile. E ele, quando viajava, minha mãe contava que ele chegava com rapadura... e ele trazia rapadura e açúcar do Brasil. E eu pensava ‘por que tem que trazer açúcar do Brasil’? Rapadura, bom, no Chile não tem rapadura, né (...) A imagem que eu tinha do Brasil era essa, da rapadura e do açúcar.

É interessante notar onde os relatos de Valentina e Violeta coincidem e onde se distanciam. Ambas, antes da realização da empreitada migratória, possuíam uma imagem do Brasil ligada ao sensitivo, percepções forjadas pela circulação de pessoas e mensagens características dos fluxos culturais globais evidenciados por Appadurai (2004). Para Valentina, o Brasil tinha a cor verde das árvores. Para Violeta, tinha o sabor doce do açúcar e da rapadura. Aquela, mais influenciada pelos meios de comunicação de massa, tinha em seu imaginário uma visão mais ligada aos clichês da floresta e do carnaval; enquanto esta, menos induzida pela televisão e em um período ainda sem internet, construiu uma imagem mais íntima, entrelaçada com as memórias familiares. As duas, no entanto, mostram como a

¹⁵ Nome modificado a pedido da colaboradora.

construção das “fantasias de querer deslocar-se” (Ibid, p. 51) foi fundamental para muitos indivíduos que cruzaram o subcontinente para acabar construindo uma nova vida em um outro país.

3 Os chilenos no Brasil

3.1 Panorama geral da comunidade

Os documentos que contém as informações socioeconômicas mais detalhadas sobre a população chilena no Brasil, incluindo migrantes e descendentes de primeira geração, são os dois Registros de Chilenos no Exterior, realizados pelo Instituto Nacional de Estatísticas (INE) do Chile e a Direção para a Comunidade de Chilenos no Exterior (DICOEX), vinculada ao Ministério de Relações Exteriores. O primeiro foi produzido entre os anos de 2003 e 2004, enquanto o segundo foi realizado em 2016; e ambos levam em consideração os dados dos censos efetuados pelos diferentes países, incluindo o Brasil, e os registros produzidos pelo INE e o DICOEX. Infelizmente não existe material mais recente, e assim são essas publicações que tomaremos como base para as reflexões nesta seção. A diferença de doze anos entre as duas é importante para verificarmos se houve alguma mudança relevante de perfil da população chilena ao longo desse período.

Como já vimos, a maior parcela dos migrantes chilenos no Brasil chegou entre as décadas de 70 e 80, durante a ditadura de Augusto Pinochet. Antes do golpe militar de 1973, a quantidade de chilenos no país era bastante reduzida: o censo demográfico brasileiro de 1970 indicou que somente 1.900 cidadãos nascidos no Chile viviam no Brasil. Já o censo de 1980 contabilizou 17.830 pessoas, e o de 1991 sinalizou a presença de 20.437, a maior quantidade de chilenos já registrada no país. Esse número caiu para 17.131 pessoas no censo de 2000 e 15.432 no censo de 2010, o último realizado no Brasil, que correspondeu a 2,6% da população migrante no país naquele ano (NUÑEZ, GUTIÉRREZ e CONTRERAS, 2017). Isso significa que, além de o fluxo migratório do Chile para o Brasil ter reduzido drasticamente, muitos chilenos retornaram para o país de origem após a redemocratização no país andino. No período de tempo entre os dois Registros, a comunidade chilena no país, contando os nascidos no Chile e os nascidos no Brasil filhos de pai e/ou mãe oriundos do Chile, reduziu de 28.371 para 26.039 indivíduos, uma queda de 8.2% (Ibid). Junto com a coletividade na Venezuela, foi a única entre as dez maiores a apresentar uma tendência de diminuição; e deixou de ser a sexta para se transformar na sétima maior comunidade chilena no exterior.

3.2 Migrantes chilenos: características gerais e distribuição geográfica

Quando examinamos a região de residência no momento de sair do Chile, assim como na imensa maioria das comunidades em outros países, a maior parte dos chilenos que vivem no Brasil moravam na Região Metropolitana de Santiago (60%). A região de Bío Bío, onde se localiza Concepción, também se destaca (11%), no que é o maior percentual dessa localidade entre os destinos levantados; e em terceiro lugar aparece a região de Valparaíso (9,6%), que, assim como Santiago, aparece com destaque nas demais coletividades migratórias chilenas (Ibid).

Ao olhar para a categoria de gênero, observamos que entre os nascidos no Chile que vivem no Brasil o percentual de homens é bastante maior que entre a população total residente no Brasil. Enquanto os homens correspondem a 59,8% e as mulheres a 40,2% dos naturais do Chile que vivem no Brasil, a população total brasileira é formada por uma ligeira maioria de mulheres (51%), que supera por pouco o de homens (48,9%) (Ibid). A migração chilena também é mais masculina que a média da população residente no Brasil e nascida no exterior - 53,5% homens e 46,5% mulheres (CHILENOS EN EL EXTERIOR, 2005); bem como que outras coletividades chilenas pelo mundo. O segundo registro lembra que as mulheres são maioria entre os emigrantes chilenos e, entre os dez principais países de destino da migração oriunda do Chile, é o Brasil que conta com o maior índice de masculinidade (NUÑEZ, GUTIÉRREZ e CONTRERAS, 2017). Vanessa Fernandez lembra, a este propósito, que a migração chilena para o Brasil foi organizada e realizada predominantemente pelos homens, “a quem coube a tarefa de, se casado, vir primeiro sem sua família e, posteriormente, quando já instalado residencial e profissionalmente, reunir a família no novo país (FERNANDEZ, 2011, p. 191). A maioria masculina pode ser, assim, explicada pelo fato de muitos chilenos terem migrado para o Brasil sozinhos, e continuaram solteiros ou constituíram família com cidadãos brasileiros ou de outros países. Sobre isso, o Segundo Registro mostra que, entre os chilenos e chilenas residentes no exterior que declaram estar em um relacionamento, 56,9% indicam que seu companheiro/a é de outra nacionalidade que não a chilena; e entre eles 82,9% mantêm relacionamentos com pessoas naturais do país de residência (NUÑEZ, GUTIÉRREZ e CONTRERAS, 2017). Este é o caso de muitos colaboradores da pesquisa, homens e mulheres, como Alhio, Violeta e Valentina: todos chegaram ao Brasil solteiros e acabaram construindo relacionamentos interculturais com brasileiros.

Ao observar a divisão por faixa etária da comunidade nascida no Chile residente no Brasil, Nuñez, Gutiérrez e Contreras (2017) notam que essa coletividade se encontra em processo de envelhecimento, com a grande maioria (69,9%) estando na faixa etária entre os 35 e os 64 anos. Os menores de 35 anos formam somente 17,2% do total, o que sugere um

fluxo migratório que, conforme mostram os últimos censos demográficos, tem se tornado cada vez mais antigo: a faixa de idade mais comum entre os homens é de 55-59 anos, enquanto entre as mulheres é de 35-39. A comunidade natural do Chile, no entanto, não está entre as mais idosas do país, pois migrações mais antigas e iniciadas entre o final do século XIX e o início do XX, como as portuguesa, italiana, japonesa e espanhola, deram origem a grupos que hoje estão melhor representados nos grupos etários mais avançados (CHILENOS EN EL EXTERIOR, 2005). Por outro lado, ela tende a ser mais velha que migrações mais recentes, originárias de países como Venezuela, Haiti e Bolívia.

Um fator que não colabora para a renovação da comunidade é a baixa taxa de fertilidade das migrantes chilenas residentes no Brasil, que é de 1,83 filhos nascidos para as maiores de 15 anos. Quando consideramos todas as estrangeiras que vivem no Brasil, esse valor chega a 2,54 (Ibid). Como veremos à frente, isso pode estar relacionado ao nível educacional e à participação na força de trabalho.

Em relação ao estado civil, é marcante a diferença dos percentuais de solteiros e casados entre a população nascida no Chile e a população total do Brasil. Enquanto entre os primeiros os casados correspondem a 58,5% e os solteiros a 25%, entre o total da população brasileira os solteiros são maioria (50,1%), seguidos pelos casados (38,9%). Quando comparada com a totalidade da emigração chilena, a comunidade no Brasil continua tendo mais casados e menos solteiros, ainda que com uma diferença menor: entre o total de migrantes chilenos pelo mundo os casados são 48,8% e os solteiros, 30%. O maior número de casados entre os nascidos no Chile e residentes no Brasil pode se dar pela maior idade média dessas pessoas – o que explica um maior percentual de casados, divorciados e viúvos: 16,5% dos nascidos no Chile tem como estado civil “outra situação”, enquanto entre o total da população brasileira esse número fica em 11% (NUÑEZ, GUTIÉRREZ e CONTRERAS, 2017).

Outro ponto que chama a atenção é a condição de atividade econômica. O percentual de participantes da força de trabalho entre os cidadãos nascidos no Chile com mais de 10 anos (71,9%) é bem maior que entre o total da população brasileira com mais de 10 anos (57,7%). A participação percentual dos chilenos no mercado de trabalho é maior tanto entre homens (84% contra 67,1% do total da população brasileira masculina) como entre mulheres (53,8% contra 48,9% do total da população brasileira feminina) (Ibid). Isso vai ao encontro com o que afirma Sayad (1998), que, como discutido no capítulo anterior, lembra que a questão migratória é considerada intrinsecamente conectada com o aspecto laboral e que, portanto, os migrantes são recebidos no novo país não enquanto cidadãos, mas como mão de obra

necessária para o crescimento econômico. Quando comparados com os demais migrantes chilenos residentes em outros países, os que vivem no Brasil também apresentam percentuais maiores de integrantes da população econômica ativa (PEA) e, entre os 9 principais destinos da emigração chilena, é justamente o Brasil que conta com o maior percentual de integrantes da força de trabalho (NUÑEZ, GUTIÉRREZ e CONTRERAS, 2017).

Em relação à ocupação dos migrantes chilenos no Brasil, observamos que a maior parte deles está vinculada à indústria de transformação, atividades imobiliárias, prestação de serviços a empresas e educação. São profissões que, muitas vezes, demandam ensino técnico ou superior; o que está de acordo com o perfil educacional da população nascida no Chile e residente no Brasil: cerca de 83,5% tem mais de dez anos de estudo, o que é um dos maiores percentuais entre os fluxos migratórios do Chile para a América do Sul, América Central e o México. Quando observamos os níveis de escolaridade, constatamos que o mais comum é o de educação superior, com 31,6%. 14,8% fizeram o ensino técnico e 3,5% alguma pós-graduação *stricto sensu* (CHILENOS EN EL EXTERIOR, 2005).

Ao analisar a identificação com os povos originários, vemos que, assim como em outras partes do mundo, a maioria dos chilenos no Brasil não se identifica com eles, e somente 8,6% dos residentes no país se consideram pertencentes a algum povo indígena, enquanto a média total da emigração chilena é de 9,5%. Entre os que se declaram pertencentes, 83,2% se dizem mapuches, dentre os quais a colaboradora Vicky, brasileira filha de migrante chileno que também se diz mapuche. Quando observamos a totalidade da emigração chilena, esse padrão também se repete, e o povo mapuche atinge 85,2% (NUÑEZ, GUTIÉRREZ e CONTRERAS, 2017).

Outro dado qualitativo interessante é o das principais motivações para a migração, algo levantado no segundo registro. Considerando a migração chilena espalhada pelo mundo, a busca por melhores oportunidades de trabalho e razões familiares aparecem com destaque em todos os períodos, principalmente até 1972, de 1973 a 1989 e de 1990 a 1999. Razões políticas alcançam 21,2% de 1973 até 1989, período da ditadura, somente atrás da busca por melhores empregos (27,3%) e causas familiares (21,6%). Vale mencionar que, no período mais recente, de 2010 a 2016, o estudo é a causa mais mencionada, com 21,3%; significativamente à frente da procura por trabalho (17,1%) e razões familiares (14,1%). Esse é o caso do colaborador Pablo, que migrou para o país em 2022 para cursar mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Quando olhamos os números específicos da migração para o Brasil, se destacam de forma absoluta a busca por melhores oportunidades laborais (28,7%) e razões familiares (21%). Isso se explica pois, como vimos, a maior parte

do fluxo do Chile para o Brasil se deu no período da ditadura chilena, quando muitos saíram por conta da forte crise econômica e para se juntar a parentes. Razões políticas aparecem com 8,3%, bem abaixo de países então não alinhados ideologicamente com o governo Pinochet e que ofereceram asilo para os chilenos, como Suécia (33,7%), Canadá (18,9%), Venezuela (17,9%) e França (15,5%). Mas substancialmente acima de destinos onde a migração chilena é mais recente e se deu em larga escala após o fim da ditadura, como os casos de Espanha (3%) e Estados Unidos (2,8%).

Os cidadãos nascidos no Chile se concentraram nas regiões sudeste e sul do Brasil, sobretudo no estado de São Paulo. Ela segue, assim, a tendência da emigração chilena de se direcionar para os grandes centros urbanos. De acordo com dados do Censo de 2010, o estado paulista reúne 58,7% da comunidade chilena, enquanto representa 21,6% da população brasileira. A opção majoritária dos chilenos por São Paulo se deu pelo fato dessa região abrigar um grande volume de indústrias e estabelecimentos de serviços espalhados entre a capital, a região do ABCD¹⁶ e cidades como Campinas; o que era fundamental para esses indivíduos, que vieram nos anos 70 e 80 sobretudo atrás de emprego e renda (FERNANDEZ, 2011). Outros estados com significativa presença chilena são o Rio de Janeiro (8,4% da população brasileira e 9,1% da comunidade chilena) e o Rio Grande do Sul (5,6% da população brasileira e 6,5% da comunidade chilena). Somados São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, contabiliza-se 74,3% dos cidadãos naturais do Chile e residentes no Brasil. Se considerarmos as regiões separadamente, o sudeste conta a maior presença desses chilenos, com 75.5% do total (e 42.1% da população brasileira), seguido de longe pela região sul, com 16.3% dos chilenos (e 14.4% da população brasileira). Vêm, enfim, o Nordeste (3.5% dos chilenos e 27.7% da população brasileira), o Centro-Oeste (3% dos chilenos e 7.3% da população brasileira) e o Norte (1% dos chilenos e 8.3% da população brasileira) (NUÑEZ, GUTIÉRREZ e CONTRERAS, 2017).

Os migrantes oriundos do Chile que vieram para o Brasil acabaram construindo uma história aqui, formando famílias e tendo descendentes, que são os cidadãos chilenos nascidos em território brasileiro (ou cidadãos brasileiros de origem chilena). Enquanto a população residente no Brasil e natural do Chile é de 15.432 pessoas, são 10.607 os brasileiros filhos de pai e/ou mãe chilenos (Ibid). É interessante notar que essa comunidade é, comparando com as demais coletividades migratórias oriundas do Chile, a que apresenta a maior concentração de

¹⁶ O ABCD Paulista é formado pelo conjunto de municípios que se localizam próximos à cidade de São Paulo. A sigla remete aos nomes das quatro localidades: Santo André, São Bernardo, São Caetano e Diadema.

peças exclusivamente com a cidadania chilena: enquanto a média geral é de 55,4%, entre os indivíduos de origem chilena no Brasil esse percentual alcança 67,4%. 11,4% no Brasil possuem a dupla nacionalidade (a média geral é de 23,2%), enquanto 21,1% têm outra nacionalidade que não a chilena (a média geral é de 21,4%) (Ibid). Somados, migrantes e seus filhos formam a comunidade chilena no Brasil, de cerca de 26.039 indivíduos registrados que mantêm vínculos comunicacionais e práticas culturais e identitárias vinculadas às raízes do Chile.

3.3 Brasileiros de origem chilena ou chilenos de segunda geração: hibridismo

Como vimos, os chilenos nascidos no Brasil correspondem a cerca de 40,7% da comunidade chilena no país. Esses indivíduos, brasileiros com raízes chilenas, além de representarem uma parcela relevante do grupo, possibilitam a análise do processo de migração em si e também de importantes fenômenos interculturais.

Os descendentes, desde o nascimento, são acostumados a viver em - ao menos - dois mundos. Crescem ouvindo em casa dois idiomas, escutando diferentes sotaques, provando outros sabores, tendo acesso a histórias longínquas da terra dos pais e avós. Muitas vezes viajam para o país de origem dos ancestrais, mas o deslocamento físico não é impreterível para a construção de um cotidiano marcado, desde sempre, pelos cruzamentos culturais. Canclini (2005), ao comentar sobre o atual contexto globalizatório, reflete sobre a passagem da multiculturalidade para a interculturalidade:

De um mundo multicultural— justaposição de etnias ou grupos em uma cidade ou nação - passamos a outro, intercultural e globalizado. Sob concepções multiculturais, admite-se a diversidade de culturas, sublinhando sua diferença e propondo políticas relativistas de respeito, que frequentemente reforçam a segregação. Em contrapartida, a interculturalidade remete à confrontação e ao entrelaçamento, àquilo que sucede quando os grupos entram em relações e trocas. Ambos os termos implicam dois modos de produção do social: multiculturalidade supõe aceitação do heterogêneo; interculturalidade implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos. (CANCLINI, 2005, p. 17).

Esse olhar a partir do “entrelaçamento” entre grupos distintos, típico de um contexto intercultural, é importante para a reflexão sobre os efeitos do fenômeno migratório no mundo. Como lembra ElHajji (2010, p.2) a migração, além de ser dupla e dúbia, pois todo imigrante é também um emigrante e esse movimento reúne sentimentos e sensações antagônicas; também “significa a possibilidade de hibridizações, cruzamentos subjetivos, afetivos, simbólicos, imaginários e materiais”. Um dos maiores exemplos das diferentes hibridizações promovidas

pelas migrações está nos descendentes, que acabam personificando um cruzamento de culturas que, muitas vezes, dá forma a uma sensação de pluri pertencimento destacada nas respostas à pergunta se se sentem mais brasileiros ou chilenos:

Eu me considero ambas (brasileira e chilena). As duas (identidades) me representam. Eu acho que, da brasileira, o que mais me representa é a coragem e a esperança, nunca desistir. Acho que o brasileiro tem muito disso, de ser um povo muito de fé... O que que o Chile me representa... eu acho que a minha identidade de roupa. E musical. (Vicky Cabrera)

(Me considero) Ambos. Brasileiro e chileno. (Felipe Reyes)

Se eu estou me apresentando para os meus amigos, com um pouquinho mais de liberdade para contexto, eu vou me identificar como metade brasileiro e metade chileno, contar que minha família por parte de mãe vem do Chile.. eu gosto de contar sobre essa parte da minha família. Agora, se estou em uma situação um pouco mais prática ou pragmática, por exemplo no trabalho, ou se eu tiver que me apresentar em um contexto um pouco mais formal, eu digo que sou brasileiro para manter as coisas mais fáceis (...) Mas se a pergunta é como eu me sinto, eu me sinto metade-metade. (Guilherme Mendes)

Sinceramente, eu me sinto mais brasileiro. Pelos traços... eu não sinto que eu tenho um traço chileno, até o meu pai brinca comigo, que eu pareço brasileiro porque eu puxei todo o lado da minha mãe, todos os genes da minha mãe... mas eu, para outras coisas, eu prefiro ser chileno. (Rafael Cabrera)

É interessante notar que, nas falas dos quatro brasileiros de origem chilena, somente um não coloca a identidade chilena em pé de igualdade com a brasileira. Mesmo assim, Rafael não nega suas raízes do Chile, e a valoriza também por uma questão prática: o passaporte chileno, que ele possui, facilita o seu projeto de ir para o Canadá, pois com ele não é necessário obter o visto para entrar no território canadense, diferentemente do documento brasileiro. O passaporte do Chile, como o conhecimento de um segundo idioma e as experiências prévias vivendo no país andino, se constitui em um “capital de mobilidade” (DE OLIVEIRA e KULAITIS, 2017) que será importante para o sucesso de sua empreitada migratória. Além de Rafael, todos os outros três filhos têm a dupla cidadania, e consequentemente, também o documento chileno.

Algo comum em todos os relatos é a associação da infância a um período de constante negociação entre as culturas chilena e brasileira. Vanessa Fernandez (2011, p. 10), nascida no Brasil, filha de pai e mãe chilenos e que pesquisou a comunidade chilena em Campinas, recorda: “Em minha casa aqui no Brasil, cresci presenciando uma ‘negociação’ entre os costumes dos dois países: embora tenham predominado os costumes brasileiros, muitos costumes chilenos sempre estiveram presentes”. Algo similar ocorreu com os colaboradores da pesquisa, todos filhos de relacionamentos interculturais, ou seja, de mãe chilena e pai

brasileiro ou pai chileno e mãe brasileira. Esses relacionamentos binacionais, que como vimos anteriormente são maioria entre os migrantes chilenos espalhados pelo mundo, são bons exemplos das hibridizações decorrentes de um contexto intercultural mencionadas por Canclini (2005), e que acabarão por gerar novas misturas em diferentes aspectos.

O mais mencionado pelos descendentes é a questão da língua. Quando perguntados sobre como se dava a comunicação em casa durante a infância, período fundamental de formação da personalidade, é sempre mencionada a diversidade de idiomas, tonalidades e variações das línguas nesses espaços. Vicky e Rafael, que são irmãos, lembram que o pai falava em espanhol e portunhol com eles. Felipe cresceu com a presença da mãe e da avó, e ambas falavam em espanhol com ele, que respondia em português. A figura da avó também foi importante para Guilherme, desde pequeno, ter contato com o castelhano:

As primeiras lembranças.. eu cresci meio que na casa da minha avó. Quando eu não tava na casa dela, ela tava na nossa casa, então eu cresci acostumado com o sotaque dela, que já não era mais nem português nem espanhol; ela, coitada, passou o resto da vida dela falando portunhol, e eu cresci já acostumado com sotaque, então sempre que eu pensava no Chile eu associava à minha avó...

Para ele, o Chile estava intrinsecamente associado à avó, o que está de acordo com o que diz Sylvia Dantas (2008) sobre o processo de introdução à cultura ser realizado por referências próximas e, assim, ser algo inerente ao afeto. Essa segunda geração começou a descobrir o universo chileno a partir dos familiares, comidas, livros, objetos e sotaques presentes nos lares interculturais. É interessante observar que Guilherme usa o adjetivo “coitada” quando lembra que a avó, no processo de adaptação ao Brasil, passou a falar o portunhol. ElHajji (2021) recorda que o portunhol se constitui em uma “mescla informal de elementos linguísticos tanto do português quanto do espanhol”. O acadêmico lembra que mudanças fazem parte da história de todos os idiomas, e que essas evoluções ocorrem também através do contato com outras línguas. Nesse sentido, não deveríamos olhar com surpresa a existência dos diversos “portunholes” - as muitas variedades do portunhol existentes nos distintos contextos nacionais, étnicos e regionais e também de acordo com o grau de conhecimento dos idiomas e da prática cotidiana -; principalmente se lembrarmos que o português e o espanhol compartilharam por milhares de anos as mesmas raízes e somente há poucos séculos se dividiram em dois códigos linguísticos bastante próximos. Apesar disso, como afirmou Gabriela Mistral, segue o distanciamento entre esses dois mundos, que resultam em estranhamentos múltiplos: *“Nuestros idiomas han vivido de espaldas vueltas, sin*

odio alguno, pero también sin amor... muchas veces el verbo luso y el castellano me han parecido un árbol absurdo partido en dos frondosas ramas” (GUERRERO, 2018).

Esta árvore absurda dividida em dois tem efeitos não somente no cotidiano dos migrantes, mas também no dos descendentes. Guilherme recorda que sua mãe, professora de espanhol, falava com ele sempre em português. Quando questionado sobre o motivo, afirma:

Quando ela (sua mãe) foi pro Brasil, com 12 ou 13 anos, o primeiro ano na escola foi um (ênfase) inferno. Todo mundo provocando, fazia piadinha por causa do sotaque, quase não abria a boca em sala de aula. Ela já falava português, falava com um sotaque muito forte, então meio que se forçou a aprender a falar português bem...

Isso contribuiu para que ele, apesar de ter excelente compreensão, considere o seu espanhol “enferrujado”, pois comete alguns erros gramaticais quando se expressa na língua. Situação similar ocorreu na família de Violeta, professora como a mãe do Guilherme. Quando a filha Joaquina ainda estava no início do período escolar, Violeta se comunicava em espanhol com ela, enquanto o pai o fazia em português. Mas isso mudou por causa das brincadeiras dos colegas:

Como professora de língua eu aprendi a importância de você falar com seus filhos, quando tem duas línguas maternas dentro do lar, de a mãe falar a língua materna e o pai a língua paterna. Então, eu falava em espanhol e o José, em português. Isso foi tudo bem (...) Eu falava sempre em espanhol para minha filha e ela sempre entendeu tudo. Essa minha amiga, que é apaixonada pela língua, falava em espanhol pra ela, que respondia em português. Dizia: ‘Ela entende tudo, Violeta’. Então eu continuei a fazer isso... Eu tinha idade de avó para ela, quando eu ia na escola buscá-la, os coleguinhas me olhavam e perguntavam: ‘Ela é tua avó?’. ‘Não, é minha mãe’. ‘Tua mãe fala esquisito’. Por causa do sotaque. Então a minha filha começou a ter um problema com isso. Porque nessa idade, quando são crianças, o grupo é que importa. Ai um dia ela falou pra mim: ‘Mãe, não quero que você fale mais em castelhano pra mim porque meus colegas ficam me zoando’. Eu falei: ‘Tá bom’, ela estava sofrendo...

O fato de ter deixado de praticar constantemente o espanhol nesse período acabou afetando seu desenvolvimento no idioma. De acordo com Violeta, a filha Joaquina, que é fluente em português e inglês, fala castelhano coloquialmente. O ocorrido com as duas mães migrantes mostra que o contato entre culturas também ocasiona estresse (DANTAS, 2008). Quando pequenos, Vicky e Rafael, por recomendação da escola, fizeram fonoaudiólogo por conta de uma presumida dificuldade de pronunciar as palavras causada pela diversidade linguística presente em casa. O português, esse “falar híbrido” (ELHAJJI, 2021) tão presente em sua história pessoal, é assim explicado por Vicky, a única dos colaboradores da segunda

geração que afirma ser tão fluente no espanhol como no português: “*Eu acho.. meio doido, (rindo) parece que a pessoa é duas em uma, sabe?*”.

O hibridismo também se manifesta em outras práticas culturais, como a culinária. Poulin (2013) afirma que os alimentos, produtos naturais, passam por processos de construção cultural e adquirem diferentes funções, como a socialização e a construção identitária. A comida, lembra Conceição Souza (2020), mais que o meio para nutrir-se, é um código linguístico fundamental para os diferentes povos. Através dela, os indivíduos formam vínculos afetivos, acessam memórias e se entendem e se comunicam como parte de um grupo.

A culinária esteve presente nas conversas com os quatro colaboradores integrantes da segunda geração, tanto em relação às primeiras memórias da infância como em relação ao cotidiano na atualidade. Guilherme lembra que era comum comer pratos chilenos preparados pela avó:

Eu cresci comendo aquela salada chilena, que é cebola e tomate. A cebola que não arde, eles tiram a acidez da cebola, cresci com a minha avó cozinhando (pensa) como chamava aquele... ‘porotos con fideos’. Porotos é a palavra chilena para feijão. É o feijão branco feito na panela de pressão com fideos, que são talharins. (Rindo) É como se fosse uma feijoada com macarrão.

Mesmo que, como lembra Guilherme, por conta da praticidade a comida brasileira fosse mais comum no dia a dia da família, os sabores, cheiros e texturas chilenas estavam presentes em sua mesa no Brasil. Chama a atenção que ele defina o “*porotos con fideos*” como uma espécie de “feijoada com macarrão”. Aqui, ele parece associar um padrão cultural (chileno) a outro (brasileiro), e, diferentemente do estrangeiro mencionado por Schutz (2010), que chega em um novo lugar e tem que aprender a desvendar um novo pensar habitual, Guilherme, como filho de migrante, parece ter tido, desde sempre, acesso aos dois padrões culturais. Se o estrangeiro, na concepção do sociólogo austríaco, é um “homem sem história”, Guilherme poderia ser, assim, um “homem com duas histórias”.

Ele recorda ainda como a vivência intercultural o fez, desde pequeno, questionar esses padrões culturais como sistemas naturais e aprender que as formas de viver podem ser muito diversas, inclusive na maneira de comer o abacate, uma das bases da cozinha do Chile e que no Brasil é consumido de forma distinta:

A minha avó, em casa, quando fazia café da manhã, comprava o abacate e fazia com sal e limão a pasta de palta... para minha surpresa, eu tinha uns 8, 9 anos, um amigo meu foi na minha casa, e a gente ofereceu pra ver se ele queria provar, e ele olhou para aquilo com uma cara de espanto (ênfase) ‘Vocês põem sal no abacate?’ (Risos). Foi quando eu descobri que brasileiro não tinha esse hábito.

A culinária também é algo fundamental na ligação de Vicky com o Chile. Quando perguntada sobre quais são suas primeiras lembranças em relação ao país, ela, após pensar um pouco, não hesita: “*Sempre a comida. Eu prefiro a comida chilena que a brasileira. Também gosto muito... eu me identifico como sendo de lá porque esse padrão é o mesmo do meu. E a forma de pensar também*”. Suas preferências são as empanadas, os chocolates Super 8 e Negrita, o *mote con huesillo* e o drink terremoto. O irmão Rafael afirma que constantemente come empanadas, pastel de choclo e, em dias chuvosos, a *sopaipilla*.

Felipe, por outro lado, poucas vezes ingere comida chilena no Brasil. Ao ser questionado sobre se come mais comida do Brasil ou do Chile, ele, que residiu no Chile por 12 anos, responde rápido que é a brasileira. Seus pratos mais frequentes são o arroz com feijão, carne com batata frita, massa e comida japonesa. O único hábito chileno que ele mantém na mesa é o consumo do chá, que ele toma diariamente. É importante lembrar que o Chile e a Bolívia são os únicos países da América onde o chá é mais popular que o café (SANTIN, 2014), e no Chile ele se popularizou a partir do século XIX por conta da presença estrangeira, com os marinheiros ingleses que atracavam no porto de Valparaíso - então o porto mais importante da costa Pacífico do continente - e posteriormente com os trabalhadores oriundos da Inglaterra que labutavam nas salitreiras no norte. Atualmente, os chilenos, com uma média de ao menos uma taça por dia, são o povo que mais consome chá na América e estão no décimo quarto posto a nível global (EL TÉ, 2020).

Felipe não deixa ainda de recordar dos pães que comia quando lá vivia e que segue consumindo quando volta para visitar os familiares: “*Eu sinto muita falta do pão chileno... todo pão é melhor que aqui: pão batido, hallulla ... tenho muita saudade da culinária do Chile. Esses pães, alguns doces que só têm lá, mas principalmente o pão. Pão com manteiga... o lanche eu sou fã*”. Aqui Felipe, um brasileiro de origem chilena, se aproxima de Violeta, migrante chilena no Brasil, também fã de pão e que tem saudade dos produtos chilenos. O alimento foi um dos maiores choques quando ela chegou ao Brasil: “*O pão, eu comia o dia inteiro. Imagina, no Chile não comer pão é um pecado, o pão é tão gostoso... E o pão no início, quando eu cheguei, foi um choque, porque era muito ruim, para o que eu estava acostumada*”.

Além da língua e da culinária, a música é outro exemplo onde as misturas interculturais se fazem presentes no cotidiano dos descendentes de migrantes. Os brasileiros de origem chilena escutam sons novos, que no geral são pouco explorados no Brasil. Felipe lembra que tem uma playlist com diferentes tipos de canções que ele escuta em atividades

diversas como cozinhar, desenhar, trabalhar e pedalar; e entre elas estão músicas de grupos como Los Tres e Los Prisioneros: “*Eu, quando desenho, tenho uma lista de músicas específicas, mais música ambiente, mas quando chega a música chilena eu começo a cantar música chilena*”. Os irmãos Vicky e Rafael têm como gênero musical predileto o reggaeton, originário da América Central mas muito popular em todos os países hispânicos da América Latina, inclusive no Chile onde, de acordo com dados de 2022 de reproduções da plataforma Spotify, foi o gênero mais escutado no país (ROJAS, 2022). Quando perguntada se costuma ouvir músicas chilenas, Vicky responde rápido, animada:

Reggaeton. Totalmente reggaeton me encanta. Eu adoro música em espanhol reggaeton, é como um funk pra vocês. A que mais me representa é a Paloma Mami, uma chilena também de origem mapuche. Ela nasceu nos Estados Unidos e foi parar no Chile. Então ela é uma origem, assim, mestiça.

É significativo ainda como, diante do pesquisador, que é brasileiro e carioca, ela diz “para vocês”. Anteriormente, quando questionada no início da entrevista se se sente mais brasileira ou chilena, diz que as duas identidades a representam de forma igual. No entanto, ao longo da conversa, dá pistas como essa de que outras identidades - como as chilena, mapuche e latina - podem ser para ela mais marcantes que a brasileira. Como lembra Ecléa Bosi (2003), a memória oral, que está ligada às subjetividades, tem como uma das características mais marcantes a revelação de pontos de vista contraditórios; que podem estar presentes inclusive na mesma narrativa. De qualquer forma, a experiência de Vicky como uma descendente de migrante abriu para ela alguns universos que provavelmente, tivesse sido filha de pai e mãe ambos brasileiros, não teria tido acesso. Felipe, quando perguntado no final da entrevista se tinha mais algo que ele achava que valeria mencionar, não hesita em abordar essa questão:

No Brasil, quando eu saí (para ir viver no Chile), tinham muitas produções japonesas: Changeman, Jaspion, Jiraya, você deve ter pegado o reprise. E eu tive toda essa coisa japonesa daqui, só que aqui na época não passava muito anime. Em 90, 91 era muito ruim. Quando eu fui pro Chile, não tinha Changeman, Jaspion, mas passava muito anime. Tinha muito anime dos anos 70, eu peguei muita cultura do Japão dos anos 70 [...] O Chile tinha mais respeito com as séries e animações japonesas que o Brasil. Passava começo, meio e fim. Até o final. E eu me sinto muito afortunado, porque eu peguei toda essa nerdice brasileira, o RPG, toda essa cultura que o chileno não sabia, e toda essa cultura chilena que eu peguei e não passava aqui. Eu sinto que eu tenho muito mais bagagem cultural nesses pontos de nerdice. Porque tem. Às vezes umas coisas que são estrangeiras são mais importantes em um país que em outro.

Apaixonado por animes e desenhos japoneses, ele reconhece que a experiência de ter vivido no Chile, possível graças ao fato de ser de uma família binacional, fez com que

conhecesse novas produções. Essa abertura de horizontes também se deu em outros campos, como a literatura; e sua voz vibra quando lembra os efeitos de um cotidiano cosmopolita no seu *self*:

Literatura: eu tenho uma bagagem cultural literária... argentina, colombiana, realismo mágico, eu lia no colégio. Tem muitas coisas que aqui o pessoal não conhece tanto, e que eu peguei e tive muita sorte de pegar. Por outro lado, eu peguei um clássico de literatura brasileira que não é conhecido lá. O Brasil exporta um monte de coisa, mas literatura não exporta... (voz animada) Essa bagagem cultural é muito interessante.

Felipe comenta como existe um intercâmbio cultural entre os países da América Latina falantes de espanhol, facilitado pelo idioma em comum. Para ele, ter acesso ao universo chileno não significa somente descobrir as coisas do Chile, mas também os fluxos que fazem circular entre os países vizinhos imagens, sons, textos e ideias que não chegam ao Brasil. Na sua visão, o afastamento idiomático relatado por Mistral, assim, poderia ser extensivo às diferentes práticas culturais costumeiras entre os brasileiros e os demais latino-americanos:

Você saber espanhol não é só estar na cultura chilena, é estar na cultura argentina, peruana, espanhola... aqui não. Você é só brasileiro. Por exemplo, a gente não tem quase nada de Portugal. Tirando alguma coisa de literatura, eu não sei nada de Portugal. Não chega. O português sabe da gente. (Voz animada) Eu acho que saber espanhol, ter vivido no Chile me fez conhecer muito mais da América Latina como um todo. Não só do Chile. Isso é uma coisa ótima, ótima. Até coisa brega, qualquer coisa, de tudo [...] Eu tô acompanhando a Copa, assisto Fox Sports do Uruguai, da Argentina, então eu tenho acesso a toda uma cultura diferente. Eu acho que sou muito afortunado mesmo. Por mais que alguém aprenda espanhol, não vai atrás dessas coisas...

A divisão rígida mencionada por Felipe é exemplificada na dublagem dos desenhos animados, que ele assistia nos tempos em que era uma criança que transitava entre o Brasil e o Chile:

A dublagem era a mesma em toda a América Latina. Então o desenho que eu assistia era dublado e o argentino assistia a mesma coisa. Era distribuído para toda a América Latina, aqui era distribuído para todo o Brasil.. então eram dois mundos diferentes. E eu tinha acesso aos dois mundos.

4 As vozes *chilensis*

4.1 O método da História Oral nos estudos migratórios

Ailton Krenak (2020, p. 51), ativista indígena e mestre da oralidade, adverte que a vida não pode ser restringida à utilidade, ao trabalho e à economia promotora do consumo desenfreado. Ela “é fruição, é uma dança, só que é uma dança cósmica, e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária”. No sentido de mostrar a sua complexidade, a contação de histórias adquire uma importância fundamental. Benjamin (1987), ao comentar sobre a narrativa, lembra que ela é um trabalho artesanal realizado a partir da criação e da rememoração, e que se diferencia da informação e seu aspecto utilitarista. As memórias abordam também anseios, sonhos e sentimentos, e elas podem ajudar a entender a migração em toda sua complexidade: como vimos anteriormente, ela não pode ser explicada somente pelas razões econômicas. Se os documentos escritos e as estatísticas nos fazem compreender os contextos dos países de origem, trânsito e destino, além das características sociodemográficas das populações migrantes; são as memórias que nos darão acesso às “paixões individuais que se escondem atrás dos episódios” (BOSI, 2003, p. 15), como nos depoimentos de Violeta, Valentina e Alhio:

E Valparaíso é ainda para mim a cidade mais bela do mundo (olha para mim rindo). Eu desfrutei inúmeros momentos, seja de dia, de noite, de madrugada, passeando, conversando com meus colegas, com meus amigos de sempre, até hoje meus amigos, consertando o mundo. E o mundo era tão grande que não cabia nos nossos débiles braços (riso).

Sim, culturalmente eu tinha conhecido vários colegas do AIESEC que eram brasileiros, eu gosto da língua, acho uma língua linda [...] Mas eu tinha esse carinho especial que está na memória, na lembrança; e então a partir da cultura, das (entonação mais animada) comidas, nesse contato com a AIESEC conheci algumas comidas brasileiras, mas eu nunca tinha ido ao Brasil (risos). E é uma geografia que, na minha cabeça, eu falava: ‘Nossa, isso é diferente do Chile, né?’. Um país frio para um país mais... embora no Chile, claro, no norte também faz calor; mas um país mais tropical, verde... eu pensava isso, (entonação mais animada) ‘verde’.. também nessa época que eu viajei saiu aquele filme da Disney, do ‘Rio’, eu falei (entonação muito animada) ‘Nossa, quero ver esses passarinhos, de todas essas cores, voando por aí; eu quero ver o verde, o carnaval’...

Sí, hay un dicho: ‘para salir de su país, tienes que conocerlo’. ¿Sabes por qué? Porque cuando alguien de otro país te pregunta: ‘cómo es tu país?’, y tu lo decís ‘no sé’, ¿cómo no sabí? (rindo). ¿Como no sabí? (falando rindo). Hay una ley de los artistas que dice que tienes que conocer tu país primero para después salir. Para tener algo que conversar, para poder conversar de alguna cosa interesante, y es lo que tu buscai... cultura, poh. Tipos de comida, lugares...

A opção pela pesquisa com a “memória de expressão oral” (MEIHY & SEAWRIGHT, 2020, p. 25) está de acordo com o que Camargo, Cruz e Costa (2020) pensam para a Psicossociologia. Os autores sublinham a importância de uma ciência “escutadora”, que construa conhecimento não sobre seus “objetos” de estudo, mas sim junto aos sujeitos sociais. O trabalho a partir das subjetividades dos colaboradores, além de refletir sobre suas complexidades enquanto indivíduos, também significa se aproximar da proposta da “pesquisa sentipensante”, desenvolvida pelo sociólogo colombiano Fals Borda, que apontava uma ligação intrínseca entre o pensar da ciência e o sentir do ser humano, com o aspecto intelectual não devendo ser realizado sem o sensorial e com este não estando subordinado àquele. Além da produção do saber científico, a ciência deve também servir aos colaboradores e à comunidade de outras formas, como na promoção de encontros e na produção de autoconhecimento. Ecléa Bosi (2003, p. 34), recordando o texto *Narrar e Curar*, de Jeanne Marie Gagnebin, comenta sobre a função curativa das histórias e diz que “a narrativa é terapêutica”. Violeta concorda com as autoras quando é perguntada sobre o método utilizado na pesquisa:

Você passa a reconhecer dimensões de si mesmo que não tinha percebido antes, que é o que me aconteceu hoje aqui conversando com você. E isso me lembra muito do italiano Francesco Alberoni falando da sociologia do sentimento. Quando você entra num processo de história oral, você consegue fazer isso com pessoas com as quais você tem confiabilidade, confiança absoluta. Onde há uma relação horizontal, e isso tem uma carga afetiva muito grande. Potencializada pela carga emocional das lembranças da história oral, abrem o cognitivo da gente para construir um conhecimento sobre si mesmo.

Essa proposta de uma “Psicossociologia com comunidades” (CAMARGO, CRUZ & COSTA, 2020), realizada em comunhão com os participantes da investigação para pensar as relações do sujeito com o meio, foi feita a partir de uma metodologia inspirada na história oral. Lembrando que está estreitamente vinculada à multidisciplinaridade e que pode ser utilizada em diversas disciplinas das ciências humanas, a pesquisadora Verena Alberti assim define a história oral enquanto método de investigação científica:

é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos... (ALBERTI, 2013, p. 24).

A autora lembra ainda que a opção pelo uso das entrevistas para a construção de narrativas sobre o passado é algo bastante antigo, muito anterior ao surgimento dos

gravadores e filmadoras. Acabou caindo em desuso no século XIX, com a predominância de uma ciência positivista que valorizava profundamente os documentos escritos e menosprezava as fontes orais. Somente a partir da segunda metade do século XX, com a popularização de novas tecnologias de gravação e valorização das metodologias qualitativas, é que as entrevistas voltaram a ter prestígio enquanto recursos valiosos para a produção de ciência.

A história oral enquanto método científico traz orientações para a preparação, gravação, realização e o tratamento das entrevistas. Alberti divide essas entrevistas de história oral entre entrevistas temáticas, “que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido”; e entrevistas de histórias de vida, onde “a preocupação maior não é o tema e sim a trajetória do entrevistado” (Ibid, p. 48). Como esta pesquisa está incluída nos estudos migratórios e se ocupa principalmente com os efeitos da migração nos migrantes e descendentes de primeira geração, optamos pela realização das entrevistas temáticas. Foram produzidos dois roteiros, um para os nascidos no Chile e outro para os brasileiros filhos de chilenos, que serviram como base para a condução dos encontros e a análise das entrevistas. No entanto, esses guias, construídos a partir dos objetivos de pesquisa da dissertação e dos conhecimentos adquiridos nas investigações em fontes primárias e secundárias sobre migração e mais especificamente a migração chilena para o Brasil, não foram seguidos de forma rígida. Como lembra Bosi (2003, p. 56), a atividade mnemônica é um processo de construção e organização, e assim “é importante respeitar os caminhos que os recordadores vão abrindo na sua evocação porque são o mapa afetivo da sua experiência e da experiência do seu grupo”. Isso é válido tanto para a história oral de vida como para a história oral temática. A busca pela “escuta sensível para com as vozes que emergem dos territórios” (CAMARGO, CRUZ & COSTA, 2020, p. 2) foi traduzida em novas perguntas que surgiram de acordo com os diferentes percursos trilhados pelos colaboradores. Cada entrevista foi única e deu ênfase a diferentes aspectos do cotidiano. No mesmo sentido de estimular a lembrança e produzir um estudo colaborativo, foi incluída uma questão no final dos roteiros, perguntando se os participantes tinham algum ponto não mencionado na entrevista e que eles achavam que valeria a pena mencionar. Algumas respostas, como a do colaborador Felipe, foram bastante enriquecedoras e serão comentadas adiante.

Ainda sobre o método e suas particularidades, é fundamental lembrar, como afirma Portelli (1997), que a história oral lida prioritariamente com as subjetividades, imaginações e desejos dos entrevistados. Ela não é a melhor alternativa para lidar com datas históricas e estatísticas, o que não é um problema, pois esses tipos de dados podem ser conseguidos mais facilmente através de outras técnicas. Mas, para trabalhar com a memória e demais aspectos

de foro íntimo das pessoas, provavelmente é uma das melhores opções: “Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez” (Ibid, p. 31). Além de intenções e sentimentos, as narrativas orais dos colaboradores também são excelentes recursos para acessarmos as construções identitárias e os cotidianos dos indivíduos.

Diante de nossos olhos e na presença do gravador, cada um “conta a sua verdade” (BOSI, 2003, p. 65). Nesse sentido, Verena Alberti (2013) bem lembra que as entrevistas devem ser consideradas documentos científicos legítimos, mas que não podemos cair na tentação positivista de buscar encontrar nelas pretensas verdades absolutas. A autora recorda que não há respostas “certas” ou “erradas” na história oral, e o mais interessante a ser feito seria tentar entender as causas das diferentes versões sobre o passado e onde esses pontos de vista se aproximam e se distanciam. Mais que o “real”, o que as entrevistas revelam são subjetividades e visões de mundo. No caso da presente investigação, as percepções dos chilenos sobre o processo migratório e dos brasileiros sobre a experiência de serem filhos de migrantes são desveladas através das memórias, formadas nas relações entre os sujeitos e o meio.

Um dos teóricos que mais pensou sobre a memória foi Maurice Halbwachs. Como lembra Peralta (2007), foi ele quem inaugurou um olhar sobre a memória enquanto fenômeno eminentemente coletivo, pois até então ela era tida como uma atividade puramente individual. O sociólogo francês, influenciado por Durkheim, criou o conceito de “memória coletiva” para argumentar que ela, mais que um processo de construção solitário, é algo gerado no contato com o entorno, com as instituições sociais. O ser humano vive em sociedade, geralmente rodeado de pessoas, e mesmo que o indivíduo esteja fisicamente sozinho em um determinado momento, ele dificilmente se dissocia dos outros e de suas referências:

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Quando pensamos sobre as memórias diaspóricas dos migrantes e descendentes, ela estaria, assim, sendo constantemente formada na interação com outros membros da comunidade migratória ou com pessoas no país de origem. Nesse sentido, Halbwachs lembra ainda que a memória é engajamento, e é essa afetação que será capaz de manter vivos

vínculos e lembranças. Sobre isso, Guilherme, um brasileiro filho de mãe chilena que participou ativamente por dez anos de grupos folclóricos durante a infância e juventude, diz:

... o que a música folclórica chilena representou pra mim na questão da identidade? Quando eu não tinha dinheiro e também ainda tava no ensino médio, adolescente, eu não tinha dinheiro para ir para o Chile de férias regularmente.. era a única coisa que me mantinha conectado, era o único vínculo forte que eu tinha com esse lado chileno [...] também, volta e meia eles mencionavam as histórias da época que eles moravam no Chile e como as danças folclóricas se relacionavam com a cultura; e como essas coisas ainda estão vivas.. contavam que você, morando em Santiago, nas Fiestas Patrias ainda vê as pessoas dançando, torneio disso e daquilo.. e, de fato, quando eu estava morando lá eu vi isso de perto, eu vi as pessoas dançando nas Fiestas Patrias...

Ele sublinha, assim, a importância do contato com o grupo de chilenos para manter esse relacionamento com o país natal da mãe e da avó. É interessante ainda notar como os relatos dos migrantes sobre as celebrações das *Fiestas Patrias* em Santiago se conectam com as memórias de Guilherme sobre este evento, de quando ele viveu na capital do Chile alguns anos após deixar de participar ativamente das atividades da comunidade chilena no Rio de Janeiro. Sobre a produção da memória coletiva, Halbwachs afirma ainda que ela é dependente da existência de “pontos de contato” entre as pessoas que compartilham uma convivência engajada: “É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente...” (Ibid, p. 34). As *Fiestas Patrias* e as demais questões do Chile eram o ponto de contato entre Guilherme, brasileiro de origem chilena, e essa coletividade de chilenos e descendentes. Uma questão importante, que abordaremos a fundo mais adiante, é entender em quais circunstâncias esses vínculos são fortalecidos ou, por outro lado, podem ser enfraquecidos.

Um outro ponto para ser ressaltado sobre a produção da memória é que ela, ainda que seja uma atividade realizada com um fundamental suporte das instituições sociais, também é criada a partir das recordações individuais. Enquanto Halbwachs considerava essas recordações individuais subjugadas ao padrão coletivo, autores que produziram posteriormente deram ênfase às “tensões dialécticas existentes entre a memória individual e a construção social do passado” (PERALTA, 2007, p. 6). Teóricos como Fentress e Wickham, citados por Peralta, concordam com Halbwachs no sentido da importância vital do coletivo na produção da memória, mas lembram que ela se trata de um diálogo constante entre o coletivo e o individual, e assim preferem o termo “memória social”. A substituição do “coletiva” por

“social” daria assim ênfase à essência dialógica da memória, em constante modificação realizada a partir do contato entre visões de mundo e interesses distintos.

Se, como lembram Bosi (2003), Pollak (1992) e Le Goff (1990), a identidade é formada no vínculo com a memória, e a atividade mnemônica é um processo de constante mudança, a identidade também estaria em contínua evolução:

Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 5).

Stuart Hall (2010, p.12-13) diz que a questão identitária “torna-se uma celebração ‘móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. O chamado “sujeito pós-moderno” seria caracterizado por dispor de diferentes identidades ao longo da vida, que mudam com o passar do tempo. O sociólogo jamaicano superou aqui modelos que exaltavam a singularidade de cada indivíduo, a partir dos séculos XVII e XVIII; e que davam a primazia às sociedades enquanto instituições uniformes e herméticas, na primeira metade do século XX, contexto em que Halbwachs construiu suas reflexões. Esse “sujeito pós-moderno” definido por Hall não quer dizer que os indivíduos na modernidade tardia não sejam mais capazes de formar memórias que construam e mantenham raízes, mas sim que o contexto globalizatório, marcado pelo constante fluxo de pessoas e informações, pode estimular um esgarçamento gradual que promove mestiçagens distintas: “as identidades se tornam desvinculadas - desalojadas - de tempos, lugares, histórias, e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’ (Ibid, p. 75). Essas articulações frequentes entre os diferentes é bem visível no depoimento de Valentina. Ao ser perguntada se, após alguns anos vivendo no Brasil, se sente mais chilena ou brasileira, diz:

Nenhum dos dois (risos). Até no meu Instagram está ‘chilena carioca’. De origem eu sou chilena, eu tenho meu sotaque, eu não tenho como negar que eu sou. Mas, eu adotei... alguns costumes do carioca. Então, quando eu vou no Chile, todo mundo fala: ‘você é mais brasileira’. (Rindo de leve) Ai quando estou no Brasil, eu sou muito chilena, então eu tô no meio. Eu sei que eu tô no meio, sou uma... e eu estou feliz assim, porque eu me sinto diferente. Ah, é legal ser diferente, não tenho que ser um estereótipo de um ou do outro.

As entrevistas foram bastante utilizadas ao longo da história dos estudos migratórios, ao menos desde o surgimento da Escola de Chicago, na primeira metade do século XX. Um dos primeiros trabalhos de destaque dessa escola de pensamento foi *The Polish Peasant in*

Europe and America, de Florian Znaniecki e William I. Thomas. Publicado em cinco volumes entre 1918 e 1920, fez uso de um grande quantidade de entrevistas de histórias de vida com poloneses que viviam na Polônia e nos Estados Unidos (BECKER, 1996). Algumas décadas depois, Sayad estudou a migração argelina na França apoiado em longas entrevistas marcadas pelo cuidado com a escuta (ELHAJJI e ESCUDERO, 2020). Outras iniciativas, em distintos cantos do mundo, empregaram o método da história oral com o intuito de trazer novas perspectivas sobre o fenômeno, mais alinhadas com os discursos dos próprios migrantes. Exemplos são o projeto da Comissão de Assuntos Étnicos de New South Wales, realizado pelo governo australiano na década de 80 para estudar a migração nesse país e o trabalho de Bill Williams com os migrantes judeus em Manchester, Inglaterra. (THOMSON, 2002).

Quando direcionamos as atenções para as pesquisas realizadas no Brasil, é fundamental lembrar do Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo (NEHO/USP). Além do trabalho de Vanessa Fernandez, que abordou a comunidade chilena em Campinas, diversas outras investigações do grupo se debruçaram sobre a migração transnacional. Foram estudadas a migração espanhola para São Paulo nas décadas de 50 e 60, a migração árabe para São Paulo, o fluxo migratório libanês para o Brasil, a migração de judeus alemães para São Paulo e a migração brasileira para os Estados Unidos (FERNANDEZ, 2011). Também é importante mencionar a edição de 2015 da Revista História Oral, da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), que foi publicada com o dossiê *(E/I) Migrantes, refugiados, exilados, retornados*. Iniciativas valorosas também são realizadas fora da academia, como o acervo de história oral do Museu da Imigração, instituição localizada em São Paulo, que conta com 577 entrevistas com migrantes das mais diferentes origens (COLECIONANDO, 2020).

Todos esses trabalhos, assim como a presente pesquisa, buscam, através das potencialidades da história oral, construir em conjunto com os colaboradores um panorama amplo sobre a presença chilena no Rio de Janeiro. Se, como disse certa vez Eduardo Galeano (L&PM EDITORES, 2012), o homem é feito de histórias, é um privilégio encontrá-las e abordar a vida a partir delas. Para citar mais uma vez Ecléa Bosi (2003, p. 16-17): “Quando se trata da história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época”. Transformar esses relatos em documentos é buscar eternizá-los, tornando-os disponíveis para as futuras gerações, como afirma o entrevistado Guilherme: “*as histórias tem que ser passadas para que outras pessoas continuem contando. E se elas não são passadas adiante, elas morrem com as pessoas*”.

4.2 Do Chile para o Brasil: as memórias migrantes

Na maior parte das entrevistas com os chilenos que vieram morar no Rio de Janeiro, iniciamos os encontros pedindo uma descrição sobre suas cidades de origem. Os relatos variaram em conteúdo e extensão, mas muitas vezes a nostalgia e a idealização do passado estiveram presentes de forma marcante.

Valparaíso tem para mim (pausa seguida de voz animada) um ar; nesse momento, de saudade. Eu sinto falta dessa chama, dessa vitalidade, de poder conversar, e refletir e questionar e construir conhecimento com os meus pares, meus interlocutores. Representa eso pra mim. Onde eu aprendi a conversar, a colocar, a colaborar, contribuir. Onde surgiu a generosidade própria da adolescência e da juventude foi em Valparaíso [...] (Me olha nos olhos) Valparaíso... é uma janela ao mundo. É uma baía, o primeiro porto da república. (ênfase) É a Pérola do Pacífico, né? Então Valparaíso acolhe pessoas que vêm de todas as partes, é fácil você encontrar pessoas de qualquer nacionalidade em Valparaíso. (Violeta).

Bom, eu nasci no ano 1987 (ri), Santiago tem mudado muito desde aquela época. Quando eu nasci ou quando era criança lembro de uma cidade que era pequena. Todo mundo se conhecia, eu brincava com os vizinhos... era bem uma cidade que parecia, como eu falei aqui, uma cidade pequena (risos). Era a capital, mas com espírito de cidade pequena. As pessoas conheciam os outros pelo sobrenome, isso é muito chileno. Onde você estudou, qual é o sobrenome... 'Ah você é dos Larrain de qual?', e aí você começava a ter essa conversação. (Valentina).

Além das lembranças gerais sobre a infância e a juventude e a associação desses períodos a momentos de trocas com pessoas próximas, também surgiram recordações de instantes específicos. Memórias poéticas que fazem vibrar a alma e mantêm um sentimento de carinho em relação ao Chile e às histórias ali vividas:

Estou lembrando de uma vez que a gente ficou conversando, tipo duas da madrugada, no Caminho Cintura, lá no morro de Valparaíso, e havia um posto com uma luz, enorme, linda, maravilhosa, branca; e lá na frente estava a lua com sua luminosidade. E eu pensei nesse momento: 'que coisa mais linda, que fantástica essa liberdade que eu tenho de ficar à noite conversando com as pessoas e não está me acontecendo nada, não tenho medo de nada'. Nunca imaginei que isso iria (pausa) acabar. E que hoje eu sinto essa saudade. Essa saudade brasileira... (Violeta)

Mas não surgiram somente pensamentos saudosos. Olhares críticos em relação ao contexto atual do Chile também apareceram, indo ao encontro da observação de Pollak (1992) sobre a natureza da memória que, além de ser vinculada às histórias individuais dos sujeitos, também está intimamente relacionada ao momento histórico em que é expressada. O que fica nas narrativas dos que chegaram mais recentemente, então, tem uma ligação forte com as discussões de momento nas ruas, redes e mídias do país natal. No caso chileno, a grande

desigualdade econômica - evidenciada pelo *Estallido Social*¹⁷ de 2019 - e a migração - como visto anteriormente, o Chile é atualmente um dos países da América do Sul que mais recebe migrantes.

(Santiago) É uma cidade que, hoje, é muito diferente, tem uma parte muito moderna, que é onde a minha família, o núcleo né, minha mãe.. mora agora, que é Las Condes, esses bairros que o pessoal fala “Sanhattan”, a Manhattan do Chile (risos). Então tem o centro financeiro e tal, e são edifícios modernos, muito altos, e tem a parte mais antiga, que é o centro da cidade, que são alguns edifícios da colônia espanhola... a palavra que descreve para mim Santiago é contraste (risos). Tem um contraste que tá marcado agora por esse ponto icônico, né? O pessoal fala que é a Plaza Itália, ou Plaza Baquedano, que divide a cidade em duas partes. É uma divisão social. A pessoa que mora de Plaza Itália para cima, o que significa isso? Em direção à Cordilheira, ao lado Oriente, a pessoa com uma situação socioeconômica melhor. E os pobres ficam do outro lado. E são mundos diferentes, são costumes diferentes, são pessoas diferentes (risos), parecem dois planetas diferentes. (Valentina)

Acho que é uma cidade comum, mas agora tem muita gente, está sobre poblada, está chegando muito imigrante, haitiano, colombiano... com muito roubo. (pausa) Eu acho muito estressante a qualidade de vida lá. (Pablo)

Valentina, na sua fala, cita a Plaza Itália ou Plaza Baquedano, também chamada de Plaza Dignidad pelos manifestantes (CARVALHO, 2022); que foi o epicentro das manifestações iniciadas em outubro de 2019. A professora conta que, antes de migrar definitivamente para o Brasil, em 2021, dava aulas de inglês tanto para pessoas das classes altas, que moram no setor Oriente, quanto para indivíduos dos setores populares, que residem nas áreas centrais e mais próximas ao aeroporto. Enquanto os primeiros diziam não entender os motivos dos protestos e consideravam o Chile o melhor país da América Latina, os outros afirmavam se sentirem explorados pelo sistema por trabalharem muito e receberem baixos salários.

A questão migratória surgiu com bastante destaque no relato de Pablo, o último dos entrevistados a se mudar para o Brasil, em abril de 2022. Quando perguntado sobre como vê sua cidade de origem, Santiago, o primeiro comentário que surge é relacionado com a grande quantidade de migrantes que lá vivem, citando duas das maiores comunidades na atualidade. Ele parece dar uma conotação negativa à migração, associando a presença estrangeira no país andino à criminalidade. É importante lembrar que, como recorda Lorenzo Agar (2006), o

¹⁷ Protestos iniciados em 18 de outubro de 2019 em Santiago, por conta do aumento do preço do metrô na capital chilena. Rapidamente as manifestações se espalharam por outras cidades e ganharam novas demandas, como o crescimento de gastos sociais em saúde e educação, a reforma do sistema previdenciário e a substituição da Constituição, vigente desde a ditadura de Pinochet, por uma nova Carta Magna. O movimento só foi interrompido com a eclosão da pandemia de Covid-19, em março de 2020, mas resultou na realização de um processo constituinte que promete criar uma nova Constituição.

Chile foi historicamente um país com pouca imigração, e o censo de 2002 apontou somente 1,2% de migrantes em relação ao total da população - um número muito mais baixo que os atuais 7,5% (MCAULIFFE & TRIANDAFYLLIDOU, 2021). Esse crescimento exponencial em pouco tempo, associado a uma mudança de perfil, pois deixou de ser principalmente argentina e europeia para ser majoritariamente oriunda de países mais pobres da América Latina, gerou reações no governo e na imprensa. Stefoni e Brito (2019) lembram que os últimos anos no Chile foram acompanhados pelo recrudescimento das políticas de controle migratório e por discursos de políticos e meios de comunicação que constantemente associam os migrantes a estereótipos negativos e vinculam a migração a problemas sociais como a pobreza e a delinquência: enquanto o presidente Sebastián Piñera se referia ao “*desorden migratorio del gobierno anterior*” (Ibid, p. 11), manchetes destacavam que “*los venezolanos no vienen con intención de turismo, parten mintiendo en la frontera*” (Ibid, p. 22). Essa realidade não é um fenômeno exclusivo e tampouco recente: décadas atrás, Sayad (1998), ao refletir sobre contexto francês, recordou como a migração, principalmente em momentos de crise econômica, foi associada a taxas elevadas de desemprego, em discursos que buscavam a imposição na opinião pública de uma visão negativa sobre os migrantes. Sobre isso, Mezzadra e Neilson (2017) advertem que as fronteiras, instituições criadas artificialmente pelos Estados, não separam somente territórios, mas também pessoas. A “heterogeneização das fronteiras” (Ibid, p. 21, tradução nossa) significa a promoção do distanciamento entre os diferentes, e no caso do imaginário negativo dos locais sobre os migrantes isso é algo fomentado pela criminalização da migração. Esse discurso parece estar tão arraigado que surge, inclusive, na narrativa de uma pessoa que atualmente é um migrante, como Pablo. Por outro lado, Valentina, que saiu do Chile há mais tempo, comenta de forma crítica sobre a popularidade desse sentimento entre os chilenos, ao lembrar das experiências de seu marido, brasileiro, em sua terra natal:

Meu marido é brasileiro. Ele vai ao Chile e fala ‘eu sou brasileiro’. ‘Ah legal’, porque a pessoa gosta de brasileiro. Mas ele é uma pessoa afrodescendente, aí ele, moreninho, vem alguém e fala: ‘Você é do Haiti?’, ele fala ‘não, sou do Brasil’. ‘Ah, legal’. ‘E se eu fosse do Haiti, isso seria ruim?’. ‘Sim, eu não gosto de haitiano’. ‘Por quê?’. Porque o haitiano é pobre. Mesma coisa com os venezuelanos, que eu tô começando a ver um pouco agora no Brasil também, que tá tendo esse êxodo dos venezuelanos pelo mundo... mas aqui é muito menos que no Chile, lá é uma coisa.. tanto é assim que quando eu conheço uma pessoa venezuelana no Chile, ela fala: ‘Nossa, você é chilena?!’, ‘Sim’, ‘Poxa, você é muito simpática’, ‘É que eu sou chilena, mas eu não moro no Chile, eu moro no Brasil’. ‘Ah por isso, porque as pessoas chilenas não tratam a gente (pausa)... como gente’. (riso lamentando). ‘Tratam como se a gente fosse escória, a pior coisa da vida’.

Talvez pelo fato de o Chile não ser um país pobre para os padrões brasileiros e tampouco ser uma nação formada majoritariamente por negros, essa experiência de hostilidade não foi muito sentida pelos colaboradores da pesquisa. Somente Violeta relata ter sofrido alguns episódios de xenofobia, quando havia recém chegado no país e ainda não dominava o português, no início da década de 90:

... não vou dizer que todos os dias foram cor-de-rosa não, porque eu também sofri, também tive problemas de xenofobia [...] Principalmente no início, quando ainda não conseguia falar direito o português, muitas vezes eu tive assédios xenofóbicos. Muitas vezes não, algumas vezes”.

Os demais não mencionam esse tipo de situação, e destacam a hospitalidade dos locais, como na fala de Alhio: *“Ahora tengo mi banderita chilena ahí, para wear¹⁸ a los brasileños.. pero no weo ni les puedo wearlos, si les gustan los chilenos (risos)”*. Se por um lado os migrantes oriundos do Chile, ao menos os que chegaram após o término da ditadura, não parecem ter sofrido tantos casos de xenofobia como pessoas de outros países, por outro a adaptação ao novo contexto não foi isenta de dificuldades. Nesse sentido, Schütz (2010) recorda que o migrante é a pessoa que precisa conviver com indivíduos que portam um “pensar habitual” distinto do dele. Por vir de outro local, com um idioma diferente e outros costumes e formas de pensar, o estrangeiro, ao longo do processo de adaptação, se sente desestabilizado enquanto tende a interpretar os costumes locais de acordo com as referências de sua cultura de origem. Isso acaba gerando diversos conflitos, como lembram Violeta e Valentina:

... o carioca é amigo seu sempre, te adora sempre, te convida pra qualquer coisa, mas não te dá o endereço nem o número de telefone (risos). E eu no início, falavam ‘ah, vamos se encontrar não sei onde’, ‘ya’, e aí eu ficava nervosa a semana toda, porque no final da semana se supunha que eu ia encontrar aquele casal, ou aquele grupo, e eu não sabia como eu tinha que me portar para levar à frente o que tínhamos combinado. E isso ficou muito claro para mim quando comecei a dar aulas de espanhol, aí comecei a entender a coisa, porque há uma questão de linguagem metida no meio. ‘Vamos fazer alguma coisa’, ‘vamos nos encontrar’, esse ‘vamos’, para quem é chileno especificamente, o verbo ir, é um convite formal. E quando diziam ‘vamos nos encontrar de novo’, eu dizia ‘claro, quando?’, ‘ah, no final de semana’, ‘tá’. Mas de repente percebia que não peguei o telefone, o endereço.. e eu ficava agoniada com isso, (rindo) até que cai na real (gargalhada).

O marcar, (rindo de leve) o pessoal fala que é zoeira, que é clichê, mas é verdade: é difícil. (rindo) ‘Ah, vamos marcar um encontro’... eu lembro porque uma vez eu fiquei super feliz que conheci um grupo brasileiro. ‘Ah, vamos pra praia’. ‘Quando?’. ‘Sábado’. ‘Que horas?’. ‘Três horas a gente está ali no posto dois da Barra’. Eu falei ‘beleza, vou estar ali’. E cheguei até mais cedo, porque não queria

¹⁸ “Wear”, ou “huevear”, é uma gíria chilena que, dependendo do contexto, pode significar “brincar” ou “irritar”. Um sinônimo na língua espanhola seria “molestar”.

chegar atrasada, pra não perder o grupo. Cheguei, sei lá, quinze pras três, três horas não tinha ninguém, aí comecei a ficar nervosa, porque eu também tava na rua, né... comecei a ligar para as pessoas. ‘Oi, cadê vocês?’. ‘O quê?’. ‘Ah, onde vocês estão?’. ‘Você está aonde?’. ‘Tô na praia, a gente não marcou para ir na praia?’. ‘Ahhh, poxa, mas não vai dar mais para mim’. ‘Mas isso foi ontem, tipo, não é que a gente marcou tem (marca a entonação) muito tempo, marcamos ontem de vir hoje’. ‘Poxa Valentina, desculpa, eu esqueci completamente...’ (risos), realmente eu fui a única que apareceu (risos). Então aprendi a falar por falar, mas sem ser verdade. E depois eu ficava assim, nessa coisa chata... (séria) ‘Mas de verdade a gente vai, né? Porque tá confirmado, a gente vai mesmo..’ (risos).

O trecho “*Então aprendi a falar por falar, mas sem ser verdade*” evidencia tanto a desilusão com o modo de ser dos cariocas nesse aspecto - enquanto para eles o ato de combinar algo está mais relacionado com a intenção de ser gentil, para ela era necessariamente o estabelecimento de um compromisso - quanto a adaptação ao novo padrão cultural. Adaptação, ou ao menos um entendimento sobre o *modus operandi* carioca, que também parece ter ocorrido com Violeta, algo indicado na expressão “*até que cai na real*”. Outra dificuldade mencionada por Valentina foi a impontualidade, e ela recorda que por diversas vezes os amigos brasileiros chegavam muito atrasados nos compromissos, inclusive em datas importantes como na festa de aniversário do então namorado e hoje marido. Esses atrasos, considerados absolutamente normais pelos locais, significaram abalos nas convicções de Valentina sobre o que ela acreditava ser o esperado nos relacionamentos interpessoais:

Mas isso acho que foi o mais difícil realmente para mim, porque eu me sentia muito frustrada, me dava raiva, falava: ‘Sou eu que não tô conseguindo me comunicar bem ou são os outros que estão sendo... irresponsáveis ou desrespeitosos comigo’, na minha cultura é falta de respeito você falar ‘vou’ e não aparecer, né. Uma vez, pode ser.. todo mundo tem imprevistos. Mas todas as vezes, já...

Os estranhamentos não ocorreram somente no ato de interpretar os comportamentos rotineiros, mas também em práticas culturais como a culinária e a relação com a mesa, um ponto mencionado por dois entrevistados:

Y lo más malo que me pasó fue en Uberlandia. Fue una comida, farinha, como se llama? Esa, como arena (risos). Yo no conocía, cara. Eu pensaba que era queso rallado... (rindo e com entonação mais forte / saudosa / humorística) y lo heché en los macarrones, metí en la boca y hice así (gesto de nojo)... ohhh, y és lo más horrible, nunca me gustó. Y nunca me va a gustar. Quedé con un trauma con la weá¹⁹ (rindo), a eso que no me gusta. (Alhio)

Otra cosa que tienen aquí, es servir la ensalada sin aliñar. No le hechan ni aceite, ni limón, ni sal.. es como una ensalada para coelho, digo yo (risos). No tiene aceite, no tiene limón.. (risos). En mi país en la ensalada o te ponen el aceite, limón... aquí no te ponen nada. (Alhio)

¹⁹ “*Weá*” é uma gíria chilena que, nesse contexto, tem o mesmo sentido de “coisa”.

Então 11 horas ela (a sogra) almoçava, e almoçava sozinha. E dizia: ‘Você almoça quando quiser’. Isso pra mim era um choque, porque eu estava acostumada que todo mundo se sentasse à mesa.. chileno é terrível, né? A gente começava a comer quando o pai começava a comer e comia quando o pai se sentava a almoçar. (Violeta)

Ainda que não goste de um elemento tão fundamental na cozinha brasileira quanto a farinha e questione o modo de preparo das saladas, Alhio afirma ter se acostumado à culinária local, lembrando que come diariamente arroz com feijão - a combinação mais popular nos pratos brasileiros e um costume que não é comum no Chile. Essa mecanismo psicossociológico da adaptação também se deu com Violeta em relação aos hábitos na mesa: “*Essas coisas eram estranhas para mim, mas (rindo) hoje em dia eu almoço sozinha, não espero que o meu filho chegue, se o José está ou não está.. me adaptei muito bem*”.

A questão do idioma também foi citada pelos quatro colaboradores. Todos vieram para o Brasil sem falar português, e reconhecem que o pouco conhecimento da língua foi uma dificuldade no período inicial. Valentina lembra que “*eu sabia o que tava querendo falar, mas as pessoas, pelo meu sotaque, nem sempre me entendiam. Então, essa parte da língua foi difícil*”, enquanto Pablo diz que “*A língua no começo foi difícil, porque eu não estudei muito em Chile a língua. Comecei a estudar aqui, a falar aqui, então acho que no primeiro mês foi difícil...*”. Alhio recorda que aprendeu o idioma com os frequentadores de um estabelecimento comercial: “*Porque yo necesitaba saber portugués, entonces me iba a tomar una cerveza después del trabajo, en un bar, y empecé a ser amigo de ellos escuchándolos*”. Já Violeta contou, desde o início, com o importante suporte do esposo:

Ele trabalhava todos os dias, ia de manhã para o trabalho e voltava à noite. E quando ele chegava à noite (ri) eu estava com o jornal O Globo e pedia para ele me ler uma frase, e eu tentava reproduzir o que ele falava. Ai então eu olhava pra ele e via que ele estava dormindo (rindo), porque estava cansado. Ai eu falava ‘acorda, me diz, lê aqui pra mim’. E, assim, ele lia e eu repetia. Depois ele lia mais dos frases e eu repetia dois frases. Isso foi um processo longo, longo, e assim eu fui me apropriando do português. E perguntando toda hora.

As diferentes estratégias e experiências se mostraram válidas, e todos comprovaram ter ao menos algum grau de conhecimento do português. Enquanto Violeta e Valentina são fluentes e cometem pouquíssimos erros, Pablo, que migrou mais recentemente, se equivoca mais vezes. No entanto, foi capaz de fazer a entrevista em português, mesmo na época do encontro estando há somente sete meses no Brasil. Alhio foi o único a não ser entrevistado na língua portuguesa, pois se sentiu mais confortável falando em portunhol, um idioma híbrido.

Se “a língua usada nas entrevistas de história oral pode oferecer indícios da centralidade da língua na maior parte das experiências de migração” (THOMSON, 2002, p. 356), as falas dos colaboradores indicam vivências marcadas pelos cruzamentos culturais e linguísticos que geraram apropriações, em distintos níveis, da língua portuguesa.

O contato com uma nova cultura, assim, não foi sinônimo somente de conflitos. Também houve o encantamento, quando os chilenos descobriram no Brasil novos hábitos e maneiras de ver o mundo a que eles não estavam acostumados. Esse sentimento de fascínio surgiu ora no início do processo migratório, na observação de costumes e leis distintas; ora com o passar do tempo e um melhor entendimento sobre a idiossincrasia local.

E uma coisa que me chamou muito a atenção desde que cheguei aqui é a (voz animada) liberdade das mulheres cariocas. Eu dizia para elas naquela época, que não tinham ideia da felicidade de serem tão livres, não serem subjugadas pelo marido, pelo homem. Eu me lembro que as mulheres do trabalho do José saíam de férias sozinhas, deixavam o marido com os filhos em casa e iam de férias (pausa e voz de surpresa) isso era impensável! Minha irmã só podia vir me ver, ela tinha que pedir permissão para o marido. E se o marido não gostasse ela não vinha... (Violeta)

(O que imaginava do Brasil antes de vir era) ... libertad. No tienes problema... yo vengo de un país que está... (pensa) ... decaído. Piensa que en mi país no se puede tomar una cerveza en la calle. Entendí? Entonces Brasil para mí es el máximo. Puedo tomar una cerveza en la calle, tomar una cachaca con miel... (Alhio)

E diferente é que lá (no Chile) você não pode beber na rua, isso é diferente mas é muito bom (risos). (Pablo)

Acho as pessoas mais simples, mas no bom sentido, de não precisar de muita coisa para ser feliz. Então: ‘ah, vou fazer uma festa, mas esse ano não tô com muito dinheiro’, ‘Ah, vamos fazer um bolinho pelo menos’, e a pessoa fica feliz com isso. Alguém pode olhar e pensar que é conformismo, mas não é. É uma escolha também, fazer as coisas mais simples, tem um significado bonito também, né? Quando recebo familiares que vêm aqui a turismo, eles falam: ‘nossa, mas a gente tá no meio da rua e do nada já tem uma festa’, é que o pessoal não se complica, como tem que estar vestido, o que tem que organizar.. acontece. Você vai na praia e começa a conversar com alguém do nada e virou amigo, é mais simples, no Chile tem mais códigos, do tipo: ‘Ah, para virar amigo a gente tem que se apresentar formalmente’.. aqui, você conversa com uma pessoa que tá do teu lado no ônibus, e foi teu amigo do ônibus (risos). Isso eu vejo como positivo. (Valentina)

A adaptação à vida no Brasil também contou, para as colaboradoras Violeta e Valentina, com o apoio importante de experiências afetivas transnacionais com cidadãos brasileiros. As duas são casadas com brasileiros, e essa convivência íntima foi fundamental tanto na aclimação das recém-chegadas ao novo contexto, por exemplo no suporte na busca por trabalho, quanto no aspecto emocional de ser uma companhia próxima para alguém que, em um novo país, tem uma rede de contatos muito menos extensa:

A primeira coisa que eu posso te dizer é que tudo que eu fiz nesses trinta e dois anos eu sempre, absolutamente sempre, tive o apoio do meu marido, do meu companheiro. Ele sempre me empurrou para eu continuar fazendo o que eu queria fazer, nunca me proibiu nada, ao contrário, sempre me incentivou, eu inventei todas as coisas que você pode imaginar para trabalhar e gerar renda, sempre tive o apoio dele. (Violeta)

Ah, seriado também. Meu marido assistiu muito seriado chileno. Tem 'Ines del Alma Mía', da novela da Isabel Allende, que está na Amazon, a gente viu a biografia da Isabel Allende, que eles também fizeram um seriado, La Jauría, que é um seriado mais policial, El Presidente, sobre o caso que teve de corrupção com a FIFA e a Conmebol, que aí é mais América Latina, mas o seriado tinha muitos atores chilenos, então meu marido também gosta... a gente fica conversando sobre períodos da história... (Valentina)

... o meu marido adora comida chilena (risos), então a gente tenta fazer dias de comida brasileira, dias de comida chilena, tem dia que é um pouquinho de cada coisa.. ele adora empanada, eu não sou boa fazendo empanada, mas ele é ótimo fazendo, então... essas coisas, ele acolheu também. (Valentina)

O lar com pessoas de distintas nacionalidades significa uma negociação contínua entre diferentes visões de mundo, com um grande potencial de promover a interculturalidade no sentido de ser, entre outras coisas, um processo de aprendizado mútuo. Dessa forma, ElHajji e Gonçalves (2022, p.113), que recordam que essas relações não estão isentas de conflitos, afirmam: “a presença íntima da diferença e alteridade é capaz de proporcionar certo distanciamento de nossa própria herança, até então considerada óbvia e universal, e possibilitar a projeção de cada um no lugar do outro”. Essa projeção não se dá somente do migrante em relação ao local, mas também do local em relação ao estrangeiro, constituindo assim uma via de mão dupla: da mesma forma que as experiências afetivas com brasileiros aproximaram Violeta e Valentina do universo cultural e simbólico brasileiro, também acercaram os cônjuges da herança cultural chilena, pois foi a partir desses vínculos que eles começaram a vivenciar constantemente o espanhol, comer comidas chilenas e assistir a produções audiovisuais feitas no Chile. Esses avizinhamentos não ficam restritos ao casal, e são extensivos aos familiares, formando lares híbridos. Valentina lembra que a mãe adorou conhecer os petiscos típicos das comemorações de aniversário no Brasil e hoje em dia encomenda os quitutes com uma brasileira que vive em Santiago. Ela também adotou a versão da música “parabéns pra você” em português e o costume de entregar o primeiro pedaço do bolo para alguém especial. Recordando esses novos hábitos surgidos entre os parentes, comenta, rindo: “Então eu ‘abrasileirei’ a família chilena”.

Em relação ao convívio com outros chilenos, a maioria dos colaboradores não costuma se encontrar com conterrâneos que também residem em território brasileiro. Nenhum deles participa de algum grupo de chilenos no Brasil, como por exemplo a ONG Pablo Neruda,

fundada recentemente no Rio de Janeiro e que promoveu as comemorações das *Fiestas Patrias* no bairro do Catete, em setembro de 2022. A amostra segue assim a tendência da comunidade chilena no país, cuja imensa maioria não se envolve em atividades da colônia e somente 13,8% pertencem a algum grupo chileno (NUÑEZ, GUTIÉRREZ & CONTRERAS, 2017). A única que mantém contato frequente com migrantes chilenos é Valentina, principalmente através de uma comunidade no Facebook, onde as pessoas trocam informações e organizam eventos sociais:

Eu tô num grupo de Facebook, que é uma comunidade de chilenos no Rio de Janeiro, aí eles... tem muita anúncio de turismo, mas fora disso, tem o pessoal que pergunta: 'olha, trouxe pisco, alguém quer?', às vezes marcam encontros, 'ah, vai ter jogo da seleção de futebol, vamos assistir juntos em tal bar', sim, marcam esses encontros das pessoas que residem, não somente turistas, mas que moram no Rio; também tenho vários amigos, que eu conheci no Chile, que vieram por diferentes motivos ao Brasil e acabaram ficando; então a gente está sempre se comunicando por redes sociais, comentando... às vezes a gente marca para sair junto, não muito, mas às vezes (risos).

Pablo e Alhio não costumam interagir com chilenos, e seus convívios cotidianos se dão principalmente com brasileiros. O pesquisador conheceu Alhio no evento das *Fiestas Patrias* organizado pela comunidade chilena no Rio de Janeiro, quando ele estava fazendo apresentações artísticas. Quando perguntado se costuma frequentar essas reuniões, ele nega e lembra que estava lá a trabalho:

No, fue ahora nomás. No me junto mucho.. no es que no me trate, es que yo vivo en una favela, siendo que en mi favela está llena de gringos igual: franceses, peruanos, bolivianos, argentinos, pero yo no me junto, soy medio autista (risos). Y esa vez que me conociste tu era porque era un trabajo... No me junto mucho, aliás no me junto nunca, solo por esta vez que hicimos las Fiestas Patrias aquí en el Catete, ahí que vi la gente de Chile que vive aquí, y ahí hice más contactos. En el fin de semana pasado fui a hacer el aniversario de uno de los chilenos que estaba ahí ese día, al hijo. Ahí se abrió una puertacita más, pero no frecuento diferentes tipos de reuniones.

O trecho “*es que yo vivo en una favela*” sugere que existe uma divisão social na coletividade chilena, com os mais abastados e os mais pobres, a não ser em contextos laborais, afastados uns dos outros. Alhio afirma ainda que o escasso contato com os compatriotas não se dá por falta de interesse dele, mas sim porque precisa se concentrar em trabalhar e garantir seu sustento. Violeta, por outro lado, teve desentendimentos com alguns chilenos logo após migrar para o Brasil, e por isso passou a evitar se conectar com os conterrâneos. Esses episódios também nos fazem lembrar que a comunidade chilena no Rio, assim como qualquer outra, não é coesa e também tem seus conflitos. Ela cita amizades com

uma argentina, uma peruana, uma panamenha e uma chilena, que conheceu fora do contexto dos grupos relacionados ao Chile e com quem mantinha uma relação forte por conta do interesse comum pela linguagem. As datas importantes do país, como as *Fiestas Patrias*, opta por celebrar em casa:

Nas Fiestas Patrias, no 18 de setembro, eu (rindo) colocava música chilena, dançava cueca sozinha aqui em casa, e assim ficava toda feliz. Mas, como eu trabalhava, (rindo) então não tinha muito tempo para fazer isso... No início cheguei a fazer empanadas em casa, mas deixei porque ou você trabalha, ou você faz empanada (ri). Porque dá muito trabalho.

Por outro lado, a maior parte dos entrevistados mantém contato frequente com os familiares e amigos que estão no Chile. Valentina e Violeta viajam anualmente para o país, e Pablo, mesmo estando há menos de um ano no Brasil, já havia visitado o país durante as *Fiestas Patrias*. Os três também se comunicam frequentemente com as pessoas de lá pelos aplicativos Whatsapp e Instagram. Isso se conecta com o conceito de “dupla presença” apontado por ElHajji e Escudero (2016), que relativiza o desenraizamento dos migrantes nas sociedades de origem e destino explicitado por Sayad em meados do século XX no termo “dupla ausência”. O contexto atual, com a popularização de meios de transporte rápido como o avião e das tecnologias de comunicação digital, favorece a manutenção de vínculos do estrangeiro com seu país natal. Somente Alhio nunca mais voltou ao Chile desde que saiu do país e não afirma manter contato frequente com os conhecidos em território chileno. No entanto, ele se aproxima dos demais colaboradores quando diz que, às vezes, sente nostalgia em relação ao passado e ao Chile, e que quando esse sentimento o invade, recorre aos sons chilenos: “*la música chilena... escucho cuando me dá nostalgia, ‘saudade’ que sería..*”. Algo parecido é dito por Valentina: “*quando eu tô com muita saudade eu gosto de escutar músicas do Chile... é mas, assim, é raramente, não é toda hora não*”.

Esta seção buscou, a partir de suas falas, abordar as experiências e percepções dos migrantes sobre suas vidas. Essas vozes revelam cotidianos marcados pelo “aqui” e pelo “lá”, de pessoas que não negam suas origens e mantêm costumes chilenos, mas com o passar do tempo vão se hibridizando cada vez mais, entendendo o padrão cultural brasileiro e passando a adotá-lo também como seu. A “tradução”, citada por Hall (2010) no sentido da formação de identidades novas que não se limitam às fronteiras geográficas e são baseadas nas negociações com os diferentes, parece assim se sobrepôr à “tradição”, a identidade nacional tida por muitos como um aspecto essencial e imutável do ser humano. Quando perguntada sobre se,

após esses anos no Brasil, se identifica mais como chilena ou como brasileira, Valentina trata de responder rápido, para mostrar que seu sentimento a respeito é bem claro:

Nenhum dos dois (risos). Até no meu Instagram está 'chilena carioca'. De origem eu sou chilena, eu tenho meu sotaque, eu não tenho como negar que eu sou. Mas, eu adotei... alguns costumes do carioca. Então, quando eu vou no Chile, todo mundo fala: 'você é mais brasileira'. (Rindo de leve) Ai quando estou no Brasil, eu sou muito chilena, então eu tô no meio. Eu sei que eu tô no meio, sou uma... e eu estou feliz assim, porque eu me sinto diferente. Ah, é legal ser diferente, não tenho que ser um estereótipo de um ou do outro. Então eu escolhi as coisas que eu mais gostei de uma cultura e da outra (pausa)... e, essa mistura (risos) tento manter.

Os demais colaboradores seguem uma linha parecida, evidenciando identidades baseadas nas misturas. Enquanto Pablo, associando a questão identitária ao consumo musical, afirma “*Escuto os dois. Aqui gosto muito do pagode, samba... muito, escuto as dois. Agora eu me acho metade metade*”, Alhio utiliza o espanhol para colocar sua “*brasilidade*” acima de suas raízes:

Me siento más brasileiro que chileno. Porque comida chilena ya no... y música, escucho música brasileira para ir hablando el idioma... harto Natiruts, harto legião Urbana, música así para poder... escucho más musica para trabajar, roger skar, música más alegre, música para trabajar, para hacer el show... (pausa) la música chilena... escucho cuando me dá nostalgia, 'saudade' que sería..

Violeta, ainda sem ter sido perguntada sobre seus sentimentos identitários, em sua narrativa tratou de ressaltar como a experiência migratória mudou a forma como enxerga a si própria. Mais que uma árvore retirada do Chile e replantada no Brasil, ela pode ser como os micélios, redes fúngicas no subsolo que servem de comunicação e trocas de nutrientes entre plantas e árvores (JACKSON, 2022). No caso dela, conectando elementos simbólicos de ambos países, localizados em lados opostos da América do Sul.

Eu sinto prazer de me sentir brasileira, porque me naturalizei também. Eu sinto prazer de ser brasileira, mas quando me perguntam: 'Você é de onde?', eu digo logo: 'Sou brasileira, mas também sou chilena'.. Eu levo as duas nacionalidades muito fortes, são duas raízes, eu não sou transplantada, eu criei outras raízes aqui e conservo as minhas originárias.

4.3 Entre os dois países: o cotidiano intercultural dos descendentes

Já averiguamos como uma parcela importante dos indivíduos chilenos no Brasil são brasileiros de origem chilena, ou seja, nascidos em território brasileiro filhos de pai e/ou mãe chilenos. Como não poderia deixar de ser, essa particularidade exerce grande influência na

vida dessas pessoas, desde os hábitos cotidianos até o foro íntimo. Quando perguntada sobre como é ser filha de pai chileno, Vicky, que nasceu em Niterói mas não tem o sotaque típico de quem é natural da região metropolitana do Rio de Janeiro, afirma: “*Eu acho que todo mundo faz essa pergunta para gente: ‘Você pensa em português ou espanhol?’.. só que a gente pensa nos dois*”. É importante destacar o sotaque da colaboradora como um dos elementos não literais que “carregam implícitos significados e conotações sociais irreproduzíveis na escrita” (PORTELLI, 1997, p. 28). Como lembra o historiador italiano, uma das particularidades - e maiores riquezas - da história oral e dos depoimentos orais é o de nos dar o acesso a componentes como tons de voz, pausas e sotaques; que não são acessíveis nas fontes escritas. A identidade multifacetada de Vicky é revelada tanto na frase sobre o pensar em dois idiomas quanto na forma de falar.

Canclini, ao discorrer sobre o mundo intercultural que coloca grupos e culturas diferentes em constante interação, ressalta que cultura não se trata de algo imutável, mas sim de um processo que está em constante metamorfose. Mais que um substantivo, ela seria um adjetivo, e o autor dialoga aqui com Appadurai. O hibridismo estaria presente nos muitos processos que são decorrentes e promovedores da interculturalidade, como a migração:

Hoje, milhões de pessoas vão de um lado a outro frequentemente, vivem de forma mais ou menos duradoura em cidades diferentes daquela em que nasceram e modificam seu estilo de vida ao mudar de contexto. Estas interações têm efeitos conceituais sobre as noções de cultura e identidade: para usar a eloquente fórmula de Hobsbawn, agora ‘a maior parte das identidades coletivas são mais camisas do que pele; são, pelo menos em teoria, opcionais, não iniludíveis’. (CANCLINI, 2005, p. 44).

Essas “identidades-camisa” estão presentes não somente nos migrantes, mas também nos descendentes, que experimentam realidades marcadas pela encruzilhada de mundos, com a constante negociação entre os padrões culturais da terra natal e do local de origem dos pais. Vicky, ainda respondendo sobre a experiência de ser uma brasileira de origem chilena, conta, com orgulho: “*Eu gosto de ser mestiça. Além de representar dois países da América Latina, eu represento a minha origem, e é muito bom você representar quem você é. Sabe? Eu sou chilena, eu sou brasileira, a gente é uma mistura mestiça-exótica*”. E o seu sentimento de identificação não está restrito às identidades nacionais, uma vez que ao longo da sua narrativa exalta também sua origem mapuche, pois seu avô paterno é membro do maior povo indígena do Chile. Vicky se reconhece como mapuche e enxerga os traços indígenas nos seus “*olhos achinados*²⁰”. Ela lembra que guarda em casa, além do *poncho* - uma vestimenta tradicional

²⁰ Olhos puxados, em português.

de diferentes comunidades originárias - também a bandeira mapuche, assim como a bandeira chilena. Quando perguntada sobre qual é a sua favorita, diz:

A mapuche. Porque representa de onde a gente veio, que são os índios. (A bandeira chilena) foi (introduzida) pelos espanhóis. Já não era original deles. E sim a dos mapuche, onde você pode ver a estrela, o sol.. representa nossa cultura, que a gente é indígena, acredita muito nisso.

E finaliza, colocando ênfase na voz: “*O indígena é místico, então essa é minha bandeira, não a do Chile 100%*”. É interessante notar que a questão mapuche, tão marcante para Vicky, não aparece no relato de Rafael, seu irmão e que cresceu na mesma casa. Isso nos faz lembrar que a memória é construída nos aspectos social e individual (POLLAK, 1992), e assim os processos de construção mnemônica e identitária podem se diferenciar de sujeito para sujeito, mesmo no caso de pessoas que compartilharam por bastante tempo um mesmo ambiente.

O que podemos encontrar em comum nos relatos dos quatro colaboradores são as memórias individuais referentes aos períodos de vivência no Chile. Sendo todos nascidos no Brasil, filhos de relacionamentos interculturais e acostumados a ambientes de atravessamentos físicos e simbólicos entre o Brasil e o Chile, todos guardam lembranças de seus primeiros momentos em território chileno. São recordações que diferem entre si, algumas do período da infância, outras da adolescência, ora de momentos específicos ora são comentários mais gerais sobre a sociedade chilena. Em comum, revelam de alguma forma o pitoresco, aquilo que encontraram de diferente em relação ao Brasil.

Eu lembro do (ênfase) inverno. O inverno para uma criança de 5 anos que não tinha ideia do que é um inverno de verdade, né? Eu tenho as memórias de como foi para a gente achar uma casa, a diferença que era a casa que a gente morava no verão, quando a gente se mudou, eu lembro como é que era ter que acordar no dia seguinte para ir para escola, (ênfase) o pavor de ter que tomar banho de manhã cedo, frio pra caramba, eu lembro de ir pra escola pegando o ônibus, os ônibus naquela época eram todos amarelos, eu lembro. (Guilherme)

E aí, justo nesse tempo, teve até a questão lá do terremoto de 2010, eu tava lá em Santiago, foi três e pouca da manhã, foi até meio que assustador porque eu tava dormindo e comecei a escutar um estrondo bem alto de longe... eu até pensei ‘É caminhão, alguma coisa assim’. Daqui a pouco, tô dentro de casa no quarto, e comecei a ver tudo balançando, parede balançando, eu ficava em pé e não conseguia ficar em pé, caía no chão toda hora, falei ‘Caramba, que que é isso aqui?!’, até eu pensar que era terremoto... durou precisamente acho que um minuto e pouco, por aí... Sinceramente, eu fiquei com medo, só que ao mesmo tempo tava feliz de presenciar aquilo... porque, sei lá, uma experiência assim, que você nunca vivencia, é uma coisa bem legal. (Rafael)

(Pensa e suspira) O que me marcou... eu acho que é a forma fria que os chilenos são. É muito classista, são o tipo de pessoa que te olha de cima pra baixo, já que você tem que fazer um padrão daquilo. Sendo que aqui, no Brasil, eu me sentia mais livre para ser o que eu sou, não precisava mudar. (Vicky)

A memória também foi construída com o suporte dos relatos dos genitores, que através de contos e histórias chilenas buscavam reforçar o sentimento de pertencimento dos filhos ao Chile, incluindo-os assim nessa “comunidade afetiva”, termo utilizado por Halbwachs e citado por Pollak (1989, p. 3). Eram narrações diversas, que contavam sobre lugares, datas marcantes, celebrações, personagens, a família e também, como todo exercício memorialístico, deixavam lacunas.

Eu sei que tem um... acho que é um bar, bem tradicional do folclore chileno, que se chama Quita Pena. E a minha mãe tinha um porta-chaves que era uma miniatura de um Quita Pena. E ela contava essa história que era um bar que ficava do lado do cemitério, então era tradição, ou é tradição, eu não sei se ainda existe esse lugar, que depois do velório e depois do enterro, todos os amigos e familiares iam para a Quita Pena para afogar as mágoas, afogar as mágoas é o que significa literalmente em espanhol, e beber em memória do falecido. (Guilherme)

O que ele (o pai) mais me falava mesmo era sobre o 18 de setembro, as Fiestas Patrias. Falava com bastante alegria... ele falava que para ele, se a gente aqui era envolvido com o Carnaval, que todo mundo ficava feliz e agitado comentando o que ia fazer no carnaval, etc; para eles era a Fiesta Patria, entendeu? Ai ele falava do Terremoto, das bebidas típicas, dos piscos, das piscoas, pisco sour e todas essas coisas... empanada, mote con huesillos, todas as coisas que são típicas do Chile. Sobre as danças chilenas... falava sobre os huasos²¹... eu era novo, assim, escutava, mas só ficava no meu Imaginário... (Rafael)

Ahh, sempre me contava a história do... tem um passarinho, esqueci o nome dele agora (pensa)... Condorito. Esse. Sempre me contava do Condorito [...] o Condorito, me contava historinhas bem originais mapuche, que são os índios da nossa origem chilena... e sempre me mostrou quem eu sou, minha cultura também. Pra eu nunca esquecer de onde eu vim também, sempre mostrando para eu ter orgulho da minha origem, que além de chilena também tem mapuche, que pros olhos dos chilenos não é muito bem-vindo, os indígenas.. e eu sou mapuche. (Vicky)

Do Chile... eles não falavam muito de política. Tanto que eu soube quem era Pinochet quando eu voltei pro Chile. (ênfase) Eles não gostavam de tocar nesse assunto. Mas falavam da casa, de quem era minha bisavó, falavam quem eram quem, os filmes chilenos, da geografia, falavam bastante de como era a vida lá.. Meu avô, ainda que fosse engenheiro de profissão, ele cantava, cantava em espanhol. Então por exemplo ele cantava muita música chilena, se apresentava aqui, eu acompanhava ele.. (Felipe)

Pollak (Ibid, p. 10) discorreu sobre o “enquadramento da memória”, lembrando que ela se trata sempre de um processo de edição realizado pelas pessoas que recordam, onde alguns elementos ficam e outros são silenciados. Esse apagamento de questões sensíveis, o

²¹ Palavra em espanhol chileno para se referir aos homens do campo, principalmente aos das regiões central e sul do país.

“não dito”, pode se dar por motivos distintos. O historiador e sociólogo austríaco comentou sobre os casos das vítimas do stalinismo na União Soviética, dos sobreviventes dos campos de concentração nazistas e dos indivíduos da região da Alsácia Lorena que foram recrutados à força pelo exército alemão durante a Segunda Guerra Mundial para abordar os silenciamentos por conta de proibições oficiais, falta de vontade de abordar um assunto traumático ou a vergonha em relação ao passado. Pela fala de Felipe, podemos suspeitar que o “não dito” também prevaleceu entre os migrantes chilenos mais antigos, que em sua imensa maioria vieram para o Brasil durante a ditadura de Pinochet. Isso pode ser corroborado no pouco destaque que a política teve nos relatos dos outros descendentes, bem como na dissertação de Merced. A pesquisadora lembra que uma das entrevistadas “sempre pedia aos visitantes que na sua residência e nesses encontros não se falasse de política, deixando claro que havia sofrido muitas perdas e que preferia não mais lembrá-las” (LEMOS URTUBIA, 2022, p. 54). Sobre os conjuntos folclóricos chilenos no Brasil, recorda ainda que “os conjuntos e seus integrantes tinham e têm, há cinquenta anos, posturas políticas polarizadas, mesmo que alguns as neguem ou apresentem performances que supostamente não contêm viés ideológico” (Ibid, p. 128). As omissões dos chilenos, assim, podem ter se dado por dois motivos principais: o trauma em relação ao que aconteceu com entes queridos durante o violento período ditatorial e o desejo de não participar de discussões ideológicas com os conterrâneos. Ainda que o silenciamento tenha sido muito presente, rastros dessas memórias foram transmitidos, como lembra Felipe:

Uma história que minha avó conta é que no dia da ditadura, foi anunciado no rádio, eles começaram a queimar os livros de esquerda que eles tinham, porque eles não sabiam se no dia seguinte iam chegar os militares ou não. A gente não sabia de nada. Foi muita surpresa, a gente não esperava.

O próprio Felipe, quando rememora o período em que viveu no Chile, nos anos 90 e pouco após a volta da democracia, afirma que a questão política influenciou a sua experiência escolar. Ele foi colega de muitas crianças que haviam recém-voltado ao país, e algumas tinham histórias trágicas:

E o meu colégio era de pais que estavam voltando. Um colégio muito de esquerda, meu melhor amigo era da Suécia, voltou um ano antes do que eu, os pais foram torturados.. tinha muita gente da Suécia, muito refugiado chileno na Suécia, dos EUA.. não tinha muito de outros lugares da América Latina. Interessante.

Em relação aos grupos folclóricos e demais reuniões da comunidade chilena no Brasil, somente Felipe nunca foi atuante. Ele mantém contato frequente com os amigos da época em

que morou no país andino, mas nunca se reuniu com os chilenos que vivem no Rio de Janeiro. Os outros três participam ou participaram, com diferentes graus de engajamento. Rafael se envolve em campeonatos de futebol representando a comunidade chilena, e é o único do time do Chile nascido no Brasil. Ele lembra ainda que, desde pequeno, foi acostumado pelo pai a ir à celebração das *Fiestas Patrias*:

Quando eu era pequeno, ia sempre com meu pai. Porque (pausa) pro meu pai era tipo obrigação. Era uma questão dele tipo 'Você quer ser um chileno de verdade, você tá obrigado a ir'. Tipo, tá na lei dele, entendeu? 'Chileno que se preze tem que comemorar as Fiestas Patrias'...

Sua irmã Vicky também vai sempre às festas: “*É como uma obrigação, né? (risos). Tipo, tem que ir, tem que ir*”. E esses eventos foram importantes para que ela conhecesse chilenos e construísse amizades, não só com pessoas de origem chilena mas também de outros locais da América Latina:

Aham, em Copacabana e também amizade de Infância, principalmente a chilena porque sempre ia nas festas chilenas, então... eu sempre tive convívio com amizades estrangeiras. Não só de chileno, sempre tinha outras pessoas de outros países.

Guilherme foi o filho que mais se envolveu com a comunidade. Conta que, por cerca de dez anos, participou ativamente do grupo folclórico *Chile Chico*, no qual sua mãe era integrante. Ali, além de praticar o espanhol e escutar histórias do Chile, aprendeu danças folclóricas e formou com a genitora a principal *pareja*²² de baile do conjunto. Mesmo sendo descendentes de chilenos e vivendo essa experiência de proximidade com o universo do Chile, por viver no Brasil sentia a “*metade chilena sendo ofuscada pela metade brasileira*”. Como afirma Hall (2010), ele é um sujeito que convivia - e ainda convive - com diferentes identidades, que puxavam e puxam em distintas direções. Ainda que se sentisse chileno no contato constante com a mãe e avó e nas participações no conjunto folclórico, talvez se percebesse mais brasileiro e não se reconhecesse completamente como chileno. Isso foi posto em questão durante uma das idas ao Chile que fez em companhia da mãe:

Tem uma história que eu acho interessante contar. Crescendo no Brasil, e sendo metade chileno, eu sempre senti essa metade chilena sendo ofuscada pela metade brasileira, e quando eu fui de férias com minha mãe, em 2009, a gente foi em um restaurante em Pomaire, uma cidade pequena, um vilarejo a mais ou menos uma hora de Santiago. E a gente tinha acabado de almoçar e tinha uma banda tocando músicas típicas, inclusive cueca, e teve um certo momento em que eles convidaram

²² Palavra em espanhol para “casal”.

as pessoas para dançar. (Ênfase) Ninguém se atreveu a dançar no restaurante, até que eu e minha mãe, a gente se levantou e dançou uma cueca. E a gente ouviu o pessoal da outra mesa falando: (alegre) 'Esos si son chilenos'. (Ri) E eu achei super engraçado falarem que eu sim sou chileno, num lugar que só tinha 100% chileno e eu era o único que era 50%.

É interessante essa classificação que ele faz entre chilenos “100%” e chilenos “50%”, que hierarquiza as “chilenidades” e de alguma forma vai ao encontro da concepção citada e questionada por Hall de uma pretensa identidade única. Alguém “100% chileno”, nascido no país, poderia ser considerado “chileno de verdade”, enquanto o descendente seria “menos chileno” por ter nascido no exterior. Se o autor jamaicano (Ibid, p. 12) lembra que o sujeito pós-moderno “está se tornando fragmentado: composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas”, isso quer dizer também que essas identidades ultrapassam as fronteiras nacionais, e podem ser acessadas por indivíduos que nasceram no exterior e que, por conta de um contexto intercultural, acabam por se transformar em seres híbridos. Talvez essa tarde em Pomaire tenha revelado isso para Guilherme.

Por último, cabe lembrar que a interculturalidade não influencia somente o processo de identificação com um grupo, mas também a própria construção da personalidade. Os integrantes dessa segunda geração, acostumados à presença de familiares migrantes, às viagens e ao convívio com outras pessoas atravessadas pelo movimento, circulam por ambientes com diferentes idiomas, sotaques, costumes e histórias. Como afirmam De Oliveira e Kulaitis (2017, p. 31), “ter sido criado em um ambiente de migrantes marca os indivíduos. Inculca-lhes novas disposições, dentre elas o *habitus imigrante*”. O “*habitus imigrante*” é o conceito proposto pelos autores a partir da concepção de “*habitus*” de Bourdieu, definido como um “sistema de disposições duráveis e transponíveis que funcionam como princípios geradores e organizadores das representações e das práticas dos agentes” (BOURDIEU, 1980, p. 88-89 *Apud* DE OLIVEIRA & KULAITIS, 2017, p. 16). Essa variação do conceito de “*habitus*” faz assim referência a uma curiosidade pelo mundo e à interiorização do desejo de experimentar novos locais, não necessariamente o país de origem dos pais e avós. Dos quatro descendentes entrevistados na pesquisa, três já tiveram a experiência de viver no Chile. Como já dito, Rafael planeja migrar para o Canadá em um futuro próximo, enquanto Guilherme trabalha atualmente como professor de inglês na China. Sobre o que o levou a isso, comenta:

Eu não sei, talvez essa questão de ter crescido com a minha avó falando em espanhol, e também ter vivido no Chile, desde os cinco anos de idade eu tive sempre muito interesse por idiomas. Então eu acho que isso de alguma maneira formou

quem eu sou hoje. Porque eu trabalho com idiomas e eu acho que é o meu maior interesse pessoal, hobby.. então talvez de alguma maneira esteja aí conectado.

Considerações finais

O primeiro ponto que chama a atenção nos indivíduos que compartilharam suas histórias com o pesquisador é a pluralidade de identidades, indo assim ao encontro das reflexões de Stuart Hall sobre os sujeitos da pós-modernidade, dotados de identidades fluidas e em constante mutação. Tanto os migrantes quanto os descendentes de primeira geração mostram, em suas narrativas, experimentarem cotidianos interculturais que acabam moldando pessoas híbridas: chilenas e brasileiras, brasileiras e chilenas ou nem uma e nem outra, e em algum lugar entre os dois.

A opção por trabalhar com os chilenos que migraram a partir de 1990 se mostrou interessante ao revelar a diversidade de causas da migração. Diferentemente dos nascidos no Chile que vieram para o Brasil durante os anos Pinochet, principalmente por motivos econômicos e políticos, os que migraram mais recentemente o fizeram sobretudo por outras questões: a curiosidade pelo novo, a realização de uma pós-graduação e para viver com um grande amor. Os aspectos subjetivos, ainda que presentes entre os que decidiram migrar durante a ditadura, foram muito mais importantes para essa nova geração de migrantes.

Esses chilenos parecem estar bem adaptados ao novo país. Dos quatro colaboradores, três foram capazes de fazer a entrevista em português, incluindo o Pablo, que na data da entrevista estava há somente sete meses no Brasil. Apenas um entrevistado afirmou ainda não conseguir se expressar bem na língua portuguesa, e por isso optou por falar em espanhol eportunhol. Mesmo assim, declarou e mostrou ser capaz de entender perfeitamente o português.

Mais um indício de uma adaptação bem-sucedida é o fato de os relacionamentos interculturais serem comuns entre essas pessoas. Todos os três colaboradores casados o são com cidadãos brasileiros, e dois deles exaltam o papel fundamental que seus cônjuges tiveram na aclimação à realidade brasileira, seja no aprendizado do idioma, no apoio na busca pela estabilização profissional e no oferecimento de uma companhia afetiva importante.

É relevante ainda mencionar que os quatro migrantes exercem no Brasil atividades profissionais similares às que exerciam no Chile, o que também revela uma boa integração. Os chilenos, assim, parecem se diferenciar de inúmeras outras comunidades migratórias; cujos integrantes, tanto no Brasil como em outros locais, acabam tendo que se sujeitar a empregos não relacionados com suas áreas de formação.

Outra diferença da migração chilena em relação a outros fluxos migratórios é que ela não parece encontrar muita hostilidade no Brasil. Casos de xenofobia e violência,

infelizmente tão comuns no país, como no assassinato do congolês Moise Kabagambe em janeiro de 2022 no Rio de Janeiro (CASO, 2022), não são corriqueiros em relação aos chilenos que se estabelecem no Brasil. Os quatro colaboradores definem o povo brasileiro como simpático e hospitaleiro, e somente Violeta lembra ter sofrido episódios xenofóbicos. Mesmo assim, faz questão de ressaltar que não foram tantos “... *muitas vezes eu tive assédios xenofóbicos. Muitas vezes não, algumas vezes*”. As hipóteses para isso estão relacionadas com a xenofobia seletiva existente no Brasil, relacionada principalmente com a cor de pele e a classe social. Como a maioria desses migrantes é no contexto brasileiro considerada branca e faz parte da classe média, não sofrem - ou sofrem menos - as violências que pessoas de outras nacionalidades são obrigadas a enfrentar diariamente.

Pesquisas futuras envolvendo a comunidade chilena poderiam aprofundar os cruzamentos entre as questões de migração e raça. Ainda que indivíduos negros sejam atualmente pouco representativos entre os nascidos no Chile, muitos são pardos e pertencentes a distintas comunidades indígenas; e em seu país de origem sofrem o racismo instaurado por um imaginário civilizatório que coloca o “branco europeu” em posição de superioridade em relação aos considerados “outros” (TIJOUX e RIVERA, 2015). Seria interessante comparar a integração de chilenos brancos à de chilenos pardos e indígenas, investigando assim como a questão racial interfere no processo de aproximação do migrante com a sociedade de acolhimento, que compartilha com a coletividade chilena a presença de discursos e práticas racistas. No caso específico dos indígenas, sabemos que esses povos geralmente não estão restritos às fronteiras nacionais e em muitos casos habitam mais de um país, como os mapuches que vivem no Chile e na Argentina e os aimarás, estabelecidos há séculos no Chile, Argentina, Bolívia e Peru. Assim, também seria instigante pesquisar como se dão as conexões transnacionais dos chilenos indígenas no Brasil com migrantes indígenas de outros países da região. Existe uma diáspora mapuche, aimará e de outras populações originárias?

A boa integração dos chilenos à realidade brasileira não quer dizer que a adaptação foi e é isenta de adversidades. Ao longo dos relatos, surgiram diferentes questões típicas do processo migratório, como a saudade da terra natal e dos entes queridos, a dificuldade com o aprendizado do português nos primeiros meses e também para interpretar os costumes e a idiossincrasia local. No entanto, esses obstáculos foram e continuam sendo superados por chilenos de distintos gêneros, idades, personalidades e cidades. Esses sujeitos, hoje, têm em comum o fato de serem também brasileiros: falam português, comem comida local, escutam música brasileira e têm amigos do Brasil. Construíram uma história aqui e, em sua maioria, não pretendem voltar para o Chile ou migrar para outro país.

Em relação aos descendentes de segunda geração, o mais significativo nos relatos dos brasileiros de origem chilena são os cotidianos marcados, desde sempre, pelo constante ir e vir entre os dois países, deslocamentos não somente simbólicos, mas também físicos. Os quatro filhos de pai ou mãe chilena tiveram a oportunidade de, por mais de uma vez, visitar o Chile. E três deles viveram no país, por períodos que variaram de seis meses a doze anos.

Marcados pelo contato frequente entre os padrões culturais do local de nascimento e do país de origem de familiares próximos, esses indivíduos vivenciaram um contínuo processo de negociação identitária. Se a ideia de pertencer a uma nação é uma convenção construída, a família teve papel preponderante no surgimento do sentimento de pertencimento ao universo chileno, mesmo em solo brasileiro. Os filhos dos chilenos foram sujeitos que cresceram em lares onde o pai, a mãe e os avós constantemente falavam em espanhol, contavam histórias, cantavam músicas e preparavam pratos chilenos, plantando assim sementes para o florescimento das raízes chilenas. Quando perguntados sobre seus sentimentos identitários, três dos quatro entrevistados colocam a chilenidade em pé de igualdade com a brasilidade.

Em relação ao idioma, podemos afirmar que o espanhol foi transmitido com êxito para os brasileiros de origem chilena: todos os descendentes têm ao menos um nível avançado na língua castelhana, e são capazes de se expressar de forma competente no idioma oficial do Chile. Ainda que três dos quatro entrevistados revelem que são mais fluentes no português, Vicky declara ser mais capaz no espanhol, o que já é outro indicativo do sucesso da transmissão intergeracional do idioma, principalmente se levarmos em conta que os quatro indivíduos, além de terem nascido no Brasil, residiram por muito mais tempo em território brasileiro que no Chile.

Quando abordamos a presença das diferentes práticas culturais no cotidiano, os elementos chilenos - ou ao menos sul-americanos derivados da vivência chilena - também são marcantes. Enquanto os irmãos Rafael e Vicky recordam que o *reggaeton* - muito popular no Chile e em outros países da América Latina - é o gênero musical favorito deles, Felipe lembra das inúmeras produções audiovisuais - não somente chilenas, mas que circulavam entre os países hispânicos do continente - que teve acesso por ter, na juventude, vivido no Chile por alguns anos; bem como do hábito diário de tomar chá. Guilherme recorda ainda uma particularidade recebida da herança chilena familiar, que é o gosto pelo vinho e o costume de seguir alguns rituais no consumo da bebida. Ainda que a maioria desses brasileiros de origem chilena reconheça adotar mais costumes brasileiros no dia a dia, os costumes do Chile também estão presentes.

Outro ponto importante a mencionar em relação aos descendentes é o que parece ser a formação de uma “personalidade movente”, associada ao habitus migrante e ao capital de mobilidade que os quatro indivíduos tiveram acesso por conta de suas histórias de vida. Por serem filhos de estrangeiros e terem tido acesso desde cedo a ambientes interculturais, aparentam terem interiorizado o desejo de conhecer o mundo não somente através de viagens, mas também de experiências de residência em outros locais, algo evidenciado no fato de um colaborador hoje morar na China e outro pretender se mudar para o Canadá. A materialização dessa vontade é proporcionada pelas ferramentas que os filhos de migrantes adquirem por conta de suas experiências de vida, como o acesso a um segundo idioma e a um passaporte possivelmente mais valioso no “mercado internacional de passaportes”: Rafael lembra que o seu projeto migratório é facilitado por conta de possuir o passaporte chileno, já que, como detentor do documento do Chile, ele não precisa de visto para ingressar em território canadense.

Chama a atenção ainda a participação deles em grupos ou eventos chilenos, o que é mais uma evidência de uma potente conexão afetiva com o país natal dos ascendentes. Dos quatro colaboradores brasileiros de origem chilena, três participam ou participaram constantemente de eventos chilenos, seja como integrantes de grupos folclóricos, participantes de eventos comemorativos em datas especiais como as *Fiestas Patrias* ou como atleta de uma equipe amadora de futebol que representa a comunidade. Somente Felipe declarou não se envolver com as questões referentes à coletividade chilena no Rio, não mantendo contato com chilenos e outros descendentes residentes na cidade; e interagindo somente com os chilenos que vivem no país andino, amigos dos tempos em que viveu no Chile.

Um ponto de divergência quando observamos a presença dos migrantes chilenos nessas atividades. Dos quatro entrevistados nascidos no Chile, somente Valentina procura manter contato frequente com os compatriotas - algo realizado sobretudo virtualmente através de um grupo na rede social Facebook. Esses sujeitos parecem não ver a necessidade de manter laços constantes com os conterrâneos, talvez por já estarem bem integrados à sociedade local. Não costumam participar frequentemente dos eventos da colônia, e isso nos faz supor que a comunidade chilena não tende à guetificação, já que seus membros não se isolam em um conjunto hermético. Importante ainda lembrar que essa coletividade - como qualquer uma - não está isenta de conflitos, e essa pode ser uma das causas da ausência de alguns migrantes nessas reuniões, como ocorre com a colaboradora Violeta.

Cabe ainda recordar que a comunidade chilena no Rio de Janeiro parece ser menos organizada que em São Paulo, região que tem o maior volume de cidadãos de origem chilena. É o estado paulista que concentra o maior número de grupos folclóricos, a maioria já extinta, mas alguns ainda em atividade (LEMOS URTUBIA, 2022); uma publicação própria dirigida por um jornalista chileno que migrou para o Brasil na década de 70 (DUPEYRAT DE SANTANA, 2022a); e diversos estabelecimentos comerciais espalhados pela capital São Paulo e cidades do interior (DUPEYRAT DE SANTANA, 2022b). O Rio de Janeiro, a segunda região com a maior quantidade de chilenos, conta com menos grupos, não detém um veículo de comunicação comunitário e a capital fluminense, a cidade mais populosa do estado, não conta com nem um restaurante ou bar chileno. Investigações futuras poderiam aprofundar as causas dos diferentes níveis de engajamento coletivo entre as comunidades chilenas espalhadas pelas diferentes regiões do Brasil.

Voltando ainda aos brasileiros de origem chilena, cabe ressaltar que entrevistamos somente filhos oriundos de relacionamentos interculturais, ou seja, de pai chileno com mãe brasileira e de mãe chilena com pai brasileiro; e não encontramos diferenças significativas entre eles em relação às questões identitárias, idiomáticas e conexões afetivas com o Chile. Infelizmente, não localizamos filhos de ambos pais chilenos que topassem ser entrevistados para a presente investigação. Para estudos posteriores, seria interessante poder comparar os descendentes filhos de relacionamentos interculturais com os filhos de pais chilenos, e como isso influi no aspecto idiomático, nas práticas culturais cotidianas e na ligação afetiva com o universo chileno. Será que nascer e crescer no Brasil em um residência com pai e mãe chilenos pode fazer com que a identidade chilena acabe se sobrepondo à identidade brasileira? Isso seria um padrão nesse conjunto de pessoas?

Outras questão importante, pouco explorada nesta investigação e que poderia ser aprofundada em pesquisas futuras, é a relação da migração com o gênero. Como lembra Leroy (2023), o gênero institui relações de poder que fazem homens e mulheres serem afetados de formas distintas em relação às razões de partida, políticas de migração e integração, acesso ao mercado de trabalho, etc. Seria interessante ainda considerar identidades de gênero para além do masculino e do feminino, levando em consideração o transgênero, o não-binário e outros.

Por último, preciso ressaltar o imenso prazer que foi construir essa investigação junto aos sujeitos que, de forma gentil, toparam compartilhar suas histórias comigo. Se no relacionamento intercultural com uma cidadã chilena eu me sinto em constante contato com a alteridade, a estrangeiridade e a chilenidade; passar esses dois anos investigando a migração

oriunda do Chile e construindo narrativas em parceria com os colaboradores aumentou o meu carinho em relação ao país e às pessoas relacionadas com ele. Foi um processo lindo de descobertas que me fez sentir, também, um pouquinho chileno.

Referências

ABÉLÈS, Marc. Avant-propos. APPADURAI, Arjun. **colonialisme: Les conséquences culturelles de la globalisation**. Payot, 2005.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGAR, Lorenzo. Árabes y judíos en Chile: apuntes sobre la inmigración y la integración social. In: **Árabes y judíos en América Latina. Historia, representaciones y desafíos**. Compilado por Ignacio Klich. Buenos Aires: Siglo XXI Editora Iberoamericana, 2006.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ALENCASTRO, Mathias. França foi do 'triunfo do multiculturalismo' ao do 'bom migrante'. **Folha de São Paulo**, 2018. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/07/franca-foi-do-triunfo-do-multiculturalismo-ao-do-bom-migrante.shtml>. Acesso em: 15 de nov. de 2022.

APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da globalização: a modernidade sem peias**. Lisboa: Teorema, 2004.

ARANGO, Joaquín. Las “leyes de las migraciones” de E. G. Ravenstein, cien años después. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**. oct.-dez. 1985. DOI: <https://doi.org/10.2307/40183172>

BAUMANN, Gerd. **The multicultural riddle: rethinking national, ethnic, and religious identities**. London: Routledge, 1999.

BECKER, Howard. Conferência A Escola de Chicago. **MANA** 2(2):177-188, 1996.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BERARDI, R. A. C. (2014). **Trajetória e integração de imigrantes sul-americanos no Paraná: o caso dos argentinos, chilenos, paraguaios e uruguaios no Paraná, 1980-2011**. 2014. (Tese de Doutorado). Faculdade de Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

BERTAUX, Daniel. El enfoque biográfico: su validez metodológica, sus potencialidades. **Acta Sociológica**, 1(56), 61, 2011. Disponível em <https://doi.org/10.22201/FCPYS.24484938E.2011.56.29458>. Acesso em: 17 de mar. de 2023.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CAMARGO, D. R. ; CRUZ, B. C. P. ; COSTA, SAMIRA LIMA DA. **Psicossociologia com comunidades: suleando caminhos sentipensantes**. In: Colóquio Latino-Americano sobre

Insurgências Decoloniais, Psicologia e Povos Tradicionais., 2020, Sobral. Anais do Colóquio Latino-Americano sobre Insurgências Decoloniais, Psicologia e Povos Tradicionais., 2020.

CAMPOMAR, Andreas. **Golazo! A History of Latin American Football**. London: Quercus Editions Ltd, 2014.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Diferentes, Desiguais e Desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CAPES. **Catálogo de Teses e Dissertações**. Página inicial. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 02 de jan. de 2023.

_____. **Portal Periódico Capes**. Página inicial. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/>. Acesso em: 02 de jan. de 2023

CARVALHO, Joana. Recuperación de Plaza Italia y reivindicación de un espacio ciudadano: El futuro del epicentro de la protesta y celebración. **Diario UChile**, 2022. Disponível em: <https://radio.uchile.cl/2022/11/07/recuperacion-de-plaza-italia-y-reivindicacion-de-un-espacio-ciudadano-el-futuro-del-epicentro-de-la-protesta-y-celebracion/>. Acesso em: 01 de abr. de 2023.

CASO Moïse: imprensa internacional cita 'debate sobre xenofobia' após assassinato de congolês no Brasil. **BBC News Brasil**, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/media-60252088>. Acesso em: 08 de abr. de 2023.

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; MACEDO, M. Imigração e Refúgio no Brasil. **Relatório Anual 2019**. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2019.

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. **Relatório Anual 2021 – 2011-2020: Uma década de desafios para a imigração e o refúgio no Brasil**. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2021.

O CHILE também tem carnaval: La Tirana, a festa colorida do deserto andino. **Go Chile**, 2018. Disponível em: <https://gochile.com.br/artigos/o-chile-tambem-tem-carnaval-la-tirana-a-festa-colorida-do-deserto-andino.htm>. Acesso em: 30 de dez. de 2022.

CHILENOS EN EL EXTERIOR **Donde viven, cuántos son y qué hacen los chilenos en el exterior**, 2005. Disponível em <https://biblioteca.digital.gob.cl/bitstream/handle/123456789/2310/primer-registro-de-chilenos-en-el-exterior.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 de mar. de 2023.

COLECIONANDO histórias orais: uma introdução. **Blog do Museu da Imigração**, 2020. Disponível em: <https://museudaimigracao.org.br/blog/conhecendo-o-acervo/colecionando-historias-orais-uma-introducao>. Acesso em: 30 de mar. de 2023.

CONFERÊNCIA da poetisa Gabriela Mistral. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 06 de out. de 1937.

COSTA, Cláudia. Simpósio traz debates sobre o passado e o futuro de Brasil e Chile. **Jornal da USP**, São Paulo, 21 de ago. de 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/simposio-traz-debates-sobre-o-passado-e-o-futuro-de-brasil-e-chile/>. Acesso em: 18 de jan. de 2023.

DANTAS DEBIAGGI, Sylvia. Nikkeis entre o Brasil e o Japão: desafios identitários, conflitos e estratégias. **Revista USP**, São Paulo, n.79, p. 165-172, setembro/novembro de 2008.

DE GENOVA, Nicholas P. Migrant "Illegality" and Deportability in Everyday Life. **Annual Review of Anthropology** - Vol. 31, pp. 419-447, 2002.

DE MORAES, Vinícius. **História natural de Pablo Neruda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DE OLIVEIRA, Márcio; KULAITIS, Fernando. Habitus Imigrante e Capital de Mobilidade: a Teoria de Pierre Bourdieu Aplicada aos Estudos Migratórios. **Mediações**; Londrina, V. 22 N. 1, P. 15-47, JAN./JUN. 2017.

DIAS, Gustavo & VILLEN, Patrícia. 2021. "**Abdelmalek Sayad**". In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/autor/abdelmalek-sayad>. Acesso em: 01 de fev. de 2023.

DIRECCIÓN NACIONAL DE POBLACIÓN. **La migración reciente en la Argentina entre 2012 y 2020, 2021**. Disponível em: [Migración reciente en la Argentina. 2012-2020_Final](#). Acesso em: 14 de jul. de 2022.

DOMINGOS, Raphael. Gabriela Mistral - a terra e as palavras: em busca da unidade latino-americana, Mistral fez da poesia transformação social. **Medium**, 2021. Disponível em: <https://medium.com/escritas-libres/gabriela-mistral-a-terra-e-as-palavras-67c58bae2084>. Acesso em: 12 de jan. de 2023.

DUPEYRAT DE SANTANA, Sidney. Uma declaração de amor ao país natal: o jornal "Chile en Evidencia". **O Estrangeiro**, 2022a. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2022/06/07/uma-declaracao-de-amor-ao-pais-natal-o-jornal-chile-en-evidencia/>. Acesso em: 09 de abr. de 2023.

_____. Uma pequena Santiago em São Paulo. **O Estrangeiro**, 2022b. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2022/08/11/uma-pequena-santiago-em-sao-paulo/>. Acesso em: 09 de abr. de 2023.

ELHAJJI, Mohammed. Mapas subjetivos de um mundo em movimento: Migrações, mídia étnica e identidades transnacionais. In: **XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom**. Caxias do Sul: 2010.

_____. Comunidades diaspóricas e cidadania global: o papel do intercultural. **Esferas**, Ano 2, Nº 3, julho a dezembro de 2013.

_____. Le culte à la culture: évolution, révolution et régression. *In*: DERVIN, Fred (Org.) **Le concept de culture: comprendre et maîtriser ses détournements et manipulations**. Paris: L'Harmattan, 2013. p. 19-46.

_____. América do Sul: um espaço migratório regional ‘quase perfeito’. **Folha de São Paulo**, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/latinoamerica21/2021/03/america-do-sul-um-espaco-migratorio-regional-quase-perfeito.shtml>. Acesso em: 14 de jul. de 2022.

_____. Portunhol: o reflexo de nossas identidades híbridas. **Latinoamérica21**, 2021. Disponível em <https://latinoamerica21.com/br/portunhol-o-reflexo-de-nossas-identidades-hbridas/>. Acesso em: 15 de mar. de 2023.

_____. Usos e desusos da cultura na contemporaneidade. **Comunicação Pública [Online]**, Vol.11 nº 21 | 2016, posto online no dia 15 dezembro 2016, consultado o 14 novembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/cp/1319>; DOI: <https://doi.org/10.4000/cp.1319>

ELHAJJI, M.; ESCUDERO, C. WEBDIÁSPORA: Migrações, TICs e memória coletiva. **Revista Observatório**, [S. l.], v. 2, n. 5, p. 334–363, 2016. DOI: 10.20873/uft.2447-4266.2016v2n5p334. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/2401>. Acesso em: 4 abr. 2023.

ELHAJJI, Mohammed; ESCUDERO, Camila. Sentidos e expressões da noção de ghorba na obra de Abdelmalek Sayad. *In*: DIAS, Gustavo; BÓGUS, Lucia; PEREIRA, José Carlos Alves; BAPTISTA, Dulce. (Org.) **A contemporaneidade do pensamento de Abdelmalek Sayad**. São Paulo: EDUC, 2020, p. 157-177.

ELHAJJI, Mohammed Rio; GONÇALVES, Catarina. Casais interculturais entre tradição e tradução: da entrega amorosa à negociação de novos códigos sociais. *In*: **Dossiê - Migrações: corpo, gênero e sexualidade** - v. 10 n. 19, jan-jun, 2022. DOI: <https://doi.org/10.21665/2318-3888.v10n19p109-136>

ESCUDEIRO, Camila. **Comunidades em festa: a construção e expressão das identidades sociais e culturais do imigrante nas celebrações das origens**. Tese de doutorado no Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da UFRJ. Rio de Janeiro, 2017.

FELDMAN-BIANCO, Bela y GLICK SCHILLER, Nina. Una conversación sobre transformaciones de la sociedad, migración transnacional y trayectorias de vida. **Crítica y Emancipación**, (5): 9-42, primer semestre de 2011.

FERNANDEZ, V. P. R. **Dilemas da Construção de Identidade Migrante: História Oral de Vida de Chilenos em Campinas** (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 2011.

FERREIRA, Teresa. Entrevista a Arjun Appadurai. **Comunicação & Cultura**, n. 7, pp. 133-140, 2009.

FREIRE, N., GUERRERO, V., ALVEZ, S. y TELLECHEA, G. (2021). **Anuario 2021** - Dirección Nacional de Migración - Departamento de Estadística. Disponível em: https://migracion.minterior.gub.uy/images/anuario21/Anuario_2021.pdf. Acesso em: 30 de mai. de 2022.

FRITZ, Regina. **Quando estivesse no Chile ouvi uma frase que desvendou esse mistério: nos chilenos queríamos uma relação assim de irmãos como brasileiros e argentinos mas somos só primos [...]**. 26 nov. 2020. Twitter: [@regina60213646](https://twitter.com/regina60213646). Disponível em: <https://twitter.com/regina60213646/status/1332144503130566656>. Acesso em: 03 jul. 2022.

GONZALEZ, Mariela E. Toro. Fronteira: a construção da identidade transcultural dos imigrantes chilenos no Brasil. **Ponto e Vírgula**, No. 20, p. 23-41, PUC SP, 2016.

GOOGLE. **Google Acadêmico**. Página inicial. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>. Acesso em: 02 de jan. de 2023.

GUERRERO, Germán. Chile na comunidade de países de língua portuguesa. **Diário de Notícias**, Lisboa, 16 de ago. de 2018. Disponível em <https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/chile-na-comunidade-de-paises-de-lingua-p-ortuguesa-9722050.html>. Acesso em: 12 de jan. de 2023.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 10a edição, 2010.

HEINSFELD, Adelar. Rio Branco e as relações do Brasil e Chile no âmbito da proposta do Pacto ABC (1915). **História: Debates e Tendências** – v. 12, n. 1, jan./jun. 2012, p. 11-21.

HEIZER, Teixeira. **O Jogo Bruto das Copas do Mundo**. Rio de Janeiro: Mauad, 3. ed., 2014.

HISTÓRIA ORAL. **(E/I)Migrantes, refugiados, exilados, retornados**. v. 18 n. 1, 2015. ISSN: 2358-1654

INDEC. **Censo Nacional de Población, Hogares y Viviendas 2010**, 2010. Resultados de la consulta: Cuadros (6). Disponível em: <https://www.indec.gob.ar/indec/web/Nivel4-CensoNacional-3-7-Censo-2010>. Acesso em: 28 de mai. de 2022.

JACKSON, Felicia. Entenda o que é micélio, a rede de fungos que pode ajudar na sustentabilidade planetária. **Forbes**, 2022. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbesagro/2022/01/entenda-que-e-micelio-a-rede-de-fungos-que-pode-ajudar-na-sustentabilidade-planetaria/>. Acesso em: 01 de abr. de 2022.

JODELET, D. Représentations sociales: un domaine en expansion. *In*: D. Jodelet (Ed.) **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1989, pp. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith AlvesMazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação, dez 1993.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

L&PM EDITORES. "**Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me contou que somos feitos de histórias**", diz Eduardo Galeano ao apresentar seu novo livro "**Os filhos dos dias**" [...]. Porto Alegre, RS, 28 de ago. de 2012. Facebook: L&Pm Editores @L&PM Editores. Disponível em: <https://www.facebook.com/LePMEditores/posts/199000830230478/>. Acesso em: 30 de mar. de 2023.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEMOS URTUBIA, María de la Merced de. **A cueca caiu no samba: Memória, diáspora e práticas culturais dos chilenos no Rio de Janeiro e em São Paulo** (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2022.

LEROY, Aurélie. A face feminina das migrações globais. **Outras Palavras**, 2023. Tradução de Maurício Ayer. Disponível em: <https://outraspalavras.net/desigualdades-mundo/a-face-feminina-da-migracoes-globais/>. Acesso em: 23 de jun. de 2023.

LUSSI, Carmen. Teorias da mobilidade humana. Revisão bibliográfica. *In*: DURAND, Jorge; LUSSI, Carmen. **Metodologia e teorias no estudo das migrações**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015, p.43-116.

MARINUCCI, Roberto. "Não são apenas números". Olhares psicossociais sobre migrantes e refugiados. **REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, v. 27, n. 55, abr. 2019, p. 7-12. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880005501>.

MARQUES, Teresa Cristina Schneider. O Exílio e as Transformações de Repertórios de Ação Coletiva: A Esquerda Brasileira no Chile e na França (1968-1978). **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 60, no 1, 2017, p.239-279. DOI: 10.1590/001152582017120.

MCAULIFFE, M.; TRIANDAFYLLIDOU, A. (eds.). **World Migration Report 2022**. International Organization for Migration (IOM), Geneva, 2021.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas: história oral aplicada**. São Paulo: Contexto, 2020.

MENEZES, Cynara. Vinícius de Moraes amou um homem. **Pragmatismo Político**, 21 de out. de 2013. Disponível em <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/10/vinicius-moraes-pablo-neruda.html#>. Acesso em: 19 de jan. de 2023.

MEZZADRA, Sandro; NEILSON, Brett. **La frontera como método o la multiplicación del trabajo**. Madrid: Traficantes de sueños, 2017.

MIGRATION DATA PORTAL. **Total number of international migrants at mid-year 2020, 2021**. Página inicial. Disponível em: https://www.migrationdataportal.org/international-data?i=stock_abs_&t=2020&m=2&sm49=5. Acesso em: 18 de jul. de 2022.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Chile 62 | 50 anos**. 2012. Disponível em: <http://arquivo.esporte.gov.br/arquivos/ascom/publicacoes/50AnosCopa62.pdf>. Acesso em: 16 de jan. de 2023

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Anuário Estatístico Embratur - Volume 32 - Ano 2005**. Disponível em: https://www.gov.br/turismo/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/observatorio/anuario-estatistico/anuario_estatistico_de_turismo_2005_1.pdf. Acesso em: 16 de jan. de 2023

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Anuário Estatístico de Turismo - 2011 Volume 38 - Ano base 2010**. Disponível em: https://www.gov.br/turismo/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/observatorio/anuario-estatistico/anuario_estatistico_de_turismo_2011.pdf. Acesso em: 16 de jan. de 2023

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Anuário Estatístico de Turismo 2021 - Volume 48 - Ano Base 2020 - 2ª Edição**. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/observatorio>. Acesso em: 16 de jan. de 2023

MIRANDA, Suélen Cristina de. O estudo das migrações a partir da Psicologia Social: Uma perspectiva crítica. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 566-582, 2019.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MUÑOZ, Heraldo. Neruda volta ao Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 de mar. de 1996. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/3/26/opiniaio/9.html>. Acesso em: 19 de jan. de 2023.

NA ACADEMIA de Letras. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 06 de out. de 1937.

NAÇÕES UNIDAS. Department of Economic and Social Affairs, Population Division. (2019). **International Migrant Stock 2019** (United Nations database, POP/DB/MIG/Stock/Rev.2019). Disponível em: www.unmigration.org. Acesso em: 15 de mar. de 2023.

NORAMBUENA, Carmen; PALOMERA, Adriana; LOPEZ, Ana. Brasileños en Chile durante la dictadura militar: Doble refugio 1973-1975. **História Unisinos**, Vol. 22 N° 3 - setembro/outubro de 2018. DOI: 10.4013/htu.2018.223.10.

NUÑEZ, X. C., GUTIÉRREZ, E. S., CONTRERAS, C. M. **Segundo Registro de Chilenos en el Exterior**. Instituto Nacional de Estadísticas: Santiago de Chile, 2017.

OIM. **Informe sobre las migraciones en el mundo 2020**, 2020. Disponível em: <https://worldmigrationreport.iom.int/wmr-2020-interactive/?lang=ES#:~:text=M%C3%A1s%20del%2040%25%20de%20todos,Federaci%C3%B3n%20de%20Rusia%2C%20el%20tercer> q.. Acesso em: 28 fev. 2023.

OPERAÇÃO Acolhida já interiorizou mais de 50 mil venezuelanos. **Serviços e informações do Brasil**, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2021/06/operacao-acolhida-ja-interiorizou-mais-de-50-mil-venezuelanos#:~:text=O%20Governo%20Federal%20estima%20que,venezuelanos%20vivem%20atualmente%20no%20Brasil>. Acesso em: 30 de mai. de 2022.

PALERMO, Vicente. O país do futuro, visto da Argentina. **Nueva Sociedad**, 2010. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/o-pais-do-futuro-visto-da-argentina/>. Acesso em 03/07/22.

PARRA, Violeta. **Volver a los Diecisiete** (1962). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Oe1o13CIv4>. Acesso em: 28 fev. 2023.

PEIXOTO, João. **As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e MacroSociológicas**. Lisboa: SOCIUS, 2004.

PERALTA, Elsa. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. *In: Arquivos da Memória: Antropologia, Escala e Memória* | N.º 2 (Nova Série) | 2007.

PICQ, Pascal. Homo: le seul singe migrateur, in Dominique Garcia *et al.*, **Archéologie des migrations, La Découverte**, pages 39 à 64, 2017.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989.

_____. Memória e identidade social. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. São Paulo: **Projeto História**, São Paulo, n. 14, pp. 25-39, fev. 1997.

POULAIN, Jean Pierre. **Sociologias da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar**. Florianópolis: ed. UFSC, 2013.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Imigrantes e trabalho decente**, 2020. Dados. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/imigrantes_e_trabalho_decente/index.php?p=291781. Acesso em: 30 de mai. de 2022.

RELACIONES bilaterales. **Embajada de Chile en Brasil**, sd. Disponível em: <https://www.chile.gob.cl/brasil/relacion-bilateral/relaciones-bilaterales/relaciones-bilaterales>. Acesso em: 04 de jan. de 2023.

ROJAS, Fabián Nuñez. Cambio generacional con todo: Lo que revela los géneros más consumidos por chilenos en Spotify. **Rock & Pop**, 2022. Disponível em: <https://www.rockandpop.cl/2022/05/cambio-generacional-con-todo-lo-que-revela-los-generos-mas-consumidos-por-chilenos-en-spotify/>. Acesso em: 15 de mar. de 2023.

RUSEISHVILI, S.; CHAVES, J. Deportabilidade: Um novo paradigma na política migratória brasileira?. **Plural**, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 15-38, 2020. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcs.2020.171526. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/171526>. Acesso em: 30 jan. 2023.

SANTIN, Juliana. Mapa: o mundo dividido entre café e chá. **Cafépoint**, 2014. Disponível em: <https://www.cafepoint.com.br/noticias/giro-de-noticias/mapa-o-mundo-dividido-entre-caffe-e-cha-92209n.aspx>. Acesso em: 14 de mar. de 2023.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SCHÜTZ, Alfred. O Estrangeiro – Um ensaio em Psicologia Social. **Revista Espaço Acadêmico**, Ano X, N.113, p.117-129, 2010.

SERVICIO JESUITA A MIGRANTES. **Migraciones en Chile**, 2021. Disponível em: <https://www.migracionenchile.cl/poblacion/>. Acesso em: 28 de mai. de 2022.

SIMON, Roberto. **O Brasil contra a democracia: a ditadura, o golpe no Chile e a Guerra Fria na América do Sul**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SLOTERDIJK, Peter. **No mesmo barco: ensaio sobre a hiperpolítica**. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

SOUZA, Conceição. Comensalidade, identidade e alteridade. **O Estrangeiro**, 2020. Disponível em <https://oestrangeiro.org/2020/08/10/comensalidade-identidade-e-alteridade/>. Acesso em: 15 de mar. de 2023.

STEFONI, C.; S, BRITO. Migraciones y migrantes en los medios de prensa en Chile: la delicada relación entre las políticas de control y los procesos de racialización. In: **Revista Historia Social y de las Mentalidades**, 23(2), 1-28, 2019. DOI: 10.35588/rhsm.v23i2.4099.

EL TÉ y los chilenos. **Braganza**, 2020. Disponível em: <https://www.braganza.cl/blogs/tea-lovers/el-te-y-los-chilenos>. Acesso em: 15 de mar. de 2023.

THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração. Tradução Magda França Lopes. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, nº 44, pp. 341-364. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882002000200005>.

TIJOUX, María Emilia; RIVERA, María Gabriela Córdova. Racismo en Chile: colonialismo, nacionalismo, capitalismo. **Polis**, 42, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/polis/11226>. Acesso em: 15 de mar. de 2023.

TORPEY, John C. **The invention of the passport: surveillance, citizenship and the state**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

ZANFORLIN, Sofia. Migração e Escola de Chicago: caminhos para uma comunicação intercultural. *Esferas*, Ano 2, No 3, pp. 161-168, jul/dez 2013.

Entrevistados

Rafael, 32 anos.

Alhio, 46 anos.

Valentina, 34 anos.

Vicky, 22 anos.

Pablo, 26 anos.

Violeta, 73 anos.

Felipe, 41 anos.

Guilherme, 33 anos.

Anexo 1: Parecer Consubstanciado do CEP

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Vidas e memórias que atravessam o continente: a construção identitária intercultural dos imigrantes chilenos no Brasil

Pesquisador: SIDNEY DUPEYRAT DE SANTANA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 61331322.4.0000.5582

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia (UFRJ)

Patrocinador Principal: FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.712.415

Apresentação do Projeto:

Este trabalho pretende fazer uma análise sobre a imigração chilena no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro; buscando entender como as memórias e vivências desses indivíduos contribuem com a formação da identidade intercultural dos integrantes dessa comunidade migratória. Através da produção de entrevistas semiestruturadas de história oral realizadas junto aos entrevistados, serão apontadas as motivações que fizeram esses chilenos se mudarem para o país e apresentadas distintas questões sobre o universo dessas pessoas; como suas práticas culturais, os elementos unificadores que permitem identificar os chilenos na cidade, as formas de se integrar à sociedade carioca e como a experiência migratória pode contribuir com uma aproximação com outras culturas da América do Sul.

Objetivo da Pesquisa:

-Entender como as memórias e vivências dos migrantes chilenos no Brasil contribuem com a formação da identidade intercultural dos integrantes dessa comunidade migratória.

-Apontar as motivações que fizeram esses chilenos se mudarem para o Brasil e apresentar distintas questões sobre o universo dessas pessoas; como suas práticas culturais, os elementos unificadores que permitem identificar os chilenos na cidade, as formas de se integrar à sociedade local e como a experiência migratória pode contribuir com uma aproximação com outras culturas da América do Sul.

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

Bairro: URCA **CEP:** 22.290-240

UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)3938-5167

E-mail: cep.cfch@gmail.com

**UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO**



Continuação do Parecer: 5.712.415

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

-Riscos apresentados da seguinte maneira no RCLE:

“Conforme a resolução 510, de 2016, do sistema CEP/CONEP, sempre existem riscos, ainda que mínimos, incluindo possíveis constrangimentos, em qualquer pesquisa que envolva pessoas; e, para o caso aqui apresentado, são principalmente riscos subjetivos. Caso você se sinta incomodado(a) ao tratar dessas experiências pessoais no processo de migração e queira interromper a entrevista, você poderá desistir a qualquer momento. No momento de pandemia de Covid-19, a participação também implica no risco de contaminação de Covid-19, mas tomaremos as medidas necessárias para reduzir as chances de contágio, como o uso de máscaras e o distanciamento físico.”

-Os benefícios são considerados subjetivos ou do âmbito coletivo, o que condiz com uma pesquisa da área de humanas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

-A pesquisa objetiva desdobramentos importantes para sua área de conhecimento e possui relevância social.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

-Todos os termos se encontram de acordo com a Resolução 510.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto está aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1951188.pdf	08/09/2022 15:06:53		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	RCLE_Sidney.pdf	08/09/2022 15:06:09	SIDNEY DUPEYRAT DE SANTANA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoSidneyDupeyratdeSantana.pdf	29/06/2022 14:53:46	SIDNEY DUPEYRAT DE SANTANA	Aceito

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30
Bairro: URCA **CEP:** 22.290-240
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3938-5167 **E-mail:** cep.cfch@gmail.com

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO



Continuação do Parecer: 5.712.415

Folha de Rosto	plataformabrasil_sidneydupeyrat_assinado.pdf	29/06/2022 14:40:56	SIDNEY DUPEYRAT DE SANTANA	Aceito
----------------	--	------------------------	-------------------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 20 de Outubro de 2022

Assinado por:
ERIMALDO MATIAS NICACIO
(Coordenador(a))

Endereço: Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30
Bairro: URCA **CEP:** 22.290-240
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3938-5167 **E-mail:** cep.cfch@gmail.com

APÊNDICES

Apêndice 1: Roteiro de entrevistas com migrantes

Cabeçalho

Nome/sobrenome:

Idade:

Sexo:

Estado civil:

religião:

tem cidadania brasileira?

desempenha atividades relacionadas à sua formação profissional?

Cidade onde nasceu no Chile?

- 1) Há quanto tempo vive no Brasil? Veio direto para o Rio de Janeiro ou viveu em alguma outra cidade antes?
- 2) Você pode me contar como era a sua vida no Chile? O que o levou a optar por emigrar? Migrou sozinha ou com mais alguém?
- 3) Você se mudou do Chile direto para o Brasil? Lembra por que escolheu o Brasil como destino de migração?
- 4) Pode me contar como se deu esse processo migratório e como foi a adaptação ao país? Quais as dificuldades enfrentadas? Que escolhas / renúncias teve que fazer? Quem mais te ajudou ao longo do processo? Pode me falar sobre essa pessoa?
- 5) Você trabalha no Chile na mesma área de atuação em que trabalhava no Brasil?
- 6) Pode me contar qual era a percepção que você tinha do Brasil antes de chegar aqui? E qual a percepção você tem do país agora?
- 7) Qual percepção você tinha do Chile antes de migrar e qual percepção você tem agora?
- 8) Quais adaptações você teve que fazer para viver em um novo país? Quais costumes você adquiriu do Brasil? Quais costumes chilenos você manteve ao longo desses anos?
- 9) Você mantém contato com outros chilenos que vivem no Rio de Janeiro? Se sim, como se dá essa comunicação? São organizados eventos de confraternização?
- 10) Como você se identifica hoje? Chileno ou brasileiro? Escuta mais músicas do Chile ou do Brasil? Como mais comida chilena ou brasileira?

11) Sente saudades de viver no Chile? Pretende voltar a viver lá?

12) O que você trouxe contigo do Chile? E o que você mantém contigo? (objetos de memória).

Apêndice 2: Roteiro de entrevistas com descendentes

Cabeçalho

Nome/sobrenome:

Idade:

Sexo:

Estado civil:

Profissão:

religião:

cidade onde nasceu no Brasil:

- 1) Quem da sua família é chileno? O pai, a mãe ou ambos? Quando ele/ela/eles chegou/chegaram ao Brasil?
- 2) Quais as suas primeiras lembranças referentes ao Chile? Quais as outras lembranças do Chile que vêm à mente?
- 3) “Contos chilenos”. Seu pai/mãe contava para você contos e histórias do Chile? Quais?
- 4) Como foi a experiência de ser uma criança brasileira filha de migrantes do Chile?
- 5) Como você se identifica: brasileiro, chileno ou ambos?
- 6) Possui a cidadania chilena?
- 7) Você fala espanhol? Qual seu grau de fluência no idioma? Seus pais falavam em qual idioma com você?
- 8) Você já foi ao Chile? Se sim, quantas vezes? Qual foi a última? Se não, pretende / tem planos de ir? Pretende morar lá?
- 9) Qual a sua relação com o Chile hoje? Participa de algum grupo de chilenos? Possui contato com chilenos do Rio de Janeiro? Votou nas últimas eleições?
- 10) Come comida chilena? Quais?
- 11) Escuta música chilena? Quais?
- 12) Adota alguma outra prática cultural chilena no dia a dia?
- 13) Você guarda algum objeto contigo que te lembre do Chile?

Apêndice 3: Entrevista Rafael

Data da entrevista: 08/10/22
Nome: Rafael Cabrera
Natural de: Rio de Janeiro.
Pai: Limache. Mãe: Minas Gerais
Idade: 32
Sexo: Masculino
Estado civil: Casado (com brasileira)
Profissão: Autônomo
Religião: Católico

Então Rafael falando da sua família, né? Você já explicou que teu pai que é o chileno da família, né? Como é que ele chegou, assim, sabe a história dele como é que ele migrou para o Brasil?

Então, antes de ele ter vindo para o Brasil, ele saiu de Santiago e foi para Mendonça (Mendoza) primeiro. E foi morar em Mendonça.

Aí, pelas história que ele me conta, ele trabalhava lá numa sorveteria, numa fábrica de sorvete, aí ele ficou se não me engano uns três, quatro anos morando por lá. Aí, ele desejava e queria muito conhecer o Brasil, na época quando ele desejava ele queria conhecer muito Brasil, ele pensava em vir para Salvador. Só que por via do destino ele conheceu um amigo de infância dele chileno, e aí o amigo de infância chileno acabou influenciando ele (o pai) para morar com ele aqui no Rio de Janeiro. Aí eles foram morar ali na Lapa, na Rua dos Inválidos.

Ele foi morar com o amigo dele?

Isso, com o amigo e a esposa dele. se eu não me engano tinha uma filha já pequena... aí foram morar os três juntos assim.

E por que que teu pai saiu do Chile?

Assim, um dos motivos era mais também questão política, tava tudo difícil na época, tinha muita instabilidade econômica assim foram vários fatores relativos ao tempo daquela época lá no Chile, entendeu? Como tava em transição da época do socialismo para a ditadura... entendeu? Então isso aí acho que também foi um dos motivos... e como ele era novo, ele tava disposto a ter novos mundos na vida dele...

Ele chegou a ser perseguido pelo governo, alguma coisa assim?

Nem tanto, porque na época ele era novo, e também, como ele morava numa cidade teoricamente pequena (Limache), não ficava na grande metrópole... só que, mesmo assim,

tinha toque de recolher, tinha todas essas questões assim, entendeu? Ele sabia que não podia ficar até altas horas na rua ou rodando assim para cima e para baixo... porque ele podia ter algum tipo de repressão. Chegou até a ter algumas repressões assim da época, mas graças a Deus nunca teve nada grave.

E por que ele queria conhecer o Brasil, que você comentou?

Então, assim, ele nunca me disse assim o motivo não, mas pelo que eu sei, eu também morei no Chile, todo mundo fala bem do Brasil, assim... eu não sei qual é a mística que o Brasil tem, não sei se é em relação ao futebol, que na época que ele tava lá era 62, se eu não me engano, por aí 62, 70. Então já tinha tido a copa do mundo que o Brasil ganhou, então a influência do Brasil por lá foi muito grande... E, assim, um dos estádios que o Brasil jogava muito era o de Valparaíso [sic]. E Valparaíso ficava muito perto de Limache... então acho que a influência do futebol brasileiro ajudou nesse quesito aí, né? A mística do futebol, do samba, praia... tudo isso.

Quais as tuas primeiras lembranças referentes ao Chile e que outras lembranças do Chile que vêm a sua mente quando você pensa no país?

Então, de lembrança a primeira coisa que eu lembro é que me formou como pessoa mesmo, como um homem, de verdade. Porque foi justo naquela transição que a gente tem entre garoto para homem. Porque, na época, eu fui para lá para jogar bola. Aí era aquele sonho de todo brasileiro de querer jogar bola e tudo o mais... e teoricamente lá era outro outro nível técnico e tudo mais, entendeu? E aí eu fui jogar num tipo de Segunda (divisão) na época.. era o Magallanes. Não ficava em Santiago, mas era ali perto da cidade. Aí fui jogar lá no Magallanes.

No profissional?

É, mas eu era novo ainda, entendeu? Mas, assim, uma das coisas que me atrapalhou é porque eu cheguei lá novo, não era maduro.

Quantos anos você tinha?

Eu tinha dezessete anos. dezessete anos, mas com uma cabeça de doze, porque eu era um garoto bem recatado, bem tímido, não tinha essa personalidade, entendeu? Então isso acabou me atrapalhando um pouco psicologicamente.

E você foi sozinho?

Sim, fui sozinho. Aí no começo eu fiquei na casa do meu tio, e aí fui me adaptando só que não gostando, entendeu? Não gostei de lá mais pelo frio, entendeu? E aí longe da família, você começa a ver dificuldade, tu olha pro lado e vê que não está o teu pai e tua mãe... você

começa a ficar um pouco assim, como que eu vou explicar, um pouco “surtado” entre aspas seria a palavra específica. Mas seria assim... sem amparo.

Como se você não tivesse um porto seguro ao seu lado...

Eu conheci meus tios, só que foi uma coisa assim, tipo, eu só falava com eles por telefone e de vez em quando por cartas, que na época o Facebook tava começando... o Orkut... ele não sabia nem o que era computador, que dirá Orkut pra ele, entendeu? Eu sou da época do Orkut e do MSN...

E quanto tempo você ficou lá no Chile?

Ah, eu fiquei no Chile aproximadamente... mais de quatro anos. Jogando no Magallanes (no início), mas depois não resultou. Depois eu comecei a conhecer o mundo, e aí comecei a ser bom para festa, balada, essa coisa toda... aí acabou que não deu certo. Querer conciliar as duas coisas não dá certo. E aí acabei deixando o futebol porque lá paga pouco (para jogador), ainda mais para time pequeno, porque não tem tanto mercado, o mercado não é tão forte, entendeu? E aí de vez em quando eu começava a trabalhar lá dentro de barman. Assim, de ajudante de barman, entregando drink, ajudando nas bebidas e tudo mais... E aí uma vez um amigo meu, já das baladas que eu tinha, então ele me chamou “pô, meu tio trabalha em balada, por que você não vai trabalhar com ele de vez em quando?”, fazer um part-time, como eles falam... Aí eu falei “tá bom”, aí fui, comecei, conheci, vi que o dinheiro era bom e botei na balança: “já vou chegar a 18, 19 anos, ainda não consegui nada de concreto, só sonho”, e tava sozinho, entendeu? Estava inseguro...longe de tudo, não tinha uma pessoa para me motivar: “não, continua no foco que uma hora você vai conseguir”... E aí comecei a trabalhar nessa parte de restaurante. E aí trabalhei um bom tempo em restaurante.

E tudo isso em Santiago, né?

Sim, em Santiago.

E por que você decidiu voltar para o Brasil?

Então, eu voltei porque depois eu tive um relacionamento de dois anos e pouco, um ano, por aí... agora precisamente o tempo eu não tô lembrado não, e aí depois que teve esse término eu acabei decidindo voltar de vez para o Brasil.

Esse relacionamento foi com uma chilena?

Foi com uma francesa (que morava lá).

Só que nesse mesmo tempo, eu voltei, se eu não me engano, duas vezes para o Chile. Não, fui três vezes! A primeira vez quando eu fui, foi para conhecer, que o meu pai comprou uma

passagem para mim [sic] para eu conhecer o Chile. “Fez 18 anos, ah vai para o Chile conhecer”. Tanto é que a primeira vez que eu fui para o Chile eu fiquei somente três meses.

Antes do futebol?

Sim, antes do futebol, fui para ficar três meses, na época estava jogando aqui no Madureira. Aí eu fui em janeiro e voltei em março, abril, por aí... para conhecer mesmo, só para conhecer..

Sozinho?

Não, nessa época eu fiquei na casa dos meus tios, mas saí daqui sozinho.

E aí, justo nesse tempo, teve até a questão lá do terremoto de 2010, eu tava tava lá, em Santiago foi três e pouca da manhã, foi até meio que assustador porque eu tava dormindo e comecei a escutar um estrondo bem alto de longe... eu até pensei “é caminhão, alguma coisa assim”. Daqui a pouco, tô dentro de casa no quarto, e comecei a ver tudo balançando, parede balançando, eu ficava em pé e não conseguia ficar em pé, caía no chão toda hora, falei “caramba, que que é isso aqui?!”, até eu pensar que era terremoto... durou precisamente acho que um minuto e pouco, por aí.

Ficou com medo?

Sinceramente, eu fiquei com medo, só que ao mesmo tempo tava feliz de presenciar aquilo... porque, sei lá, uma experiência assim, que vc nunca vivencia, é uma coisa bem legal. Óbvio, acho que eu só fiquei feliz porque não aconteceu nada de grave para ninguém da minha família, mas assim, é uma coisa que me deu arrepio, me assustou. Mas foi uma sensação muito maneira, bacana... a gente nunca sabe quando vai ter um terremoto, né? Ainda mais que a gente mora num país que aqui nunca vai existir.

E isso foi na sua primeira vez no Chile?

Isso, na primeira vez. Eu até fiz alguns testes lá, aí peguei até o contato do pessoal do Magallanes, aí fiquei naquela “ah, vou ou não vou, vou ou não vou?”, aí meu pai então na época botou pilha: “não, vai e fica por lá!”. Aí na segunda vez eu fui de ônibus, porque na primeira vez eu fui de avião. Ai estava no relacionamento (com a francesa, que conheceu quando trabalhava de barman, após a experiência com o futebol), mas voltei para o Rio para ficar. Só que aí ela veio junto comigo, para querer me ver, aí ela voltou, e depois eu voltei junto com ela...

Quando ela veio, ela ficava conversando, a coisa foi ficando séria, e acabei voltando...

Então foram 3 vezes que eu fui para lá.

Agora estou com outro objetivo, quero ir para o Canadá. Morar lá.

Por quê?

Por duas questões. A questão do Brasil em si, questão política, todos esses acontecimentos aí, e também porque o Canadá é um país bem estável economicamente, tem muito trabalho... e além disso outro objetivo é o de apoiar a minha mulher, porque ela trabalha na área de TI, então o mercado é bem grande... e como eu trabalho... também sou soldador... então essas questões, além de ter trabalho, a gente é muito mais valorizado.... Um trabalho desse aqui que eu tenho, se fosse num país desenvolvido eu ia estar ganhando cinco vezes mais... nos países mais desenvolvidos, trabalho de mão de obra pesada, eles pagam muito mais.

Aí como eu tô ainda nessa idade de produzir bastante, então eu quero aproveitar agora para ver isso. E eu vou te falar, eu tb estou pensando em viajar cara, eu quero viajar...

Quando você era pequeno e morava aqui no Brasil, teu pai contava para você histórias e contos do Chile, tinha alguma coisa assim?

O que ele mais me falava mesmo era sobre o 18 de setembro, as *Fiestas Patrias*. Falava com bastante alegria... ele falava que para ele, se a gente aqui era envolvido com o Carnaval, que todo mundo ficava feliz e agitado comentando o que ia fazer no carnaval, etc; para eles era a Fiesta Patria, entendeu? Aí ele falava lá do Terremoto, das bebidas típicas, dos piscos, das piscolas, pisco sour e todas essas coisas... empanada, *mote con huesillos*, todas as coisas que tem típicas do Chile. Sobre as danças chilenas... falava sobre os *huasos*... eu era novo, assim, escutava, mas só ficava no meu Imaginário...

Quando você era pequeno, vocês participavam de Fiestas Pátrias, tinha a celebração aqui no Rio?

De vez em quando a gente ia em algumas sim. Meu pai conhece o Moisés desde que ele chegou no Rio, então eu ia sempre junto com ele...

E você gostava?

Assim, a gente é criança, a gente gosta de tudo, né? Tudo que é diferente, a gente fica feliz, assim, você não tinha muito critério assim de crítica...

Eu ia na maioria das vezes (nas *Fiestas Patrias*). Muitas vezes, se eu não ia, era porque tinha trabalho, não podia conciliar...

Quando podia ir, ia?

Quando eu era pequeno, ia sempre com meu pai. Porque, pro meu pai era tipo obrigação. Era uma questão dele tipo “você quer ser um chileno de verdade, você tá obrigado a ir”. Tipo, tá na lei dele, entendeu? “Chileno que se preze tem que comemorar as *Fiestas Patrias*”...

E como é que foi essa experiência de ser uma criança filha de um chileno, de um estrangeiro?

Então, a coisa mais nítida mesmo foi quando eu comecei a falar, porque eu tive que ir pro fonoaudiólogo, porque eu tinha muito problema para pronunciar as palavras, a médica dizia que como eu escutava português e espanhol ao mesmo tempo, eu não sabia qual idioma assimilar. Então eu tinha muitos problemas, muitas palavras meio travadas quando eu ia falar, entendeu? Isso foi dos problemas mais nítidos que eu tive, uma experiência minha.

E quando você era pequeno, em casa, seu pai falava em espanhol contigo?

Meu pai sempre falou espanhol comigo, não espanhol, falava portunhol... assim, na época ele falava mais espanhol porque na época ele tinha menos tempo morando aqui no Rio, então era muito mais forte o sotaque dele.

(O pai) tentava falar português, mas saía o espanhol...

E aí na escola, quando você teve essa coisa do sotaque, do misturar os idiomas, isso te atrapalhou, te deu algum problema na escola?

Não, até me ajudou, porque com o tempo, de tanto escutar o meu pai falando espanhol, no seu inconsciente você acaba internalizando aos poucos as palavras, você fica escutando, escutando e escutando... tanto é que para mim foi até fácil, quando eu fui para o Chile, falar espanhol fluentemente, entendeu?

Você hoje fala espanhol fluente?

Falo, só não tenho o sotaque agora, mas eu falo. Eu consigo até distinguir quando a pessoa é chilena, argentina...

Então, quando você foi pro Chile, você falava espanhol com os seus tios e o pessoal?

Não, no começo eu não falava, eu só entendia. Eu entendia tudo, só que, quando eu ia falar, alguma coisa travava... só que demorou menos de um mês para eu já começar a me soltar bem.

E você acha que você aprendeu espanhol com teu pai aqui ou lá, nessa experiência morando no Chile?

Eu acho que foi aqui. Porque o mais difícil de qualquer idioma é você entender, mais do que falar... Eles não entendiam, mas o que eles falavam de mim, até fazendo algum comentário de mim pensando que eu não entendia, eu já entendia tudo, entendeu?

E falando de identidade, como é que você se identifica hoje? Se alguém perguntar, você é brasileiro, você é chileno ou você é os dois?

Sinceramente, eu me sinto mais brasileiro. Pelos traços... eu não sinto que eu tenho um traço chileno, até o meu pai brinca comigo, que eu pareço brasileiro porque eu puxei todo o lado da minha mãe, todos os genes da minha mãe... mas eu, para outras coisas, eu prefiro ser chileno.

Para o quê, por exemplo?

Para ir para o Canadá. Não precisa de visto, a forma para conseguir ir, tudo é mais fácil... e da Latinoamérica o Chile é o melhor passaporte que tem.

Então você tem a cidadania chilena, né? Quando é que você tirou ela?

Tenho. Ah, quando eu fui morar no Chile. Quando eu nasci, meu pai fez meu registro no consulado chileno, aí ficou guardado... aí quando eu fui para o Chile, eu fui com o meu tio lá no registro geral deles e lá eu já consegui o meu RUT.

E aí você vai para o Canadá já com o próprio passaporte chileno?

Sim, eles botam muita burocracia para o brasileiro...

E você pretende alguma vez voltar a morar no Chile? Ou quer ir para o Canadá para ficar?

Morar não, mas eu pretendo voltar (para visitar), para levar minha esposa aos lugares que eu ia, fazer tipo a minha rotina... é um lugar que tenho carinho... e até para os meus filhos também, futuramente.

E você participa de algum coletivo de chilenos, grupo folclórico, etc?

Não, a única coisa que eu me envolvi mesmo foram os campeonatos de futebol que tem do Chile que eu participo...

Teve agora, não teve?

Não, ainda não teve não. A gente está esperando.

E esse campeonato, como é o nome mesmo?

O último que teve chamou Copa dos Refugiados.

E aí o Chile participa?

É, a gente ficou em segundo lugar, em 2019, antes da pandemia. A final foi Chile x Angola nas Laranjeiras. Foi a primeira vez que joguei, já tinha tido esse campeonato antes umas três vezes, mas o Chile não tinha time para participar, ou tinha um pessoal, mas que não tinha confiança para jogar bola...

E esse time também tem muito brasileiro filho de chileno?

A maioria que eu vi lá era tudo chileno. Nesse time que eu joguei só tinha eu de filho de chileno..

E você votou nessas últimas eleições que teve, sobre o plebiscito constitucional chileno?

Cheguei a votar sim.

E nas eleições para presidente, você votou?

Nessas não votei não, não voto nem aqui, no Brasil... só voto quando é alguma coisa muito importante, igual foi essa aí (o plebiscito constitucional)... que eu até votei “não”.

E sobre práticas culturais, comida... você come comida chilena?

Então, as comidas que eu como... eu como empanada, pastel de choclo, sempre quando chove a gente come sopaipilla e... mais esses assim.

E você come sempre?

Sim, isso aí eu como sempre. A única coisa que a gente não come é azeitona, que a gente não gosta... só o meu pai come, ninguém mais come.

E música chilena, você escuta?

Então, o que mais escuto é o *reggaeton*. Mas assim, música típica chilena, a única que eu escutava mesmo era o Los Jaivas...

Mas você continua escutando Los Jaivas?

Escuto.

Mas no geral você escuta mais que tipo de música? Brasileira, americana...

Mais *reggaeton*. Gosto de *reggaeton* pra caramba, é o funk dos outros países, Chile, Argentina...

E tem alguma outra coisa típica do Chile que no dia a dia você adota, algo que não seja música e comida e mexa com sua rotina?

No máximo, quando tem jogo da seleção chilena, que eu gosto de acompanhar de vez em quando. E no máximo quando eu converso com meus amigos, com meus familiares que moram lá, meus amigos brasileiros que moram lá, eu fico sempre me comunicando com eles... tanto é que tenho até um amigo meu chileno que vai vir amanhã para cá. Eu vou buscar ele no aeroporto...

Vc comentou que vê os jogos da seleção chilena, né. E quando jogam os dois, você torce para quem?

Ah eu fico naquela, se não for Copa do Mundo eu torço para quem precisar mais ganhar. Então no último jogo, no Maracanã, eu torci para o Chile. Da outra vez, nas eliminatórias para a Copa de 2018, eu também torci para o Chile. Mas quando é Copa do Mundo eu torço para o Brasil porque eu sei que o Chile não vai conseguir chegar muito longe...

Então em 2014, nas oitavas de final, você torceu para o Brasil?

Sim. E o meu pai torceu para o Chile.

Você torce para quem aqui?

Flamengo.

E lá? Torce para alguém?

Colo Colo.

Seu pai torce para alguém?

Não, ele não gosta de futebol não. Ele começou a gostar de futebol aqui no Brasil...

Apêndice 4: Entrevista Alhio

Data da entrevista: 19/10/22
 Nome: Alhio
 Idade: 46
 Sexo: Masculino
 Cidade onde nasceu: Rancágua
 Estado civil: casado com brasileira
 Religião: -
 Tem cidadania brasileira: não

... Y tampoco tienes que falar de futebol...

Tampoco de fútbol?

Porque sempre vai dar en una contradicción, a una conversación que al final siempre termina ruim... porque yo creo... si no tengo salud, si no me cuido mi salud, no me levanto, no meu salgo temprano a trabajar... no me cae el dinero.

Cuando llegaste?

Te puedo decir, el 23 de abril del 2014... ye hecho tantas veces el trámite de la burocracia que ya sé...

Y llegaste por Mato Grosso, cierto?

Entré por Corumbá. Es la frontera con Bolívia.

Y después, Minas Gerais...

Hice ahí Campo Grande, de Campo Grande hice a Central, y de ahí me fui a Uberlândia. De Uberlândia me fui a Uberaba, de Uberaba descí hacia Belo Horizonte, y de Belo Horizonte me fui a Juiz de Fora. Después de Juiz de Fora vine descendo, pasé por Petrópolis y de ahí a Río.

Me puede contar como era su vida en Chile, por que quiso migrar, y fuiste sólo o con alguien más?

(Risas) En realidad, eh... yo era casado en Chile, tengo três filhos, y me separé, eh... (pausa)... Bueno, antes de yo ser artista de circo, yo jugaba futebol por dinero. Y trabajaba, soy maestro hojalatero... eso hacía yo cuando... salí de la escuela, diseño industrial, yo era electricista, esa fue la primera cosa. Después estudié hojalatería, (inaudível), jugaba por dinero futebol, después conocí los malabares... malabares conocí en 1999, y... ganaba mucha plata. Hacíamos nada, era más vestuário, más figurino bonito nomás, pero tecnicamente, como

decíamos éramos una mugre (rindo)... jugábamos con tré pelotitas, o tres clavitas... en ese tiempo no existia, poh. Y yo pertenezco a la segunda generación de malabaristas de Chile.

Segunda generación?

Segunda generación de malabaristas de Chile.

La primera de cuando es?

Es de como 2 mil... 95, 1995. Se juntaron en un parque, un parque bien conocido detrás del museo de Bellas Artes, el Parque Forestal, en Santiago de Chile. Ahí se juntaban los caras. Ahí conocí malabares, empecé a hacer semáforo y... no paro (risos). Vou a cumplir 20 años haciendo eso (gargalhada)

Y también trabajaste en circos en Chile?

Sí, en dos circos. Dos circos en Chile, en Peru uno, y aquí en Brasil en dos.

Y antes de migrar vivías en Stgo o en el sur?

Andaba en todos lados, hacía gira. Hacía temporadas... en el verano, me iba para La Serena, trabajaba en la Feria de La Serena. Enero y febrero, en las semanas que están todos de vacaciones. En Santiago no queda nadie, quedan sólo los que trabajan... llorando y sufriendo (rindo de leve)...

Yo viví en todos lados, viví en Temuco dos meses, después estuve viviendo dos años en Valparaíso, en Cerro Barón, después me fui a Serena, donde viví como dos años, y después me fui para Antofagasta, viví como dos años más, en Arica también viví como dos años...

Conoces mucho de Chile.

Sí, hay un dicho: “para salir de su país, tienes que conocerlo”. Sabes por qué? Porque cuando alguien te pregunta de otro país: “¿cómo es tu país?”, y tu lo decís “no sé”, cómo no sabi? (rindo). Como no sabi? (rindo, falando rindo). Hay una ley de los artistas que dice que tienes que conocer tu país primero para después salir. Para tener algo que conversar, para poder conversar de alguna cosa interesante, y es lo que tu buscai... cultura, poh. Tipos de comida, lugares...

Y después de conocer todo Chile, ¿por qué esa decisión de salir del país?

Porque mi país ya se me quedó chico. Se hizo chico. Tenía que conocer (el exterior), porque la única forma de aprender es saliendo, tienes diferentes tipos de idiomas, cultura, todo tipo de cosa. Uno conoce tanta cosa.. conoce las personas, yo miro una persona en la rua y sé que es

peruana, o chileno... de puro mirar. Para eso tienes que vivirlo, vivir en esos países para conocer a las personas: como son... todos los países tienen diferentes culturas.

(Abre um sorriso) Ahora, el chileno con el brasileño se llevan bien, y el colombiano. Porque tienen una cosa muy en común, que les gustan las fiestas, tomar copetes, son festeros, les gustan las fiestas. Por eso se llevan bien, nunca ví un problema de un chileno con un brasileño. Nosotros hemos tenido guerra con todos, con Peru, Bolívia, Argentina...

Y cuando saliste de Chile, estabas sólo?

Hay una história (ri), yo tengo una compañía, que se llama “Los Mismos Circo Show”. Una compañía con mi compañero que ahora vive en Hollywood. Él es mago y malabarista... él trabajó conmigo... él me enseñó a hacer malabares, y hicimos una compañía, que se llamava “Los Mismos Circo Show”.

Vos comiste sopaipilla? De ahí viene el nombre. Un tío que vivía en la playa vendiendo café y sopaipilla en la mañana. Y salíamos en todos los programas nacionales, en todos los programas de televisión. Y ahí nos decían: “oye, ustedes son los mismos que salían el otro día en el canal de televisión?”, para decir la Globo, “sí, somos los mismos”. Pasaba un mes, dos meses, “hey, chiquillos, ustedes son los mismos que pasaran en el programa de SBT?”. “Sí!”. Y ahí dije a mi compañero: “Pongamos ‘Los mismos’, weón”. Porque somos los mismos que salieron en todos lados: en Santiago, en la tele, en los programas... puse el nombre “los Mismos”, por eso se llama “Los Mismos Circo Show”. Porque un caballero que vendía sopaipillas en Chile dijo “Ah, ellos son los mismos que salieron...”, y ahí se me ocurrió a mí: “Pongamos ‘Los Mismos Circo Show’ “.

Y ahí migraron los dos juntos?

Ahí viene la história, poh. Fuimos los dos de viaje, y en la frontera en Bolívia no me dejaron salir (...). Y mi amigo se fue por dos años a Bolivia a viajar (...)

(Se anima e abre um sorriso) Y ahí después que pude sacar mi pasaporte, ahí me fui a la merda. Porque ahí me pasó todo, todo. (A voz desanima) ... me separé, me quedé sin ver a mi hijo, me quedé solo, y haciendo miles weas, malabares, practicar, me dediqué a solo yo, enfocarme en mí. Y yo dije: “me separé, hice todo errado, ahora voy a ponerme a practicar”. Dije “Esa es mi vida, voy a decidir, voy a dedicarme a eso”... y no paré nunca más.

Y ahí viste a tu amigo?

(Rindo) Nunca más vi. Bueno, en 2000 algo lo encontré, ahí trabajamos en un circo juntos, y ahí después él se casó, y yo estaba separado. O sea, él se casó y vivió su vida, tuvo hijos... y yo me fui a viajar. Él ya había viajado, y yo me impactaba, y ahí... (gargalha)

Y por qué elegiste Brasil como destino?

Era como un sueño. (sério e depois fica em silêncio)

Y por qué un sueño?

Yo creo que fue por la sangre (a bisavó era brasileira, daí o nome Santos), no sé... siempre dije “yo soy brasileiro”. Siempre dije “Oh, cuando tenga la oportunidad voy a ir a Brasil”. Nunca pensé que me quedaría tanto tiempo, yo quería conocer no más... y ahora ya vivo cuantos años? HUUUUFFFF

Casi diez años.

Casi diez años... falta poco jajaja.

Y cual es tu primera memoria de Brasil?

Ahhh, Corumbá. En Corumbá vi una cosa que nunca esqueceré, que son los barcos. Corumbá tiene un río, se llama Río de Guaraní, una weá así; y veo de esos barcos que están en EUA, y los digo “barco de Mississippi”. De esos barcos que tienen como una cosita que gira, ese, siempre va a Corumbá ese.

Ahhh, y lo más horrible. También tengo lo más horrible (rindo), lo más bonito y lo más horrible, bueno todo es bonito.. de esos barcos, lo tienes que ir a ver en Corumbá. No lo vai a ver aquí..

Y lo más malo que me pasó fue en Uberlandia. Fue una comida, farinha, como se llama?

Farinha?

Esa, como arena (risos). Yo no conocía, cara. Eu pensaba que era queso rallado... (rindo e com entonação mais forte / saudosa / humorística) y lo heché en los macarrones, metí en la boca y hice así (gesto de nojo)... ohhh, y és lo más horrible, nunca me gustó. Y nunca me va a gustar. Quedé con un trauma con la weá (rindo), a eso que no me gusta.

A la Camila, ni novia, igual no le gusta la farinha.

Es como la arena, yo digo “para qué comer arena”, weón? Esa weá es mala, es como comer palta con leche..

Es una ofensa a los chilenos.

Ri

Me gustó mucho saber la historia de tu bisabuela, brasileña, porque ya era inmigrante..

No, mi bisavó era imigrante. La bisabuela, que se fue de Brasil a España... No, mi bisavó era brasileira, se fue a Chile, y conoció a mi bisavô, que era espanhol.

Ahhh. Pero igual era inmigrante..

Eran todos migrantes.. había un español, una española y una brasileira...

(silêncio)

Y ahí no sé, no sé la historia de ellos, nunca empecé a buscar el árbol genealógico de ellos. Igual yo tendría que tener, porque yo no sé la ley de Brasil, porque en Europa tu tienes hasta la cuarta parece, en la cuarta generación tu tienes derecho a tener la nacionalidad italiana, por tus bisavós, etc.. aquí en Brasil no sé, otra tarea para casa. Hasta cuanto tipo de generación ... como yo poh, yo tengo un apellido, tengo el nombre Santos, tengo derecho a ser brasileiro (com ênfase), hay que ver hasta cual generación ... otra tarea/pega para la casa.

Y conociste a tu bisabuela, ¿no?

No, yo solo falo de las cosas que me contaba minha mãe, minha avó. Porque eu quando criança me criei com minha avó. Por quê? Porque..... como que fui.... en verdad soy hijo de mamá soltera. De mãe solteira. Porque, entendió, yo tuve un pai, pero nunca estuvo presente. Nunca... filho de mãe solteira.

(silêncio)

Entonces ella me cuenta, yo cuando era criança minha avó me contava, me contava que sua avó era portuguesa de los brasileiros.

Y tu abuela hablaba portugués, o no?

No. Ya en ese tiempo no tenían esa cultura como ahora. Aparte que eran de campo, como los nordestinos. No era una persona de cidade, era de campo. Lidiaba con gallina, vaca.. la otra, vamos.

Como se dió ese proceso migratorio aquí en Brasil y la adaptación al país?

(Risos) Está buena esa pregunta!

Cuales las dificultades y quién te ayudó en la integración acá, en la adaptación?

La adaptación hice sozinho. Sólo yo y el bar.

Tu y?

El bar.

Un bar?

Un bar. Porque yo necesitaba saber portugués, entonces me iba a tomar una cerveza después del trabajo, en un bar, y empecé a ser amigo de ellos escuchándolos. Es más fácil... es más fácil entender que falar. A mí todavía me cuesta falar así direitinho. Aún se nota que soy gringo. Lo más fácil para uno es aprender.

Yo aprendí primero a entender lo que usted habla, lo que ustedes falam... yo entiendo todo, no tengo problema. Lo más fácil es entender.

Leer también.

No, leer es fácil. Porque igual es muy parecido. Cuando uno ya asimila las palabras.. bueno, yo leo eso y te lo traduzco... yo leo en portugués y te lo digo en español, siendo que está en portugués.. entendí? Yo puedo leer un libro, en portugués, y lo voy leyendo en español, lo voy traduciendo al español.

Yo ya sé, las palabras que son diferentes son los días de la semana, las frutas, y otras palabras, y otras palabras que son parecidas....

Lo más difícil es falar. Y escribir también. Bueno, ahora con el celular es más fácil, si está en portugués.. pero si tuviera que escribir así a mão, así como tu estás escribiendo ahí, es difícil.

Uhum. Lo más difícil en la adaptación entonces fue el idioma?

(Pensa) Hum, a lo más es falar. Es tener una conversación, hacer un papo com você, tener una conversación, eso es lo más difícil.

(Silencio)

Después de un tiempo ya se acostumbra, a misturar, yo falo portugués.. Yo en mi favela enseñaba español, me dicen "maricón". Sabe por qué me dicen maricón? Porque fue la primera palabra que enseñé. Ellos falam concha de tu madre, culiao, aweonao (rindo)... yo los enseño, porque cuando uno es gringo, les preguntan purar burlileces, porque así lo pueden xingar, a la persona que estás xingando no sabe lo que le está falando, entonces por eso. La primera palabra que yo enseñé aquí es "maricón".

Y estaba en el bar, tomando una cerveza, y veio um velho, E disse "Ô gringo!". "Qué lo puedo ayudar?" "Como se dice viado em espanhol? Y yo había llegado hace una semana, no sabía, y lo digo "que es viado?", y me hace así (faz um gesto dobrando o punho, imitando um gay)

Ahhh, y lo digo “maricón”, y ex-plo-tó! (rindo). Había otro cara que es viado, y para hueviarlo, y ahí me quedé con “maricón”. Mucha gente pensaba que era mi sobrenombre, porque no sabían la palabra. Y después pensaban que yo era maricón de verdad, me decían maricón porque (yo) era viado, después perceberam que não, y que yo yenia mi esposa y que no era maricón (rindo).

Pasaron muchas etapas en las favelas. Y en las favelas me adoraban.

Entonces con los brasileños te saliste bien?

Sí, son bacanes, son buena onda. Son buenas personas. No tengo nada que decir.

En Chile actuabas en la misma área de actuación / profesión que haces hoy?

Sí, sigo viviendo la misma vida que viví por todos los países. Sigo haciendo lo mismo. Sigo trabajando en lo mismo, haciendo los shows aquí en la praça, en el circo, haciendo aniversários, eventos para crianças, eventos para fines de año... yo creo que sí, no mudé.

Qual percepción tenías de Brasil antes de llegar acá a vivir y cuál tienes ahora? Algo se cambió en ese aspecto?

(Silêncio, depois rindo um pouco) (...) Libertad. No tienes problema... yo vengo de un país que está... (pensa) ... decaído. Piensa que en mi país no se puede tomar una cerveza en la calle. Entendí? Entonces Brasil para mí es el máximo. Puedo tomar una cerveza en la calle, tomar una cachaça con miel, no sé, entendi..

(silêncio)

Y los brasileiros no se dán cuenta de todo lo bueno que son, y de todos los privilegios que tienen.

(silêncio)

Aquí no se pasa fome. Hay gente que pasa fome, óbvio, pero pasar fome no.

Sabe lo que tiene el brasileiro? Que prefiere dar a una persona que pide que a una persona que trabaja. Te lo pongo por mi lado, te voy a dar un ejemplo: si yo voy a un señal, estoy haciendo malabares en el señal, y tú pasas en el carro, y pasa un cara con una bala, una bengala, y te pide tocando el vidrio, todo sucio, y lo vai a dar dinero. Y a mi no lo vas a dar.... eso es lo que tiene el brasileiro. El brasileiro le da más a la gente... les gusta más de la pena, eso es lo que tiene el brasileiro.

Y en Chile es distinto eso?

En Chile es distinto. Un chileno no le va a dar dinero a una persona que está pidiendo para fumar crack... sí te van a dar dinero, te voy a dar un ejemplo, yo trabajo en Río aquí, a toda la lluvia, aquí no me dan dinero. En Chile en los señales, lloviendo, y todos me dan. Por qué? Porque tienen otro tipo de pensamiento. Porque el chileno piensa así: “el cara está aquí, a toda agua, todo el frío que hace en Chile, con todo el frío y todo mojado, trabajando, es por qué? Porque precisa. Esa es la diferencia de pensamiento que tiene un chileno con un brasilero. Al brasilero... no sé si por miedo, yo creo que más por miedo, prefieren ayudar a ese cara que está todo cocino... y te molestan, poh. En vez de dar a mi, que por último estoy haciéndote una graça. Por un minuto de tu vida olvidarse de segurar el teléfono, el problema que tienes en la casa, o el problema de tu jefe que está enojado porque te mandaste una cagada (risos). Me entendí? Y eso la gente aquí no lo vé así, por eso prefieren darle a un mendigo que darle a una persona que trabaja. Esa es la diferencia.

Yo no me había dado cuenta de eso. Cuando esté en Chile voy a prestar más atención en eso...

Es porque no vivís eso. Un otro ejemplo, cuál es el problema aquí también? Las ruas, las calles, están llenas de mafia (susurrando). Esos caras que venden balas, etc... por ejemplo, si tu no soi buena onda y de repente te toca un cara mala onda. No te deja trabajar. No me va a dejar trabajar. Porque dice que él es brasilero y ... en Santa Cruz andan los milicianos y te cobran. Una vez estaba en Santa Cruz y llegó un cara y dijo que yo tenía que darle el 20% de lo que yo ganaba. (Rindo) Y yo contesté “que weá te creí, soy de la prefeitura?”, yo dije a él. La calle es libre... Aí (faz o gesto de levantar a camisa) me mostró la pistola. Miliciano. Y qué tengo que hacer entonces? Pescar mis cosas e ir.

Como voy a evitar ese problema? Llevarme más temprano. Entonces me levanto a las cinco de la mañana cuando preciso.. ahora que hago graça y ahora que estoy melhor, pero antes, que hacía señal, levantava a las cinco de la mañana y entonces trabajaba de las 7:30 hasta las 10. Porque los caras llegan a las 10, 10:30 empiezan a llegar todos los que venden balas, etc.

Porque es raro que te levantí a las 6 de la mañana y vas a ver a un cara pidiendo plata. Porque los que piden plata son... caras de la rua, poh.

Cuál percepción tenía de Chile cuando vivías ahí aún y ahora que vives en Brasil, cambió algo?

(Sério) No quiero volver más.

Y por qué?

(Rindo) Porque es una mierda de país (gargalha). Es caro, tiene todos los problemas. No va conmigo. No me gusta. En serio que no quiero volver nunca más... viviría en cualquier otro planeta de la Tierra, menos Bolivia tampoco, es tan fea Bolivia..

No, pero no volvería más.

Porque es caro. Eso?

No, es por el país en si, es una mierda (risos). No puedes tomar una cerveza en la calle, no puedes hacer ni una weá, la policia es ruim, no puedes trabajar en el señal, no puedes hacer show porque la policia te huevea, es pura burocracia. Aquí la policia a mi hasta me da plata! Yo no tengo nada que hablar de la policia. La policia en mi país no tiene nada que hacer, porque allá no es como aquí (gestos de tiroteio).

Allá andan puro wueviando, pegando a la viejita vendiendo en la calle, weón.. aqui no weón, la policia anda viviendo la vida. Están parados allí en la esquina (aponta para uma viatura), tu sabes que de repente puede pasar un carro y pá pá pá (faz barulho de tiros).

Claro, tienen otros puntos..

Tienen otros puntos. Y es vida (ênfase). Entran en las favelas y saben que pueden morir, que van a matar o van a morir.

Y eso en Chile no hay.

En Chile no, los pacos culiaos (gargalhando e fazendo gesto de gordo). En Chile no.

Que adaptaciones tuvo que hacer para vivir acá en Brasil? Que costumbres adquirió de Brasil y qué mantienes de Chile?

Lo que tuve que me acostumbrar es comer todos los días arroz com feijão (risos).

Y hoy te gusta?

Sí, me gusta, ya como puro feijão. Arroz, feijão y ya está. Sale por la oreja la weá (risos). Ya es una costumbre. Ya vas a un restaurant, es siempre lo mismo. Y es una cosa que no existe en mi país. En mi país se come carne con macarrón, carne con arroz, carne con puré, carne con ensalada, cualquier tipo de carne... pero no con todo misturado, hechan arroz, ensalada... (risos)

Otra cosa que tienen aquí, es servir la ensalada sin aliñar. No le hechan ni aceite, ni limón, ni sal.. es como una ensalada para coelho, digo yo (risos). No tiene aceite, no tiene limón.. (risos). En mi país en la ensalada o te ponen el aceite, limón... aquí no te ponen nada.

Y que mantuviste de chileno?

Sabes que, nunca más comí pan. Digo “pan culiao horrible”, “pan de globo”, digo yo (risos).

Uhum, porque allá hay hahuilla, marraqueta, italiano, hay una inmensa variedad. Aquí no hay esa variedad.

El pan culiao que hay aquí (risos). Es una weá que nunca más comí, cacha que como puro pan de forma.

(silêncio)

Cacha que cuando cocino cocino comida peruana. Comida chilena.. igual cuando estoy con mis amigos que son chilenos, van a hacer sopaipilla en la casa, empanadas. (Expressão de alegria) Ah, melón con vino le hago, es muy bueno! Hice melón con vino en la favela y estaban pidiendo copos.. para qué me pedís copo, weón, si se toma directo del melón (risos). No, yo me reía esa vez en la favela...

Y amaron poh... yo pedí a un primo que vino que me trajera dos cajas de 2 litros, aquí no existe la caixa, caixa de vinho de dos litros y medio. “Santa Helena”. Ahí me tomé los 4 litros y medio, 5 litros me tomé con los vecinos. Hicimos un churrasco y los invité, poh. Y salieron los vecinos a hablar conmigo “Ah, gringo, gringo, qué estás tomando?”, “Ah, melón con vino, una weá que se toma en mi país para el verão, porque el melón con vino se toma solo en el verano, en mi país se da el melón solo en el verano. Se dice “trago de playa”.

Ahí les dí y... (gesto de felicidade, de que alguém gostou de algo)

Les encantaron.. Mantienes contacto con otros chilenos que viven en Río y si participa en eventos, confraternizaciones, como por ejemplo las Fiestas Patrias, donde nos conocimos.

No, fue ahora nomás. No me junto mucho.. no es que no me trate, es que yo vivo en una favela, siendo que en mi favela está llena de gringos igual: franceses, peruanos, bolivianos, argentinos, pero yo no me junto, soy medio autista (risos). Y esa vez que me conociste tu era porque era un trabajo...

(pausa)

No me junto mucho, aliás no me junto nunca, solo por esta vez que hicimos las Fiestas Patrias aquí en el Catete, ahí que vi la gente de Chile que vive aquí, y ahí hice más contactos. En el fin de semana pasado fui a hacer el aniversario de uno de los chilenos que estaba ahí ese día, al hijo. Ahí se abrió una puertacita más, pero no frecuento diferentes tipos de reuniones.

Y por qué? Ah, ya dijiste, “quiero estar en mi mundo”..

No no, es porque no tengo el contacto como que para juntar. Ahora de a poquito que se están abriendo las puertas. No es porque tampoco no quiero, era porque... (pausa) no se daba nomás (pausa).. yo ando en la mía, como se dice en Chile, ando “detrás de la pelota”, trabajar, luchar...

En tu vida cotidiana, escuchas más música brasileñas o chilenas, comes más comidas brasileñas o chilenas, y como te indentificas más hoy, como chileno o como brasileño?

Me siento más brasilero que chileno. Porque comida chilena ya no... y música, escucho música brasilera para ir hablando el idioma... harto Natiruts, harto legião Urbana, música así para poder... escucho más musica para trabajar, roger skar, música más alegre, música para trabajar, para hacer el show... (pausa) la música chilena... escucho cuando me dá nostalgia, “saudade” que sería..

Saudade.

Cuando dá saudade ahí pongo la música y escucho.. (rindo)

Sientes saudade de Chile y pretendes volver a vivir allá?

No pretendo volver, por lo menos uno dice, pero uno no sabe. Ya no quiero volver más. De vacaciones, me gustaría ir a dar una vuelta de 15 días, a dar un par de cariños, a ir a comer comida, (com ênfase) hecho de menos com-ple-to, weón, así una palta hass con cebolla... hecho más de menos eso, weón. Hecho más de menos la comida que a las personas (risos). Si vuelvo, de ir, si tengo que ir, dime unos 15 días para estar weando ya, comer un asado, para ver los amigotes, para acordarse de las weás, para enseñarles las cosas que aprendí de Brasil, eso es lo importante.. porque cuando vienen nuevos amigos de Chile no les enseñan, diferentes tipos de cosa, cualquier cosa, no sé.. como comáte un açai, weón.

¿Y cual fue la última vez que fuiste a Chile?

Como así?

A visitar, o algo así.

No fui nunca más. Nunca mas volví, nunca mais volví (fala mais pausado) (pausa)... “nunca más volvió ese mono culiao a Chile” (risos).

Y trajiste contigo desde Chile algun objeto que mantienes contigo y tiene relación con el país? Como un objeto de memoria o algo así.

Soy desapegado a todo ese tipo de cosa. Tengo una bandera que me la dejó un amigo de Chile. Y tengo una camiseta de Colo Colo, que me la dejó un amigo. Tengo una camiseta de

Rapa Nui, de Isla de Pascoa, que la me trajo un amigo. Tengo un polerón de la selección de Chile, pero me trajo un amigo. Yo no traje nada, de mi país solo traje los juguetes, los juguetes de malabares me traje. Pero cosas así como un muñeco, una bandera, no ... no traje nada. Todo lo que tengo ahora de Chile son las cosas que que trajeren mis amigos, de presente. Yo me traje la pura alma, el alma y la vida, y mis juguetes de malabares (risos).

(pausa)

Ahora tengo mi banderita chilena ahí, para wuear a los brasileños.. pero no weo ni les puedo wuearlos, si les gustan los chilenos (risos)

Hablaste de la camiseta del Colo Colo que un amigo trajo. Te gusta el Colo Colo, el fútbol?

No, yo soy de la Universidad de Chile. Pero esa se me dejó a mi esposa, mi esposa ganó el presente. Igual de repente la coloco, no tengo problema, no soy fanático. Y la que yo tenía de La U, la de mi team, la vendí. Un día no tenía plata y se la vendí a un loco. Él me dijo “ah, que bonita esa camiseta”. “Oh, es de mi team, de Chile..”. Las camisetas son más bonitas en Chile... ahí necesitaba plata y se la vendí. Y me quedé con la de Colo Colo. La de Colo Colo es de mi esposa.. ella es vascaína.

Como es convivir con alguien de otro país, estar casado con una brasileña? Que te parece eso?

Igual para mi no fue tan difícil, cara. Porque mi esposa, como ya tuvo un enamorado venezolano...entonces ella no empezó de cero, entendió? En el día de encontrar a ella, ya entendía lo que yo hablaba, entonces no me fue... la relación así no fue difícil. Yo creo que fue más difícil para ti que para mí. Porque mi esposa ya he tenido un relacionamiento con una persona que falava español. Entonces ya no estaba de cero, tenía experiencia. Así que no fue tan difícil, igual en la casa se fala así misturado. Español, portugués... ella fala chileno entendiendo chileno: aweonao, conchetumadre, re culiao (risos). Y entiende todo, el chilenismo entiende.

Apêndice 5: Entrevista Valentina

Data da entrevista: 11/12/22

Valentina Cerda Larraín

34 anos

Sexo: Feminino

Status civil: Casada (com brasileiro)

Religião: Católica (“à la chilena”: não praticante)

Tem cidadania? Sem cidadania, residência permanente

Cidade natal: Santiago

Exerce a mesma profissão que exercia no Chile? Sim, profa inglês/espanhol

Então vou pedir Valentina, assim, faz uma descrição, você contou que você nasceu em Santiago. Uma breve descrição ou como você quiser fazer uma descrição da cidade antes da gente entrar nas perguntas, por favor.

Tá. Bom, eu nasci no ano 1987 (ri), Santiago tem mudado muito desde aquela época. Quando eu nasci ou quando era criança lembro de uma cidade que era pequena, né? Todo mundo se conhecia, eu brincava com os vizinhos... era bem, uma cidade que parecia, como eu falei aqui, uma cidade pequena (risos). Era a capital, mas com espírito de cidade pequena. As pessoas conheciam os outros pelo sobrenome, isso é muito chileno, né? Onde você estudou, qual é o sobrenome... “Ah você é dos Larraín de qual?”, e aí você começa a ter essa conversação.

É uma cidade que, hoje, é muito diferente, tem uma parte muito moderna, que é onde a minha família, o núcleo né, minha mãe.. mora agora, que é Las Condes, esses bairros, que o pessoal fala “Sanhattan”, o Manhattan do Chile (risos). Então tem o centro financeiro e tal, e são edifícios modernos, muito altos, e tem a parte mais antiga, que é o centro da cidade, que são alguns edifícios da colônia espanhola, então tem.. a palavra que descreve para mim Santiago é contraste (risos). Tem um contraste que tá marcado agora por esse ponto icônico, né? Que o pessoal fala que é a Plaza Itália, ou Plaza Baquedano, que divide a cidade em duas partes. É uma divisão social.

A pessoa que mora de Plaza Itália para cima, o que significa isso? Em direção à Cordilheira, ao lado Oriente, a pessoa com uma situação socioeconômica melhor. E os pobres ficam do outro lado. E são mundos diferentes, são costumes diferentes são pessoas diferentes (risos), parecem dois planetas diferentes, tanto assim que o Estallido Social que teve em outubro, eu dava muita aula em empresas de bairros do Sanhattan... e meus alunos, que eram todos gerentes, diretores de empresa, falavam “Não tô entendendo o que eles estão reclamando” (risos). “Eu não entendi por que eles estão reclamando, de quê, a cidade é linda, perfeita, tudo funciona aqui, é o melhor país da América Latina”.

Mas eu também dava aula de (risos) Plaza Itália para lá, para o outro lado, para o lado sul. E a visão era completamente diferente, “Isso não dá mais, não tô aguentando mais, eu estou aqui, me sinto um escravo do sistema, trabalho muito, recebo muito pouco, tô todo endividado, não dá para viver mais assim”. E eu escutava as duas coisas, né? Então, quando tinha que dar aula na parte da diretoria era um discurso. Quando ia dar (risos) aula, eu dava aula também para recepcionista, para pessoas que são mais Júnior na empresa, era outro discurso. E eu tava no meio, ouvindo as duas coisas (risos). Então Santiago é isso, é contraste, é a palavra que define melhor a cidade.

Há quanto tempo você vive no Brasil? E veio direto para o Rio de Janeiro ou viveu em alguma outra cidade do Brasil antes?

Então, a ver... (risos). Eu sou chilena, morei até 2011 sempre no Chile. Eu fiz um intercâmbio de seis meses nos Estados Unidos, mas foi um bate e volta, né? Eu fui lá estudar em 2008 e depois voltei. Aí me formei, e fiz um intercâmbio também em Buenos Aires, na Argentina. Fiquei um ano por lá, entre 2012 e 2013, e finalizando esse intercâmbio eu vim para o Brasil. Então, essa é um pouco minha experiência morando em lugares diferentes. Aí eu cheguei no finalzinho de 2013, cheguei no Brasil para o Natal de 2013. Então na verdade eu começo a contar realmente a partir de 2014 (risos). E aí eu fiquei de 2014 até 2019. E aí teve uma pausa e voltei de novo em janeiro de 2021 para o Rio. Esse foi o tempo que estou aqui.

E até o futuro, porque não tenho planos agora de sair.

Você pode me contar como era a sua vida no Chile e o que levou você a optar por migrar? E você veio sozinha ou com mais alguém?

Bom... da minha família... eu não sei se você acredita no horóscopo (risos), mas eu sou Sagitário, e no horóscopo chinês eu sou Coelho. Então tem essa coisa do movimento, de conhecer outras culturas, desde que eu tenho memória eu me sentia atraída por conhecer outras culturas. Então minha mãe, eu não lembro disso porque eu era muito pequena, mas minha mãe fala que eu falava: “mãe, eu tô falando chinês”, eu tentava falar chinês, que criança com menos de 5 anos fica tentando falar chinês? (risos) “Eu não sei filha, eu não sei falar chinês, como que eu vou saber se você tá falando?” E eu tentava, né? Então começou bem cedo.

Aí... coisas da Vida. Entrei numa escola internacional porque minha mãe arrumou um emprego ali, e aí eu ganhei uma bolsa. Porque realmente era uma escola que minha mãe jamais teria condições de pagar, né? Escola particular de Elite de Santiago. E... escola europeia, então aí tive muito contato, scuola italiana, que é bem reconhecida no Chile. E aí eu tive a oportunidade de fazer uma viagem de estudos na Itália (voz animada), assim foi... então todo esse contato, acho que sempre ... (risos).. e também antes disso, na escola elemental, eu fiz uma escola bilíngue, que tinha muito filho de imigrante, filhos de embaixadores, né? Então eu lembro que entre minhas colegas de turma tinha uma australiana, tinha uma pessoa da Índia, tinha brasileira (voz animada)... Então eu cresci, assim,

acostumada com esse ambiente. E me sentia à vontade. Aí, quando eu passei para faculdade, conheci uma organização internacional de jovens, AIESEC, essa organização nasceu depois da segunda guerra mundial justamente para promover o conhecimento intercultural, o intercâmbio cultural entre jovens, para promover isso, né? Quebrar barreiras, quebrar com estereótipos, preconceitos, etc por uma parte, e por outra parte o desenvolvimento de líderes. Das lideranças jovens e do lado profissional dos jovens. Então aí, quando eu entrei nessa organização, também: muito contato com o pessoal de diferentes países da América Latina, eu mesma realmente, tem sempre essa rivalidade do futebol, né? No caso aqui é Brasil com Argentina, Chile também tem com a Argentina, uma rivalidade, sendo que são nossos vizinhos, né? Mas quando conheci antes os argentinos, “Ah não, porque o argentino se acha, porque eles são assim...”, eu conheci argentinos e achei a pessoa mais humilde, ainda mais humilde do que as chilenos que eu conhecia. Eu falei: “Nossa, que burrice, esse tempo todo, tanta oportunidade que eu perdi pensando ‘ah, eles não são legais’. Tanto que eu acabei morando um ano na Argentina.. Assim, realmente me abriu os olhos, conheci pessoas da Colômbia, do Peru, do Uruguai, da Venezuela, um monte de lugares...

E quando finalizei a faculdade em 2012, aí eu fui convidada para fazer um intercâmbio. Entre as opções eu tinha a Índia, o Brasil e o México também. Aí eu acabei me encantando com a proposta de vir para o Brasil. Não foi pela cabeça, foi pelo coração, foi uma coisa tipo: “Ah, eu tenho que ir para o Brasil”. Aí eu cheguei, como falei, em Janeiro de 2014, vim fazer um estágio num curso de idiomas *In Company*. Então, porque eu gostei da proposta, porque eu ia estar dando aula de inglês e também eles iam me treinar na metodologia para dar aula de espanhol para estrangeiros, que eu não sabia fazer; eu falei (rindo de leve) “Ótimo, vou melhorar ainda mais meu currículo”. Eu tava com 20 e poucos anos, então vamos lá, vamos para frente...

Aí eu quis fazer, e gostei muito... era a primeira vez que tava acessando a profissão (risos), então gostei de dar aula, de ensinar e... com tempo, eu resolvi que não queria mais continuar trabalhando dentro do curso e quis fazer aula particular como trabalhadora independente (riso de leve), e nesse período também conheci meu atual marido, que é brasileiro, foi apresentado por uma amiga argentina (riso de leve) e... a gente se aconteceu, começou uma amizade, ele era o único brasileiro que eu conhecia além dos meus colegas do curso de idiomas que falava inglês, que não tem muito brasileiro (ri de leve) que fala inglês fluente e meu português era muito ruim. E com ele eu aprendi muito o português também porque ele foi me ensinando aos poucos.

Aí passou um ano, eu tinha que voltar para o Chile, aí eu falei: “olha só tem duas opções: ou eu volto pro Chile e a gente termina aqui, mas se você está se projetando comigo, eu posso voltar”. E ele falou “Volta”. Eu falei “Então tá”. Não sou eu que estou imaginando as coisas (risos). Aí eu voltei, e a gente foi morar junto. Quando eu voltei, a gente procurou um apartamento, ele também tava querendo sair da casa da mãe dele, então... ele é oito anos mais velho do que eu, então... para mim era normal morar... (risos), mas para ele era como como: “Nossa, isso é um grande passo para mim, eu vou sair da casa da minha mãe...”

(Voz mais séria) E aí foi difícil, viu? Porque minha sogra viu eu como ameaça, né? Tipo: “Tá tirando meu filho da minha casa!”... mas, tá bom. E aí passou mais um ano, e a gente começou a noivar, casamos, enfim. A gente casou em 2017, em janeiro de 2017.

E... até o momento tudo certo (risos). Por isso continuo aqui (risos).

Legal.... a relação com a sogra hoje, como é?

(Voz animada) Ah, agora eu sou o orgulho dela, né? É porque quando eu me independicei eu comecei a criar uma empresa de ensino de idiomas e tal. Hoje ela: (põe ênfase na voz) “A minha nora é empresária”, com tanto orgulho, eu falo: ”Nossa, eu queria ter tanto orgulho de mim como minha sogra” (risos). Ela agora mudou, né? Mas naquela época era aquela coisa de “ai meu filhinho...”, eu falei: “Teu filhinho tá com 34...”, que a idade que eu tenho agora (risos). “Teu filho tá com 34 anos, ele tá numa idade boa para sair de casa”. Mas ela: “Não, meu filhinho....”

A super proteção, né?

Uhum.

E tem uma pergunta aqui sobre essa viagem. O que você idealizava com essa viagem, essa vinda pro Brasil, o voluntário, a AIESEC...

Então, uma parte era desenvolvimento profissional, mas eu vou falar que sinceramente era um 40% talvez, e os outros 60% era uma coisa emocional, de querer... não sei se é a palavra certa em português, mas descolar, não ficar tão colado na minha cultura. Queria me desafiar por uma parte, porque eu nunca tinha falado português; (voz animada) não sei se foi coragem ou burrice, mas eu cheguei sem saber uma palavra em português e... eu queria aprender uma nova língua, conhecer pessoas novas, começar do zero, sozinha, com essa crença de “ah, sem ajuda de ninguém”, independente. Embora seja mentira, porque as ferramentas que meus pais e minha família me deram tão comigo mesmo que (risos) onde eu for pode estar comigo, mas é nesse sentido, tipo: iniciar por minha conta, fazer a minha vida do jeito que eu quero, né? Sem pressão de ninguém também, porque pelo menos.. não que a minha mãe fosse assim uma pessoa que “Ah, tem que fazer isso”, não, mas eu sentia essa expectativa, tipo: “Oh, você vai começar a trabalhar, o que que você vai fazer, vai comprar casa, vai comprar apartamento” e eu não tava no momento que eu queria, assim, me estabilizar.

Tava muito nova também, né? Foi meio que (voz um pouco hesitante) “fugir” dessa pressão, por uma parte (risos), então tem esse componente emocional, espiritual se quiser dizer, vai ser o momento que eu vou falar “Ah, tenho que também me encontrar comi... me (ênfase) reencontrar comigo mesma na verdade”, e com uma oportunidade profissional que eu falei: “Ah, fome não vou passar né?” (Risos). Casa não vai faltar. É a forma de eu me sustentar, mas sim, tinha um componente emocional também.

Legal. E aí a terceira, que eu acho que você também já respondeu de alguma forma, mas se quiser fazer algum comentário extra: por que você escolheu o Brasil como destino de imigração? Já comentou que a oferta era boa, a oportunidade de poder aprender a ensinar espanhol... teve alguma coisa a mais?

Sim, culturalmente eu tinha conhecido vários colegas do AIESEC que eram brasileiros, eu gosto da língua, acho uma língua linda... também o chileno, não sei se alguém já falou (começa a rir), provavelmente falaram, mas eu sou de uma geração dos anos... minha adolescência foi nos anos 2000, e nessa época chegou toda essa onda do funk, axé, dançarinos no Chile. Então a gente tem uma (entonação animada) admiração assim, eu não sei qual era a admiração que tem os brasileiros por um artista, mas pra gente... que são brasileiros que no Chile são muito famosos, mas no Brasil ninguém conhece, né (risos). Mas eu tinha esse carinho especial que está na memória, na lembrança; e então a partir da cultura, das (entonação mais animada) comidas, nesse contato com a AIESEC conheci algumas comidas brasileiras, mas eu nunca tinha ido ao Brasil (risos). E é uma geografia que, na minha cabeça, eu falava: “Nossa, isso é diferente do Chile, né?”. Um país frio para um país mais... embora no Chile, claro, no norte também faz calor, mas um país mais tropical, verde... eu pensava isso, (entonação mais animada) “verde”.. também nessa época que eu viajei saiu aquele filme da Disney, do Rio, eu falei (entonação muito animada) “Nossa, quero ver esses passarinhos, de todas essas cores, voando por aí; eu quero ver o verde, o carnaval”, toda essa parte cultural também. Isso que eu poderia acrescentar. A outra oferta que eu tinha era a Índia, que também tem essa coisa, mas eu já tinha colegas que tinham ido na Índia e falavam: “Olha só, a Índia você ama ou você odeia” (risos), é uma resposta muito forte, e nesse momento da minha vida eu falei: “não sei se estou preparada, se eu não gostar, se vou conseguir ficar um ano”. É longe, é outra língua.. claro, lá fala inglês, mas tem as línguas da Índia... e outra coisa, qualquer coisa que aconteça, se eu estou no Brasil, estou a 4, 5 horas de distância de voltar pro Chile, se eu vou na Índia... a passagem é mais cara, são mais horas de voo... é outra coisa, então eu falei: “vamos aos poucos”.

E como foi essa adaptação ao Brasil, em relação ao clima, língua, costumes hábitos...

Nossa, isso foi o mais difícil (risos). Primeiro porque tinha a vantagem ou desvantagem, ainda não sei, que eu tava trabalhando num curso de idiomas. Então eu me sentia confortável, porque dentro do trabalho eu não era obrigada a falar português, então eu me sentia à vontade falando com meus colegas, a gente falava tudo em inglês, normal... mas (coloca ênfase na entonação) saindo do trabalho era a parte difícil (risos), porque tinha que pegar ônibus para voltar para casa, quando cheguei, cheguei para a Barra da Tijuca mesmo, o curso tava ali no Citty América, então não tinha o BRT, estavam todas as obras da Copa, das Olimpíadas... era uma confusão tão grande, você pegava o ônibus que tinha uma rota, mas você não sabia se ia seguir essa mesma rota ou se ia ser outra, porque tinha todos esses desvios.. aí era obrigada a perguntar: “É esse o ônibus que vai até tal ponto”, e eu morria de vergonha, eu começava a suar, porque eu falava (rindo de leve): “nossa, é muito...”.. eu sabia o que tava querendo falar, mas as pessoas, pelo meu sotaque, nem sempre me entendiam. Então, essa parte da língua foi difícil. E também, eu sinceramente... é engraçado, né? Porque eu sou professora de idiomas,

mas eu não estava me esforçando o suficiente para aprender, porque eu preferia ficar na comodidade, no conforto de falar inglês ou espanhol.

Aí a outra parte difícil foi com o carioca mesmo, né? O marcar, (rindo de leve) o pessoal fala que é zoeira, que é clichê, mas é verdade: é difícil. (rindo) “Ah, vamos marcar um encontro uma saída”... eu lembro porque uma vez eu fiquei super feliz que conheci um grupo brasileiro. “Ah, vamos pra praia”. “Quando?”. “Sábado”. “Que horas?”. “Três horas a gente está aí no ponto dois da Barra”. Eu falei “beleza, vou estar ali”. E eu cheguei até mais cedo, porque não queria chegar atrasada, pra não perder o grupo. Eu cheguei, sei lá, 15 pra 3, 3 horas não tinha ninguém, aí eu comecei a ficar nervosa, porque eu também tava na rua, né... aí comecei a ligar para as pessoas. “Oi, cadê vocês?”. “O quê?”. “Ah, onde vocês estão?”. “Você está aonde?”. “Tô na praia, a gente não marcou para ir na praia?”. “Ahhh, poxa, mas não vai dar mais para mim”. “Mas isso foi ontem, tipo, não é que a gente marcou tem (marca a entonação) muito tempo, marcamos ontem de vir hoje”. “Poxa Valentina, desculpa, eu esqueci completamente...” (risos), realmente eu fui a única que apareceu (risos). Então eu aprendi a falar por falar, mas sem ser verdade. Então depois eu ficava assim, nessa coisa chata... (séria) “Mas de verdade a gente vai, né? Porque tá confirmado, a gente vai mesmo...” (risos). Porque aí eu já comecei a desconfiar, então essa parte... (mais séria) eu ficava muito chateada com esse negócio de horário. O chileno não é tão pontual, mas eu sou, então por todo esse intercâmbio cultural que eu tive, aprendi muito a respeitar os horários... então, marcar um horário: “Ah, vamos sair para jantar todo mundo”. “Legal, que horas?”. “Sete”. Aí chegava às sete, sete e meia e não tinha ninguém. Oito horas começava a chegar a primeira pessoa... E, para eles, nem era tipo: “Oh, desculpa, o trânsito...”, não, normal (risos), faz parte, é lógico, né? Eu até tenho essa anedota, o primeiro aniversário que eu comemorei do meu marido. Que naquela época era meu namorado, mas a gente estava morando junto, aí falei: “Ah, vou fazer uma festa, convidar a família”, até a minha sogra, a família toda dele... aí eu falei: “ah, vamos fazer um churrasco meio-dia”... o pessoal começou a chegar 3 horas da tarde. A mãe dele nem chegou (risos). Ela falou: “Eu perdi a hora”, eu falei: “mas é o seu filho, aniversário dele, você não vai vir?”. Ela falou: “Ah, não vai dar para mim hoje não”. Eu falei: “mas eu não te avisei hoje, não te avisei ontem, te avisei, sei lá, 15 dias atrás, você falou que queria vir...”, “Ai, desculpa, é que eu não me programei...” (risos). Essa parte de adaptação foi (ênfase na entonação) muito difícil, depois aprendi a fazer o seguinte: “Olha, tal dia, tal hora, eu vou estar ali, eu vou estar bem sozinha, ou se alguém quiser me acompanhar, fique à vontade” (risos). Mas é assim, porque se eu ficava esperando os outros me acompanharem, acabava que eu não fazia nada, então... eu comecei a adaptar assim... a essa parte da idiossincrasia dos brasileiros, dos costumes com horário, com marcar encontros e tal... não sei do brasileiro, porque tenho amigos paulistas que falam: “não, isso aí é coisa de carioca, não é coisa minha não” (risos). Então também não sei. (Séria) Mas isso acho que foi o mais difícil realmente para mim, porque eu me sentia muito frustrada, me dava raiva, falava: “sou eu que não tô conseguindo me comunicar bem ou são os outros que estão sendo... irresponsáveis ou desrespeituosos comigo”, na minha cultura é falta de respeito você falar “vou” e não aparecer, né. Uma vez, pode ser.. todo mundo tem imprevistos. Mas todas as vezes, já...

E outra coisa aqui, também de adulto, né? Não sei se é uma coisa de me adaptar ao Brasil ou de começar a fazer amigos numa idade mais velha. Porque é mais difícil entrar nos círculos...

as pessoas, assim, “ah sim, vai vir uma gringa”, mas fica uma conversa muito superficial, que não sai muito disso de “ah de onde você é?”, “Ah, que legal, do Chile”, “ah, eu tenho uma amiga chilena”, ou “ah, eu já fui no Chile”, e aí até aí, né. Você quer conversar outra coisa, essa é a minha sensação, o carioca fica muito no... por exemplo, quando encontrava com amigos do meu marido, eles ficavam contando histórias que eles tinham vivido juntos, e eu ficava por fora. Aí eu falei: “Ah, talvez seja o grupo dele”, aí encontrava com outras amigas, e já falavam de pessoas que eu não conhecia, de histórias... eu posso ouvir uma anedota, mas o tempo (mais ênfase na entonação) inteiro, não saía muito disso... aí eu falei: “nossa, é difícil me integrar”, porque eu não faço parte dessa história deles, né? Então eu me inserir nessa história foi difícil, né? Então teve essa parte desafiadora e... acho que isso foi o mais difícil pra mim, porque a comida adorei, música adorava, a cidade... toda vez que eu vou para o centro da cidade, eu igual adoro o Eduardo Paes né? Eu amo o centro da cidade, acho lindo, o pessoal: “não, que é perigoso, você vai sozinha”, não tô nem aí, vou bem simplesinha, mas eu nunca fui assaltada graças a Deus e foi tranquilo, né?

Você acha que essa sensação do carioca, de que ele não era inclusivo, essa coisa da conversa com você que vinha de fora, você entende que era algo tipicamente carioca ou brasileiro ou algo que também aconteceria no Chile? Sabe, como eram todos amigos e só você de fora, naturalmente as pessoas falavam sobre o grupo?

Sim e não. Porque, por exemplo no Chile (risos), eu já ouvi esse mesmo discurso. Mas se você tem um insider, exemplo você tem uma namorada chilena e ela te apresenta o grupo, o grupo dela vai te aceitar, então é difícil entrar se não tem alguém de dentro que te faz ingressar no grupo, mas uma vez que você tá dentro, tá dentro. Aqui eu não tinha assunto, tinha a pessoa que me convidava, que era um amigo, meu namorado e tal, mas depois... eu não tinha tópicos para falar com essas pessoas (risos). Então, porque... ficava assim tentando enrolar, falar alguma coisa, achar algum ponto em comum e era muito difícil, muito difícil; e sempre eu sentia isso: que era uma conversa de futebol, cerveja, eu não bebo cerveja, não gosto, eu não gosto de futebol, não tenho nada para falar.. de academia, de coisa assim, não sou nada disso; por que ninguém fala de (entonação mais animada) filmes, livros, que são as coisas que eu ... (risos). Então talvez eu não tava andando com o grupo certo, mas inicialmente, os primeiros anos, depois eu me achei, mas o que eu fiz foi na internet, eu procurei grupos de temas, por exemplo, eu entrei num clube de oratória. Eu entrei num clube de oratória em inglês, então sabia que eram pessoas que gostavam de línguas, que gostavam de coisa mais acadêmicas, e foi onde fiz amigos brasileiros de verdade até hoje. Mas a gente tinha esse tópico em comum e a conversa era diferente. Mas até eu chegar nessa estratégia, demorei uns três, quatro anos, foi... assim, uma procura. “Nossa, como é que eu consigo entrar no grupo certo?”.

E esses grupos foram tipo Facebook, né?

Sim, redes sociais. Tem um aplicativo muito bom que é o Meet up, eu até fui num outro grupo que era mais a área de Psicologia, que era orientado por mulheres, são métodos de autoestima,

foi muito legal, e era um grupo completamente diferente daquele de oratória, mas eu me senti mais à von... (risos), e eram pessoas estranhas, eu não conhecia ninguém, então....

Mas eu me senti melhor, mas aí demorei até encontrar isso (ênfase na entonação) e eram pessoas que, também como eu, se sentiam exceção dentro daqui do Rio. Não sou a pessoa comum que você vai pela rua e conversa...

Interessante que isso, de alguma forma, vai de encontro a essa essa ideia talvez amistosa que se tenha do carioca e do brasileiro, né? Porque se a pessoa tá num grupo, mas não te incluem, ou essa falta de curiosidade talvez em relação ao outro...

O pessoal é simpático. Essa coisa assim (faz um gesto de aceno), eu gosto disso do brasileiro, vai na casa de alguém que não conhece: “não, senta aqui toma, bebe isso..”, isso sim. A hospitalidade (um pouco hesitante) tem. Mas continua sendo uma coisa superficial. Tô falando quando já passou um tempo, você quer um amigo pra falar, pra conversar... (ênfase na entonação) essa parte é difícil, porque.. eu conheci (ênfase na entonação) muitas pessoas, mas não passava depois. A gente estava na festa, e depois nunca mais via essa pessoa. Ela: “Ah, vamos trocar telefone”, mandava uma mensagem, a pessoa me respondia (risos): “Ah sim, tudo bem”, “Bem, e você?”, “bem também”. “Não, porque hoje tá corrido, tô ocupado”, “tá bom, outro dia converso com você”, acabava que nunca mais ouvia aquela pessoa. É isso.

E qual foi a primeira impressão que você teve no Brasil, quando chegou aqui?

Ah, adorei. Eu gostei muito.

Alguma coisa que chamou mais atenção?

Na verdade, a primeira impressão não foi muito boa (risos), mas foi uma coisa circunstancial. Porque, isso era uma regra do AIESEC, quando você chega no aeroporto, tem alguém local, ou seja, no caso era uma garota do Rio que tinha que ir me procurar no aeroporto e me acompanhar até o local onde eu ia me hospedar nos primeiros dias. É lá naquela época tava como eu falei, as obras da copa, obras das Olimpíadas, então ela chegou quase três horas depois que eu tinha chegado no aeroporto... e eu tava muito nervosa, porque eu tinha o número dela de celular, e eu tentava ligar e ela não (entonação mais marcada) atendia.. aí eu falei: “nossa, que que eu faço? Vou embora, fico aqui?”... Eu tinha o endereço, mas não sabia como chegar naquele lugar. Então eu falei “Nossa, como que eu faço, será que eu pego um táxi?”, mas todo mundo sabe táxi e turista, né? Isso não é do Brasil, isso é qualquer cidade. (Voz risonha/contente/saudosa) Eu estava com muito medo do que fazer, aí quando já estava quase desistindo, ela apareceu. Essa foi a primeira (impressão)... a impontualidade (risos). Aí ela: “Ai desculpa, eu corri pra chegar aqui, mas o trânsito...”, eu falei: “Não, tudo bem. Trânsito você pode ter, você chega 20 minutos, 1 hora de atraso, mas três (risos) estava demais”. Ai depois foi legal, porque na primeira semana eu fiquei na casa da família dela, eu lembro que quando cheguei o pai dela, isso é a hospitalidade, “Senta aqui, vamos comer, vamos jantar, você deve estar morrendo de fome”. Eu falei: “É, tô morrendo de fome” (risos).

Aí foi bem caloroso. E já depois... aqui ninguém gosta de andar de ônibus, mas eu adorava andar de ônibus. No final de semana, eu subia no ônibus e explorava acompanhando pelo Google Maps, pra ver onde ele ia me levar. E eu ficava olhando e né? Eu ficava olhando ao meu redor para ver o que é que tem, conhecendo a cidade (risos), então eu fazia a viagem assim. Conheci muitos lugares assim, eu gosto muito de andar também, então... até meu marido falou: “nossa, mas como você conhece esse restaurante?”. “Ah, porque eu passei outro dia aqui andando e tive a curiosidade, queria ver, parecia bom...”, e ele: “Nossa, mas eu moro aqui a minha vida inteira, nunca soube desse lugar”... isso foi antes do Instagram, dessas coisas dos blogs, foi explorando mesmo que eu ia conhecendo, e eu adorava isso.

Outra coisa, eu sentia muita segurança, mesmo que as pessoas falassem: “nossa, você está arriscando muito, você vai ser assaltada, isso aqui é muito perigoso”, mas eu não estava com joias, tinha um celular simplezinho, ia de short, chinelo, a pessoa nem me olhava, tentava passar o mais despercebida possível (risos) nunca tive problema.

E você já comentou comigo que o aprendizado do português foi difícil. Como foi o papel do seu atual marido nisso?

Bom, ele falava inglês comigo inicialmente, mas aos poucos ele falou: “Olha só, você tá morando aqui, você vai ter que conversar com outras pessoas, vamos tentar falar português, se você não me entender eu vou te explicar em inglês, mas vamos tentar”. Aí foi acerto e erro, foi assim... (voz animada) errava muito, ele é muito brincalhão, então ele ficava rindo de mim quando eu errava alguma coisa, ele ficava repetindo, e quando eu via que ele tava repetindo pela terceira vez, eu via que tinha alguma coisa errada e não sabia o que era. Ai perguntava o que eu errei. “Não, não se fala essas coisas...”; porque pra gente os pronomes não tem gênero, mas no português tem... então foi assim, acerto e erro, ele ia me ensinando... ele fala muita gíria, aí eu repetia e todo mundo ria e falava: “você fala muito igual ao seu marido.” “Você é a Dioga”, porque eu falo igual a ele... eu nunca esqueço, quando eu tava trabalhando no instituto de idiomas, tinha a recepcionista, aí pra me despedir eu falei exatamente o que ele falava, falei: “tchau, vou meter a pé”. Aí a menina ficou olhando para mim e falou: (voz animada) “Valentina, quem te ensinou isso? Não se fala assim não, se fala ‘tchau’, ‘até a próxima, ‘até amanhã’, mas ‘vou meter o pé’ não fica bonitinho”. E eu falei: “Mas por quê?”. Eu sempre escuto o mesmo, né? (risos).

Bom, a percepção que você tinha do Brasil antes de você vir você já contou. Essa parte do Axé, a Amazônia, o Tropical...

Isso, as pessoas felizes sempre (risos).

E hoje, essa percepção sobre o Brasil mudou?

Eu acho que o Brasil, assim como o Chile, mudou muito. Por exemplo, essa eleição que teve esse ano... eu tentei ficar de fora como observadora, porque eu vi a família do meu marido polarizada (ênfase) num nível, que eu olhava o WhatsApp da família, eu falava: “não tem certo ou errado, tem posicionamentos diferentes. Eu posso respeitar os dois, o que não posso

entender é por que essa família tá entrando em guerra por um negócio político que, seja o que for, vai passar, os governos vão e vêm, e vida que segue” (risos). Então eu estava nessa guerra.

Mas depois, até com meus alunos eu via isso. Tinha alunos que eram a favor do Bolsonaro, e eles falavam umas coisas assim que eu ficava: “nossa, tá bom”. Eu via os outros (risos) apoiadores.. outra coisa. Eu falava: “menos mal que eu dou aula particular, porque se eu fosse ter essa turma aqui ia ser uma (mais ênfase) guerra dentro da sala”. Mas eu não comentava muito, só “Ok, essa é a tua opinião, vamos continuar com a aula”.Tinha esses comentários.

Porque (ênfase) antes, minha percepção inicial era de que o brasileiro não era uma pessoa muito política. Pelo menos em comparação... por exemplo, na minha família é normal no domingo tem o almoço de família, e depois a gente faz a sobremesa que não é o doce, né? A sobremesa é de ficar mais tempo conversando. Aí normal, às vezes tinham comentários políticos, sobre a economia do país.. mas no Brasil nunca, jamais; eu até falei, era uma conversa mais superficial: “Ô, quem que ganhou o jogo da copa carioca, da Copa do Brasil, da Libertadores”, conversa de futebol; de repente... esse ano mudou tanto, tanto, tanto (pausa)... que eu fiquei abismada. porque eu falei nossa até mais político do que eu eu achava. As pessoas que achava as mais políticas eram as pessoas da Argentina, mas aqui já tinha virado uma coisa (pausa).. que eu ficava assim (pausa).. (risos) sem saber o que falar, ficava com medo. Se eu falo uma coisa errada, que não seja 100% imparcial, ou você recebe muito ódio (risos).. assim, uma coisa que eu falasse um lado repudiava ou vice versa, aí então (pausa)... vou guardar minhas opiniões para depois das eleições. E pior que não acabou, não acabou essa guerra, então.. (entonação de surpresa) aí hoje a família do meu marido ninguém quer Natal, eu falei: “Mas vocês adoram natal”, (imitando voz de raiva): “Ah, mas não quero ver essa galera ali, marxista-leninista”.. “Que é isso cara, não tem nada disso”, (imitando voz de raiva): “Não, esses aí fascistas”, eu falei: “Olha, aqui não tem fascista nem marxista, tem uma família”.. aí, eu fiquei responsável por organizar, porque eu sou tipo a Suíça agora (risos) da família, a neutralidade... Como minha irmã vem, eu falei: “vamos fazer uma coisa assim nada a ver para mudar o clima”. Mas (ênfase) tá tenso, tá muito tenso (pausa).. tá difícil.

O que esse período de imigração mudou na sua percepção sobre o Chile, como mudou sua imagem sobre o país?

Bom... a última vez que eu morei de verdade no Chile (risos) foi aí em 2010, quando a gente estava no governo do Piñera. O primeiro governo dele. Naquela época para mim, pelo menos o grupo que eu tava, a vibe onde eu tava, era muito de (pausa).. incentivo ao empreendedorismo, o Piñera veio com essa ideia: “Ah, eu quero que Santiago seja o Silicon Valley da América Latina”, essa era a missão que ele propôs, e o primeiro governo dele investiu muito nisso. Eu lembro que trouxeram empreendedores de diferentes partes do mundo, eles ofereciam bolsas para atrair esses empreendedores, mas em troca eles tinham que fazer palestras sobre empreendedorismo, novas ideias de negócio, tudo muito orientado na área tecnológica também, então participei muito dessas palestras, conheci pessoas geniais, de diferentes partes do mundo, gostei muito, então eu tava com essa onda: (entonação animada):

“ah sim, esse é o Chile que eu quero, muito aberto culturalmente”... e era uma imigração que chegava muito da Europa, dentro da América Latina do México, dos Estados Unidos.. e eu, (risos) que gosto da língua inglesa, então eu tava feliz, falei: “nossa, que bom, conheci pessoas da Austrália também” enfim...

Mas aí quando eu fui para a Argentina, voltei para o Chile por pouquinho tempo, depois vim para o Brasil, aí quando voltei desses quatro, cinco anos que eu fiquei direto no Brasil, já tinha outro Chile. Todo mundo reclamando dos imigrantes, “ah não, porque chegou muito imigrante, porque esse governo só quer imigrante aqui, os únicos beneficiados são imigrantes, não estão nem aí com os chilenos mais, a gente que se ferra, os beneficiados são eles, têm todos os direitos, a gente só tem as responsabilidades”... então a gente tem uma coisa meio xenofóbica, de não gostar mais dos Imigrantes, eu falei (rindo/surpresa) “nesse período de, sei lá, cinco anos, o que que aconteceu pras pessoas”... porque no início era novidade, “que legal, tô conhecendo pessoas de fora”, depois era: “não aguento mais conhecer pessoas estrangeiras, quero que todo mundo volte para casa, eles não têm nada para fazer aqui”.. (séria) e até hoje eu vejo isso. Tem muita rejeição aos estrangeiros, mas (ênfase) principalmente, e isso é verdade, eu concordo, eu esqueci a palavra que é quando você tem fobia dos pobres..

O classismo, né?

Não é o classismo, mas é a fobia das pessoas pobres (aporofobia). E... tem isso. Então, por exemplo: meu marido é brasileiro. Ele vai no Chile e fala “eu sou brasileiro”. “Ah legal”, porque a pessoa gosta de brasileiro. Mas ele é uma pessoa afrodescendente, aí ele, moreninho, vem alguém e fala: “você é do Haiti?”, ele fala “não, sou do Brasil”. “Ah, legal”. “E se eu fosse do Haiti, isso seria ruim?”. “Sim, eu não gosto do haitiano”. “Por quê?”. Porque o haitiano é pobre. Mesma coisa com os venezuelanos, que eu tô começando a ver um pouco agora no Brasil também, que tá tendo esse êxodo dos venezuelanos pelo mundo... mas aqui é muito menos do que no Chile, no Chile é uma coisa.. tanto é assim que quando eu conheço uma pessoa venezuelana no Chile, ele fala: “nossa, você é chilena?!” “Sim”, “poxa, você é muito simpática”, “é que eu sou chilena, mas eu não moro no Chile, eu moro no Brasil”. “Ah por isso, porque as pessoas chilenas não tratam a gente (pausa)... como gente” (riso lamentando). “Tratam como se a gente fosse escória, a pior coisa da vida”. Obviamente são generalizações, tem pessoas que são diferentes, mas é a sensação que tem no geral. Isso foi uma mudança: muita intolerância a outras culturas, pessoas de outras origens, aos imigrantes em geral (pausa)... e na parte política também, muito mais polarizado do que.. (rindo) ainda muito mais polarizado que quando eu saí de lá. Tá horrível, eu já, várias vezes pedi.. tô falando porque, agora com as eleições do Brasil, tive amigos e parentes chilenos comentando sobre as seleções brasileiras. Eu falei: “olha, não sei de onde você tirou essa informação, mas não foi assim” (risos). Porque estão falando que o Lula deu um golpe de Estado no Brasil, que ele tinha mentido nas eleições, não sei o quê.. eu falei: “olha, para mim foi uma eleição normal, alguém ganha e o outro perde, é assim. Eleições são assim, talvez na próxima vai ter troca de governo, a gente não sabe, não sou bruxa, não sei ver o futuro, mas é assim a democracia você escolhe um, ganha um ou ganha o outro; assim como, na vez anterior, teve pessoas que apoiavam, sei lá, o PT e não gostaram que ganhou o Bolsonaro, agora mudou o

governo, é isso”. Ai ele: “não, mas isso foi manipulado”. E eu: “de onde você tirou essa informação?” (risos). Então, assim, uma opinião muito forte, eu falei: “ó, vamos acalmar um pouquinho aí, eu não tô aguentando mais o pessoal do Brasil falando de política, não vou aguentar um cara do meu país comentar assim com tanto ódio sem você nem estar aqui”, (risos), olhando de fora..

E realmente, tem essa.. os meios no Chile, eu tenho essa sensação, eu tento acompanhar, mas... que falaram que era uma eleição ilegítima, eles estavam falando isso. Aí eu falei: “mas de onde vocês..”, “não, porque na televisão eles falaram isso, que foi ilegítimo, que estão investigando as urnas eletrônicas porque teve fraude”... eu falei: “cara, mas não é assim. Até agora que fizeram a investigação e não tinha nada, né?”, então eu falei: “os caras não souberam perder, ponto. É isso”.

É isso, essa polarização eu não via antes, agora eu vejo.

Tanto lá quanto aqui, né?

É, dos dois lados.

E falando em eleições, você participa das eleições estando aqui no Brasil? Costuma votar?

Eu tento participar, mas... no Chile o voto é voluntário, não é obrigatório. Embora para a última era obrigatório, mas só para a pessoa dentro do Chile. Como eu tava aqui, eu podia escolher. Aí eu li, acho que fui uma das poucas pessoas que leu a constituição (risos), porque as pessoas votaram sem saber, vendo o que tava no jornal, no YouTube, WhatsApp, nas redes sociais.. eu ficava: “nossa, umas coisas”.. Tanto assim que eu li junto com meu marido, eu queria também uma opinião externa, porque querendo ou não a gente tem uma parcialidade, então a gente leu junto, conversamos.. aí, por exemplo, eu não entendia isso do Estado plurinacional, que foi um dos aspectos mais criticados da nova constituição do Chile.. ele falou: “Olha, no Brasil é plurinacional, porque tem várias nações de índios, de não sei o quê, que estão dentro do mesmo território em convívio”, então eu falei: “ah, entendendo desse ponto de vista, acho que faz sentido, né?”... mas aí (pausa)... por exemplo, se eu perguntasse para minha mãe, nossa.. era: “Você não vai aprovar não, né Valentina?”. Aí, no fim das contas, foi uma coisa prática, decidi não votar porque eu moro em frente ao Parque Olímpico, nesses dias da votação tava tendo o Rock in Rio. Era um inferno para tentar sair dessa área, porque não tinha transporte público, estava tudo fechado e bloqueado.. eu não tava muito convencida nem de um nem do outro, como eu não seria a pessoa que iria arcar com as consequências disso, então... não votei.

Mas nas outras eleições eu votei sim, e havia muita consciência. Porque pra mim (risos), eu sair da minha casa e até chegar no Flamengo, que é onde fica o consulado chileno, é uma viagem e tanto né? (risos). Então aí eu tenho que pensar se realmente (risos) eu quero votar ou não. Mas eu tento sempre voltar sim, de forma informada.

E quais adaptações você teve que fazer para viver aqui no Brasil e acha que adquiriu algum costume daqui?

Sim, por exemplo dos aniversários (risos). (Rindo) Porque a pessoa não leva a sério, mas tem muito isso de celebrar a pessoa no aniversário. No Chile é uma coisa, a pessoa comemora, mas é mais opcional; tem até a pessoa que fala: “esse ano não quero fazer nada para o meu aniversário”. Aqui, qualquer aniversário é uma mega produção. Tanto assim que minha mãe gosta, quando é aniversário dela, “ah, mas eu quero parabéns em português, porque eu gosto da música mais (entonação alegre) animada, eu gosto dessa alegria”.. aí a gente adotou essa cultura do... e, olha, ela no Chile encomenda salgados brasileiros (risos)..

Ah, é?

Porque ela gostou dos petiscos típicos dos aniversários aqui, e dos doces, do brigadeiro; e ela encomenda lá. A gente achou uma brasileira que ela faz esse tipo de comida lá e a gente encomenda dela. Porque ela adorou essa cultura de cantar bem animado..

Ah, e o primeiro pedaço do bolo, esse também minha mãe.. a gente gostou. Ah, o primeiro pedaço do bolo como uma homenagem a alguém, para mostrar carinho.. quando minha mãe viu falou: “Ah, eu quero também”. Tanto assim que eles nem estão no Brasil, mas por ter contato com o meu marido, eles agora fazem lá (risos). Então eu “abrasileirei” a família chilena (risos).

Que outra coisa da cultura... Ah, outra coisa aqui. Por exemplo, para eu sair no Chile, (com ênfase) sempre bem arrumada e não sei o quê; aqui, às vezes: “vou botar um chinelo, um short e está pronto”. Essa coisa de relaxar às vezes, eu vou no mercado e não tenho que ir com as melhores roupas da vida, pode ir mais tranquilo, então... assim, tomar a vida de forma mais leve, uma coisa mais filosófica talvez.

E essa outra coisa, os rancores. Então, por exemplo, eu juro para você, (aqui a fala fica pausada) na minha família, tem pessoas que não se falam mais porque há 20, 30 anos alguém disse algo que o outro não gostou; mas esse que não gostou nunca falou para aquele que falou: “Olha, eu não gostei do que você disse”. Não fala, a pessoa guarda como máximo segredo até os últimos anos da sua vida (risos). E a outra pessoa tem que se ligar sozinha, tipo: “Ah, eu fiz alguma coisa que o outro não gostou, porque por algum motivo não tá mais falando comigo” (risos). Aqui não. O chileno evita o confronto, aqui a pessoa confronta na hora; mas acabou aí. Depois não fica odiando a pessoa para sempre porque “ah, aquela vez ela falou isso e eu não gostei, ou ela, sei lá, fez uma coisa”.. fala: “Olha, eu não gostei disso aí”. “Ah, desculpa, tá?”. Então acabou, não se fala mais sobre o assunto, viramos a página e a vida continua, né?

Bom, você falou sobre coisas que incorporou, agora falando de adaptação, tem alguma coisa que você acha estranha, mas que teve que assumir para viver aqui?

Então, os horários.. então, quando a pessoa me convida... assim, eu tenho uma lista mental das pessoas pontuais (risos) eu sei porque são poucas. Uma amiga brasileira que eu sei que se ela fala: “vamos marcar às cinco horas”, é cinco horas mesmo. Nesse mesmo grupo tem outro amigo que se falar cinco horas, na verdade está me convidando para chegar às oito. Não é para chegar às cinco, se eu chego às cinco, ele vai ficar desesperado, tipo: “o que você está fazendo aqui?”. Então essas coisas eu já presto atenção, tomo nota mental das coisas... antes eu tinha muita expectativa, tipo: “ah, eu vou conhecer alguém, quero falar de coisas que eu gosto”. Aí eu aprendi a adequar o nível da conversa de acordo com a pessoa que estou falando. Porque antes... não era tão assim, né? Então agora eu sei que eu não posso pedir, por exemplo, para a minha sogra, que é uma pessoa que mal conseguiu finalizar o ensino fundamental, porque ela passou por muita dificuldade na vida dela, etc. Então se eu quiser falar com ela de livros, ela não vai ter assun... não é culpa dela, né? Ela realmente não vai ter assunto, ela tem dificuldade de ler e tal, ela não é uma pessoa que lê muito. Agora, se eu falo de novelas, poxa, ela dá até palestra. Ela fica me contando e eu fico escutando a história dela, porque ela assiste todas as novelas, da tarde, da noite, da manhã ... legal, então eu aprendi a falar: “por que eu sou tão fechada?”, abri mais, e fui aprender as novelas com ela. E tem outra outra cunhada também que, por exemplo, ela só finalizou o ensino médio, então.. e eu sou uma pessoa mais intelectual, eu gosto de falar de filme, de livro, de viagem, de culturas.. ela, a única vez que ela saiu do Brasil, foi quando foi no meu casamento (risos). Então quando ela fala, ela gosta da coisa de maquiagem, então quando sento para conversar com ela, peço dica de produtos, ela me dá opinião dela; é uma conversa mais breve, mas todo mundo fica feliz, ela não fica constrangida comigo e eu não fico entediada porque... então eu aprendi a identificar, a pessoas fala desse tema, a outra desse outro tema... também isso me ajudou a ser mais aberta também, né?

Com o que mais você se identifica no Brasil?

(Pensa) É... eu gosto dessa coisa da espontaneidade (risos). Dentro do Chile, eu sempre fui considerada uma pessoa espontânea demais, aqui eu acho que eu sou até calminha (risos) em comparação, né? Mas eu gosto, eu gosto e me identifico. Eu tento não pensar tanto assim, porque senão eu sou muito estruturada, dentro do Brasil. No Chile eu sou muito espontânea, no Brasil acham que eu sou muito estruturada, não sei o quê... então, quebrar essas estruturas, aprender a curtir mais, ser mais espontânea, “ah, não deu certo esse ano, tudo bem. Vamos no outro”. “Ah, a gente queria sair para fazer uma trilha, choveu... então a gente inventa uma outra coisa no caminho”. Porque antes eu ficava: “não, mas a gente não tinha marcado isso” (risos). Me identifiquei com isso, e (rindo de leve) agora entendo como as pessoas do Chile olhavam para mim. E agora eu tenho que fazer esse mesmo exercício com pessoas do Brasil.

Outra coisa me identifico, eu gosto disso da felicidade do brasileiro, eu acho que é uma escolha ser feliz, né? Por que sofrer tanto? (risos). Então esquento menos a cabeça com problemas, “aconteceu, já foi, vamos continuar e focar nas coisas que nos fazem feliz”. Porque às vezes a pessoa fala: “porque a pessoa não aprende dos erros, não fica”.. mas é uma

escolha também, claro que tem coisas sérias que precisam ser mais avaliadas, mas na vida da pessoa.. para que vamos focar no negativo, vamos focar no positivo (risos).

Não levar tudo tão a sério, né?

Não levar tudo tão a sério, é.

E tem algum aspecto positivo ou negativo do Brasil que você ainda não comentou, mas que para você existe?

(Pensa) Acho que as pessoas mais simples, mas no bom sentido, de não precisar de muita coisa para ser feliz. Então: “ah, vou fazer uma festa, mas esse ano não tô com muito dinheiro”, “Ah, vamos fazer um bolinho pelo menos”, e a pessoa fica feliz com isso. Alguém pode olhar isso e pensar que é conformismo, mas não é. É uma escolha também, fazer as coisas mais simples, mas tem um significado bonito também, né? Quando recebo familiares que vêm aqui a turismo, eles falam: “nossa, mas a gente tá no meio da rua e do nada já tem uma festa”, é que o pessoal não se complica, como tem que estar vestido, o que tem que organizar.. acontece. Você vai na praia e começa a conversar com alguém do nada e virou amigo, é mais simples, no Chile tem mais códigos, do tipo: “Ah, para virar amigo a gente tem que se apresentar formalmente”.. aqui, você você conversa com uma pessoa que tá do teu lado no ônibus, e foi teu amigo do ônibus (risos). Isso eu vejo como positivo.

E negativo, (pausa).. bom, eu tô vendo isso agora né, da polarização extrema, não tô gostando, (rindo) não tô entendendo de onde veio isso, porque não era o brasileiro que eu conhecia antes.. mas eu acredito que vai passar, né? É uma onda do momento, mas tenho muita fé que essa Copa do Mundo vai finalizar esse ciclo tenso do Brasil e aos pouquinhos, né.. também talvez tá todo mundo mais neurótico por conta do que foi a pandemia, ficar trancado muito tempo, e perdemos essa parte de socializar, mas (animada) eu realmente tenho muita fé na Copa, no futebol (risos).

Também acho, vai tirar essa associação da bandeira e da camisa amarela a um grupo político específico..

Sim, isso aí, também tô torcendo pra isso acontecer.

Você mantém contato com outros chilenos que vivem aqui no Rio de Janeiro?

Sim.

Você comentou que não foi na última Fiestas Pátrias, né?

Não.

Mas como se dá essa comunicação?

Eu tô num grupo de Facebook, que é uma comunidade de chilenos no Rio de Janeiro, aí eles... tem muita anúncio de turismo, mas fora disso, tem o pessoal que pergunta: “olha, trouxe pisco, alguém quer?”, às vezes marcam encontros, “ah, vai ter jogo da seleção de futebol, vamos assistir juntos em tal bar”, sim, marcam esses encontros das pessoas que residem, não somente turistas, mas que moram no Rio; também tenho vários amigos, que eu conheci no Chile, que vieram por diferentes motivos ao Brasil e acabaram ficando; então a gente está sempre se comunicando por redes sociais, comentando... às vezes a gente marca para sair junto, não muito mas às vezes (risos).

E eu sempre tento ajudar, isso também. Quando tem gente que pergunta: “poxa, qual é o melhor setor para ficar no Rio?”, aí eu acabo explicando: “tem Copacabana, Ipanema, a Barra, tem diferentes opções dependendo do seu orçamento, do tipo de férias que você está procurando”, sempre tem muita colaboração nesses grupos. Principalmente Facebook.

E com o pessoal que está no Chile, você fala que sempre fala com sua irmã, sua mãe; elas já vieram aqui... mantém contato com o pessoal lá?

Totalmente. Primeiro que eu tenho uma empresa no Chile, né? Tenho CNPJ no Brasil, mas também tenho empresa no Chile (risos). Então sou obrigada a estar em constante comunicação com a minha sócia de negócios, com os meus funcionários, então a gente sempre está pelo whatsapp, pelo zoom tendo reunião. Com minha irmã, acho que falo todo dia, (rindo) também porque ela trabalha comigo, mas também por coisas pessoais a gente conversa todo dia pelo WhatsApp normalmente, com minha mãe a gente marca um dia na semana para conversar também. Tem o Instagram, aí os parentes quando veem foto comentam: “tô com saudade”; eu tenho essa regra, quando eu sinto saudade de alguém, mando mensagem: “olha, lembrei de você, vamos marcar uma ligação”, porque senão eu esqueço, vai ficando.. então eu tenho esse costume também. Então é isso, principalmente o WhatsApp, o Instagram e o Facebook.

Com seu pai, você fala também?

Também. Com meu pai... um pouquinho menos, porque.. minha mãe já está aposentada, meu pai (rindo) deveria estar aposentado, mas ele continua trabalhando (risos). Então é mais difícil às vezes marcar os horários, mas sim, pelo menos uma vez por mês, eu falo com ele também. (Pausa). Também pelo whatsapp.. ah, isso sim, com minha mãe falo mais curtinho, porque é mais seguido, com meu pai, às vezes separamos uma tarde inteira para ficar conversando. É menos quantidade, mas é mais prolongado.

E como é que você se identifica hoje, depois de todo esse tempo, como chilena ou como brasileira?

(Responde rápido) Nenhum dos dois (risos). Até no meu Instagram está “chilena carioca”. De origem eu sou chilena, eu tenho meu sotaque, eu não tenho como negar que eu sou. Mas, eu

adotei... alguns costumes do carioca. Então, quando eu vou no Chile, todo mundo fala: “você é mais brasileira”. (Rindo de leve) Aí quando estou no Brasil, eu sou muito chilena, então eu tô no meio. Eu sei que eu tô no meio, sou uma... e eu estou feliz assim, porque eu me sinto diferente. Ah, é legal ser diferente, não tenho que ser um estereótipo de um ou do outro. Então eu escolhi as coisas que eu mais gostei de uma cultura e da outra (pausa)... e, essa mistura (risos) tento manter.

(Pausa) Por exemplo, isso é uma coisa que dizem que pareço mais chilena. Porque no Chile tem essa coisa de mulher ser muito natural, minha mãe nunca pintou o cabelo, ela tem cabelo branco... quando ela veio aqui no Brasil, as pessoas: “nossa, você tem coragem de andar com cabelo branco”. E para ela era a coisa mais normal da vida, e eu olho para as mães dos meus amigos, todo mundo com cabelo branco, normal. Minha sogra prefere estar morta que ser vista com cabelo branco, e ela era morena, e pintou loira.. Por exemplo, da mulher eu observo muito, que no Chile, por exemplo, ser muito ligada na aparência é tido como ser uma mulher muito fútil, muito superficial; se tem uma mulher muito arrumada no Chile mais criticam que elogiam. E no Brasil é ao contrário (risos). (Voz animada) Eu gosto disso do Brasil também: “nossa, você está linda, está bonita sua roupa”, não um “quem que ela acha que é, que comprou essas roupas”, não tem essa crítica. No Chile é: “nossa, por que você veio tão produzida?”, e no Brasil é “você é muito apagadinha, muito tranqüilinha”; eu falo: “cara, não tem como agradar um e o outro, 100%. Mas tudo bem”. Talvez sou um pouco arrumada para os brasileiros, mas no Chile sou muito arrumada (risos).

E, desde que você mora no Brasil, contou que já foi diversas vezes para lá. Quantas vezes foi?

Pelo menos uma vez por ano, porque Natal e Ano Novo sempre passei.. com exceção da primeira vez quando cheguei, que eu vim passar o natal no Brasil, que eu não deveria, eu deveria ter aguardado até 2014, mas estava muito ansiosa e eu quis vir. Mas depois eu sempre voltava para o Natal e o Ano Novo... e esse é o primeiro Natal que eu vou estar por eleição própria no Brasil, porque eu falei (rindo): “essa guerra tem que acabar, então eu assumi a responsabilidade de fazer a ceia de Natal”.

E você sente saudade da época que vivia no Chile e pretende no futuro voltar a viver lá?

Eu já tive essa saudade, essa nostalgia; mas já com a última viagem eu falei: “não, meu lugar não é aí, o Chile que eu gostava, que está na minha memória não existe mais, e o Chile que existe agora eu não gosto (risos).

Então, se eu comparo os dois, prefiro viver no Brasil, realmente me sinto mais à vontade agora; e quando volto para o Chile, vou visitar minha família, meus amigos, mas quando saio disso eu sofro, porque eu já falei, o pessoal tá muito agressivo, muito negativo, isso me cansa... então eu vou e fico lá normalmente um mês, que o meu aniversário é dezembro, então vou para o meu aniversário, o Natal, o ano novo e o aniversário do meu pai, que é 14 de janeiro. Aí eu volto.

E tem algum objeto especial que você trouxe contigo do Chile?

Não, realmente não. Eu vejo amigos que: “ah, eu trouxe a bandeira”.. o único que eu tinha, mas não consegui achar agora era o índio pícaro, mas na verdade isso não era nem meu, era do meu marido, que ele achou engraçado e trouxe. Eu realmente nunca fui de trazer essas coisas, para mim a lembrança tá no coração, também como eu falo muito seguido por WhatsApp eu não sinto assim tanta.. acho que senti mais no início, quando essa área não era tão desenvolvida, mas agora (pausa)... é muito fácil ver fotos pelo Instagram, então sinto as pessoas mais perto. Eu não tenho isso... e as coisas que eu trouxe comigo são comidas, que o meu marido adora comida chilena (risos), então a gente tenta fazer dias de comida brasileira, dias de comida chilena, tem dia que é um pouquinho de cada coisa.. meu marido adora empanada, eu não sou boa fazendo empanada, mas ele é ótimo fazendo, então... essas coisas, ele que acolheu também.

Acho que foi receitas, músicas... quando eu tô com muita saudade eu gosto de escutar músicas do Chile... é mas, assim, é raramente, não é toda hora não.

(Voz animada) Ah isso, tem: literatura. Trouxe alguns livros do Chile em espanhol, de escritores chilenos mesmo..

Quais, lembra?

(Pausa) (Rindo) Nossa, me deu um branco, mas deixa eu pesquisar que eu vou lembrar na hora, é a autora de “La Amortajada”, Maria Luisa Bombal, eu trouxe a antologia dela; engraçado que eu gostava muito dela na adolescência, aí na última vez que estive no Chile, eu vi a antologia, que estava em promoção na Amazon, eu falei: “vou comprar”. Agora tô relendo e pensei: “por que eu gostava disso?” Achei meio depressivo, né. Ela também morreu porque se suicidou, então eu falei: “nossa, que depressivo ler isso e eu gostava disso na minha adolescência”.. é engraçado que a lembrança às vezes é melhor do que realmente são as coisas (risos). Então eu aprendi isso. Aí eu tava relendo e, claro, o que eu gosto dela é que também tem muita descrição de cidades pequenas do Chile, Los Andes, San Felipe, ela descreve essas cidades e isso aí eu achei bonito. Tem a Isabel Allende também..

Ah, seriado também. Meu marido assistiu muito seriado chileno. Tem “Ines del Alma Mía”, da novela da Isabel Allende, que está na Amazon, a gente viu a biografia da Isabel Allende, que eles também fizeram um seriado, “La Jauría”, que é um seriado mais policial, “El Presidente”, sobre o caso que teve de corrupção com a FIFA e a Conmebol, que aí é mais América Latina, mas o seriado tinha muitos atores chilenos, então meu marido também gosta... então a gente fica conversando sobre períodos da história...

E você comentou que foi uma amiga argentina que apresentou vocês. Convive com muitos imigrantes aqui no Rio?

(Pensa) Nunca convivo, mas como a gente escuta nosso sotaque, é mais fácil de identificar. Às vezes escuto alguém com sotaque e falo (voz animada): “Ih, você também não é brasileira” (risos). A gente conecta muito fácil por isso. Tenho uma amiga brasileira que é casada com um belga, então a gente é muito amigo, somos casais amigos. Tem minha amiga argentina, que ela saiu do Rio por bastante tempo e voltou agora esse ano... que ela é apaixonada pelo Brasil, só que ela nunca consegue se estabelecer, eu não sei por que; ela tenta arrumar emprego, depois não dá certo, aí ela volta, e tá sempre nessa tentativa de voltar.

Tenho um amigo chileno que eu conheci na faculdade, e esse ano, aí por março, abril tava no mercado e vi ele. Falei: “mentira, o que você tá fazendo no mercado onde eu compro toda semana?”. E ele: “Mentira, esse é o mercado onde eu compro toda semana”.. e a gente não sabia que éramos vizinhos.. ele não era meu amigo íntimo da faculdade não, mas a gente se conhecia, então foi assim... aí ele falou: “tô casado com uma brasileira, tenho uma filha brasileira”.. eu falei: “cara, eu não sabia...” a gente tinha perdido o contato, então restabelecemos o contato. Mas ficou nisso. Ele manda mensagem, eu mando outra, mas sendo vizinho vejo ele menos do que outras amigas (risos). Então é engraçado. Na academia tinha uma menina da Venezuela e a gente ficou conversando, e todo mundo olhando pra gente, tipo, “elas estão falando espanhol”, mas a gente ficou conversando e é a amiga da academia, mas só quando eu tô na academia .. (risos) e casualmente a gente se encontra.

E sobre o seu marido brasileiro, como é esse relacionamento intercultural?

Muito bom. É que ele também é muito mente aberta, ele gosta muito de aprender espanhol, principalmente palavrão, eu fico brigando com ele: “não fala palavrão”, e ele fala: “ah, mas eu falo só com você porque eu gosto”, ele acha engraçado, ele gosta de aprender as gírias.. O nome dele é Diogo Magalhães, aí ele inventa (imita sotaque forte em espanhol) “Diogo de Magallanes”. A gente brinca, né? Ele gosta, muda a voz, eu falo: “gosto mais da tua voz em espanhol do que em português”, porque é mais... acho que é porque ele imita as pessoas da novela (risos), então fica com uma voz engraçada mesmo... ele gosta também de incorporar as outras culturas, né? Ele por exemplo fez questão de ter a camisa de futebol da seleção chilena, eu não tenho, e ele gosta e ele sai.. ele adora quando as pessoas perguntam: “nossa, você é chileno?”, e ele fica rindo..

E pra fechar, na sua opinião qual a importância desse trabalho de história oral para recuperar seu passado, a sua experiência migratória e de outros migrantes que também vivem aqui?

Eu não sei qual foi o escritor que disse que o ser humano está feito de histórias, é um conjunto de histórias. Então a gente é um conjunto de história, tenho que contar essas histórias, acho que quando a gente mais conecta é escutando a história dos outros... sempre tem uma coisa tipo: “ah, eu me identifiquei com você nisso”, talvez não em tudo, mas sempre tem uma parte que a gente conecta... ajuda a gente também a entender o outro, estamos muito na era da intolerância então (imitando voz raivosa): “ah, eu sou do bolsonaro, eu sou do Lula, então a gente não é amigo”, assim como nos Estados Unidos tem: “ah, sou do Trump, eu sou (risos)

do Obama”, tem essas coisas.. no Chile também: eu sou de direita, de esquerda... tá muito assim, intolerância, não vou deixar você nem falar porque eu não quero nem ouvir... acho que tem que ser o contrário, a gente tem que se escutar mais, e assim entender que tem muito mais em comum (risos) do que diferenças. Eu sempre falo que eu tenho essa fortuna de estar sempre ali no meio, entre os mundos, porque eu dou aula para pessoas que pensam muito diferente, pessoas do Brasil, pessoas do Chile, chilenos que moram em outros lugares... e quando eu escuto eles, eles têm os seus posicionamentos, e eu sempre escuto e digo: “ah, você pensa igual que esse outro cara, se vocês se conhecessem, talvez você acharia que ia ter um inimigo, mas não é. Tem mais coisas em comum do que divergências, né?”. Então é bem interessante.

Apêndice 6: Entrevista Vicky

Data da entrevista: 17/11/22
 Nome: Vicky Cabrera
 Natural de: Rio de Janeiro.
 Pai: Limache. Mãe: Minas Gerais
 Idade: 22
 Sexo: Feminino
 Estado civil: Solteira
 Profissão: Artesã
 Religião: Budista

Você pode contar um pouco sobre como é ser filha de um pai chileno, como é que isso mudou sua história?

(Pensa) Bom, não mudou muita coisa, mas tem uma grande diferença; não só de convivência, mas a forma de falar. Eu acho que todo mundo faz essa pergunta para gente: “Você pensa em português ou espanhol?”. só que a gente pensa nos dois, e eu também sempre tive dificuldade com o português, mesmo nascendo aqui, porque o meu pai sempre falou espanhol com a gente. E a minha mãe em português, e aí ficou um portunhol.

E também a forma de amizade. Eu nunca tive amigos brasileiros, sempre estrangeiros, meus amigos sempre foram estrangeiros e no mesmo nível social dos meus pais, como hippies, pessoas que viajam muito e migrantes.

(Pensa) E realmente... eu gosto de ser mestiça. Além de representar dois países da América Latina, eu represento a minha origem, e é muito bom você representar quem você é. Sabe? Eu sou chilena, eu sou brasileira, a gente é uma mistura mestiça-exótica.

Você comentou que só tem amigos estrangeiros. Por que isso?

Por que eu não tenho... como eu explico pra você? Eu me vejo melhor com amizade de fora do que do Brasil, já que eu prefiro falar o espanhol e também a música e a cultura representa mais a mim do que alguém do Brasil. Eu não me adapto, entendeu? Não me encaixo, ou seja, a forma como eles gostam.. a música, eu prefiro a música em espanhol. Eu prefiro falar espanhol e o estilo também. Representando mais essa origem latina.

Você fala espanhol?

Uhum.

100%?

100 %.

Legal. Quem da sua família é chileno, e quando chegou no Brasil?

Meu pai chegou aqui nos anos 70... na época que o Rio de Janeiro era o Rio de Janeiro (risos). Melhor dizendo, se apaixonou por aqui, largou a vida do Chile.. porque entre o Brasil e o Chile tem uma grande diferença, além de cultural e de liberdade. No Brasil, a gente pode ser quem a gente é, sem medo; e no Chile já é mais restrito porque você é um padrão único, sendo que o Brasil é uma mistura de diferentes formas: você gosta de rap, tem grupo de rap... já no Chile, você tem que ser aquilo que você é, então... tem muita diferença, e meu pai acabou gostando daqui (pausa) (rindo de leve) e se apaixonando também por uma brasileira.

Por uma brasileira, sua mãe?

(Rindo) Aham, minha mommy.

Ele veio nos anos 70, né? E conheceu sua mãe aqui no Rio de Janeiro.

Isso, foi nos anos 80 (pausa) Se conheceram na Lapa. (pausa) Você vê que a vibe já vai junto na Lapa (risos). Porque já vai lá estrangeiro, vai um povo diversificado...

Você sabe como eles se conheceram? Foi numa festa latina?

Foi num barzinho.

Legal. E seu pai já falava português, ou sua mãe falava espanhol?

Minha mãe não falava espanhol e meu pai não falava português, mas de alguma forma se entenderam (risos). Um entendia o outro, mesmo sem falar o idioma.

E quais as primeiras lembranças suas referentes ao Chile? Você já foi ao Chile, se sim quantas vezes, e quais lembranças você traz do país?

(Pensa) Sempre a comida. Eu prefiro a comida chilena que a brasileira. Também gosto muito... eu me represento sendo de lá porque o padrão de lá é o mesmo que o meu. E a forma de pensar também, sendo que aqui no Brasil eu me sinto muito diferente. Não é que eu me sinta excluída, mas eu não me sinto adaptada a isso.

Em que sentido?

Na forma de pensar, na forma de conviver, o tipo musical e até mesmo as piadinhas.. eu não entendo (risos).

É que o brasileiro é muito fanfarrão às vezes. É isso?

É, tipo a gíria. Eu não entendo nada de gíria e, tipo assim, eu falo: “obrigado”.. todo mundo pensa que eu não sou carioca, porque eu não tenho o sotaque carioca.

Da minha família ninguém é carioca. Minha mãe é mineira e meu pai é chileno (risos). (Rindo) Então, de onde eu vou tirar isso? (risos). E eu não tenho nem amigos pra falar assim: “Pô aí, valeu”. Nem combina (risos). “E aí, valeu”, “É nós, parceiro” (risos).

E as gírias chilenas, você entende?

(Responde rápido) Cacha la weá, hermano. (Rindo) Cabro culiao (Risos)

(Rindo) Ah, as gírias chilenas 100%..

100%, eu já entendo.

E de lembranças, quantas vezes você foi ao Chile e, além da comida, o que te marcou de lá?

(Pensa e suspira) O que me marcou... eu acho que é a forma fria que os chilenos são. É muito classista, são o tipo de pessoa que te olha de cima pra baixo, já que você tem que fazer um padrão daquilo. Sendo que aqui, no Brasil, eu me sentia mais livre para ser o que eu sou, não precisava mudar. Aqui no Brasil, ainda que tenha muito preconceito, você é o que você é, sem mudar.

E você comentou da comida.. quais comidas você mais gosta de lá?

Empanada, terremoto, auwitas, Super 8, mote con huesillo, são as coisas que eu mais amo (pausa).. e tem um chocolate que eu gosto muito, que se chama Negrita.

Esse eu não conheço, conhecia o Super 8..

Negrita é muito bom. Tô fazendo propaganda da Nestlé, gente (risos).

Legal, quando voltar ao Chile vou pedir esse! E sobre os contos chilenos, o que seu pai te contava sobre o Chile? Histórias do Chile...

Ahh, sempre me contava a história do... tem um passarinho, esqueci o nome dele agora (pensa)... Condorito. Esse. Sempre me contava do Condorito. (Uma pessoa externa que está no local e escuta: (ri) Condorito é chileno, né? Eu tenho uma revista do Condorito lá em casa que tem 40 anos! (entonação marcada) 40 anos!). Sim... o Condorito, me contava historinhas bem originais mapuche, que são os índios da nossa origem chilena... e sempre me mostrou quem eu sou, minha cultura também. Pra eu nunca esquecer de onde eu vim também, sempre mostrando para eu ter orgulho da minha origem, que além de chilena também tem mapuche, que pros olhos dos chilenos não é muito bem-vindo, os indígenas.. e eu sou mapuche.

Legal! O seu pai é de origem mapuche, é?

(Entonação animada) Aham, o pai dele é mapuche e a mãe dele é “chilena chilena”.

Ahh, o seu avô é mapuche..

Aham.

E você também é, né? E o teu pai também..

Eu sou mapuche también, pelos olhos achinados.

E vocês têm a bandeira em casa?

(Responde rápido) Sim.

É linda a bandeira mapuche..

A gente tem a bandeira mapuche e a bandeira chilena.

De qual bandeira você gosta mais?

A mapuche. Porque representa de onde a gente veio, que são os índios.

Mas a chilena representa também?

Sim, mas foi pelos espanhóis. Já não era original deles. E sim a dos mapuche, onde você pode ver a estrela, o sol.. representa nossa cultura, que a gente é indígena, acredita muito nisso. (ênfase) O indígena é místico, então essa é minha bandeira, não a do Chile 100%.

Legal, a mapuche tem o sol, a estrela.. são quatro elementos, né?

Sim, são quatro elementos representativos. (Pausa) E o poncho também, que a gente usa.

Ahh, vocês têm o poncho também?

Sim, que é de origem também mapuche, né.

Você usa o poncho aqui?

(Rindo) No friozinho, em casa, porque aqui não combina (risos).

Você tem um poncho e o seu pai tem outro, ou vocês usam o mesmo?

A gente tem um, que é familiar.

Legal, seu irmão usa também?

Sim, o mesmo.

Legal, sabe que eu tenho um poncho que a mãe da minha namorada, a Camila, me deu de presente. Um poncho amarelo. Só que é a mesma coisa: eu aqui não usei, usei lá.

Sim, é porque aqui.. é estranho, você vai usar tipo, vão falar: “Quem é esse aí? Tá ficando doido” (risos).

Eu acho que o Brasil é muito americanizado, de uma forma que até nossas palavras, como shopping, shampoo.. você vai para Portugal, eles têm um sotaque deles. Vamos no “mercado”, sabe? Não tem coisa de shopping. Vamos no mercado comercial.. então a gente é muito americanizado, eu acho que nos anos 50 o Brasil se tornou assim.

E lá no Chile, você acha que não é assim?

Agora tá assim. Eu acho que é a globalização, né? Acaba (pausa) vindo para todos os países... mas não tem como sair de uma origem que você é, já que os chilenos têm a mesma forma, o mesmo padrão... e querendo ou não têm o mesmo pensamento.

E aí falando da época que você era criança. Você já comentou essa coisa da língua, né? Como foi essa experiência de ser criança filha de pai chileno?

Os amigos que eu tinha sempre falavam: “Seu pai fala muito estranho, (rindo) eu não entendo o que ele fala”. Só que para mim era super normal o jeito que ele falava, eu não sentia diferença; e quando vinha outra pessoa que era estrangeira, eu também entendia. E sempre foi algo normal para mim, nunca.. me atrapalhou sim na escola.

Por quê?

Porque eu tive que fazer fonema. Já que eu não falava (entonação mais rápida) “português português”, eu falava português, mas com som ou algumas coisas eu falava em espanhol achando que era em português... então as pessoas já não entendiam muito. Aí eles falavam assim: “Nossa!”. Na escola a pessoa nota, eu acho que com gente pequenininha nota mais que com adolescente, falam: “Nossa, você fala estranho”. Já um adolescente fala: “Você é de onde? Você é de onde? Não é daqui”. Então eu sempre tive essa barreira.

E quanto tempo você fez fono? E depois resolveu?

Eu não lembro muito bem, mas eu lembro que a escola que pediu para minha mãe... para eu fazer fono.

Mas hoje você fala português.. tanto o espanhol como o português..

(Interrompe) Sim, falo português, mas (ri) às vezes eu esqueço. Tem palavra que eu falo assim: “Como é que fala aquela palavra?”.. Aí eu uso um tradutor (risos). Tem um negócio desse.

Eu acho que também pelo meu convívio. Você que entrevistou meu irmão, viu que ele tem mais amizades brasileiras, Já eu tenho amizades mais estrangeiras. Então você fala tanto espanhol, que acaba (ri) esquecendo que fala português. E aí você fala: “Putz, esqueci essa palavra”. Então eu tenho uma grande diferença...

Eu peço desculpas, até faço essa pergunta no início, mas não fiz pra você porque assumi que você preferiria falar em português. Você preferiria fazer essa conversa em espanhol, em português ou tanto faz?

Tanto faz, na que você quiser... você que sabe. Quer que eu fale em espanhol ou português?

Você escolhe.

(Risos) Eu não sei..

Então a gente já tá falando português, vamos no português..

OK. Mas se quiser que eu fale em espanhol, também falo em espanhol.

Uma outra dúvida, sobre identidade. Como você se identifica: brasileira, chilena ou ambas?

(Pensa) Eu me considero ambas. As duas me representam. Eu acho que da brasileira, o que mais me representa, é a coragem e a esperança, nunca desistir. Acho que o brasileiro tem muito disso, de ser um povo muito de fé. Já o chileno não é muito assim, eu acho que onde você for, você nunca vai ver um chileno falando de fé... eles são mais realistas. Eles entendem que, se tá ruim, tem que ter um jeito, mas não usam a palavra de Deus. É bem diferente.

E o que te representa no Chile? Do Brasil você falou coragem e fé, e do Chile?

(Pensa) O que que o Chile me representa... eu acho que a minha identidade de roupa. E musical. O estilo que a gente fala, o estilo “*mamacita latina*”, esse lado já me representa.

O que é esse estilo?

É... de empoderamento. Feminino, mas com sua identidade, mostrando meu estilo, sabe?

E isso é do Chile, ou de outros países hispânicos também?

É da América Latina. Do Brasil, de onde for... Argentina, Paraguai; representando todos as latinas. (Pausa) Ser latina é difícil, a gente sofre preconceito em dobro. Pode ser brasileira, chilena, o que for. A mulher latina sofre preconceito.

Em qualquer canto, seja no Brasil ou seja no Chile?

(Interrompe) Qualquer canto, onde for. (Riso de leve) Se for para a Europa, pior ainda.

Você já foi para a Europa?

Não, mas meu pai sim. E sempre o olhar para uma pessoa latina, principalmente brasileira, é sempre algo feio. Acho que você já entende já, sempre confunde a gente, eu acho que pela forma de o latino ser alegre, feliz; a mulher ter liberdade de expressão, falar a realidade, ter liberdade de vestir qualquer roupa... a gente não tem vergonha de ser o que a gente é, independente do seu corpo ser magro ou.. independentemente, a gente representa o que a gente é, sem vergonha de ser feliz. Já o povo de fora prefere se esconder, também acho que por causa do clima e da cultura.

Eles não entendem essa forma de a gente ser mais expansivo..

(Interrompe) Não entendem, a gente é mais caloroso, mais entregue. (Pausa) Uma coisa muito engraçada que aconteceu comigo, de ter um relacionamento com asiático, foi que (pensa) eu aprendi que a gente é... o que nosso país nos torna ser. Se você namora uma pessoa latina, você é mais caloroso e entregue. Não digo romântico, mas digo sincero, tipo... fora dos padrões de ser um carinha perfeito, uma menina perfeita. Você não tem vergonha de ser o que você é. Já lá fora, você (pensa) tem que ser o cara perfeito para a sua namorada e para honrar a família dele, o nome dele. Aqui a gente não tem isso, “honrar nome”.. então, lá fora, você tem que honrar o seu sobrenome e sua família. Então isso eu aprendi muito, uma grande diferença.

Não é assim: “ah, eu sou livre, vou fazer o que eu quero fazer”, não... tem um contraverso [sic].

Tem o quê?

(Ri envergonhada) Contraverso.

Controvérsias.

Controvérsias, (rindo) viu? Eu sempre erro as palavras (Risos).

Caramba, que coisa, eu não tinha pensado nessa coisa do honrar o sobrenome, honrar a família dos asiáticos.

(Interrompe) Olha, eu com um asiático tive essa experiência. Não é porque você quer uma coisa.. primeiro você tem que passar pelos seus pais. “Será que eu tô honrando o sobrenome da minha família”? (Pausa) Se é não, pode ter certeza que você não é bem-vinda nem para eles, nem para seus pais; e como você pula isso, já não faz parte daquilo. Então eu senti muita diferença nisso, a forma de amar: nós, latinos, a gente gosta de carência, de um toque, de um abraço. Já um asiático, é como digo: “Olha, hoje eu te comprei esse presente e eu te amo”. “Hoje eu cuidei de você, eu te amo. Não tem toque, e é o que o latino gosta. A gente gosta de tocar, de abraçar, eu acho que a pandemia mostrou de onde a gente veio, nossa origem. Então, para a gente, foi muito difícil não poder abraçar, não poder dar um beijo.. foi bem diferente.

E como foi essa relação de uma cultura tão diferente, com um chinês, asiático (ela ri nesse momento), não ter o toque, até a forma de pensar ser diferente; você se adaptou a isso, ou não?

Eu acho que quando você gosta de alguém, acaba se adaptando, né? (sorri). Acho que a paixão te faz esquecer de onde você foi criada e... ceder ao outro. Mas para mim (pausa) foi muito difícil, porque eu já não falo chinês, não venho de uma (ênfase) cabeça dessa origem, as roupas são totalmente diferentes. Enquanto eu sou livre aqui, com um asiático eu tenho que me cobrir toda, como se mostrar quem eu sou fosse um pecado. A forma de você agir, a forma de você falar mostra muito o que você é no país asiático. Diferente daqui, aqui a gente fala assim: “fulano tem personalidade”. Num país asiático, se fala assim: “fulano não sabe se pôr no lugar dele”. Então há uma grande diferença. A mulher não pode chegar falando assim: “ah, eu gosto disso”, “hoje eu vou sair”, sempre.. aí que você vê o patriar (quis dizer patriarcado). É muito forte num país asiático. Você sempre tem que falar onde vai, nunca falar assim: “hoje eu vou assim e ponto. Eu vou curtir”. Não, você deve a alguém uma resposta, sabe? Não é chegando e se expondo assim, a imagem é muito importante, e a forma que você é também.

Terceira, acho que você já respondeu essa. Que é se você fala espanhol, qual seu grau de fluência no idioma e se seus pais falavam nesse idioma com você.

Só meu pai. Mas aí em casa era portunhol direto.

Com seu pai ou com sua mãe?

Com tudo. Só que quando era com meu pai, era só espanhol. E com a minha mãe português. Ou às vezes era tudo portunhol.

Ahh, portunhol entre seu pai e sua mãe?

Sim, espanhol e português juntos.

Qual a sua opinião sobre o portunhol? É legal esse conceito, né...

(Pensa) Eu acho.. meio doido, (rindo) parece que a pessoa é duas em uma, sabe? É que quando a gente tá por dentro de nós mesmos, a gente não vê diferente. A gente vê algo normal, tipo eu. (Rindo) “Eu já não sou assim, você também não é assim não?” (Risos). Então... é totalmente diferente.

Relação com o Chile. Se você já foi ao Chile, e quantas vezes você foi.

Eu fui só duas vezes. Na pandemia eu ia, só que eu tive problema com o... ah, esqueci o nome da...que tem que levar, da pandemia... o PCR. E aí eu tive problema, ia na pandemia, só que agora eu vou no próximo ano pro Chile.

E qual foi a última vez que você foi?

Fui em 2018 passar meu aniversário.

Legal, quanto tempo você ficou lá?

(Pensa) Eu fiquei três meses.

Legal, gostou?

(Ri) Obviamente, eu gosto de lá.

E você ficou em Santiago mesmo?

Não, eu fiquei em Limache.

Que é a cidade de seu pai, né?

Aham, perto de Viña del Mar.

E a primeira vez que você foi, lembra?

Lembro. Como eu explico? Também foi a primeira vez que eu andei de avião. Bom, eu gostei, mas eu fui mais na intenção de ver o meu irmão.

Ah, ele morava lá?

Sim, ele morava lá, e eu fui mesmo na intenção de ver o meu irmão.

E aí quanto tempo você ficou?

Lá eu fiquei como três semanas só. Eu não fiquei muito tempo lá.

E quando foi isso?

Em janeiro de 2012, eu fui no verão. Eu tinha 11 anos (risos).

Legal, foi você e seu pai?

Não, fui eu e minha mãe.

E na última vez, você foi com todo mundo?

Fui, eu fui com minha mãe e meu pai. Eu tinha 17, e aí completei 18 anos.

E teu irmão, foi?

Não, ele ficou aqui mesmo.

**E você tem planos de voltar pro Chile, você já falou que volta em 2023, no ano que vem..
você pretende morar no Chile?**

Pretendo.

E tem ideia de onde lá? Em Limache mesmo?

Eu quero viver em Santiago.

Por quê?

É a capital, tem tudo de melhor.

**Legal. E qual é a sua relação com o Chile hoje? Participa de algum grupo de chilenos,
tem contato com outros chilenos aqui..**

(Interrompe) Olha, eu tenho amizade mesmo. Eu tenho mais amigos chilenos. Eu tenho amizade chilena, mas eu tenho mais amizades colombianas.

E o seu namorado é colombiano, né?

Sim.

E você tem mais amizades estrangeiras, além dos colombianos e dos chilenos?

Sim, peruana, equatoriana, argentino.. (ri) de brasileiro dá pra contar no dedo. Três (risos).

E onde você conhece essas pessoas, aqui em Copacabana mesmo?

Aham, em Copacabana e também amizade de Infância, principalmente a chilena porque sempre eu ia nas festas chilenas, então... eu sempre tive convívio com amizades estrangeiras. Não só de chileno, sempre tinha outras pessoas de outros países.

Você todo ano vai nas Fiestas Pátrias?

(Faz um aceno com a cabeça) É como uma obrigação, né? (risos). Tipo, tem que ir, tem que ir.

E tem alguma outra festa chilena que você também participa aqui no Rio?

(Pensa) Tem uma lá em Ipanema, só que é um... como é que se fala isso? Um... posto.

Posto de gasolina?

Não, essa coisa que vende comida e ouve música, posto.

Posto que vende comida?

É, essas coisinhas brancas.. (aponta para fora do local onde estamos, em direção à praia de copacabana).

Ahh, o quiosque.

(Animada) Isso, quiosque, essa é a palavra. Eu esqueci, quiosque. Tem uma lá em Ipanema que é chilena.

Acho que é o rapaz da caipirinha, né?

Não, o Fernandinho é aqui, em Copacabana.

Sabe onde é lá?

Eu sei que é em Ipanema, próximo ao Leblon. (Pausa) Fica bem em frente da onde o Vidal ficava.

Outra coisa, sobre participação em coisas chilenas. Você votou nas últimas eleições do Chile? Você costuma ir lá votar? Melhor, você tem cidadania chilena?

Eu tenho cidadania chilena, mas votar eu (pausa).. não voto aqui, e a minha eu vou fazer lá no Chile.

A RUT?

Isso, porque eu não... acho que a gente nunca pode falar algo que a gente não é representado, como eu não me represento muito aqui, eu não opino muito.. mas se você me perguntar quem você queria (fala rápido) que fosse eleito, Lula, pronto (risos). (Rindo) Era totalmente lulista.

Sobre comida chilena, você já me disse as que você gosta; e de música chilena?

(Responde rápido) Reggaeton. Totalmente reggaeton me encanta. Eu adoro música em espanhol reggaeton, é como um funk pra vocês. A que mais me representa é a Paloma Mami, é uma chilena também de origem mapuche. Ela nasceu nos Estados Unidos, ela não é mestiça, mas nasceu nos Estados Unidos e foi parar no Chile. Então ela é uma origem, assim, mestiça.

E, além do reggaeton, você escuta alguma outra música do Chile?

Música folclórica do Chile, e músicas antigas mesmo, mas não só chilenas. De todos os tipos.

Folclórica tem alguém que você goste em especial, que mencionaria?

(Risos) Eu não curto muito. Uma cantora que não é chilena, mas eu curto muito, é a Selena Quitana, não sei se você conhece ela, que é mexicana; eu adoro ouvir as músicas dela. E no Brasil eu gosto de ouvir rock nacional e curto ouvir (gagueja) bossa-nova, MPB... mas eu sou mais do rock nacional, eu gosto mais de rock.

Tipo Raul Seixas?

Sim, Rita Lee, sabe? Rita Lee.. eu amo ela, porque acho que é a figura mais (pausa)... que representa uma mulher fora do contexto e fora dos padrões, eu diria. Alguém que não tem vergonha de ser o que é, de ser uma mulher diferente das outras mulheres. Fora daquele padrão, sabe? “Eu sou mulher, e tenho que falar coisas de mulheres”. (Entonação mais marcada) “Eu sou mulher e vou fazer o que dá na telha”.

É o que você falou de empoderada, né?

Empoderamento, é isso que eu gosto dela.

Tem alguma outra cantora que você acha que é como a Rita Lee?

(Pensa) De mulher feminina.. Essa que é fora de contexto, eu admiro muito a Anitta. Eu acho que é uma mulher (ênfase) brasileira, latina, que mostrou que a gente também tem voz. E que a gente não é aquilo e não tem vergonha de ser sexual, mostrar que nós mulheres é isso mesmo, ser bonita; ser bonita não é ser vulgar.. entendeu? E falar o que pensa não é uma pessoa... as pessoas entendem muito mal a forma de se expressar. Eu prefiro ser sincera do que ser uma pessoa perfeitinha, falar menos, não. Acho que a gente tem que falar a verdade.

E você adota alguma outra prática cultural do Chile no dia a dia, além da música e da comida que você já comentou, alguma outra coisa que você acha que vale mencionar?

(Pensa)

Além do poncho também..

Eu acho que o Chile tá mudando muito, e a forma de pensar também. Tá deixando de ser um país machista, para ter mais voz. Principalmente para as mulheres. Acho que o empoderamento feminino chileno tá crescendo, isso é muito bom. A gente tá... mostrando que o nosso local é onde a gente quiser. Não tem essa. Porque o Chile, eu acho que até mesmo sua namorada falou, é um país (ênfase) muito preconceituoso, principalmente para a mulher. As pessoas, se aqui julgam, lá vão julgar, é como assim: “se você não gosta, então você saia. Porque aqui é assim”. Aqui não, aqui.. você não gostou, você fala (rindo) “ué, tem outro grupo que gosta de mim do jeito que eu sou”. Aqui é tudo junto e misturado.. você vê muito isso aqui em Copacabana. O lá de cima e o daqui de baixo compartilham o mesmo local, você tá aqui, tá com o pobre, com o rico; sendo que lá no Chile tem o famoso *flaute* e os *cuícos*, que já são os riquinhos. Lá também tem uma diferença grande nisso, é como se cada um ficasse no seu cada um, diferente daqui. Aqui eu compartilho com fulano, sicrano, beltrano..

Lá os flaites e os cuícos não se misturam?

Não. É que o *cuíco* é muito certinho, muito burguês, (voz de playboy) “*ah, mi papá me regaló eso*”; o *flaute* não, ele é assim: (voz de malandro) “*cacha la weá hermano, vénte pa cá*”.. algo assim.

Sobre memória: você guarda algum objeto contigo, que você trouxe do Chile ou que seu pai te deu, alguma coisa especial que faça referência ao Chile especificamente?

Eu tenho uma bonequinha, é de uma cultura chilena, de umas mulheres.. agora eu esqueci o nome. (Pensa) Tem uma festa, das Tiranias. Eu tenho o símbolo delas na bonequinha, com o formato das roupinhas das Tiranias. Que o meu pai fez uma promessa com o cabelo. Não sei se você viu que os chilenos, principalmente os homens, gostam de ter o cabelo grande. Porque o cabelo... é um ponto muito forte de alguém, ter um cabelo grande, forte, sabe? É empoderamento, também masculino e feminino; então ele cortou o cabelo pra pagar a promessa.

E promessa de quê?

(Ri) Eu não sei, dele mesmo.

Tem alguma pergunta que você acha que vale eu fazer, e eu não fiz, e você gostaria de comentar?

Acho que não, acho que você já (rindo) falou tudo que tinha que falar.

Apêndice 7: Entrevista Pablo

Data da entrevista: 21/11/22

Nome: Pablo Merino

Natural de: Santiago

Idade: 26

Sexo: Masculino

Estado civil: Solteiro

Profissão: Estudante / pesquisador em Educação Física

Religião: Católica

Tem cidadania brasileira? Não, é residente

Data de chegada no Brasil: abril / 2022

Para começar, tem como você fazer uma breve descrição da sua cidade, Santiago?

(Fica em silêncio)

Como é que ela é, como você vê ela, a cidade onde você nasceu e onde você morava..

Acho que é uma cidade comum, mas agora tem muita gente, está *sobre poblada*, está chegando muito imigrante, haitiano, colombiano... com muito roubo (pausa) eu acho muito estressante a qualidade de vida lá.

E há quanto tempo você vive no Brasil, e veio direto para o Rio de Janeiro ou viveu em outra cidade brasileira antes?

Eu cheguei direto para Rio, e estou desde abril aqui.

Abril de 2022?

22, isso.

E como era sua vida no Chile e o que fez você optar por vir para cá, morar no Brasil?

(Pensa) Eu estava trabalhando com educação física, mas não ganhava muito dinheiro como preparador físico no futebol. E aí o meu orientador no Chile conhecia gente daqui, da UFRJ e da UFJF. Então tinha a possibilidade de fazer o mestrado lá ou aqui. E lá é muito caro, aqui é de graça, e também se você tem um estudo fora, depois pode conseguir um melhor trabalho. Como eu trabalho com futebol, Brasil, futebol... era o melhor, para fazer o mestrado.

E por que especificamente o Brasil? Tem também a Argentina, que é barato para fazer o mestrado lá.. por que você escolheu o Brasil, alguma razão especial?

Bom, eu acho que o Brasil é o melhor país de futebol da América e também para aprender uma língua nova, isso também abre mais possibilidades.

Além de ser bom no futebol e aprender um idioma novo, você idealizava alguma outra coisa com essa viagem, com esse período morando aqui?

Não, só estudar e depois voltar para trabalhar. Agora pode ser que vai trocar um pouco, pode ser que trabalhe como professor lá, numa universidade.

Legal. E no Chile, além do orientador que conhecia gente daqui, você teve contato com algum tipo de propaganda, anúncio, cartaz, falando sobre imigração para o Brasil?

(Responde rápido) Nada, nada. (Pausa) Só meu orientador falou que era legal porque ele vinha para fazer aula algumas vezes, seminário, congresso; e falou que aqui era melhor. E de graça, então.. o dinheiro que eu ia gastar em Chile para fazer um mestrado podia pagar para viver aqui..

Sim, porque aqui é de graça. E o custo de vida aqui é mais barato, né?

Um pouco, sim.

E como é que se deu esse processo migratório, a adaptação ao país, em relação a clima, língua, costumes.. como é que está sendo?

Na verdade eu gosto do calor, então isso não foi problema não. A língua no começo foi difícil, porque eu não estudei muito em Chile a língua. Comecei a estudar aqui, a falar aqui, então acho que no primeiro mês foi difícil, eu estava com medo de sair a comprar, tomar metrô, ônibus.. mas acho que foi um mês, e depois tudo tranquilo, normal.

E algum costume específico que te marcou, algo que você achou muito diferente, muito difícil de acostumar?

Difícil ou diferente?

Difícil e diferente, os dois. Tem algo difícil, tem algo diferente?

Difícil, acho que em Chile a gente falava que aqui tem muito roubo, mas eu acho que agora em Chile tem mais (risos).

Mais que aqui?

Sim, acho que sim. Todo dia sei que é roubado um carro de um amigo, um celular, um telefone.. aqui eu ainda não *veo* nada. E diferente é que lá você não pode beber na rua, isso é diferente mas é muito bom (risos).

E qual foi a sua primeira impressão quando chegou aqui no Rio de Janeiro, desembarcou e chegou.. você já conhecia a cidade antes de vir morar?

Não, primeira vez.

E tem alguma primeira impressão do que mais te marcou quando chegou aqui?

(Pensa) Não sei (pensa).. eu achei mais relaxado, mais tranquilo. Só isso.

Você comentou sobre a história do roubo, “me contavam no Chile que tinha muito roubo”, só que eu cheguei aqui e imaginei que fosse pior. Tem mais alguma percepção que você tinha do Brasil que mudou quando veio para cá, e qual percepção você tinha do Brasil que se manteve, que se confirmou?

(Pensa) Por exemplo que as pessoas são mais alegres. Acho que em Chile também acontece, mas como Santiago está muito estressante, não acontece muito. A gente está mais raivosa na rua, no ônibus, no metrô; porque está tudo cheio, muito engarrafamento.. aqui...(pausa) também acontece um pouco, mas acho que a gente quase sempre está mais tranquila, relaxada..

E falando do Chile, qual a percepção antes de você vir para cá que tinha no Chile, e qual você tem agora? Porque, às vezes, você morando num lugar novo, tem outras referências, costumes e tal; e você muda a sua forma de olhar a sua cidade e o seu país. Mudou alguma coisa durante esse período que você vive aqui? Em relação ao Chile especificamente..

(Pensa bastante) Ah sim, eu acho que em Chile a gente é mais limpa. Por exemplo, aqui a gente tira *basura* na rua, tem muito disso. E eu achava também que era um pouco mais pobre Chile. Aqui também tem muito morador da rua, em Chile não tem muito.

(Pausa)

E agora eu acho perigoso lá. Muito mais. Pensava que aqui tinha mais roubo.. eu achei seguro aqui.

E que tipo de adaptações você acha que teve que fazer para viver aqui no Brasil? Alguma coisa, algum costume brasileiro você já adquiriu? Por exemplo, o futevôlei.. acho que o futevôlei não tem lá, né?

Não, não tem.

Enfim, você acha que adquiriu alguma coisa do Brasil, e o que nesse tempo você acha que é chileno, e não brasileiro, que você manteve ao longo desse tempo aqui?

Algo que eu troquei? Que eu mudei para brasileiro?

É, algo que você acha que é daqui que adquiriu, que lá você não fazia antes e tal..

(Pensa) Na verdade nada, acho que faço tudo igual. Não é muito diferente as costumes.

Por exemplo, o futevôlei, você acha que seria um?

Futevôlei poderia ser uma.

Quando você voltar pro Chile, você pretende continuar no esporte?

Sim. (Pensa) E o que mais? Pode ser malhar mais. Porque como tem a praia, eu vi que a gente se preocupa mais do corpo.

Você frequenta a academia?

Vou, na academia livre ali. Aí isso também é bom, ter essa academia livre é legal.

Lá em Santiago não tem isso, né?

Não, a gente roubaria tudo (risos).

Bom, eu perguntei se você manteve alguma coisa do Chile, você mantém algum costume dos chilenos?

Acho que a chinela [sic] pode ser uma costume. Em Chile a gente usa pouco, e em *verano* também usa pouco, você não vê gente na rua em *verano* com chinela [sic] não. Aqui, até na universidade eu vou de chinela [sic].

E por que no verão não usam lá? No inverno faz frio, ok, mas no verão..

Acho que é por vergonha das pessoas. Muito *prejuício* com isso.

Como se fosse considerado mal vestido, é isso?

Isso, um morador da rua.

Um *flaite*?

Isso, *flaite*. (risos)

E com o que você mais se identifica, do que você viu aqui, com os brasileiros, com a cultura brasileira?

(Pensa) Bom, por exemplo ficar aqui jogando futevôlei, escutando música, da música eu também gostei muito; bebendo cerveja, mas isso acho que é mais de Rio, que tem mais festa, a gente gosta mais de sair.

E alguma coisa você vê de negativo no Brasil, algum ponto negativo que você acha que poderia melhorar, por exemplo, você comentou da rua que é mais suja aqui, né?

Sim. A passagem de metrô e ônibus, em Chile você tem a passagem de estudante, tem um cartão de estudante que (com ele) você paga menos. Aqui não. E também, por exemplo, você tem que pagar o metrô e o ônibus. Lá você combina, só paga um e depois pode usar o outro.

E você mantém contato com outros chilenos no Rio de Janeiro? Recentemente teve as *Fiestas Pátrias*, você estava no Chile, né?

Eu estava no Chile, sim.

Mas conversa com o pessoal nos grupos do Facebook..

(Interrompe) Tinha um amigo ali onde morei, mas ele foi para a Espanha faz três semanas, e pode ser que ele agora volte, mas não sei. (pausa) Só com ele, de Chile, que está aqui. E tive um amigo que vinha para cá, mas vinha de férias só uma semana e foi.

E aquelas comunidades no facebook, “Chilenos no Rio”, “Chilenos no Brasil”, você já entrou?

Não.

E mantém contato com os parentes e amigos que vivem lá no Chile?

Sim, com minha mãe, irmã, amigos.. mas quase tudo por Instagram, com minha mãe é por Whatsapp.

E você, desde que chegou aqui, já voltou para o Chile, né?

Sim.

E voltou uma vez?

Sim, só uma. Metade de agosto e metade de setembro.

E tem previsão de voltar para lá?

Agora sim, em março. Quero ficar (aqui) no carnaval, depois voltar (para lá) um mês, e voltar de novo.

Você nunca passou o carnaval aqui, né?

Teve um, em abril, quando cheguei.

Ah, o não oficial. Você vai gostar do de fevereiro, que será o oficial, bem maior..

Eu queria ir (para o Chile) na primeira semana de fevereiro, mas todos falaram “não, fica aqui” (risos). Assim que vou ficar.

E sobre essa parte de identificação, como você se sente hoje, já se sente brasileiro ou é chileno ainda... você comentou de música. Escuta mais música do Chile ou do Brasil?

(Pensa) Escuto os dois. Aqui gosto muito do pagode, samba... muito, escuto os dois. Agora eu me acho metade metade.

Você escutava pagode lá?

Não, a gente lá não escuta (ênfase) nada de português, só espanhol e inglês. Só (ênfase) uma canção de português que era famosa lá, de Natiruts. “Sorri, sou rei”. (Rindo) Só essa.

Os amigos da minha namorada também conhecem o Axé..

(Rindo) Ah, o axé, sim, tinha. Axé Bahia e Porto Seguro. Mas eu não gostava muito, a gente ainda coloca nas festas as canções, faz as danças..

E o pagode e o samba que você descobriu aqui?

Sim.

Legal. E de música chilena, o que você escuta hoje estando aqui?

Quase a mesma que escutava lá: reggaeton, rock, r&b, soul, pop..

E de comida, estando aqui você come mais comida chilena ou brasileira?

(Pensa) Chilena eu estou cozinhando e cozinho comida chilena. Só como comida brasileira, por exemplo o feijão, na UFRJ, no bandejão.

Mas achei que não é muito diferente a comida não, só que vocês comem mais arroz e feijão. Só isso. Mas o demais, frango, carne, lentilha, é tudo igual..

O feijão com arroz todo dia.. bom, você se acostumou porque come no bandejão, né?

Isso.

E em casa, quando você cozinha, o que faz?

Lentilha, macarrão com bolonhesa, frango ensopado, frango ao forno, com arroz, ervilha, grão de bico, que a gente em Chile come muito, o feijão que é marrom, não sei qual é o nome aqui, tem outro nome..

Feijão mulatinho que a gente fala.

Com macarrão.

Que é o *porotos con rienda*, né?

(Rindo) Sim. E, aqui... gostei da batata doce. Esse é o único diferente, a batata doce, que eu gostei, como mais aqui.

E de doce, tem alguma coisa diferente também? Ou de trago, de bebida..

(Pensa) Ah, o pão trocou muito, mudou muito. Porque aqui vocês comem mais pão francês, não tem o pão de Chile aqui, que é *hahuila* e *marraqueta*, não tem. Conhece?

Sim. Tem muito mais variedade lá, *hahuila*, *marraqueta*, *pan batido*..

(Rindo) Coliza..

Em padaria aqui tem umas duas, três opções. No Chile tem umas dez. Quando me pediam no Chile pra comprar pão, eu não sabia qual comprar, tem uma variedade imensa.. e se come mais pão no Chile que no Brasil eu acho..

Sim, porque é mais barato.

...

E nesse tempo você convive ou conviveu com migrantes de outras nacionalidades? Além do seu amigo chileno, no seu círculo tem gente da Argentina..

De aqui?

Sim, que mora contigo ou que você convive..

Não, só com brasileiro. Não tem ninguém de outro país, convivendo no dia a dia, não. Conheci uma menina na Lapa que era de *Francia*, mas foi só uma vez.

E você namora aqui? Se namora, é brasileira, chilena.. você namora alguém aqui?

Não namoro.

Não tem nenhum relacionamento com brasileira?

(Rindo) Amigas. Tenho amigas que elas falam, e eu vou ficar com elas no seu casa, ou elas ficam comigo um dia.. só isso. ...

E você tem saudade de viver no Chile, pretende voltar para lá quando terminar de estudar aqui, ou pretende ficar?

Eu quero, mas (rindo) ainda pode acontecer qualquer coisa.

E quando você veio para cá, em abril, trouxe alguma coisa contigo do Chile, um objeto que você quis trazer para ficar contigo aqui? De recordação, como objeto de memória..

Não, nada. Só trouxe roupa e foi.

Nada mais?

Uma plataforma, mas é para fazer pesquisa. para fazer meu projeto. Só isso. Algo só por saudade de Chile, não.

E as duas últimas, para fechar. Tem alguma diferença marcante de comportamento que seria do brasileiro em relação ao chileno?

Acho que aqui a gente é um pouco mais aberta. Em Chile tem muito medo, alguém te fala na rua e você pensa que ele te vai roubar. Então a gente não faz muito isso. Mas aqui.. aqui por exemplo a gente se fala, na rua..

E por que isso, alguma razão?

É como te falei, acho que a gente lá está com muito medo. Muita insegurança. (Pausa) E também que é mais vergonhoso, como vocês falam, *vergonzoso*?

Ter vergonha de falar com as pessoas.

O brasileiro, o argentino, por exemplo, têm mais personalidade.

E na sua opinião qual a importância da história oral e do método biográfico para recuperar a história da comunidade e essa experiência de migrante?

(Pensa) Talvez possa servir um pouco para a pessoa que vai vir. Para saber como é aqui a gente neste lugar.. só. Por exemplo, eu não procurei nada, só cheguei. Não pesquisei nada, como era a vida, não sabia que a gente podia por exemplo beber na rua...

Você não teve medo de chegar sem pesquisar antes?

Estava um pouco nervoso, mas eu já sabia que morando aqui, falando, ia conseguir falar depois. Sabia isso.

Apêndice 8: Entrevista Violeta

Data da entrevista: 26/11/22
 Nome: Violeta García²³
 Natural de: Valparaíso
 Idade: 73
 Sexo: Feminino
 Estado civil: Casada (com brasileiro)
 Profissão: Professora
 Religião: Se religião (de família católica)
 Tem cidadania brasileira? Sim
 Data de chegada no Brasil: 1993

Para começar, queria que você fizesse uma descrição da sua cidade natal. Como você vê Valparaíso nas suas memórias?

A minha vida, a minha juventude, toda em Valparaíso, até eu entrar na faculdade... é o berço da minha identidade. E Valparaíso é ainda para mim a cidade mais bela do mundo (olha para mim rindo). Eu desfrutei inúmeros momentos, seja de dia, de noite, de madrugada, passeando, conversando com meus colegas, com meus amigos de sempre, até hoje meus amigos, consertando o mundo. E o mundo era tão grande que não cabia nos nossos débeis braços (riso).

Então Valparaíso tem para mim (pausa seguida de voz animada) um ar, nesse momento, de saudade. Eu sinto falta dessa chama, dessa vitalidade, de poder conversar, e refletir e questionar e construir conhecimento com os meus pares, meus interlocutores.

E Valparaíso representa *eso* pra mim. Onde eu aprendi a conversar, a colocar, a colaborar, contribuir. Onde surge a generosidade própria da adolescência e da juventude foi em Valparaíso.

Achei muito interessante que você usou a expressão “consertar o mundo”. Como é que você relaciona isso com a geografia de Valparaíso?

(Me olhando nos olhos) Valparaíso... é uma janela ao mundo. É uma baía, o primeiro porto da república. (ênfase) É A Pérola do Pacífico, né? Então Valparaíso acolhe pessoas que vêm de todas as partes, é fácil você encontrar pessoas de qualquer nacionalidade em Valparaíso.

E na minha juventude, eu era jovem no final dos anos 60 e início dos 70, chegavam em Valparaíso pessoas de todas as partes que queriam conhecer a experiência chilena. Me lembrei agora de um dia em que estou em uma *peña*, conversando com colegas da universidade e com

²³ Nome alterado a pedido da colaboradora.

meus amigos, e de repente alguém aparece e me apresenta uns jovens russos! E de repente aparecem uns alemães. E eu conheci muitos jovens de outros espaços geográficos que nem sequer eu sabia como poderiam ser (...) A forma de falar, a língua, quando um russo se expressa na língua russa, eles têm uma forma de falar diferente da que nós temos, os chilenos. Diferente dos peruanos, argentinos, bolivianos... é muito interessante isso. Então a minha relação com o mundo, através da geografia de Valparaíso, tem essa carga fantástica do narrador.

Porque o narrador, e eu já tinha falado isso para você, eu sou (voz animada) filha de marinheiro, irmã de marinheiro, prima de marinheiro, sobrinha de marinheiro, meu avô também foi ligado à coisa marítima, então.. pessoas que andaram pelo mundo trabalhando, naquela época a maioria das pessoas que vivia em Valparaíso era ligada ao mar e a trabalhar como marinheiro, então... desde que me entendi por gente comecei a escutar o meu pai falando das coisas que ele via pelo mundo. E isso me abriu uma curiosidade enorme por outras imagens e culturas. Então isso foi muito marcante para mim, e Valparaíso para mim é isso tudo.

Muito interessante isso. E como essa história familiar influenciou na decisão de optar por migrar, sair do Chile e ir morar em outro lugar? (Faz uma expressão de alegria e diz “Ah, sim!”) O que você idealizava com essa mudança?

Bom, na minha juventude ninguém naquela época pensava em sair do Chile. O Chile era como se fosse um reduto de gente (risos). As fronteiras naturais impediam e impedem você sair do país com facilidade. Na minha juventude, estou falando dos anos 60, 70, cinquenta anos atrás, sair do Chile era muito difícil para a maioria da população. Então eu não imaginava, naquela época áurea da minha juventude, que iria sair algum dia ou que iria querer muito sair do Chile. Não imaginava *eso* porque para mim estava tudo tão maravilhoso... estou lembrando uma vez que a gente ficou conversando, tipo duas da madrugada, no Caminho Cintura, lá no morro de Valparaíso, e havia um posto com uma luz, enorme, linda, maravilhosa, branca; e lá na frente estava a lua com sua luminosidade. E eu pensei nesse momento: “que coisa mais linda, que fantástica essa liberdade que eu tenho de ficar à noite conversando com as pessoas e não está me acontecendo nada, não tenho medo de nada”. Nunca imaginei que isso iria (pausa) acabar. E que hoje eu sinto essa saudade. Essa saudade brasileira...

E, ao mesmo tempo, por ser filha de marinheiro e por estar ligada a pessoas que tinham que trabalhar em navios e visitar outros lugares, eu conheci o mundo, mas nunca me ocorreu que algum dia eu ia querer muito sair do Chile. Então, e aí vai passando o tempo e em algum momento se produz um *quiebre*, uma ruptura horrorosa, veio o golpe militar, famoso pela brutalidade e pela violência que isso significou. E, por essas coisas do cotidiano e pela minha forma de agir, de pensar e de querer mudar o mundo para melhor, eu me vi enfrentada a situações muito dolorosas. Eu falava há pouco tempo da índole humana, né. Quando uma sociedade está tão reduzida a um reduto, não tem a possibilidade de se questionar, e as questões que estão acontecendo podem ser originadas por coisas que não têm nada a ver com

as pessoas que vivem naquele lugar. Esse golpe militar, eu na época estava na faculdade, meu ex-marido estava na faculdade também, então... porque a gente pensava, refletia e questionava, era catalogado como pessoa (ênfase) “revolucionária”, “terrorista”, “comunista”. Nunca fui filiada a nenhum partido político no Chile, mas como eu era muito questionadora, me chamavam de “*comunacha*”.

Comunacha?

É um pejorativo de comunista. Na época eu nem ligava pra isso. Só que, com o golpe e a brutalidade e a violência, isso teve uma reverberação muito forte no meu âmbito familiar, social, em todas essas dimensões do cotidiano. Então eu me vi em duas situações muito dolorosas, por uma estupidez; por exemplo, como eu tava falando pra você, um dia eu estava em Santiago, eu morava em Valparaíso, tinha que voltar para a minha casa, e não percebi que estava passando muito rápido a hora, e acabei me atrasando para voltar a Valparaíso. E então tive que voltar a Santiago. E fui correndo, vi que era nove e meia da noite, saltei do ônibus que estava e fui para a casa de um amigo meu que andava por aí perto de onde andava o ônibus, porque era o toque de recolher. E aí cheguei correndo, meu amigo abriu a porta, entrei, expliquei, e fiquei lá. Lanchamos e tudo, fomos dormir, eu dormi na sala da casa dele, e meia-noite a gente escuta um barulho: (ênfase) “pá, pá, pá”. E eram os militares batendo na porta com fuzis e baionetas para saber quem era essa pessoa que tinha chegado correndo depois do toque de recolher. Porque algum vizinho viu que eu cheguei correndo, ligaram e chegou um jipe cheio de militares. Foi horrível. Me interrogaram até dizer basta, como eu não tinha feito nada, eu estava tranquila. Mas me interrogaram. (Pausa) E só pelo fato de eu ter entrado na casa dez minutos depois do toque de recolher, me detiveram minha identidade, e para poder recuperá-la eu tive que ir dois dias depois para o escritório, acho que DINA, né? Em Valparaíso. E lá tive que buscar minha identidade.

E, quando cheguei lá, havia um cara enorme, com uma calça e suspensórios, e três pistolas no corpo. E me interrogou, havia uma pessoa escriturando o que eu estava falando, e depois me pediram para assinar. E, quando eu li o negócio, eu vi que não era o que eu tinha falado. Eu não queria assinar, mas me obrigaram a assinar, e mais em cima chamaram um fotógrafo e tiraram foto minha de frente, de lado, com meu nome na frente.. me ficharam.

(Pausa)

(Voz embargada) Isso foi terrível porque, ao mesmo tempo em que estava acontecendo isso para entregar minha identidade, chegou na casa dos meus pais muitas pessoas de civil perguntando por mim. E eu não estava, porque eu estava em Santiago. Então perguntaram para o meu irmão, ele ficou aterrorizado, afinal eu soube depois que tinha ido me procurar.

Me fizeram ir (no escritório da DINA) a cada dois dias, depois uma vez por semana, eu passei dois anos sem poder sair da V Região. Dois anos indo me apresentar, e eu tinha que fazer isso. Fiquei grávida, e na última vez que eu fui me apresentar, eu estava quase para ter o meu neném. Eu não conseguia nem entrar pela catraca de tão gorda que eu estava pela gravidez.

Mas isso tudo, se só acontecesse comigo era uma coisa, (ênfase) mas acontece que no bairro alguém falou para outro alguém, esse outro alguém falou para outro alguém, e no final todo mundo que me cercava sabia que alguma coisa tinha acontecido comigo, mas ninguém ousava perguntar o que tinha acontecido. Então ficava aquele burburinho. Resumindo: eu parei de colunar, parei de conversar, e comecei a sentir medo.

(Pausa, começa a chorar)

E esse medo começou a me angustiar de tal maneira que eu comecei a pensar em sair de meu Valparaíso. (Pausa) E aí fiquei pensando: “para onde que eu vou?”. A minha primeira intencionalidade era ir para a Espanha ou para o Canadá. Fiquei acalentando essa ideia durante muito tempo. Também o meu matrimônio foi para o espaço, porque essa reverberação desses fatos também teve repercussões familiares na vida de casal. Então, eu já tinha medo de falar, de dizer o que eu pensava, de que alguém me apontasse o dedo e chegassem os militares novamente para me questionar. Os militares não me fizeram nada, graças a Deus, (ênfase) mas aconteceu essa outra coisa. Toda essa reverberação me fez muito dano. E aí eu quis sair do Chile... passou o tempo e, por essas coisas da vida, eu vim para o Brasil. (Pausa) E quando eu vim para o Brasil, olha que eu vim para o Brasil a primeira vez no ano 83, e aqui no Rio era o Brizola. Na época do Brizola, do prefeito Saturnino Braga, conheci o Saturnino Braga contando histórias do Rio de Janeiro, ele gosta muito de memórias, patrimônio cultural e essas coisas, então eu fiquei encantada com o calor dos cariocas. Eu gostei desse acolhimento dos cariocas. E conheci meu futuro marido também. Mas, naquela época eu voltei para o Chile. Consegui terminar de estudar, trabalhar, me auto sustentar e sustentar meu filho e minha avó, mas continuei com essa ideia de sair do Chile, porque já não era a mesma coisa. Eu não podia mais colunar, conversar com ninguém, era muito difícil, muito traumatizante. E qualquer coisa que dissesse eu era (pausa) a revolucionária ou a terrorista. Sendo que eu nunca fui revolucionária, irreverente sim porque questiono, mas revolucionária? Eu não consegui revolucionar nada, nem a *licuadora* (ri).

Bom, e conheci meu segundo marido, e anos depois meu atual marido me pergunta se eu quero casar com ele, morar com ele. E aí eu, que acalentava a ideia de ir para a Espanha ou o Canadá, acabei vindo para o Brasil. E sou feliz aqui. Sou muito feliz aqui. Aqui eu consegui continuar a estudar, consegui trabalhar, consegui me especializar como educadora ambiental. Consegui uma série de coisas que eu não conseguia fazer no Chile. E foi assim que eu vim parar no Rio de Janeiro. Eu saí do Chile porque o sofrimento que eu senti dessa catalogação que faziam de mim, dessa pressão, de me olhar de uma forma estranha, uma coisa indesejável, (voz embargada) inclusive no ciclo familiar. E foi por isso que eu vim para o Brasil.

Bom, isso me motivou. Mas na verdade a decisão foi muitos anos depois, eu só vim mesmo quando me casei com meu atual marido. Eu anulei o matrimônio anterior e pronto.

A primeira ida ao Brasil foi em 83. E por que você veio ao Brasil em 83? Ainda não era com a ideia de morar, certo?

Naquela época eu estava em um processo de ruptura do meu primeiro casamento. Obviamente, como questionadora que eu sou, não casei pela igreja, nem batizei meus filhos e não tenho nenhuma ligação desse tipo, porque isso me parece uma dimensão muito social. Isso não significa que eu não acredite na Divina Providência, ao contrário, sou muito espiritualizada. Então eu anulei meu primeiro casamento justamente naquele período, naquela época. E por que que eu vim para cá? O Chile estava numa recessão brutal, no ano 82 todo mundo ficou novamente sem emprego, trabalho sempre existe, o que não existe é emprego remunerado. E meu ex-marido veio para o Brasil fazer um mestrado na UFRJ, e o Brasil deu um visto para a família, porque ele era casado e tinha um filho comigo. Mas eu não vim com ele, não quis vir. Mas, depois de seis meses, ele insistiu tanto para eu vir, que acabei vindo. E foi assim que conheci o Rio de Janeiro. Eu vim um pouco para terminar essa união, e foi assim. Eu fiquei aqui onze meses e voltei para o Chile já definitivamente com o casamento rompido. Voltei com o meu filho e fiquei lá no Chile ainda mais estigmatizada porque agora eu não tinha marido (risos). Como minha irmã me disse: “você agora tem um filho *huacho*”. *Huacho* é o filho de pais que não são casados. E aí eu morri de rir, porque meu filho tinha nascido em casamento, então já estava grande quando eu estava rompendo o casamento. Mas se tua irmã te diz uma coisa dessa, imagina o que dizem os outros. E a minha irmã me falou isso na minha cara. Eu acho que ela não fez isso por maldade, mas ela não tomou a dimensão (voz embargada) de como isso poderia me afetar. Eu tô colocando isso porque quando isso vai acontecendo mina a gente.

Eu fiz o mestrado aqui, na UFF, e na minha apresentação pessoal, na introdução, eu falo disso. Eu falo do medo que eu sentia no Chile, o medo visceral, e eu não queria sentir esse medo. Eu era tão feliz que eu não sentia medo, e nesse momento sentia, então queria me livrar disso. Vim para o Brasil nesse momento, voltei, anulamos o matrimônio, e eu fiquei solteira. E aí eu terminei de estudar, tinha estudado na Católica de Valparaíso e na Chile de Valparaíso, e comecei a trabalhar. Morei em Santiago, tudo muito bem, mas com um vazio muito grande, um medo muito grande. Um medo irracional. E eu não queria me sentir mais assim. E antes de voltar para o Chile, nessa época da ruptura do casamento, eu conheci meu atual marido. Ele disse que queria namorar comigo, e dez dias depois eu voltei para o Chile (ri). Porque eu não queria mais namorar com ninguém, nunca mais queria passar por uma experiência tão dolorosa. Eu não queria mais isso. Então eu voltei para o Chile, e ele começou a me escrever, me escrevia, me escrevia.. duas cartas por semana durante um, durante dois, durante três, durante quatro, durante cinco, durante seis anos. No ano 90, quando a gente tem aquela alegria do (voz animada) “*Chile, la alegría ya viene*”, eu tive a alegria de ele me propor casamento. União estável, não casamento. Então, eu que queria ir para a Espanha, queria ir para o Canadá.. Espanha é do outro lado do Oceano Atlântico, mais longe do Pacífico ainda. Canadá faz muito frio, e o Brasil era aqui pertinho dos meus irmãos, da minha família. Minha mãe já tinha ido embora, já estava descansando... aí eu falei: “sabe o que mais? eu vou”. Aí estabeleci essa união estável com meu marido.

E vim para cá, a família do meu marido me acolheu como uma filha, e eu comecei, depois de cinco meses, eu andava pela rua feliz da vida. Já não sentia mais aquele medo, aquela pressão, aquela coisa. Me adaptei muito bem, comecei a estudar aqui, aprendi português (ênfase) na

marra, comecei a estudar tudo de novo, fui estudar pedagogia, tinha aula de espanhol durante anos, foi muito legal, conheci pessoas interessantíssimas nessas aulas, até que chegou o momento em que eu comecei a me perguntar: “puxa, como é que as pessoas aprendem?”. E aí eu fiz vestibular, entrei na faculdade, fiz licenciatura, mestrado, especialização em educação ambiental e agora estou aqui.

Desde que eu comecei a viver o cotidiano da cidade como uma migrante, não vou dizer que todos os dias foram cor-de-rosa não, porque eu também sofri, também eu tive problemas de xenofobia, mas do lado do que eu tinha passado, isso não era nada. Principalmente no início, quando eu ainda não conseguia falar direito o português, muitas vezes eu tive assédios xenofóbicos. Muitas vezes não, algumas vezes. Na verdade eu sempre fui muito protegida pela família do meu marido. Mas quando eu estava sozinha, por exemplo eu fui no shopping, entrei e saí, e passou um minuto e tive que pagar o estacionamento. E o estacionamento estava muito caro, e eu reclamei: “poxa, está muito caro esse estacionamento”. E aí um rapaz que estava atrás de mim ficou me olhando e falou assim pra mim: (voz grave e séria) “Vai para a tua terra então”. Aí eu olhei para o cara e fiquei pensando se valia ou não valia a pena dizer alguma loucura para ele, e eu fiquei calada. Sabe o que significa isso, quando você ignora? Que não dói. Não dói. E deixei pra lá. Depois, quando eu estava estudando, tive uma situação parecida com uma colega de turma, mas também ignorei. Então, e depois disso se teve ou se não teve algum assédio desse tipo, nem sei. Nunca me preocupei com isso. Tô me lembrando disso, tô falando de 32 anos atrás... e nessa história toda eu fui consolidando a minha residência permanente de forma muito bacana. Eu sinto prazer de me sentir brasileira, porque me naturalizei também. Eu sinto prazer de ser brasileira, mas quando me perguntam: “você é de onde? Eu digo logo: “sou brasileira, mas também sou chilena”.. Eu levo as duas nacionalidades muito fortes, são duas raízes, eu não sou transplantada, eu criei outras raízes aqui e conservo as minhas originárias.

Acho muito interessante a comunicação de vocês por cartas..

Pois é, (voz animada) eu tinha tantas cartas do José dentro de uma caixa dessa de supermercado de papelão que eu poderia ter colocado essas cartas como papel de parede de tanta carta que eu tinha. E me mandava sempre duas folhas escritas à mão, era muito engraçado porque às vezes me mandava um recorte de jornal, charges, uma música de Roberto Carlos, uma pétala de flor.. e eu guardava essas cartas. A minha mãe, que sempre estava em casa, recebia as cartas, e falava: “chegou uma carta do Brasil”. Ela ficava me aguardando na porta e fazia assim (imita rindo gesto de balançando a carta): (voz animada e feliz) “ahh, chegou uma carta”. E passaram seis anos.

E você respondia todas as cartas?

Eu respondia, mas quando estava trabalhando demorava algumas vezes. Mas eu falava (rindo): “eu não quero namorar com você, a gente não está namorando, a gente é amigo”. Mas

foi se formando um elo de afeto e de carinho muito grandes. O José²⁴ tem o gênio dele, eu tenho o meu, como todo mundo, mas tem um elo de afeto invisível, mas muito forte.

E vocês chegaram a se comunicar nesse período por telefone também?

Não. Eu tinha telefone em casa e ele tinha telefone em casa, o problema era falar em português e ele falar em espanhol (risos). (Rindo) É muito complicado.

Escrever é muito mais fácil..

Claro, escrever é outra coisa. (Rindo) Por isso que a carta era mais prático. Porque na época eu não sabia o português.

Foi assim que você foi aprendendo o português..

Exatamente, meu professor de português foi o José, foi o meu marido. Foi com ele que eu aprendi. Depois, quando eu fiz faculdade, aí eu tive aulas de português e sistematizei. Como eu já dominava bem a língua e também eu tinha sido alfabetizada de criança, antes de castelhano eu me alfabetizei em italiano, então para mim foi muito tranquilo.

As primeiras palavras de português que eu aprendi, quando vim no ano 83, foram com os porteiros e faxineiros do prédio.

Quais palavras, lembra?

“Bom dia”. E eu pensava “que será que está me dizendo esse cara”? “Que será bom dia?”. Porque não é (sotaque espanhol) “bom dia”, é (sotaque brasileiro, ênfase no “d”) “bom dia”. Até que um dia eu me animei e falei “Você por favor pode escrever ‘bom dia’ aqui?”. Aí eu falei: “Ahhh, bom dia!” (Risos). E a outra coisa que aprendi é “orelha”. Porque às vezes eu trazia um biscoitinho, um sanduichinho para o porteiro e para a faxineira, e aí eles me diziam “orelha!”. (Rindo) E aí eu aprendi a palavra orelha. E a outra palavra que sempre me lembro, meu filho ficou resfriado, então a professora, quando eu o fui buscar na escola, falou “senhora, você tem que comprar mel puello”. Eu falei: “como?”. “Mel puello”. Eu falei: “por favor, escreva pra mim”. “Ahh, mel puello”. (Rindo) Assim eu fui me apropriando da fonética do português, foi muito engraçado.

Mas demorei, eu diria que ir estudando na universidade foi mais fácil pra eu ir incorporando aos poucos a língua, ir sistematizando a língua. E desde que comecei a estudar a licenciatura comecei a escrever, eu falava muito com o flanelinha, (rindo) flanelinha me dizia: “você sabe por que as mulheres dirigem tão mal?”. Eu falava “não sei, porque yo manejo bien” (risos). Aí me dizia o flanelinha: “é porque as mulheres, quando são crianças, não brincam de carrinho. Só brincam de boneca. Se brincassem de carrinho, saberiam dos perigos de estacionar, etc,

²⁴ Nome modificado a pedido da colaboradora.

etc”. Você sabe que achei genial a ideia, comecei a conversar muito com ele, e realmente, em termos de gênero, igualdade e inclusão, olha a cabeça do flanelinha. E eu falava “eu não brinquei de carrinho quando criança, mas eu sei dirigir porque meu irmão me ensinou a dirigir” (Risos).

E tanto as pessoas simples, quanto os professores, minhas colegas, meus colegas, eu diria que tive muita sorte de ser muito bem acolhida em todos os lugares. Eu sou muito grata, e eu vejo que aqui é a minha casa, aqui é o meu lar. Eu vou morrer aqui.

Sobre a integração, qual o papel do seu marido? Como era a sua rotina quando você chegou? Você comentou que ele não falava espanhol, você não falava português, falavam em qual idioma e o quanto o relacionamento intercultural ajudou nessa adaptação bem sucedida?

A questão da apropriação da língua é um fator importantíssimo, então... a primeira coisa que eu posso te dizer é que tudo que eu fiz nesses trinta e dois anos eu sempre, absolutamente sempre, tive o apoio do meu marido, do meu companheiro. Ele sempre me empurrou para eu continuar fazendo o que eu queria fazer, nunca me proibiu nada, ao contrário, sempre me incentivou, eu inventei todas as coisas que você pode imaginar para trabalhar e gerar renda, sempre tive o apoio dele. Ele trabalhava todos os dias na Embratel, ia de manhã para o trabalho e voltava à noite. E quando ele chegava à noite (ri) eu estava com o jornal O Globo e pedia para ele me ler uma frase, e eu tentava reproduzir o que ele falava. Aí então eu olhava pra ele e via que ele estava dormindo (rindo), porque estava cansado. Aí eu falava “acorda, me diz, lê aqui pra mim”. E, assim, ele lia e eu repetia. Depois ele lia mais dos frases e eu repetia dois frases. Isso foi um processo longo, longo, e assim eu fui me apropriando do português. E perguntando toda hora.

Aí eu inventei de trabalhar com turismo. Aí falei para o meu marido: “eu preciso ir para Foz do Iguaçu para ver como funciona a questão do turismo”. Aí meu marido me levava para a rodoviária, depois eu ia pra lá, e quando voltava ele estava me esperando. O José me apoiou sempre em tudo que eu fiz. Todas as coisas que eu quis fazer ele me apoiou sempre. Quando terminou a licenciatura, eu falei que eu conheci um herói fantástico, que era meu marido (rindo). E todas as interfaces da família também. Minha sogra era bem severa, bem regrada, mas ela morria de rir com minhas falas. Às vezes ela não entendia porra nenhuma (gargalha), não entendia nada do que eu tava falando, e ela ria. E me chamava muito a atenção, ela sempre trabalhou, até quando ela faleceu ela trabalhava, e eu achava super estranho que ela tinha que sair a trabalhar. Então 11 horas ela almoçava, e almoçava sozinha. E ela dizia: “você almoça quando quiser”. Isso pra mim era um choque, porque eu estava acostumada que todo mundo se sentava à mesa.. chileno é terrível, né? A gente começava a comer quando o pai começava a comer e comia quando o pai se sentava a almoçar. Então... mas, (pausado) sabe quê? Eu não liguei pra isso não. (Rindo) Se ela queria almoçar, que almoce. Eu almoçava quando o meu filho saía da escola, almoçava com meu filho e o meu marido chegava à noite, almoçava no trabalho dele. Então.. essas coisas eram estranhas para mim, mas (rindo) hoje em dia eu almoço sozinha, não espero que o meu filho chegue, se o José está ou não está.. me

adaptei muito bem. Porque me sentia livre, não me sentia atada, prisioneira de mim mesmo e do meu círculo familiar ou social.

Quais as maiores dificuldades que você encontrou durante esse processo de adaptação?

Bom, eu sou chilena, né? Chileno arregança as mangas e vai em frente. Eu sou muito assim. Os desafios para mim são possibilidades de crescimento. Então... e, se eu erro, me levanto e faço de novo. E se eu erro de novo, me levanto de novo e faço de novo. Mas isso é muito da mulher chilena, e eu diria que das mulheres hispanoamericanas também. Eu conheci muitas peruanas, bolivianas, argentinas, colombianas, equatorianas, panamenhas... todas essas mulheres tinham esse diferencial, de ser pra frente. De encarar os desafios e avançar mesmo que as coisas estivessem ruim. Se levantar e continuar lutando para seguir em frente. E isso eu acho que é muito da mulher hispanoamericana, sabe? E uma coisa que me chamou muito a atenção desde que cheguei aqui é a (voz animada) liberdade das mulheres cariocas. Eu dizia para elas naquela época, que não tinham ideia da felicidade de serem tão livres, não serem subjugadas pelo marido, pelo homem. Eu me lembro que as mulheres do trabalho do José saíam de férias sozinhas, deixavam o marido com os filhos em casa e iam de férias (pausa e voz de surpresa) isso era impensável! Minha irmã só podia vir me ver, ela tinha que pedir permissão para o marido. E se o marido não gostasse ela não vinha. (pausa) Essa opressão da sociedade chilena continua. Lembro que ela, quando veio pela primeira vez e me viu toda feliz, cheia de projetos, de coisas para fazer, aí ela me falou assim: “Violeta, você está na glória”. “Estou”, eu falei. Eu parei de sentir medo. Então...

Você diria que essa hierarquização entre gêneros é a maior diferença que você vê entre chilenos e brasileiros?

Bom, lembra que estou falando de 32 anos atrás. O Chile de hoje é diferente de 32 anos atrás, houve um avanço muito grande nas políticas relacionadas com o bem-estar das mulheres. Eu conheci brasileiros do sul, de Minas, de Brasília.. e aqui no Rio era fantástico, porque todo mundo era amigo meu, mas nunca me convidaram para casa. Então é aquela coisa que a gente comentou, o brasileiro, especialmente o carioca, o mineiro já é diferente, já é mais parecido com o chileno, o carioca é amigo seu sempre, te adora sempre, te convida pra qualquer coisa, mas não te dá o endereço nem o número de telefone (risos).

E eu no início, falavam “ah, vamos se encontrar não sei onde”, “ya”, e aí eu ficava nervosa a semana toda, porque no final da semana se supunha que eu ia encontrar aquele casal, ou aquele grupo, e eu não sabia como eu tinha que me portar para levar a frente o que tínhamos combinado. E isso ficou muito claro para mim quando comecei a dar aulas de espanhol, aí comecei a entender a coisa, porque há uma questão de linguagem metida no meio. “Vamos fazer alguma coisa”, “vamos nos encontrar”, esse “vamos”, para quem é chileno especificamente, o verbo ir, é um convite formal. E quando diziam “vamos nos encontrar de novo”, eu dizia “claro, quando?”, “ah, no final de semana”, “tá”. Mas de repente percebia que não peguei o telefone, o endereço.. e eu ficava agoniada com isso, (rindo) até que cai na real (gargalhada).

Aqui o “vamos” é querer ser simpático, né?

Exatamente, porque o sentido do verbo ir para nós é diferente do que tem aqui... essa coisa da linguagem coloquial é muito interessante. Eu agora, que estou com um pouco mais de tempo, estou querendo investir uma parte do meu tempo em estudar linguística. Porque acho (animada) fascinante, fascinante. Muito bacana. Os sentidos que você dá às coisas parte dessas representações simbólicas que são faladas, mas em qual língua? Se minha língua materna é o espanhol, de forma automática eu vou dar um sentido que isso teria para mim através do espanhol. Que é diferente do português. É muito bacana isso.

E essas diferenças comportamentais, você já esperava isso antes de vir pra cá?

Não.

O que essa experiência aqui mudou na percepção do Brasil que você tinha antes de migrar? Do que você pensava do Brasil, o que continuou e o que modificou após vir morar aqui?

É muito interessante pensar sobre isso, a imagem que eu tinha do Brasil não era a coisa do carnaval, praias, futebol.. o sentido que eu dava ao Brasil foi se constituindo em mim desde que eu era criança. Porque eu escutava minha mãe contar que meu avô, que nasceu no século XIX e foi um dos fundadores do Sindicato da Sulamericana de Vapores do Chile. E ele, quando viajava, minha mãe contava que ele chegava com rapadura... e ele trazia rapadura e açúcar do Brasil. E eu pensava “por que tem que trazer açúcar do Brasil”? Rapadura, bom, no Chile não tem rapadura, né (...) Depois disso, quando eu aprendi a ler, eu li todos os livros que meu avô tinha em casa, e eu penso que devo ter lido alguma coisa relacionada, não somente com o Brasil, mas com o Equador, ele tinha muita coisa dos equatorianos, panamenhos, peruanos... então, pra mim, Brasil, Peru, Bolívia, Equador, Argentina eram o Sul Global, né (ri). Hoje em dia a gente fala o Sul Global (...) A imagem que eu tinha do Brasil era essa, da rapadura e do açúcar.

Então, no primeiro ano de faculdade na PUC de Valparaíso, eu inventei essa ideia de fazer viagem de formatura, e aí então eu propus vir para o Rio de Janeiro. Mas eu não estava pensando no carnaval, nas praias, menos no Corcovado, a ideia é que tinha um sentimento relacionado pelas memórias da minha infância. Eu nem conheci o meu avô, porque ele morreu três anos antes de eu nascer, mas a presença dele sempre esteve perpassada pela minha mãe e pela família. E o Brasil era isso, meu avô (ri), sendo marinheiro e levando açúcar. Depooooois, quando eu vim para o Brasil e comecei a conhecer alguns municípios do estado, eu fui descobrir a história do açúcar. E descobri que o nosso açúcar, no Chile, não é de cana de açúcar, é de beterraba, de *remolacha*. E o que te digo quando tomei caldo de cana? (Expressão de felicidade) Nossa mãe, adorei, eu gosto de doce. Toda vez que tomo caldo de cana me lembro do meu avô, meu pai também é marinheiro, meu pai trazia açúcar do Equador e de outros locais no Pacífico, assim como trazia café de Colômbia. Então a imagem que eu tinha do Brasil tinha a ver com trabalho, como o trabalho do meu avô (...) Depois descobri

que meu avô fazia parte de um grupo de estudos iberoamericano, de povos originários, que até hoje existe. E meu avô escrevia sobre isso, seguramente eu li alguma coisa, não sei, não me lembro mais disso. Só sei que eu sabia que existia algum lugar que se chamava Brasil. Nem era Rio de Janeiro, era Brasil.

Então, quando eu tive que vir para o Brasil nesse primeiro momento, em 83, me encontro aqui com Brizola, tinha a famosa frase “Brizola na cabeça”, a gente passava pelos brizolões e davam para a gente umas viseiras. (Rindo) Eu me lembro que juntei um monte, e quando viajei para o Chile levei para os meus irmãos. Até hoje o meu cunhado tem um negócio desse (ri). Tô falando do ano 83, a gente já tinha tido o golpe militar no Chile, e encontrar aqui a prefeitura de um Saturnino Braga, puxa, aquilo para mim foi uma coisa reveladora. Pensei (voz animada) “Que país é esse, é muito bom”. É um país que tem uma índole de construção social pensando em todos, não só em alguns. Então eu acho que isso também me fascinou no Rio de Janeiro.

E as Diretas Já estavam nascendo nessa época..

(Animada) Claro! O dia das Diretas Já, quando Lula esteve lá na Cinelândia, eu não consegui chegar até lá. Foi 84, eu fiquei parada na UERJ, e era tanta gente que não dava pra passar pra poder chegar até a Cinelândia. Nesse dia eu estava aqui, pouco tempo depois eu viajei, porque (rindo) meu futuro marido falou pra mim que estava se apaixonando e eu imediatamente voltei para o Chile (ri). Essa efervescência que havia nessa época, no Rio de Janeiro, foi fantástica. E isso me lembrava muito minha juventude (ri).

E falando do Chile, você frequentemente volta para visitar a família...

Quando meu pai era vivo, minha mãe faleceu, ela ficou sabendo do José, mas ela não o conheceu. Mas ela conheceu um amigo do José, um espanhol. E ela falou para o Pepe, mandou uma mensagem para o José, dizendo que ela gostava muito dele porque me fazia feliz (...) E quando eu resolvi vir para o Brasil, eu peguei tudo que tinha, vendi tudo, só trouxe as coisas que mais me importavam, como aquela caneca que te mostrei, que trouxe o meu pai, e vim para cá, sem passagem de volta. Definitivamente eu resolvi vir e vim, pronto. Peguei meu filho e vim.

(Depois de migrar) Eu ia todo ano para o Chile e ficava um mês com o meu pai. Eu não saía se ele não saía, se ele saía a gente ia com ele. Nessa altura eu estava trabalhando, estudando, tocando a vida e estava feliz, todo mundo via que eu estava contente, então ninguém falava nada. E minha família aceitou numa boa o José, e eu ia todo ano pro Chile. Até que o meu pai ficou muito mal, na época eu estava trabalhando, deixei tudo e fui para o Chile para cuidar do meu pai. Foram quatro meses, ele faleceu nos meus braços. (Voz embargada) E aí o José foi me buscar porque eu não conseguia.. foi muito doloroso. O José foi me buscar, a gente veio e passaram-se seis anos para eu voltar para o Chile. Claro que nesse período os meus irmãos vinham me ver, era mais prático para mim eles virem do que eu ir. Até porque eu tinha minha filha pequena...

E como você vê o Chile hoje, em relação a como você o via antes..

Bom, o que eu vejo hoje, como tudo é dinâmico, tudo muda e tudo se transforma, o Chile tem sofrido grandes transformações. (Pausa) Eu vejo uma juventude que não reflexiona, não questiona. Que não está preocupada de nada, está muito amorfa, com vontade de ir embora do Chile. Os velhos, como eu, têm sofrido muito pelos retrocessos que eles têm tido ao longo desses anos, então... vejo o Chile... meu pai morava em um local cercado de bosques, de floresta de eucalipto, boldo... eu levava meu filho para brincar nessas árvores. E hoje em dia não existe nenhuma árvore, tem mais de 5 mil casas construídas naquele lugar.

Eu penso que as fraturas sociais se acrescentaram e se fortaleceram. Então isso é triste, porque tem novas gerações que merecem uma vida mais digna, e sinto falta disso no Chile. Tenho dois afilhados, um monte de sobrinhos, agora estão nascendo sobrinhos netos, e com meus sobrinhos, com meus afilhados eu consigo conversar, como converso com você. Mas tem uma outra porção de gente jovem que não está muito preocupada com nada, só querem festas, festas e festas. E beber, beber, e beber. Então é muito estranho isso. Pra mim, na minha juventude, a festa era encontrar com meus amigos e arrumar o mundo. Consertar o mundo. E vejo uma porção da juventude que a festa é beber muito, namorar muito, passar a noite bebendo, e só. Eu não digo que na minha época o pessoal não bebesse, ou não fosse pra festa. Havia em Concón, Reñaca um tal de Tpsi, famoso. Quem não ia para o Tpsi Tpsi era extraterrestre. Nunca fui no Tpsi Tpsi, porque para mim a alegria era consertar o mundo, era pensar qual era a concretude da divina providência, pensar quem foi São Tomás de Aquino, pensar se Jesus realmente faleceu lá na cruz ou se seguiu vivo, eu estava preocupada dessas coisas. E esses amigos daquela época ainda vivem, ainda conversamos e, claro, cada um de nós cresceu em conhecimento, e nossas conversações hoje são ainda mais bacanas que naquela época. Porque a gente construiu alguns conceitos..

(...)

Esse amigo meu adora o Peru, quer morar no Peru, provavelmente quando ele se aposente vá para o Peru. Eu falo “vem para o Brasil”, ele “não, eu vou te visitar, mas eu vou para o Peru”.

Por que o Peru?

Porque os peruanos têm uma cultura ancestral riquíssima, uma sabedoria extraordinária, que é difícil de encontrar no Chile nas pessoas comuns. E no Peru você encontra. Foi isso que ele me transmitiu...

(...)

E nesse tempo todo de Brasil, que costumes você acha que adquiriu daqui? O que não estava antes internalizado em você, mas agora está?

(Rindo) Eu sou tão livre aqui, que eu me permito falar palavrão (risos). Me permito falar palavrão. Olha só, quando eu vou para o Chile e converso com meus amigos e conhecidos, eu tenho que falar em *castellano*, e aí automaticamente eu falo como eu falava 40 anos atrás. Só que... eles ficam me olhando como que dizendo “que será que está falando?” (risos). Porque a minha linguagem não é mais, é a linguagem daquela época, então quando eu percebo isso, eu falo (gargalha) “puta que o pariu, você não está entendendo nada do que eu tô falando”. E falo em português. Isso é muito bacana. Isso para mim, que gosto de saber de línguas, e que gosto da linguagem, e de entender o sentido da linguagem coloquial, para mim é muito rico poder conversar isso contigo. Sabe por quê? Porque eu estou percebendo (ênfase) o quanto eu sou livre, o quanto eu parei de ter medo. Me libertei, e isso é o que mais me fascina nesse país, nesse lugar onde eu estou. E eu sempre falo, eu vou morrer aqui, não vou deixar de ir ao Chile para ver meus amigos, meus familiares, mas é aqui meu lar. É aqui meu lar.

Você se encontrou aqui..

(Voz feliz) Sim, sim, sim..

E sobre os outros chilenos que vivem aqui no Rio, você mantém contato com eles, participa das Fiestas Patrias..

(Ri) Pois é, não. Eu cheguei no Brasil quando acabou a ditadura, então foi uma época muito difícil. Alguns iam, outros voltavam, alguns iam, outros voltavam. Eu saí do Chile, nessa época, não porque estava terminando a ditadura, deveria ter ficado, mas eu vim por outras razões, não tinha nada a ver com tudo isso.

Por conta dessas circunstâncias, naquela época eu não tive contato com os chilenos. Os contatos que eu tive, nesses primeiros meses que eu tive aqui, foram muito indesejáveis. Porque infelizmente eram chilenos que saíram do Chile em situações esdrúxulas, não políticas, mas de trabalho, necessidades extremas, etc, etc. E vieram pra cá sem ter tido algum sucesso de qualquer tipo no Chile. Eu penso que, se você consegue ser bem-sucedido na sua terra natal, vai ser bem-sucedido em qualquer lugar do mundo. Mas se você não consegue ser bem-sucedido na sua terra natal, vai ter muito mais dificuldade de ser bem-sucedido fora da sua terra natal. Infelizmente, por essas coisas da vida, eu tive contato com pessoas que, no Chile, tinham muitos problemas. E quando as pessoas estão em situação de extrema vulnerabilidade, não prima a generosidade. Nem que seja a generosidade de sentimento. Porque as pessoas se aproximam de você para ver o que podem tirar de você. (Pausa) E eu percebi isso. Então evitei entrar em contato com essas pessoas.

E como eu tenho aqui uma família, a família do meu marido tem muitas pessoas, e a rede social do meu marido e da minha família é grande, então eu não tive necessidade de me entender com os chilenos. E por estranho que pareça, isso aconteceu após mais de 10 anos de eu chegar aqui, eu fiz uma grande amizade com uma amiga, grande querida amiga argentina. (Rindo) Chileno e argentino é mito, mas... bom, a minha amiga não é portenha, ela é de

Córdoba, Santa Fé. Ela é de um lugar da Argentina muito parecido com Valparaíso, então a gente fez uma grande amizade, foi muito bacana, faz um tempo que eu não vejo ela.

Também tive amizade com peruana, panamenha... a panamenha é uma pessoa maravilhosa, a peruana era assim (rindo) sabe essas mulheres decididas a serem fortes, a serem grandiosas, ela tinha cada ideia.. então tive contato com essas pessoas. Mas para mim não importava se era peruana, argentina, qualquer coisa. O que importava pra mim era o calor humano, a sinceridade. E, entre os chilenos, uma vez que eu comecei a trabalhar com a língua castelhana, eu conheci uma chilena (ênfase) muito valiosa, essa chilena sim que eu me aproximei, porque era uma pessoa com a qual eu podia conversar (ênfase) sobre linguagem...

Ela agora voltou para o Chile, não sei se está viva. Ela era professora no Chile e veio para cá não sei por que razão, não me lembro, mas ela trabalhava com conteúdos de livros de ensino de espanhol. Então ela tinha um conhecimento fantástico sobre a língua espanhola. E tudo que eu não sabia eu perguntava pra ela. E ela me falava: “você tem que ler este livro, tem que ler este outro”, e ela me emprestava os livros. Eu fazia xerox deles, tenho muitos livros que ela me emprestou; e ela gostava igual que eu da língua, então a gente estava tomando once, na minha casa ou na casa dela, tardes inteiras (rindo) falando das origens da língua, do verbo, (rindo) todo esse tipo de loucura das pessoas que gostam disso. Essa é uma grande lembrança que tenho. E não sei se ela cantava ou se tocava guitarra, mas ela tinha um grupo de folclore aqui no Rio. E sempre me convidava, (ri) mas eu nunca fui. Porque eu tinha preocupação de me encontrar com aqueles chilenos desagradáveis, inconvenientes. Eles tocavam nas *Fiestas Patrias*.

Nas *Fiestas Patrias*, no 18 de setembro, eu (rindo) colocava música chilena, dançava cueca sozinha aqui em casa, e assim ficava toda feliz. Mas, como eu trabalhava, (rindo) então não tinha muito tempo para fazer isso... No início cheguei a fazer empanadas em casa, mas deixei porque ou você trabalha, ou você faz empanada (ri). Porque dá muito trabalho.

E sobre o cotidiano. Você come mais comida brasileira ou chilena? Escuta mais música chilena ou brasileira?

Música: eu sempre fui uma chilena fora da curva. Enquanto toda a minha geração escutava Camilo Sexto, cumbia, sei lá o quê, eu escutava Beethoven (ri), Chopin, o Concerto de Brandemburgo, desde que me entendo por gente eu gostei sempre de música clássica.

Eu estava em Santiago naquele dia (11 de setembro de 73) e sabe, naquela dificuldade e (ênfase) impotência, eu peguei a... me esqueci o nome agora, (imita o som da canção), parece uma *metralleta*, né? E foi essa a minha forma de expressar essa impotência, com uma música de Chopin... Eu gosto muito de Beethoven, quando eu viajava para trabalhar no Noroeste Fluminense, ficava 4 / 5 horas no ônibus, meu marido me deu um negócio para gravar música, eu tenho seis horas de música clássica gravada. Então posso deixar a música clássica rolando aí.. até que desligo. Gosto muito. Isso não significa que eu não gosto dos Beatles, sou da geração deles, para mim são fantásticos. Os Beatles, musicalmente, são extraordinários. Bom,

esse gosto musical de alguma forma se traduziu que meu filho é músico. Mas meu filho já é Pink Floyd (...)

Mas quando eu estava no Chile, também escutava música brasileira. E o que escutava? Bossa Nova. Eu falava pra você que naquela época meus irmãos tinham uma banda com os amigos deles, que cantavam as músicas do Bric A Brac, que traduzia ao espanhol as músicas da Bossa Nova (...) e eu levei um choque quando descobri que não eram músicas chilenas, que eram músicas dos brasileiros (ri).

E eu escutava isso do mesmo jeito que sempre curti a música dos Jaivas, do Inti Illimani, Quilapayún, Victor jara, (animada) minha mãe gostava de escutar o Victor Jara.. minha mãe gostava muito de música, ela tinha uma prima que tocava piano e se criaram juntas, então, quando éramos crianças, íamos para a casa dessa tia e se armava a festa, minha mãe cantava, o meu tio tocava guitarra, minha tia tocava o piano e todo mundo cantava. Cantávamos de tudo que vinha pela frente.

(...)

Mas a música brasileira que eu conheci no Chile, que eu achava que era música chilena e depois descobri que era um Chico Buarque da vida, um Caetano Veloso, etc, etc, e eu gosto muito. E uma das formas que mantive o português fresco, entre 83 e 90, foi o fato de eu ficar escutando (ênfase) todas essas músicas que o José gravou pra mim. Então eu escutei todas essas músicas da Tropicália brasileira, Gilberto Gil, e o José me ensinava o português através dessas músicas também. Então isso foi muito legal pra minha música, foi importante para eu aprender. E no Chile, meus sobrinhos eram pequenos na época (voz animada): “puxa tia, se lembra quando você colocava aquela música brasileira o tempo todo” (risos). “Você não parava de escutar?”. (Rindo) Eu ficava escutando, e às vezes colocava em todo o volume..

E eles gostavam?

(Rindo) No início sim, mas depois, de tanto repetir, não gostavam muito não.

O Brasil é muito musical, mas não permite a entrada da música hispanoamericana. Seria bom que fizesse um trabalho em relação a isso, mas enfim.. aí a gente começa a falar na decolonialidade, e falando na decolonialidade a gente passa a falar da migração também. Isso em termos de música.

Em termos de alimento... um choque muito grande foi (sussurra) não ter chá. (Rindo) Aqui não tem chá de ceylan. Então para você conseguir comprar um chá de ceylan é uma tortura, tem que ir para São Paulo. Antigamente havia no centro da cidade um empório que vendia chá de ceylan, mas era muito difícil. Mas nós chilenos tomamos tanto chá.. E o dia que descobri que aqui havia porotos granados, como se chama o de cordel? Feijão de corda, isso. E vi que era *poroto granado*. (Voz animada) Aí eu fui, feliz da vida, comprar para fazer um prato

chileno com milho brasileiro, abóbora brasileira e com todos os elementos brasileiros. Ficou muito gostoso, mas não era *porotos granados*.

Não era o mesmo sabor?

Não. Estava muito gostoso, mas não era o *porotos granados*.

No início eu queria fazer empanadas, e era uma dificuldade também, porque (ênfase) não ficava igual. Então aos poucos eu fui abandonando a ideia de comer as comidas típicas. Uma das comidas nossas, que o chileno comum come corriqueiramente, muitos pratos que são chamados de prato de campaña, por exemplo *charquicán*. Eu gosto de comer *charquicán*, faço com aquela abóbora baiana, batata doce, é muito gostoso. Só que aqui é difícil encontrar o *cochahuillo* para fazer o *charquicán*, aqui não tem. Então às vezes quando alguém vem de lá me traz porque eu sinto falta.

Mas, à medida que foi passando o tempo, e também por uma questão de administração alimentar, comecei a tentar comer de uma forma mais saudável. Porque o chileno come muita gordura e muito caldo. Por exemplo, desde que me lembro e até sair do Chile, todo dia comida era o primeiro prato e depois uma *cazuela*. E aqui não tem *cazuela*. Quer dizer, tem, a gente pode fazer, mas não fica igual. Então eu parei de me preocupar com esses pratos e passei a comer coisas mais saudáveis. Eu hoje em dia não como mais carne vermelha, gosto muito de feijão vermelho, quando meus irmãos vêm eu preparo pra eles e eles adoram, mas não como feijoada porque é muito forte.

O pão, eu comia o dia inteiro. Imagina, no Chile não comer pão é um pecado, o pão é tão gostoso.. hoje em dia, aqui no Rio, tem alguns lugares que estão fabricando pães diferenciados. E o pão no início, quando eu cheguei, foi um choque, porque era muito ruim, para o que eu estava acostumada. Hoje em dia, o pão francês já é bem diferenciado...

Deixei de tomar chá, não tomo café, gosto muito de café mas não tomo café, hoje em dia tomo leite sem lactose, e como muita verdura, as laranjas aqui não são tão fortes como as laranjas chilenas, então posso aqui tomar bastante suco de laranja, as frutas tropicais são uma maravilha, então.. tenho que parar de comer tanta fruta porque comia fruta demais e é muito açúcar, né? Mas aqui, por exemplo, melão, melancia, *guayaba*, manga, (ênfase) as bananas, (animada) uma banana com um pouco de canela um minuto no microondas fica um *manjar* dos Deuses. Aprendi a comer frutas, parei de comer arroz, passei vários anos comendo arroz vermelho porque é mais sadio.

Quando morava no Chile, eu comia toda segunda-feira *porotos burros*, *porotos con riendas*. Mas aqui não dá pra fazer essa comida. É tanto calor no verão que estraga. Então as comidas aqui têm que acompanhar também a questão climática. Então, por exemplo, você vê que as pessoas aqui não comem coisa com sopa, porque a sopa é quente. E quando comem, não comem sopa, comem creme. Creme de cebola, de espárragos, de couve flor.. isso se come no inverno, por causa do frio. Aqui nem no inverno é frio (risos).

Então eu passei a comer outras coisas. Hoje em dia estou comendo bastante proteínas, muita verdura e uma fruta por dia.

E o que você mais gosta da comida brasileira, é o feijão vermelho mesmo?

(Acena com a cabeça). Feijão vermelho é muito gostoso.

E sobre o clima, você se adaptou bem?

Para mim é fantástico. Eu, quando volto do Chile, no aeroporto, abro os braços igual o Cristo para sentir aquele calor. (Suspira) Ai, é uma benção do céu, porque eu sou friolenta, sofro de pressão baixa e sofro muito com o frio. Então, para mim, (voz animada) pode fazer 45 graus e eu ando feliz na rua. Adoro esse calor, não me perturba. Nem sequer ligo o ar condicionado. Na verdade a gente tem o ar condicionado, ligamos antes de dormir e, na hora de dormir, desligamos. Para que esteja fresquinho pra gente não suar e não ficar o lençol colando na gente por causa do suor. Mas eu adoro esse clima. Sinceramente, uma das coisas que me faz amar mais essa terra é o clima.

Uma outra coisa importante de mencionar, é ter criado os filhos aqui no Brasil. Como é que foi isso?

Pois é, foi um desafio atroz. Porque, pela minha idade e pela minha história, nós mulheres, que nascemos no primeiro *cuartelón* do século XX, era difícil a gente conseguir trabalhar tranquilo. Meu pai nunca me deixou trabalhar, ele queria que eu estudasse. Então, enquanto eu fui solteira, nunca trabalhei. Também quando eu casei com meu ex-marido, ele também não gostava que eu trabalhasse. Então eu fiquei sempre em casa. Eu só fui trabalhar depois que eu voltei do Brasil para o Chile, em 83. Como a ruptura do meu casamento se concretizou aqui no Rio de Janeiro, eu tive que voltar para a casa dos meus pais, e eu tive que zelar pelo meu sustento e do meu filho. E terminei de estudar e comecei a trabalhar. Trabalhei vários anos até que eu vim para o Brasil.

Mas o meu filho, quando nasceu, eu não trabalhava. Então eu pude criar meu filho, não dependia de creche, nem de maternais nem de escola para a criação do meu filho. Ele obviamente ia para a escola porque é obrigação no Chile, mas quem educava ele era eu... Ele sempre me viu lendo, (rindo) e quando era bem pequenininho tinha as famosas Páginas Amarelas, na época vivíamos no deserto (do atacama), fazia um (ênfase) calor e eu estava sentada, com o livro lendo e ele do lado brincando. Aí pegou as Páginas Amarelas e começou (rindo) a fazer o mesmo que eu, só que ao contrário. Porque era muito pequeno, ainda não sabia ler.

(...)

Quando nasceu a minha filha brasileira, eu estava trabalhando, e tive que colocar ela na creche. E a criança passava o dia todo na creche, e eu tinha que trabalhar. A criação da minha filha foi muito diferente do meu filho, devido a isso.

(...)

E, quando era criança, você falava com ela em espanhol ou português?

(Animada) Essa história é muito divertida. Como professora de língua, eu aprendi a importância de você falar com seus filhos, quando tem duas línguas maternas dentro do lar, de a mãe falar a língua materna e o pai falar a língua paterna. Então, eu falava com minha filha em espanhol e o José, em português. Isso foi tudo bem. (...)

Então eu falava sempre em espanhol para minha filha e ela sempre entendeu tudo. Essa minha amiga que é apaixonada pela língua, falava em espanhol pra minha filha e ela respondia em português. Dizia: “ela entende tudo, Violeta”.

Então eu continuei a fazer isso para a minha filha, mas a minha filha é temporal. Eu tinha idade de avó para ela, quando eu ia na escola buscar ela, os coleguinhas me olhavam e perguntavam: “Ela é tua avó?”. “Não, é minha mãe”. “Tua mãe fala esquisito”. Por causa do sotaque. Então a minha filha começou a ter um problema com isso. Porque nessa idade, quando são crianças, o grupo é que importa. Então um dia ela falou pra mim: “Mãe, não quero que você fale mais em castelhano pra mim porque meus colegas ficam me zoando”. Eu falei: “Tá bom”, ela estava sofrendo, (ênfase) dane-se, depois ela aprende espanhol. Mas ela aprendeu, fala espanhol naturalmente, nunca sistematizou. Mas ela se alfabetizou numa terceira língua, que é o alemão. Ela fala português, coloquialmente *castellano* e fala fluentemente inglês. Porque se alfabetizou numa língua saxônica. Depois de seis anos, eu cortei o vínculo com essa escola e coloquei ela na Cultura Inglesa. E, quando terminou a escola, terminou a Cultura Inglesa, e acabou falando fluentemente inglês. Tanto assim que agora ela está lá atuando em inglês.

(...)

Por exemplo, tempos atrás, quando ela queria fazer dublagem, ela falou: “Mãe, eu preciso falar em espanhol. Me ensina”. Mas aí o que aconteceu, eu me acostumei a falar em português com ela. Com meu filho eu falo espanhol todo o tempo, mas com minha filha eu falo em português. E só quando eu me lembro que tenho que falar em espanhol, eu falo em *castellano* com ela. E a minha filha me acompanha, mas (rindo) ela me responde em português.

(...)

E aí ela começou a escrever cartas para os primos, para a prima dela que está na Alemanha agora, aí a última vez que eu fui a minha irmã disse “Olha a cartinha que eu achei, a

Joaquina²⁵ pequenininha mandando carta para a filha dela pequenininha”. Aí ela fazia a carta e eu falava “Olha, isso aqui se escreve de tal forma, fui ensinando assim algumas coisas pra ela”. E na escola ela tinha aula de espanhol, então sistematizou alguma coisa. Só que, como ela era de segunda língua castellano, (rindo) sabia mais que a professora. Então ela sempre tinha dez e não aprendia nada ..

(...)

Ela pequena queria brincar de patinete, e eu dizia “Não, você vai estudar inglês”. A satisfação maior que eu tive foi quando ela me disse “Mãe, muito obrigado por me obrigar a fazer inglês”. Porque ela tem muitas conquistas, muito sucesso com isso aí..

(...)

E aí eu vejo o quanto ela assimilou essa coisa nossa, essa coisa da minha cultura. Mas também assimilou da outra. Então é um misto, né?

Pra finalizar, pode comentar a importância da história oral para recuperar seu passado, a experiência migratória e para a migração no geral..

A história oral... hoje por exemplo, em alguns momentos eu fiquei profundamente conectada com as minhas memórias, e me emocionei. Essa emoção que tem a coisa do recontar, a emoção que trazem as memórias, sejam positivas ou dolorosas, trazem uma carga emotiva, uma carga afetiva impressionante. Que a gente processa de forma rápida e afeta outras sinapses, então... e isso permite que você, ao mesmo tempo em que está rememorando nessa lembrança, você também está de alguma forma sentindo o presente e projetando para o futuro. Isso, no fundo no fundo, é construção de conhecimento. Todas as vezes que eu entro nesse processo, poucas vezes eu tinha sido entrevistada no formato de história oral, eu percebo a importância disso, porque é uma questão epistemológica, da sua relação com a construção do conhecimento sobre si mesmo. Tem a ver com a sua própria singularidade. Você passa a reconhecer dimensões de si mesmo que não tinha percebido antes, que é o que me aconteceu hoje aqui conversando com você. E isso me lembra muito do italiano Francesco Alberoni falando da sociologia do sentimento. Quando você entra num processo de história oral, você consegue fazer isso com pessoas com as quais você tem confiabilidade, confiança absoluta. Onde há uma relação horizontal, e isso tem uma carga afetiva muito grande. Potencializada pela carga emocional das lembranças da história oral, abrem o cognitivo da gente para construir um conhecimento sobre si mesmo. Não é construir conhecimento de sociologia.. é conhecimento de si mesmo.

Micro, né?

²⁵ Nome alterado a pedido da colaboradora.

Exato. E eu acho que essa é a coisa mais fantástica da etnografia. Porque não é a voz de todos e não é a voz das minorias, é a voz do que está entre o todo e a minoria. Que é a maioria das pessoas que estão andando pelo mundo. É muito bacana isso.

Apêndice 9: Entrevista Felipe

Data da entrevista: 08/12/22

Nome: Felipe Reyes

Natural de: Rio de Janeiro.

Pai: Brasileiro Mãe: Chilena

Idade: 41

Sexo: Masculino

Estado civil: Solteiro

Profissão: Funcionário público (Direito)

Religião: Sem religião (de família católica)

Bom, começando... Felipe, você pode contar quem da sua família é chileno e como foi a chegada dela no Brasil?

Minha mãe é chilena. Toda minha família de parte de mãe é chilena e toda minha família de parte de pai é brasileira. Em 73, ano do golpe militar, minha mãe tinha... 12, 13 anos, era jovem. E meu avô já tinha tido três filhos e ele tinha 40, alguma coisa assim... era jovem também.

O que acontece.. minha família era de inclinação mais à esquerda, tinha votado no Allende, mas não era atuante. Embora minha avó tenha participado da campanha do Allende, não era como se fosse.. (inaudível)

Quando houve a ditadura militar, eles não esperavam. (Ênfase) A gente não sabia o que podia acontecer. Uma história que minha avó conta é que no dia da ditadura, foi anunciado no rádio, eles começaram a queimar os livros de esquerda que eles tinham, porque eles não sabiam se no dia seguinte iam chegar os militares ou não. A gente não sabia de nada. Foi muita surpresa, a gente não esperava.

(Ri) “A gente” não, eu não tava nascido, mas a minha família.

E... (pensa) da minha família, embora a gente não tenha desaparecidos políticos, tinham amigos que desapareciam, gente que era presa só porque falava “Allende vive”, qualquer coisa assim. Então tinha uma coisa muito de medo do que ia acontecer.

Além disso, eles não vieram em 73, daí pra frente teve represália política para pessoas que eram partidárias da esquerda, meu avô eu acho que não teve diretamente, mas... (ri) Cara, é outro mundo. Não tem rede social, não tem nada, de um dia pro outro bombardeia o palácio, o presidente morre, eles falam que é suicídio, não vou entrar nisso... Entram os militares, tem militar na rua, tudo isso, mas não se sabe o que vai acontecer... e a economia começou a decair. Ao contrário do que os militares falam, a economia no Chile não tava boa. Então por volta de 75 /76 meu avô já tava planejando ir embora, um por medo mas por causa da

economia também. Como na minha família não tinha ninguém de direita, era mais difícil conseguir empregos, coisas assim. O “QI”, né?

E ele conseguiu trabalhar (pensa) aqui no Brasil, veio primeiro ele com a esposa, minha avó, e aí depois vieram os filhos. Aí ele já tinha cinco filhos. E aí foi que minha família veio pra cá. Em 1980 minha mãe tinha 19 anos eu acho, ela já tava no Brasil, e ela voltou para trazer os dois irmãos caçulas.

Deixa só eu ver onde meu avô trabalhava, é um dado interessante eu acho... (ênfase) Na PRODERJ, ele se aposentou na PRODERJ de fato.

E ele já veio com emprego certo na PRODERJ? Ou veio sem..

Veio com entrevista.

Ah, legal. Veio com entrevista, deu certo..

Deu certo, e (pensa) assim, ele não foi por causa de perseguição política, mas também foi. (Pensa) Acho que se não tivesse uma ditadura, é fato que o Brasil também era uma ditadura né, mas a ditadura chilena se comunicava mais com a ditadura argentina, com as de fala espanhola. A ditadura brasileira, aí posso estar falando bobagem, não tinha uma perseguição política à gente de esquerda do Chile aqui no Brasil.

E muito por causa da economia, estavam quase passando fome. Tava difícil conseguir entrevista, e para não arriscar nem nada eles foram embora.

Quando minha mãe veio pegar meus tios, os irmãos dela, meu pai foi pro Chile visitar. Tava com 19 anos.. e foi de ônibus pra lá. E meu pai conheceu minha mãe no ônibus do Brasil pro Chile. E aí eles ficaram três dias conversando. Três dias direto. E aí eles se conheceram.. Em Valparaíso, quando minha mãe foi buscar os irmãos, ele ficou lá, e trocaram endereço, telefone e aí.. depois das férias do meu pai, meu pai continuou conhecendo o Chile, e aqui no Rio eles começaram a namorar e me tiveram.

Meu pai até conta que ele não sabia que tinha toque de recolher e que ele acabou na prisão.

Caramba!

Mas não é que prenderam ele. Tinha toque de recolher, e ele não sabia. Aí o policial falou: “ou eu te deixo aqui, e você vai morrer de frio, ou você dorme na prisão”. (Risos). Aí ele dormiu lá na cela só pra ele, mas de boa. Não prenderam ele nem nada. Aí ele começou a viajar, ele gostou, ele adorou o Chile. E aí depois eles começaram a namorar e me tiveram.

Quantos anos tinha sua mãe quando ela veio do Chile?

Minha mãe tinha 16 anos. Meus avós vieram primeiro, depois ela, e depois os mais novos.

O seu avô e a sua avó vieram em 75/76, naquele período, né?

Sim.

E aí sua mãe veio depois... em que intervalo de tempo mais ou menos, lembra?

Acho que seis meses, um ano. Veio meu avô, fazer a entrevista, minha avó ver a casa e tudo, minha avó era professora, e eles vieram morar na Tijuca.

A sua mãe e a família lá no Chile são de Valparaíso mesmo ou de outra cidade?

Valparaíso mesmo.

Legal. Bom, aí você falou que os seus pais se conheceram no ônibus, né? E depois voltaram ao Brasil, ficaram um tempo namorando e depois casaram.

É, eles casaram porque me tiveram (risos). Eles tinham 20 anos, na época aqui tinha diferença entre filho bastardo e filho dentro do casamento. Mas eles estavam namorando de verdade, mas assim, para eu ter os mesmos direitos na época, pra não ter problema, eles decidiram casar.

E isso foi quando?

81. (Pensa) Agora não sei, ou final de 79 ou comezinho de 80.

Bom, falando especificamente da sua relação com o Chile, que é umbilical, enfim, quais as suas primeiras lembranças referentes ao Chile?

Eles falavam toda hora. Eu morei com meus avós, todo mundo falava espanhol. Eu não fala... engraçado, meus tios mais velhos falavam espanhol, os mais novos já são bem mais brasileiros. Tem uma grande diferença. E minha avó e meu avô.. minha avó principalmente falava muito do Chile. Falava como é que era.. sempre com muito carinho, né? Com muita saudade.

(Pausa) Eu lembro que com cinco anos eu fui para o Chile visitar, e depois com 10 anos. Mas, por exemplo, eu lia coisas do Chile, falava, a gente torcia pela seleção chilena.. eu lia a Mafalda e depois que eu soube que ela era argentina.

Ah, é?

É, eu achava que era chilena. Eu tinha a Mafalda em espanhol... e depois que eu fui descobrir que ela era argentina (rindo).

Você falava em espanhol com seus avós .. com a sua mãe também?

(Pensa) Eles falavam comigo em espanhol e eu falava português.

Tanto com seus avós quanto com sua mãe?

Quando eu morava aqui sim. Quando eu era criança, né. Eu falava português, não falava espanhol. Entendia, né, mas eu não falava.

E você contou que foi morar no Chile, quando era criança ainda.

Sim. Meus pais separaram, em 90 terminou a ditadura, em 91 minha mãe foi pro Chile, foi a primeira da família que voltou pra lá. Tinha começado a reindustrialização, ela é a irmã mais velha né, acho que ela sempre esteve mais apegada ao Chile que os irmãos. E ela queria voltar, voltou, e um ano depois eu fui morar com ela. E eu fiquei até 2004 lá.

Então você morou no Chile de 92 até 2004?

Isso.

E aí você voltou em 2004 para o Brasil, e sua mãe mora lá em Valparaíso ainda ou ela veio contigo?

Mora lá.

E você quando foi ao Chile era criança, tinha 10 anos. Ficou de 10 até os 20 e poucos..

Até 21, 22. Até 22.

E da família, seus avós, quando sua mãe voltou, voltaram também? Ou não?

Não, meu avô já trabalhava aqui, minha avó já tava.. eles tinham filhos mais novos, eles já tinham toda a vida aqui, já estavam acostumados.. Mas eles iam visitar. A cada dois anos eles iam pro Chile, depois que parou a ditadura eles começaram a ir regularmente.

Uhum. Só sua mãe que foi e ficou de forma definitiva?

Depois um tio meu voltou em 96 e outro em 99.

E aí.. eu acho que você já comentou assim por alto, mas se tiver mais alguma coisa tem uma pergunta que chama “contos chilenos”, que é justamente isso assim: quais histórias sua mãe e seus avós contavam sobre o Chile para você quando você era criança? Você comentou lá da Mafalda, que lia a Mafalda em espanhol..

(Pensa) Do Chile... eles não falavam muito de política. Tanto que eu soube quem era Pinochet quando eu voltei pro Chile. (ênfase) Eles não gostavam de tocar nesse assunto. Mas falavam da casa, de quem era minha bisavó, falavam quem eram quem, os filmes chilenos, da geografia, falavam bastante de como era a vida lá.. Meu avô, ainda que fosse engenheiro de profissão, ele cantava, cantava em espanhol. Então por exemplo ele cantava muita música chilena, se apresentava aqui, eu acompanhava ele.. eu tinha uma visão meio idealizada do Chile. Que tudo era bonito, tudo era legal, tudo funcionava.. e meu pai, mesmo depois que se separou, ele amava o Chile, falava muito do Chile.

Então falavam bastante. Isso antes de eu ir, né. Eu escutava muito isso, essas histórias, de quem era meu bisavô, quem era minha bisavó, quem era minha família.. eles queriam me manter meio que.. eu fui o primeiro neto, então..

Seus pais, quando você era criança, falavam em português ou espanhol?

Eles se divorciaram eu tinha dois anos.

Ah, ok... E como é que você descreve essa experiência de ter sido uma criança nascida no Brasil, depois você vai pro Chile e volta? Como foi ser uma criança e um jovem entre dois países?

(ênfase) O chileno ama brasileiro. Ama brasileiro, então era toda hora me perguntando “como é que é isso”, eles consomem muita novela brasileira, então por exemplo... estava passando a “Rainha da Sucata”, eu já tinha visto. Aí me perguntavam como é que ia terminar, o final... não tinha internet, né? Então passava novela brasileira e perguntavam como é que era. Aí eu escrevia pra minha avó brasileira e perguntava como estava a novela..

Quando eu vinha de férias aqui eu via as novelas que passavam lá. As músicas pediam pra traduzir.. minha mãe me matriculou primeiro e aí meus colegas, antes de eu chegar, falavam: “Vai vir um brasileiro, o cara que vai jogar bola..”, eu não sou bom (risos), mas eles imaginavam um cara muito foda, “A gente vai ser campeão lá no colégio” (risos). E eu era médio..

Eu jogava RPG de mesa, e era engraçado que não tinha no Chile. Na época não tinha, era muito conservador, não chegava muita coisa no Chile como chegava no Brasil. Então eu trazia muita coisa, RPG, trazia livro que não tinha lá, falava de filme, tinha o que era censurado.. (ênfase) porque lá ainda tinha censura, era democracia mas tinha censura, essas coisas.

Mas assim, me zoavam porque me chamavam de “você”. Eu cheguei, não falava espanhol, falava “você pode fazer isso..”, e aí meu apelido foi “você”.

A gente é muito bem visto lá fora, pelo menos no Chile, era uma coisa muito legal. E o meu colégio era de pais que estavam voltando. Um colégio muito de esquerda, meu melhor amigo era da Suécia, voltou um ano antes do que eu, os pais foram torturados.. tinha muita gente da

Suécia, muito refugiado chileno na Suécia, dos EUA.. não tinha muito de outros lugares da América Latina. Interessante.

Do Brasil não tinha ninguém, era só você?

No meu colégio tinha outra pessoa, mas não era brasileiro como eu. Os pais foram, mas era outra coisa..

Então eu cresci com uma cultura.. meu melhor amigo era sueco, ele trazia RPG da Suécia.. isso era engraçado, tinha muito sueco, quem foi foragido político foi muito pra Suécia, eu não sei se houve um acordo ou algo assim. Esses pais estavam terminando direito, o pai foi torturado, depois fugiram para a Suécia, o governo tirou toda a faculdade deles, tiveram que fazer tudo de novo, e voltaram já com 40 anos, algo assim, e tiveram que começar tudo de novo.

Caramba, não reconheceram os títulos que eles tiveram na Suécia na volta para o Chile?

Não, pior que isso. Imagina que você está na (universidade) Federal. Aí você é da esquerda, tem que ir embora, eles pegam tudo o que você fez e apagam tudo. É como se você não tivesse feito nenhuma matrícula nem nada. Nada. Então eles tiveram que começar do primeiro ano de novo. A faculdade deixaram eles fazer, mas tiveram que fazer tudo de novo. E ele foi torturado, eu acho que a mãe foi mas ela nunca (inaudível)..

E a gente escutava muita história estranha. Outro amigo meu não tinha pai, nunca soube o que aconteceu com ele, se era desaparecido político.. tinha muita coisa assim.

Como você se identifica hoje, como brasileiro, chileno ou ambos?

Ambos. Brasileiro e chileno.

Você possui a cidadania chilena?

Tenho a carteira de identidade chilena.

Uma coisa que eu não te perguntei antes, Felipe. Você voltou em 2004 para o Brasil... por que você decidiu voltar?

Na época eu estava mal economicamente, as faculdades lá não eram públicas, depois que veio a ditadura acabou a universidade pública. Então eu pagava, estava cheio de empréstimos, cheio de dívidas, não conseguia me manter, trabalhava de garçom, essas coisas.. e aí meu pai aqui falou: “olha só, se você quiser vem cá, eu te ajudo, a gente tenta uma universidade pública..”. Aí cheguei e comecei a estudar para concurso. Depois do concurso que eu comecei a faculdade de novo. Aí eu passei para uma pública, a UFF.

E sobre a língua: você fala espanhol e, se sim, qual o seu grau de influência no idioma?

Fluente. Falo fluentemente. De vez em quando trabalho com espanhol. Tenho que acompanhar algum estrangeiro...

(Pausa maior)

Mas eu falo melhor português agora. Sou fluente em ambos, mas no formal, eu tive que estudar tanto pra concurso, pra faculdade, que eu tive que estudar muito português. A gramática principalmente. Então agora eu escrevo muito melhor em português que em espanhol. Às vezes para escrever eu tenho que pensar no espanhol. Já tô há tempo tempo morando aqui, trabalhando aqui...

Tem mais prática, né?

É. Eu acho que, assim, seria uma coisa de estudar, em alguns poucos meses eu.. eu já falo, escrevo..

Desde que você voltou do Chile em 2004, você costuma sempre ir lá ver sua mãe, como é que é isso?

Sim. (Pausa). A cada dois anos eu vou, mais ou menos. Quando eu voltei, como eu não tinha grana, fiquei até 2008, 2009 sem ir. Quatro anos sem ir pro Chile, por causa de grana mesmo. Mas eu mantinha muito contato com meus amigos, mantenho contato com meus amigos chilenos por email, e agora uma vez por semana a gente se encontra, marca, fala espanhol...online, sabe? A última vez foi 2019/2020, janeiro, antes da pandemia, e agora eu vou semana que vem para o Chile.

Legal. E quando você vai você, geralmente vai em alguma data específica, aniversário de alguém..?

Nessa data, em dezembro.

Você sempre vai em dezembro?

Geralmente eu passo Natal, ano novo, fico duas semanas lá, alguma coisa assim..

E aí você fica em Valparaíso mesmo, que é onde você morou?

Agora eles não estão mais em Valparaíso, fico em Viña, alguns dias em Santiago para encontrar os amigos...

(Pausa maior)

Uma coisa engraçada é que eu não conheço quase nada do Chile. Na época eu era jovem, não tinha muita grana pra viajar. Conheci Temuco, um amigo tinha uma fazenda e fui lá, conheci um pouquinho por lá. E sempre, agora que eu vou, eu vou visitar a família (ri), então eu nunca vou passear. Conheço mais o Brasil que o Chile, falando de turismo.

Fora da 5a Região e da Região Metropolitana (de Santiago), você conhece Temuco.. mais alguma?

Do Chile (pensa).. Puerto Montt eu fui uma vez, Temuco.. acho que só isso. Fui pra La Serena, mas fui e voltei no mesmo dia. Santiago e 5a Região eu conheço.

Bom, e qual sua relação com o Chile hoje a partir daqui do Brasil? Se você participa de algum grupo de chilenos aqui no país, se frequenta as *Fiestas Patrias* que o pessoal comemorou no ano passado..

Não, não participo. Eu acho que a minha geração não participa tanto disso, meus amigos que moram fora do Chile não fazem. O que eu faço, constantemente eu tô falando com os amigos, na pandemia toda semana a gente se encontrava, a gente joga jogos de tabuleiro online e fica conversando... temos grupo no whatsapp. Mas participar de grupos de chilenos (no Brasil) não tenho isso. (Ênfase) Minha avó tem, estar com os chilenos.. acho que minha geração não teve muito contato com isso, sabe? É uma geração, principalmente do meu contexto que muita gente morou fora.. então é uma geração que já pegou coisas de todos os lugares. A gente vê Chaves do México, filme americano, desenho japonês... então não é uma geração que é tão arraigada na cultura chilena. É uma mistura que a gente toma como nosso também.

Então minhas referências de cultura chilena são mais de cultura pop dos anos 90 e 00 no Chile. Umás coisas que não chegaram aqui, rock, essas coisas assim que eu escutava e ainda escuto. Essa é a minha referência. E nos anos 90 o Chile se abriu muito, começou a chegar muita coisa ao mesmo tempo. Tipo o Brasil mesmo, chegou muita coisa. Mas o Brasil exporta muita cultura, o Chile não tanto. A gente adapta a cultura e faz um pouco diferente. Novelas, não tínhamos novelas. Os chilenos compravam roteiros de novelas brasileiras e faziam. E depois que eles começaram a fazer as próprias novelas.

Você comentou que conversa com seus amigos, os amigos da época da escola e universidade, né? Como é essa comunicação, por whatsapp, instagram...

A gente tem grupo no Whatsapp. Tem dois na verdade, um pra jogos e outro pra falar de filmes, sobre a gente, os filhos..

Legal. E vocês se encontram semanalmente, né?

Agora sim. 3a feira a gente está se encontrando... muitos foram embora do Chile, o país é muito pequeno, então muita gente estuda e acaba indo para outros países, EUA, Europa.. então a gente marca 3a feira para jogar jogo de tabuleiro e conversar como estão as coisas..

Legal. Bom, você comentou que a sua avó participa dessas reuniões dos chilenos aqui no Rio de Janeiro, Consulado, *Fiestas Pátrias*.. ela chegou a te levar alguma vez, você já foi em alguma alguma?

Não. Engraçado que ela me convida para tudo, mas para isso especificamente não.

(pausa maior)

A gente tem uma amiga do consulado chileno, eu conheço ela..

E aqui tem uma visão idealizada do Chile, de que tudo funciona, de que a economia funciona, é excelente, é uma visão um pouco idealizada que eu vejo desde que eu cheguei. E, agora, tem uma visão da direita idealizada do Chile também. O Chile é legal, é um bom país. Mas é engraçado isso, tem uma visão de estabilidade...

O Chile, (hesitante) talvez na América Latina foi o que melhor conseguiu fazer a transição de ditadura para democracia de uma forma pacífi... é complicado falar isso, mas sim economicamente é um dos países mais estáveis da América Latina. E a alternância de poder, se você comparar com Bolsonaro e Lula, estava o Kast, que era extrema direita, e o Boric, que é extrema esquerda. E eles debateram, eu vi os debates, nunca caiu o nível como caiu aqui. (Ênfase) E extrema direita contra extrema esquerda. O Kast, o pai era nazista de verdade. E perdeu e falou “Parabéns, espero que você faça um bom governo”. Teve a alternância entre a Bachelet e o Piñera..

Essa última eleição foi bem polarizada pelos ânimos, mas eu acho que era uma pressão mais externa do exterior do que outra coisa. Eles conseguiram fazer uma transição legal. Morreu muita gente, quando eu cheguei as pessoas estavam tão contentes que tinha acabado.. Eu cresci num ambiente muito de esquerda, o pessoal fazia muitos protestos, mas eu via que os mais velhos queriam “já chega”, sabe?

(...)

É complicado comparar ditaduras, mas eu acho que no Chile o povo em geral sabe mais o que foi aquilo, embora tenha muita gente...

(...)

Você comentou das eleições, né? Você aqui no Brasil vai lá no consulado votar nas eleições chilenas?

Eu dei bobeira, só renovei meu RUT depois, mas eu posso votar sim.

Qual foi a última eleição do Chile que você votou?

(Pensa) Foi a do Lagos, que era o cara de esquerda. Era o Lagos e o Joaquín Lavín, que era o de direita.

Legal. Além da sua família, tem alguém chileno/a que mora aqui no Brasil e que você mantém contato?

Não, só da minha família mesmo.

E em relação às práticas culturais. Sobre comida, como é o seu dia a dia? Você come mais comida brasileira ou comida chilena?

(Responde rápido) Brasileira.

Tem alguma comida chilena que você costuma comer?

(Pensa) Comida não. Eu sinto muita falta do pão chileno. Bom, não é comida mas tem o chá. Lá tinha a hora do chá, eu tomo chá todo dia.

E tem algum pão específico que você sente falta ou não?

(Responde rápido) Todos. Todo pão é melhor que aqui: pão batido, hahuilla... tenho muita saudade da culinária do Chile. Esses pães, alguns doces que só têm lá, mas principalmente o pão. Pão com manteiga... o lanche eu sou fã.

Que é a chamada *Once*, né?

La Once, isso. Eu tomava muito chá lá.

E quando você volta para o Chile, tem alguma coisa que você fala “isso eu vou comer assim que chegar”, ou não?

Tem, o cachorro-quente com abacate, o completo. Aqui de vez em quando eu faço com o abacate daqui, mas não fica a mesma coisa. Tem um biscoito de arroz doce que tem lá, ou saudades de comer um sorvete tal no lugar tal. Comer uma coisa específica num lugar específico, sabe?

Mas de comida..

A comida aqui é melhor, mas o lanche lá é melhor.

E que comida que você gosta mais de comer aqui no Brasil, no almoço, jantar..

(Risos) Só bobagem. Como alguma coisa saudável porque tem que comer, né? Eu gosto de comida japonesa, feijão com arroz, batata frita, carne, uma comida italiana que eu faço, pasta, spaguetti.. eu gosto muito de comer.

(...)

Ah, a empanada chilena, o pastel chileno, gosto. É muito bom também.

E sobre música: você escuta música chilena, como é que é o seu dia a dia musical? Escuta mais música brasileira, chilena, internacional...

Eu tenho uma playlist com vários tipos de música para cozinhar, dentre elas tem algumas coisas chilenas. Los Tres, Los Prisioneros, que é bem político e muito bom também, acho que é o meu favorito, eles têm umas canções políticas e outras bem de ativismo social bem interessantes e que na época eu não pegava, mas eu gostava e depois que eu soube... aí teve uma música específica que tocava numa novela chilena que nem é boa, mas a gente escuta.. e tem outras coisas que não são chilenas, mas eu escutava lá.

E tem alguma coisa que você identifique como chileno no seu cotidiano aqui no Brasil?

De vez em quando eu canto alguma canção..

Você toca música, né? Você é músico também?

Não, eu gosto de cantar e dançar. Eu, quando desenho, tenho uma lista de músicas específicas, mais música ambiente, mas quando chega a música chilena eu começo a cantar música chilena. Também pra andar de bicicleta, trabalhar..

Mas coisas especificamente chilenas... não chilenas, mas que eu fazia no Chile: jogos de tabuleiro, jogar RPG com os amigos, que é uma coisa que eu fazia lá e não faço tanto aqui.

É um retorno de um cotidiano, da vida que você teve lá quando morou no Chile.

Sim, eu tenho muita saudade, sempre vou ter, mas acho que ia ter daqui também... eu tenho uma memória afetiva muita grande, eu penso às vezes no Chile.. Mas o que meus amigos falam é que essa vida que eu lembro de lá já não existe, o pessoal tá com filho, tá com família..

Mas eu lembro de ter um monte de amigos lá, a gente saía, ficava só caminhando pela *calle*, pela rua falando bobagem, de madrugada.. eu caminhava era moleque, 14 anos, de madrugada pela rua, e era tranquilo, não tinha assalto.. podiam até te assaltar, mas você não ia morrer.

O Chile é bem mais seguro que o Brasil, principalmente naquela época, né..

Eu acho que agora o Brasil melhorou e lá piorou um pouquinho. O frio, eu sinto falta do frio.

E tem algum objeto que você guarda em casa contigo que lembra do tempo que você vivia lá? Alguma coisa que você quis trazer quando você veio em 2004?

Eu acho que o mais chileno seria isso aqui (mostra uma foto). Está bem descascada na verdade, é do grupo de amigos meus. Quando eu vinha para o Brasil, no último dia eles fizeram uma festa, imprimiram esse quadro e colocaram aqui. Então é um quadro meu e dos meus amigos, aí eu deixo pendurado.

Esses são amigos da escola?

Um estudava comigo, e os outros eu conheci na época da escola, com 14 anos. Fiz muitos amigos na época do RPG..

E mais algum que você citaria, ou esse é o mais importante?

Esse é o mais importante. (Pensa) Tem coisas que não são do Chile, por exemplo, eu tenho um *peluche* do Garfield que minha mãe me deu quando eu tinha cinco anos, eu morava no Brasil, levei pro Chile e depois eu trouxe de volta.. não é uma coisa que é do Chile.

Tem um sobretudo preto que eu usava lá, porque fazia frio e eu gostava de usar, mas aqui eu não posso usar porque faz calor. Mas quando vou para um país que faz frio eu levo o sobretudo, visto ele..

Legal. E comparando o lado brasileiro da sua família, do seu pai, com o lado chileno, da sua mãe, tem alguma diferença de comportamento marcante?

Várias, principalmente na época. Agora acho que o mundo está um pouco mais globalizado do que era. O chileno é mais conservador.

Em que sentido conservador?

Mais católico, mais conservador em relacionamento, é mais cínico também.. não é tão comum você transar lá se você não tá namorando, pelo menos na minha época. Eu só transei com a chilena que era minha namorada na época. Eu acho que aqui tem mais promiscuidade, o pessoal é mais solto. A forma de se vestir, o brasileiro transpira sensualidade, principalmente o carioca, o pessoal malha mais, se cuida mais, eu me cuido mais aqui do que me cuidava lá.

Eu acho (pausa) que o futebol é diferente, como vivem o futebol, é diferente do Chile pro Brasil. É uma paixão pros dois, mas o brasileiro é o vencedor, o pentacampeão, sempre tem chance de se classificar, de ganhar a Libertadores, lá é a zebra. Não acham que vai ganhar nem nada disso.

(...)

O futebol era uma coisa que me mantinha lá, um dos pontos de ligação com o Brasil que eu tinha. Em 94, foi a primeira Copa que eu acompanhei, o Chile não tinha se classificado, o Brasil foi campeão, e todo chileno torcia pro Brasil...

E você comentou do Fluminense, você tinha time lá no Chile, ou acompanhava mais na Copa?

Era mais na Copa, mas eu torcia pelo Wanderers, que é o time de Valparaíso, mas o Wanderers é o Botafogo daqui, fica entre primeira e segunda divisão, de vez em quando ganha alguma coisa, mas é um time mais local.

E você comentou de futebol, eu fiquei curioso. E quando joga Brasil e Chile, você torce para quem? Por exemplo, na Copa de 2014 eles se enfrentaram, nas 8as de final..

Chile, sempre o Chile. É porque qualquer vitória pro Chile seria bom, se eles passarem das 8as já é um título. Pro Brasil só importa ganhar. Principalmente em 2014, que tinha aquela geração de ouro, então... eu torço muito mais pro Chile. Torço pelos dois, mas mais pelo Chile. Se o Chile tivesse vencido, seria uma grande vitória. Pro Brasil só importa se ganhar. Se não ganhar é perdedor.

Em 2018 o Chile tinha time pra ter ido à Copa, deu bobeira. Fiquei muito mal, fui contra o Brasil no jogo no Maracanã..

Eu tava lá também. Você tem camisa da seleção chilena?

Não tenho.

(...)

Bom, para fechar tem uma pergunta sobre o método: como é que você vê assim a importância dessas entrevistas de histórias de vida para um trabalho que é de construção de histórias de uma comunidade, nesse caso específico a comunidade chilenos no Rio de Janeiro e no Brasil?

Eu acho bom, porque você tem uma coisa bem mais pessoal, você conversa, acho ótimo. Talvez seja o melhor método. Se alguém passar um questionário pra você responder, não vai passar o tom de voz.. acho que é o melhor método, não vejo outro.

E tem alguma coisa que eu não perguntei e que você acha que vale mencionar?

Tem, mas é muita nerdice (risos). No Brasil, quando eu saí, tinham muitas produções japonesas, Changeman, Jaspion, Jiraya, você deve ter pegado o reprise. E eu tive toda essa coisa japonesa daqui, só que aqui na época não passava muito anime. Em 90, 91 era muito ruim.

Quando eu fui pro Chile, não tinha Changeman, Jaspion, mas passava muito anime. Tinha muito anime dos anos 70, eu peguei muita cultura do Japão dos anos 70 (...) O Chile tinha

mais respeito com as séries animações japonesas que o Brasil. Passava começo, meio e fim. Até o final. E eu me sinto muito afortunado, porque eu peguei toda essa nerdice brasileira, o RPG, toda essa cultura que o chileno não sabe, e toda essa cultura chilena que eu peguei e não passava aqui. Eu sinto que eu tenho muito mais bagagem cultural nesses pontos de nerdice. Porque tem. Às vezes umas coisas que são estrangeiras são mais importantes em um país que em outro. (Animado) E o Chile tinha muita coisa antiga que não passava... eu cresci vendo Família Adams original lá no Chile, Os Três Patetas, passava muito, e umas outras coisas que não passavam aqui. E outras coisas que passavam aqui que não foram famosas lá.

E como eu vinha todo ano pro Brasil, eu peguei Mamonas Assassinas, que lá não tinha, Los Prisioneros, coisas muito específicas do Chile que ninguém vai ver, então (animado) isso é uma coisa muito foda, de eu ter crescido nos dois países. É muito legal, eu sou muito afortunado por isso.

Isso é outra coisa engraçada: na época, ou passava na televisão, ou você não assistia. Hoje em dia, coloca na internet e todo mundo vê. Todo mundo sabe a última coisa do Japão. Mas nessa época não, ou passava na TV ou você não assistia.

(...)

Literatura: eu tenho uma bagagem cultural literária... argentina, colombiana, realismo mágico, eu lia no colégio. Tem muitas coisas que aqui o pessoal não conhece tanto, e que eu peguei e tive muita sorte de pegar. Por outro lado eu peguei um clássico de literatura brasileira que não é conhecido lá. O Brasil exporta um monte de coisa, mas literatura não exporta... (voz animada) Essa bagagem cultural é muito interessante. O idioma... a gente pegava muita coisa da Espanha que não chegava aqui. Mesmo pegando coisa meio “pirata” a gente pegava da Espanha às vezes, que não chegavam aqui. Então eu me sinto com uma bagagem muito grande, muito grande mesmo.

Engraçado que hoje em dia é instantâneo, então você pode ter acesso a tudo, então não tem esse delay. Mas na época tinha o delay (...) A nossa geração pegou coisas de várias décadas, a gente via o que passava. Hoje é tudo muito rápido, passa no youtube, isso é muito legal..

Ah, eu escuto podcast direto... saber espanhol me ajuda muito. Por exemplo: Eu sigo um cara que é da Espanha e mora lá no Japão, e fala da experiência dele como espanhol no Japão. Ele fala espanhol. Aí tem outro que é brasileiro e não sei o quê. Você saber espanhol não é só estar na cultura chilena, é estar na cultura argentina, peruana, espanhola... aqui não. Você é só brasileiro. Por exemplo, a gente não tem quase nada de Portugal. Tirando alguma coisa de literatura, eu não sei nada de Portugal. Não chega. O português sabe da gente.

(Voz animado) Eu acho que saber espanhol, ter vivido no Chile me fez conhecer muito mais da América Latina como um todo. Não só do Chile. Isso é uma coisa ótima, ótima. Até coisa brega, qualquer coisa, de tudo. É muito mais fácil o brasileiro, por exemplo, jovem escutar

um youtuber americano ou inglês do que espanhol. O pessoal não sabe quem é o podcaster chileno...

Eu tô acompanhando a Copa, assisto Fox Sports do Uruguai, da Argentina, então eu tenho acesso a toda uma cultura diferente. Eu acho que sou muito afortunado mesmo. Por mais que alguém aprenda espanhol, não vai atrás dessas coisas (...)

Por exemplo, programa de fofoca brasileiro, Silvio Santos ou Domingão do Faustão, eles convidam artistas brasileiros. Lá não, você vê artista colombiano, Luís Miguel, a gente assistia novela mexicana, eu sei que a gente aqui também assiste, mas a gente tinha mais contato com essas pessoas. E como o Brasil exporta, a gente também tinha contato com cantores, Xuxa, e vários do Brasil.

Você falou do Luis Miguel. Lembrei, quando tava no início do namoro e tinha conhecido a Camila há pouco tempo, a gente estava conversando de música e aí ela fala do Luis Miguel e eu não sabia quem era Luis Miguel. “Como assim você não conhece o Luis Miguel?” Acho que é muito essa coisa do idioma. Como é o idioma comum entre diversos países da América Latina, a maioria no caso, né.. Chile, México, Cuba, Argentina, acho que se constrói uma ponte que com a gente aqui é uma coisa que é complicada porque é exatamente isso, a gente olha muito mais pros Estados Unidos, que é inglês, que também é outro idioma, mas enfim, a gente olha muito mais pro inglês, pros Estados Unidos do que para os nossos vizinhos, né? Então é isso, você falou Luis Miguel, lembrei disso na hora. A gente não conhece os cantores clássicos cubanos, mexicanos, rock argentino que a galera no Chile e no Uruguai adora.. isso aqui chega pouco.

A dublagem era a mesma em toda a América Latina. Então o desenho que eu assistia, era dublado e o argentino assistia a mesma coisa. Era distribuído para toda a América Latina, aqui era distribuído para todo o Brasil.. então eram dois mundos diferentes. E eu tinha acesso aos dois mundos.

Então quando você fala do que vem do Chile, eu acho que mais do que as coisas do Chile, é a América Latina, significa pertencer a uma comunidade da América Latina, que aqui eu acho que não tem.

Você comentou de Literatura e Filmes. Você costuma ler muito em espanhol e ver filmes em espanhol? Isso faz parte do seu dia a dia?

Sim, algumas séries... desde La casa de Papel, Netflix tem várias coisas legais, por exemplo cinema eu gosto mais de argentino. Vejo filmes argentinos, algumas séries...

(...)

Apêndice 10: Entrevista Guilherme

Data da entrevista: 04/03/23

Nome: Guilherme Mendes

Natural de: Rio de Janeiro

Pai: Brasileiro Mãe: Chilena

Idade: 33

Sexo: Masculino

Estado civil: Solteiro

Profissão: Professor de inglês

Para começar, você pode dizer quem da sua família é chileno, se somente sua mãe ou seu pai também; e quando eles chegaram no Brasil?

Da minha família, minha mãe e minha avó materna são chilenas. Meu avô é brasileiro, mas ele morou no Chile mais ou menos uns dez anos antes da família inteira se mudar para o Brasil. E se eu não tô equivocado foram embora para o Brasil mais ou menos um ano após o golpe militar.

E o seu pai, ele é brasileiro então?

Meu pai é brasileiro, toda a família por parte de pai é brasileira.

E quais as suas primeiras lembranças referentes ao Chile, enquanto filho e neto de chilenas; e que outras memórias vêm à mente quando você pensa no Chile?

As primeiras lembranças.. eu cresci meio que na casa da minha avó, né? Quando eu não tava na casa dela, ela tava na nossa casa, então eu cresci acostumado com o sotaque dela, que já não era mais nem português nem espanhol; ela, coitada, passou o resto da vida dela falando portunhol, e eu cresci já acostumado com sotaque, então sempre que eu pensava em Chile eu associava à minha avó e eu passei (pensa) eu acho que talvez um ano da minha infância no Chile.

Que ajudou um pouco a construir a minha percepção do que era o Chile porque crescendo no Brasil, sabendo que eu sou metade chileno, mas sem ter uma referência, essa estadia de um ano lá me ajudou a formar uma identidade visual para poder saber o que era esse meu lado chileno.

Que legal. Quantos anos você tinha quando você ficou esse ano no Chile, lembra?

Cinco anos.

E aí você foi com sua mãe, ou foi com a sua mãe e sua avó?

A minha mãe foi alguns meses antes para poder preparar tudo para nossa chegada. E depois foi meu pai, meu irmão e eu. A minha avó e meu avô chegaram para se juntar por alguns meses, mas a maior parte do tempo foi só minha mãe, eu, meu pai e meu irmão.

Legal. Com cinco anos você era bem pequeno, tem alguma coisa que ficou na memória desse período?

Eu passei um ano inteiro lá, eu lembro que cheguei no verão, em dezembro, e fui embora no finalzinho do verão. Eu lembro do (ênfase) inverno. O inverno para uma criança de cinco anos que não tinha ideia do que é um inverno de verdade, né? Eu tenho as memórias de como foi para a gente achar uma casa, a diferença que era a casa que a gente morava no verão, quando a gente se mudou, eu lembro como é que era ter que acordar no dia seguinte para ir para escola, (ênfase) o pavor de ter que tomar banho de manhã cedo, frio pra caramba, eu lembro de ir pra escola pegando o ônibus, os ônibus naquela época eram todos amarelos, eu lembro. Tem umas figuras bem nítidas na memória, meu irmão comigo pegando ônibus pra ir pra escola.

Em que ano que foi isso, nos anos 90 ou já nos 2000?

95.

Bom, você morou com sua avó. Ela e sua mãe te contavam contos e histórias do Chile? Se sim, quais?

(Pensa) Contos do Chile? Com certeza sim, mas para eu lembrar agora eu vou ficar te devendo.. Uma coisa, você sabe que criança cai, se arrebenta, sempre que eu ficava com uma cicatriz, um arranhão, minha avó falava de um produto de Rosa Mosquita. Eu nunca esqueci da Rosa Mosquita, que de acordo com ela é uma coisa super popular do Chile, todo chileno conhece, é uma pomada feita dessa rosa, que cura qualquer cicatriz. Eu cresci ouvindo falar dessa Rosa Mosquita, que eu nunca vi na minha vida.

(Pensa)

Mas contos do Chile... talvez eu tenha ouvido isso muito mais da minha mãe que da minha avó. Eu sei que tem um... acho que é um bar, bem tradicional do folclore chileno, que se chama Quita Pena. E a minha mãe tinha um porta-chaves que era uma miniatura de um Quita Pena. E ela contava essa história que era um bar que ficava do lado do cemitério, então era tradição, ou é tradição, eu não sei se ainda existe esse lugar, que depois do velório e depois do enterro, todos os amigos e familiares iam para a Quita Pena para afogar as mágoas, afogar as mágoas é o que significa literalmente em espanhol, e beber em memória do falecido.

(...)

Você já comentou por alto essa coisa do sotaque da sua avó, que sempre falou portunhol, como é que foi essa experiência de você ser filho de uma família metade chilena e metade brasileira?

Minha mãe sempre trabalhou como professora de espanhol, de idioma, e teve um ano, na oitava série do ginásio, que eu acabei sendo transferido para o colégio onde minha mãe dava aula, e teve aquela situação meio (ri) estranha para adolescente, você está na sala de aula e todo mundo sabe (que a professora) é sua mãe.. e eu me lembro de meus colegas de sala falando, por exemplo, como a minha mãe tinha um sotaque. Que não tinha o sotaque carioca. E sempre que alguém falava isso eu dizia (rindo) “você tá maluco, minha mãe não tem sotaque”. E até hoje tem uma pessoa ou outra que diz que ela tem sotaque. Talvez hoje em dia, que ela passa muito mais tempo no Chile... mas não acho que ela não tenha um sotaque carioca, quando ela fala português ela fala com sotaque carioca. Isso era uma coisa que sempre destoava quando as pessoas falavam pra mim.

Crescendo, eu nem acho que eu era tão apegado assim ao fato de ser metade chileno, quando eu tava com a família a gente tava sempre falando de Chile, mas com meus amigos eu nem tocava nisso. Agora, por brincadeira, todo mundo me botava o apelido de “chileno”, me chamava de “chileno”, mesmo que não tivesse nada a ver.

(Pausa maior)

Eu não sei, talvez essa questão de ter crescido com a minha avó falando em espanhol, e também ter vivido no Chile, desde os cinco anos de idade eu tive sempre muito interesse por idiomas. Então eu acho que isso de alguma maneira formou quem eu sou hoje. Porque eu trabalho com idiomas e eu acho que é o meu maior interesse pessoal, hobby.. então talvez de alguma maneira esteja aí conectado.

Você comentou que tem interesse e trabalha com idiomas aí na China. Você dá aula de português ou espanhol?

Não, eu dou aula de inglês porque é uma questão de... (risos) mercado. O que eles procuram aqui é o inglês, majoritariamente.

(Pausa maior)

Mas desde a época de escola eu sempre fui muito interessado em inglês por exemplo. Os meus colegas, na época de ensino médio, fundamental, não estavam nem aí pra aula de inglês, e eu sempre fui dedicado, tirava nota boa...

Você fala inglês e português. E o espanhol, é fluente?

Olha, é fluente sim, mas eu acho que é bem enferrujado. Eu não falo espanhol como nativo, porque desde que eu voltei para o Brasil eu não praticava, a gente falava português em casa;

eu sempre entendi tudo, eu nunca tive problema para entender absolutamente nada. Agora... eu falo, não cometo assim tantos erros, eu entendo a gramática. Mas ainda sou um pouquinho enferrujado, sabe quando o gringo tá falando português?

A sua mãe falava em português contigo quando você era criança? (Acena com a cabeça positivamente). Sabe por que, você chegou a perguntar isso para ela?

Perguntei. Quando ela foi pro Brasil, com doze anos, o primeiro ano dela na escola.. doze ou treze anos, eu posso estar errado com a idade, mas o primeiro ano na escola foi um (ênfase) inferno. Todo mundo provocando, fazia piadinha por causa do sotaque dela, ela quase não abria a boca em sala de aula, ela já falava português, falava com um sotaque muito forte, então ela meio que se forçou a aprender a falar português bem e.. Eu acredito que em função do ambiente também. Quando a família morava no Chile, meu avô falava espanhol em casa. Quando todo mundo veio para o Brasil, passou a ser o contrário: minha avó passou a falar o “português dela” em casa e.. os meus tios também, a minha mãe acho que é a mais velha, os filhos todos cresceram falando português, na verdade a minha mãe é a única que fala espanhol perfeito, e a minha tia, que é a segunda irmã, é a única que conseguiu salvar o espanhol, ela ainda fala. Os outros irmãos não falam bem. Entendem, todo mundo da família entende o espanhol, só que eles não falam fluente.

Quantos irmãos são no total?

Cinco.

E como é que você se identifica em relação à nacionalidade hoje, brasileiro, chileno os dois.. como é que é isso?

Se eu estou me apresentando para os meus amigos, com um pouquinho mais de liberdade para contexto, eu vou me identificar como metade brasileiro e metade chileno, contar que minha família por parte de mãe vem do Chile.. eu gosto de contar sobre essa parte da minha família. Agora, se estou em uma situação um pouco mais prática ou pragmática, por exemplo no trabalho, ou se eu tiver que me apresentar em um contexto um pouco mais formal, eu digo que sou brasileiro para manter as coisas mais fáceis.

(..)

Mas se a pergunta é como eu me sinto, eu me sinto metade-metade.

E você possui a cidadania chilena, a RUT? (Acena positivamente com a cabeça)

Inclusive eu acabei de renovar meu passaporte.

Depois de ter morado no Chile, quando tinha cinco anos, você voltou para o Chile para viver ou visitar? Se sim, quantas vezes esteve lá?

Depois de ter voltado de lá criança eu fui de visita duas vezes, em 2007 e depois em 2009. E eu fui uma última vez em 2016 para passar uma temporada lá, morei lá durante uns seis meses, foi logo antes de eu vir para a China.

Você morou lá trabalhando, estudando, em intercâmbio, como é que foi isso?

Foi numa época que eu tava me desligando do trabalho do Brasil. Então eu consegui um acordo com meu antigo trabalho de trabalhar remoto durante alguns meses e ter essa liberdade de poder ir para o Chile. E foi o tempo que eu tava ajeitando a minha vida, preparando os documentos que eu precisava para tirar o visto chinês, conseguir trabalho aqui na China, então foi mais ou menos isso que me manteve ocupado. Eu consegui nesse tempo um bico pra trabalhar num hostel no Chile, só pra não ficar sem fazer nada, e foram seis meses.

E como foi viver lá, alguma coisa que você não esperava e acabou acontecendo..

Foi uma experiência muito gratificante. Eu não esperava que fosse nada diferente, mas eu fui com essa mentalidade de poder me reconectar com essa parte da minha família. Eu me lembro que uma coisa que me incomodava, eu viajei e fui conhecer outros países, e se você me botasse na minha frente um mapa de uma cidade que eu viajei e curti, Paris ou sei lá, eu ia poder dizer: “olha, aqui fica tal coisa”, agora, se você botasse o mapa de Santiago na minha frente, eu não ia saber me virar. E eu queria conhecer a cidade de perto, queria ter esse senso de casa, saber que.. eu também posso chamar minha cidade de casa, eu queria conhecer melhor a cidade.

E eu fiz o que pude para praticar o espanhol, os meus amigos chilenos riam quando eu usava as gírias chilenas. Quando eu falava ficava estranho, né? Imagina um gringo falando com as gírias cariocas, né? Só que eles falavam: “eu tô vendo que você tá aí se esforçando para pegar o jeito que a gente fala, é nós”.

Você morou todo esse período em Santiago, né? (Acena positivamente com a cabeça) E conseguiu viajar pelo país também?

Eu sempre tive muita vontade de ir para o sul, aí tirei umas duas, três semanas para viajar para a Região dos Lagos, depois eu fui para Magallanes e de lá eu fui para o Ushuaia.

(...)

Bom, hoje eu sei que na China é mais complicado, mas enquanto você vivia no Brasil, participava de algum grupo, eu sei que sua mãe teve história de participação em grupo folclórico chileno no Rio, né? Você participava também disso, as comemorações das festas pátrias que o pessoal organizava você ia.. como é que era sua presença no grupo dos chilenos?

Eu participei bastante durante talvez uns dez anos mais ou menos, eu acompanhava minha mãe quando ela ia nos ensaios, desde criança. Onde ela ia eu ia ao lado. (Rindo) Eu não sei se

ela meio que me convenceu ou se eu comecei a querer participar, e aí quando eu já estava com treze, quatorze anos eu comecei aprender melhor, a ponto de a professora na época me incluir nos ensaios e nas apresentações e eu aprendi um monte de dança folclórica.

Eu acho que durante uns seis, oito anos eu e minha mãe éramos a principal *pareja* do folclore. Em qualquer apresentação estávamos lá no meio. E a minha mãe acabou tomando as rédeas quando a professora titular se retirou do grupo. A minha mãe acabou tomando as rédeas então todas as perguntas, todas as as dúvidas, como é que a gente pode fazer para montar essa apresentação, o que botar primeiro, o que botar depois, quem que tem que dançar no meio, quem que dança do lado, então eu acabei me envolvendo muito nesse processo durante todo esse tempo. Até que o meu horário já não era mais compatível e eu tive que sair, mas dos onze talvez aos vinte e um anos.. (eu participei)

Um tempão. Você aprendeu muita dança, essas danças folclóricas.. o quanto você levou isso para a vida em termos de consumo cultural. Por exemplo: você escuta muita música do Chile no dia a dia?

Eu não escuto muita música do Chile, eu vejo que meus amigos compartilharam alguma coisa que tá mais popular lá e eu escuto pra ver se eu gosto, mas na verdade ultimamente eu não tenho seguido muito música, nem brasileira.

Mas, vamos lá: o que a música folclórica chilena representou pra mim na questão da identidade? Quando eu não tinha dinheiro e também ainda tava no ensino médio, adolescente, eu não tinha dinheiro para ir para o Chile de férias regularmente.. era a única coisa que me mantinha conectado, era o único vínculo forte que eu tinha com esse lado chileno. É óbvio que era uma galera mais velha, eram amigos da minha mãe que eu acaba ficando ali no meio, eu era o mais novo do grupo, até mesmo sendo amigos da minha mãe eram mais velhos que ela na maioria das vezes, mas ali naquele círculo tava todo mundo sempre falando espanhol, eu era um dos poucos que respondia em português.. ajudava a manter a questão do idioma, praticando... também, volta e meia eles mencionavam as histórias da época que eles moravam no Chile e como as danças folclóricas se relacionavam com a cultura; e como essas coisas ainda estão vivas.. contavam que você, morando em Santiago, nas *Fiestas Patrias* você ainda vê as pessoas dançando, torneio disso e daquilo.. e, de fato, quando eu estava morando lá eu vi isso de perto, eu vi as pessoas dançando nas *Fiestas Pátrias* e...

(Pausa maior)

Tem uma história que eu acho interessante contar. Crescendo no Brasil, e sendo metade chileno, eu sempre senti essa metade chilena sendo ofuscada pela metade brasileira, e quando eu fui de férias com minha mãe, em 2009, a gente foi em um restaurante em Pomaire, uma cidade pequena, um vilarejo a mais ou menos uma hora de Santiago. E a gente tinha acabado de almoçar e tinha uma banda tocando músicas típicas, inclusive cueca, e teve um certo momento em que eles convidaram as pessoas para dançar. (Ênfase) Ninguém se atreveu a dançar no restaurante, até que eu e minha mãe, a gente se levantou e dançou uma cueca. E a

gente ouviu o pessoal da outra mesa falando: (alegre) “esos si son chilenos”. (Ri) E eu achei super engraçado falarem que eu sim sou chileno, num lugar que só tinha cem por cento chileno e eu era o único que era cinquenta por cento.

Que maneiro. Isso é uma baita memória, e uma materialização de toda sua história, com o país da sua mãe, da sua avó..

(Ri) Quando a minha mãe tava defendendo a dissertação dela, eu tava ali esperando para, se tivesse algum momento para considerações, perguntas, eu queria contar essa história, mas não teve (Ri). Fica pra próxima.

E em relação à comida chilena, hoje ou quando você vivia no Brasil, quando morava com a mãe e a avó, o pessoal fazia muita comida no dia a dia?

Deixa eu inverter os papéis e te fazer uma pergunta. Sei que você já foi para o Chile várias vezes, mas antes de você ir para o Chile, como você comia o abacate?

Ah, comia como a gente come no Brasil, a vitamina feita com leite, que no Chile é uma ofensa.. ou abacate com limão e açúcar que a gente faz aqui no Brasil, no Chile não gostam de jeito nenhum...

(...)

A minha avó, em casa, quando ela fazia café da manhã, ela comprava o abacate e fazia o abacate com sal e limão, a pasta de *palta*... para minha surpresa, eu tinha uns 8, 9 anos, um amigo meu que foi na minha casa, a gente ofereceu pra ver se ele queria provar, e ele olhou para aquilo com uma cara de espanto (ênfase) “Vocês põem sal no abacate?” (Risos). Foi quando eu descobri que brasileiro não tinha esse hábito.

Eu cresci comendo aquela salada chilena, que é cebola e tomate. A cebola que não arde, eles tiram a acidez da cebola, cresci com a minha avó cozinhando (pensa) como chamava aquele... *porotos con fideos*. *Porotos* é a palavra chilena para feijão. É o feijão branco feito na panela de pressão com *fideos*, que são talharins. (Rindo) É como se fosse uma feijoada com macarrão

Esse é o *porotos granados*?

Você tá certo, é o *porotos granados*.. saudades inclusive (risos). As empanadas... também cresci esperando o mês de setembro para poder comer as empanadas, porque a minha mãe sempre fazia para as *Fiestas Patrias* ou então, como ela trabalhava como professora, às vezes ela promovia uma feira cultural entre as turmas dela e pedia para cada aluno trazer um prato típico de cada país, e ela sempre fazia as empanadas. Tinha um prato que a gente sempre comentava... mas acho que poucas vezes comi esse prato no Brasil, que é o *pastel de choclo*. Por mais que a minha avó não fizesse muito esse prato no Brasil, talvez pelo nome era minha

referência de comida típica, quando alguém me perguntava “o que comem no Chile?” eu falava “*pastel de choclo*”.

E vocês em casa como era, era uma mescla da comida chilena com a brasileira no dia a dia? Ou era um dia comia o *porotos con fideos* e outro dia uma coisa mais brasileira? Como era esse cotidiano?

Eu acho que não tinha uma agenda não. Era realmente;.. família grande, a minha avó e meu avô moravam com a gente.. era o que coubesse no orçamento, ou então se alguém falasse que tava com vontade de comer algo a minha avó se esforçava para fazer... Mas eu acho que na maior parte do tempo era comida brasileira mesmo. Que é mais fácil, né? É o que tava lá, acessível no supermercado, e acho que a gente estava mais acostumado à comida brasileira.

(...)

E tirando música, culinária, tem alguma outra prática cultural que vem do Chile que você acha que adquiriu no dia a dia, algum hábito, alguma coisa?

(Pensa)

(Ri) Pode soar presunçoso falar. O gosto pelo vinho. Eu não entendo muito de vinho, mas tem umas certas tradições que eu não consigo deixar de lado. Às vezes eu até brinco com os meus amigos, eu falo: “se a minha mãe vê eu fazendo isso, ela vai me deserdar. Tomar vinho doce, gelar vinho tinto, ou tomar vinho em uma taça que não seja própria pro vinho, ou virar o copo de vinho. Aqui na China, os costumes são outros né, por exemplo não tem uma palavra para “saúde”. A palavra que eles usam para “saúde”, que na verdade é a mesma palavra em coreano e em japonês também, quer dizer literalmente “virar o copo”, “secar o copo”. E o aguardente chinês vem num copinho mínimo, é metade de um copo de shot, então pra eles faz sentido, quando eles brindam com aquilo, eles viram o copo. O copo de sakê também talvez, não vou me meter na cultura do japonês, que é completamente diferente, mas quando os chineses, por exemplo, querem brindar comigo, eu tô bebendo um copo de vinho e eles falam: “também tem que virar o copo!”. Aí eu saio pela tangente com a desculpa que minha mãe me ensinou que eu não posso virar o copo de vinho, (rindo) eu respeito sua cultura, e você respeita a minha.

(...)

Aí tem uma pergunta sobre objetos. Algumas vezes você foi pro Chile, morou lá um ano, depois seis meses, está na China, do outro lado do mundo... tem algum objeto, alguma coisa que você guarda contigo que era do Chile? Algo da sua avó, da sua mãe que você quis levar contigo quando saiu pra China?

(Pensa) Além de fotografias, deixa eu pensar... (demora). Eu acredito que não, porque eu vim pra cá com uma mala (Ri). Que eu lembre não.

Tem uma coisa que você comentou antes que você ficava esperando o mês de setembro para comer as empanadas, né? Quando morava com sua mãe aqui no Brasil.. Se eu não me engano está na tese da sua mãe que ela chegou a trabalhar no consulado chileno, certo? Você frequentava o consulado?

Frequentava em partes, era mais para acompanhar a minha mãe. Quando ela precisava de uma ajuda, quando precisava de alguém para estar lá com ela, eu acompanhava (...) eu ajudava lá com o que precisavam de mim.

E, comparando o lado brasileiro da família com o lado chileno, tem diferenças marcantes que você vê entre eles ou você não vê tanta diferença assim entre as duas nacionalidades?

(Ri) Eu posso te dar uma semelhança: (ênfase) os dois povos gostam de reclamar. Os dois povos se acham os povos mais sofridos do mundo. Brasileiro gosta de reclamar, com toda a razão, de tudo que está errado. O chileno também, quando eu estava em Santiago, as pessoas falavam pra mim, mesmo sabendo que eu sou do Rio de Janeiro, que morei lá a vida inteira, elas falavam pra mim que Santiago estava super perigoso e que eu tinha que tomar cuidado onde eu andava. E eu (ri) com todo o jogo de cintura, dizia: “obrigado pela sua preocupação mas, de onde eu venho, perigo significa outra coisa”. Então eles têm essa ideia de que o perigo que eles estão vivendo agora é o pior perigo do mundo. É questão de perspectiva.

As diferenças, eu posso te dar uma diferença que é a formalidade. O chileno é mais formal, não sei necessariamente no espectro político, mas eu acho que até o chileno mais liberal é um pouco mais pragmático. Com relação a recurso público... talvez seja um exemplo fora de contexto, mas uma coisa que eu ouvi de uma mãe de um amigo meu no Chile que me chamou atenção, porque eu nunca ouvi o pessoal falando assim no Brasil. Eles estavam na mesa discutindo universidade pública ou privada, e a mãe do meu amigo falou que achava que realmente a universidade tinha que ser paga, que não podia ser gratuita, mesmo que fosse uma quantia módica, porque se dar de graça para as pessoas as pessoas não valorizam. Eu tenho essa percepção, talvez seja equivocada, de que até os chilenos mais liberais vão ter essa visão um pouco mais pragmática de que “talvez seja importante botar um preço nisso aqui, senão vira zona”. Enquanto no Brasil as pessoas com espectro mais liberal vão brigar por educação, saúde, cem por cento universal e gratuita. Uma percepção pessoal minha, não sei o quanto está correta.

(...)

E uma última pergunta, sobre a metodologia. Como é que você vê essa importância de um trabalho de história oral para recuperar o passado, a memória das pessoas, também contar a história da comunidade, dessa relação do Chile do Brasil... Como é que você vê isso?

Eu acho muito importante que esse trabalho seja feito. Porque as histórias tem que ser passadas para que outras pessoas continuem contando. E se elas não são passadas adiante, elas morrem com as pessoas. Então... esse trabalho eu acho fantástico, inclusive, interessante, você não conhecia minha mãe, conhecia?

Não, não conhecia. Entrei em contato com ela depois de ler a dissertação.

Tá vendo, você tá aí ouvindo as minhas histórias de infância através de um trabalho que você leu e provavelmente você vai contar a outras pessoas que vão ter acesso a isso..

Vendo por um outro ponto de vista, eu acho que essas histórias tem que ter mais espaço em outros outros canais também, eu acho que talvez tenha que ter mais iniciativa para criar filmes, não sei ... Eu acho que essas histórias tem que ser contadas também através de outros canais, para que mais gente tenha alcance, talvez a sua pesquisa, a pesquisa da minha mãe, vai chegar a um número limitado de pessoas, é o problema da academia, né? Espero que, não só essas histórias específicas, mas esse trabalho de (pausa) resgatar a cultura através das histórias, eu espero que isso consiga ser transmitido através de outros canais mais acessíveis.